

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO E
INCLUSÃO SOCIAL

VANESSA JULIANA DA SILVA

O presente vivido e o futuro pensado:
condição juvenil e estudantil de jovens universitários dos/nos Vales do Mucuri e
Jequitinhonha

BELO HORIZONTE
2013

VANESSA JULIANA DA SILVA

O presente vivido e o futuro pensado:
condição juvenil e estudantil de jovens universitários dos/nos Vales do Mucuri e
Jequitinhonha

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obter o título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, cultura, movimentos sociais e ações coletivas.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Dayrell

BELO HORIZONTE
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Preparada pelo Serviço de Biblioteca/UFVJM
Bibliotecária: Luciana Angélica da Silva Leal – CRB6 nº 2326

S586p Silva, Vanessa Juliana da.
2013 O presente vivido e o futuro pensado: condição juvenil e estudantil de jovens universitários dos/nos Vales do Mucuri e Jequitinhonha / Vanessa Juliana da Silva. – Belo Horizonte, 2013.
209 f. : il.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Tarcísio Dayrell.

1. Universidade pública. 2. Expansão e interiorização do ensino superior. 3. Condição juvenil. 4. Condição estudantil. I. Dayrell, Juarez Tarcísio. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social. III. Título.

CDD: 378.8151

VANESSA JULIANA DA SILVA

O presente vivido e o futuro pensado:

condição juvenil e estudantil de jovens universitários dos/nos Vales do Mucuri e Jequitinhonha

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação, avaliada pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Juarez Tarcísio Dayrell – Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Profa. Dra. Nadir Zago
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Paulo César Rodrigues Carrano
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Geraldo Leão
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Aprovada em: ____/____/____.

Local de defesa: FAE sala 4102

Dedico este trabalho:

aos meus sobrinhos João Gabriel, Pedro Henrique e Vinícius; às minhas sobrinhas Louise, Ana Clara e Isadora e ao pequeno Heitor Augusto, com o desejo de que trilhem caminhos de felicidade;

aos estudantes e egressos da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri;

ao jovem Educartista Anderson Silva, que na corda bamba da vida, foi forçado a retardar um pouco seus planos de conclusão do Bacharelado em Ciência e Tecnologia;

ao jovem universitário Thiago Catta Preta (*in memoriam*), que decidiu, em condições desconhecidas, encerrar sua caminhada;

ao jovem universitário Lucas Ramalho Moreira (*in memoriam*), que teve sua vida encerrada abruptamente numa tarde de quinta-feira, na BR116, quando se deslocava da UFVJM para o seu trabalho de salvar vidas, no SAMU, em Padre Paraíso – MG, após ter assistido aulas no período matutino.

AGRADECIMENTOS

Afetivos:

À Maria da minha vida, avó que cultivou em mim o amor e o gosto por ouvir histórias;

À minha mãe, Ilse Teresinha Ferreira da Silva, e ao meu pai, Oséas Alfredo da Silva, pela história de amor da qual sou fruto e partícipe;

À minha irmã Mara Jeanny, que chegou mais cedo ao mundo para me receber e cercar de amor e cuidados; à minha irmã Marlene Carvalho, pelo afeto e pelos “bebês mais lindos de sua tia”; ao meu irmão Leandro Oséas, pelo afeto, pelos projetos executados e vindouros e por ter trazido, juntamente com Sinara, Dorinha ao mundo; à minha irmã Andressa Almeida e às amigas Raquel Tortora, Raquel Mota, Andrea Kelmer e Michelly Elias, provas vivas de que o amor entre irmãos transcende os laços sanguíneos;

À Valéria Cristina da Costa, amiga, companheira, com a qual compartilhei minha condição juvenil, estudantil e docente nos quatro últimos anos, pelo amor e pelas vivências;

Ao Marcelo Oliveira dos Santos, pelo amor, pela vida compartilhada e pela semente plantada, da paixão pelo conhecimento;

Às mestres Mônica Wagner, Maria Salete, Inês Pelizzaro e Bernardete Aued, pelas trocas, com afeto;

Aos estudantes e egressos da UFVJM, pelas vivências;

À Natália, por me cercar de cuidados e afeto;

Aos colegas de trabalho da UFVJM, pelas contribuições neste processo;

Aos colegas do Observatório da Juventude da UFMG e aos colegas da pós, pelas trocas, em especial ao meu orientador, professor Dr. Juarez Dayrell, pelos ensinamentos;

Aos professores Geraldo Leão e Paulo Cesar Carrano, pelas contribuições na banca de qualificação;

Às amigas da república mais qualificada da Savassi, Dra. Renata Simões, Dra. Valéria Sandrim e Dra. Karla Fernandes, pela receptividade e afeto;

Aos amigos de projetos, boemia e cantoria, pelos tempos passados e vindouros.

Formais:

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG, pela concessão de bolsa de estudos nos primeiros 24 meses do doutorado;

À Reitoria, à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e ao Departamento de Serviço Social da UFVJM, pela viabilização de licença para qualificação por um período de 18 meses;

Não basta para a universidade estar em movimento. É preciso que esteja movimentando-se na direção correta. O rumo certo, entretanto, não está traçado. Ele vai se construindo. E haverá tanto mais condições de construí-lo na melhor direção (ou nas melhores direções) quanto mais participação de todos os níveis e setores da comunidade acadêmica e da sociedade em geral houver. É participando, acertando e errando, que se faz o caminho!

(Dirceu Benincá, 2011)

RESUMO

SILVA, Vanessa Juliana da. **O presente vivido e o futuro pensado: condição juvenil e estudantil de jovens universitários dos/nos Vales do Mucuri e Jequitinhonha**. 2013, 209 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

Esta tese aborda a condição juvenil e estudantil de jovens universitários no contexto da expansão e interiorização da universidade pública brasileira, bem como da relação estabelecida pelos jovens estudantes entre presente e futuro. Trata-se de um estudo de caso realizado na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM/Campus do Mucuri, cujo percurso metodológico incluiu a realização de pesquisa bibliográfica para conhecimento do estado da arte sobre o tema e construção dos aportes teórico-conceituais deste estudo; a pesquisa documental, para conhecimento de legislações afetas ao ensino superior, bem como documentos que versam sobre a criação, implementação e funcionamento da UFVJM; a observação participante no cotidiano do campus, em viagens com os estudantes, seminários e outros eventos acadêmicos; a aplicação de questionário, com estudantes ingressos no período compreendido entre 2008 e 2010; e a realização de entrevistas com seis universitários da UFVJM. Este estudo encontra-se entrecruzado por abordagens da sociologia da juventude e da sociologia da educação em função do seu objeto e dos sujeitos a ele correspondentes, os jovens universitários. Deste entrecruzamento resultou a necessidade de conhecer os jovens para além da dimensão estritamente estudantil, buscando apreender elementos da sua condição juvenil. A investigação aponta que em contextos como os dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - regiões de menor desenvolvimento social e econômico do estado de Minas Gerais, de limitadas condições de escolarização e convívio com objetos intelectuais e artísticos da cultura hegemônica – a criação de uma universidade pública traz impactos importantes nas experiências e trajetórias de jovens da região, ampliando seu horizonte de possibilidades, assim como a condição estudantil tende a subordinar a experiência e identidade juvenil dos jovens universitários à sua experiência e modos de vida como estudantes.

Palavras-chave: universidade pública; expansão e interiorização do ensino superior; condição juvenil; condição estudantil.

RESUMÉ

SILVA, Vanessa Juliana da. **Le présent vécu et l'avenir pensé: condition juvénile et étudiant des étudiants universitaires dans les Vales do Mucuri e Jequitinhonha.** 2013, 209 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

Cette thèse traite de la condition étudiant et juvénile des étudiants dans le contexte de l'expansion et de l'internalisation de l'université publique brésilienne, ainsi que de la relation entre les jeunes étudiants actuels et futurs. Il s'agit d'une étude de cas mené à l'université UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Campus do Mucuri) dont l'approche méthodologique inclut réalisation des recherches dans la littérature, pour la connaissance de l'état de l'art sur le thème et la construction du cadre théorique et conceptuel de l'étude; la recherche documentaire, pour la connaissance des lois relatives à l'enseignement supérieur, de la création, fondation et la mise en œuvre de UFVJM; l'observation participante quotidienne dans le campus, dans les voyages avec les étudiants et l'observation des séminaires et des autres événements universitaires, l'application des questionnaires pour les étudiants qui ont commencé le cours pendant la période de 2008 et 2010 et des entrevues avec six étudiants de UFVJM. Cette étude est sillonnée par des approches de la sociologie de la jeunesse et de la sociologie de l'éducation grâce à son objet et les sujet qui lui correspond, le jeune universitaire. Cette interposition a entraîné la nécessité de connaître les jeunes au-delà de la dimension strictement étudiante, en cherchant à comprendre les éléments de leur état juvénile. La recherche montre que dans des régions comme Jequitinhonha et Mucuri - qui ont les plus faibles taux de développement social et économique de l'état de Minas Gerais, où les conditions de scolarité et le contact avec des objets de la culture intellectuelle et artistique hégémonique sont limitées - la création d'une université publique apporte des impacts importants sur les expériences et les trajectoires des jeunes dans la région et élargit ses horizons de possibilités. En plus, l'expérience et l'identité juvénile des universitaires ont tendance à être inférieure par rapport à leurs expériences et modes de vie comme étudiants.

Mots-clés: université publique, l'expansion et l'internalisation de l'enseignement supérieur; condition étudiante et juvénile

ABSTRACT

SILVA, Vanessa Juliana da. **The vivid present and reflected future: youth and student condition of university undergraduates of the Mucuri and Jequitinhonha Valleys.** 2013, 209 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

This thesis addresses the student and youth condition of university students in the context of expansion and internalization of the Brazilian public university, as well as the relationship established by young students between present and future. This is a case study conducted at the Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM/ Campus do Mucuri, whose methodological route included the realization of bibliographic research for knowledge of the state of the art on the theme and construction of the theoretical-conceptual of this study; the documentary research, to knowledge of legislation affects higher education, as well as documents that deal with the creation, implementation and operation of UFVJM; participant observation in the routine of the campus, travel with students, seminars and other academic events; the application of questionnaire, with students entered the period between 2008 and 2010; and the realization of interviews with six college students of UFVJM. This study is crisscrossed by approaches in the sociology of youth and the sociology of education according to its object and subject corresponding to it, the university students. From this crossing resulted the necessity to know the young people beyond the dimension strictly student, seeking to apprehend elements of its youthful condition. Research shows that in contexts such as those of the Jequitinhonha and Mucuri Valleys - regions of lower social and economic development of the state of Minas Gerais, with limited conditions of schooling and living with intellectual and artistic objects of hegemonic culture - the creation of a public university brings major impacts on the experiences and trajectories of young people in the region, expanding their horizon of possibilities as well as the student condition tends to subordinate the experience and youth identity of university students about their experience and ways of life as students.

Keywords: public university; expansion and internalization of higher education; juvenile condition, student condition.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição das Universidades Federais por região do país, Brasil, 2008	23
Tabela 2 – percentual de ocupação de vagas nos cursos de graduação, processos seletivos (ENEM E SASI) – 1º semestre de 2011.	55
Tabela 3- Distribuição percentual de cor/raça, conforme região.....	112
Tabela 4- Escolaridade da mãe e pai ou equivalente, geral e por primeiro universitário da família	113
Tabela 5- Distribuição comparativa por nível de conhecimento de idioma estrangeiro.	115
Tabela 6- Distribuição dos estudantes por motivos de não cursarem a graduação que gostariam, conforme turno do curso.....	117
Tabela 7 - Expectativas em relação aos próximos cinco anos.....	175

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Distribuição das Universidades Federais no Brasil, 2010.....	24
Figura 2 – Representação gráfica do projeto de estudo de caso único com múltiplas unidades integradas de análise.....	38
Figura 3 – Convergência e não convergência de múltiplas fontes de evidência	43
Figura 4– Distribuição espacial das Universidades Federais em Minas Gerais, 2011	52
Figura 5 – Vista da fachada da sede provisória do Campus do Mucuri	56
Figura 6 – Vista frontal parcial do Campus do Mucuri.....	58
Figura 7 – Vista aérea do Campus do Mucuri	59
Figura 8- Distribuição dos estudantes por principal motivação para a escolha da graduação, conforme situação de primeiro universitário da família e demais universitários.	116
Figura 9- Charge sobre a mudança para as novas instalações do Campus do Mucuri.	121
Figura 10- Charge sobre a cisão político-ideológica do corpo discente do Campus do Mucuri.	125
Figura 11 - Charge "Pagando Promessa", elaborada por ocasião do anúncio da visita do presidente Lula para a inauguração da UFVJM em Teófilo Otoni (fevereiro de 2010).....	127
Figura 12 - Da direita para a esquerda discente Maurício Beirão (de costas), Dilma Rousseff, Lula, Fernando Haddad e discente Carina Camargos. Acervo pessoal (2010).	129
Figura 13 - Recorte de matéria veiculada pelo jornal O Globo, sobre a inauguração da UFVJM/Campus do Mucuri.	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Caracterização das Unidades Integradas de Análise – UIA's.....	39
Quadro 2– Comunidade Acadêmica da UFVJM, por segmento, 2011	54
Quadro 3 – Quadro docente do Campus do Mucuri, conforme lotação	58

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO II.....	33
DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
2.1 A escolha do método de Estudo de Caso.....	33
2.1 O delineamento da pesquisa.....	35
2.1.1 Formulação do problema de pesquisa	36
2.1.2 Definição das unidades–caso e seleção dos casos.....	37
2.1.3 Determinação das técnicas de Coleta de Dados ou as “fontes de evidência”	40
2.2 – O Contexto Micro da Pesquisa: os Vales do Jequitinhonha e Mucuri	44
2.3 Peculiaridades e indicadores sociais do Vale do Jequitinhonha.....	46
2.4 Peculiaridades e indicadores sociais do Vale do Mucuri	48
2.4.1 O município de Teófilo Otoni	49
2.5 A Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	52
2.5.1 O Campus do Mucuri	56
2.5.2 Programas acadêmicos	60
2.5.3 Política de pesquisa e Iniciação Científica na UFVJM.....	62
2.5.4 Extensão e Cultura	62
2.5.5 Política de Assistência Estudantil da UFVJM	63
CAPÍTULO III	66
FOTOGRAFIAS 3X4: CONDIÇÃO JUVENIL E TRAJETÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS ESTUDANTES ANTES DO INGRESSO NA UFVJM.....	66
3.1 Dois Vales, várias histórias: retratos de famílias do Mucuri e Jequitinhonha.....	66
3.1.1 Liberdade Livre.....	67
A família de Liberdade Livre	68
3.1.2 Luiz Paraíso.....	69
A família de Luiz	69
3.1.3 Kim Xavier.....	70
A família de Kim Xavier.....	70
3.1.4 João de Oliveira.....	70
A família de João	71
3.1.5 Aline Oriente.....	71

A família de Aline	72
3.1.6 Gilson Oliveira	72
A família de Gilson	73
3.2 Condição juvenil: trabalho precoce, trajetórias de escolarização e sociabilidade	73
3.2.1 O lugar social dos jovens estudantes	74
3.2.2 A inserção precoce no mercado de trabalho: articulação trabalho/escola	74
3.2.3 As desigualdades de escolarização nos meios populares	79
3.2.5 A sociabilidade juvenil	82
3.2.6 Estratégias de escolarização	86
3.3 A universidade antes do ingresso: imagem, preparação e escolha do curso	91
3.4 O “rito de passagem”	100
A CONDIÇÃO ESTUDANTIL E JUVENIL DE UNIVERSITÁRIOS DO CAMPUS DO MUCURI	105
4.1 Os jovens universitários do Campus do Mucuri	111
4.2 Algumas vivências na universidade: do CAIC à sede do Campus do Mucuri	119
4.2.1 Movimento Estudantil: constituído e constituinte da condição estudantil na UFVJM	123
4.2.1.1 O Levante Popular da Juventude de Teófilo Otoni e o Coletivo “Cumadre Maria” (sic)	135
4.2.1.2 A “greve unificada” e breve balanço das conquistas do ME	136
4.3 Condições de permanência no ensino superior	138
4.3.1 A assistência estudantil na UFVJM: democratização das condições de permanência na educação superior?	144
4.4 Outras vivências na universidade: uso do tempo, relação com os estudos e experimentação universitária	148
4.4.1 O uso do tempo	149
4.4.2 Relação com os estudos e experimentação universitária	151
4.4.2.1 As aventuras de João por uma contabilidade mais humana	152
4.4.2.2 Dos bancos da universidade ao tatame: experiências universitárias de Kim Xavier	156
4.4.2.3 Sem tempo e sem dinheiro: as vivências universitárias de Luiz	158
4.4.2.4 Será que vai dar certo? Vivências de Aline na UFVJM	161
4.4.2.5 Uma coisa é entrar as 19h e sair as 22h, outra é entrar 07h e sair 17h: as experimentações universitárias de Gilson	163

4.4.2.6 O trem mais bom da vida é ser jovem universitário: experiências de Liberdade Livre na universidade.....	166
4.5 O que fazem os jovens para além dos muros da universidade?.....	171
4.6 Presente vivido e futuro pensado: o que dizem os jovens da UFVJM?	172
CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS	177
REFERÊNCIAS CONSULTADAS	183
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	192
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO	195
ANEXO 01 - INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS CURSOS OFERTADOS NO CAMPUS DO MUCURI/2013	202

APRESENTAÇÃO

*“Ando de porta afora a procura de histórias
 E de contos de gente,
 Gente que conte nossas histórias.
 Que use nossas roupas,
 Que ame as nossas culturas sem que a tire da memória.
 Quando de porta afora eu vou, vejo todo o meu passado.
 Vejo gente de todo tipo, negro, branco até pardo.
 Vejo o nosso Vale de uma forma diferente
 Para que um dia eu possa me lembrar,
 Era o Vale aos pés de um menino, que a nossa história iria
 cantar [...]”*
 (Regiane Farias – poetiza do Vale do Jequitinhonha)

Esta tese de doutoramento apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou conhecer a condição juvenil e estudantil de jovens universitários oriundos dos Vales do Mucuri e do Jequitinhonha e a relação estabelecida entre o presente vivido e o futuro pensado. Entre várias tessituras possíveis sobre os jovens desta região em sua relação com o mundo, este trabalho se estabeleceu com base na relação entre o presente vivido e o futuro pensado, ambos mesclados cotidianamente na vida destes sujeitos. Na significação concreta do vivido, este trabalho é fruto de relações sentidas, percebidas, em léguas e léguas percorridas em busca de histórias de gente, que faz do presente, um porto de onde se avista o passado e conquista um mundo melhor à frente.

Nascida no Vale do Itajaí – SC, na cidade de Blumenau, minha vida é fruto de uma história de amor entre dois jovens oriundos um, da capital - meu pai, e, minha mãe, de Caçador, cidade do interior do estado, distante cerca de 450km de Florianópolis. De lugares geograficamente distantes, ainda jovens, meus pais se conheceram na cidade de Blumenau, no início dos anos 1970, no I Encontro da União da Mocidade das Assembleias de Deus de Blumenau – UMADBLU, em pleno período de Ditadura Militar. “Em 2015 faz quarenta anos que ela tirou a sorte grande!”, disse meu pai, recontando a história que ouvi por muitos e muitos anos ao longo da minha vida. À época, a distância entre ambos era entrecruzada por idas e vindas dos carteiros, que não sabiam, transportavam cartas de uma história de amor que os uniria por longos anos e daria frutos.

Minha mãe é filha de Maria, mulher guerreira, de pouca escolaridade e de muita visão de futuro, um longo futuro. Meu avô, seu pai, não era alfabetizado, mas escreveu nas linhas da vida com outros signos e símbolos, que persistem no nosso cotidiano mesmo após o seu “até logo”. Tiveram cinco filhos, quatro nascidos vivos, minha mãe, a única mulher. E, esta mulher

aproveitou a oportunidade que seus pais, gente humilde, lhe deram de estudar e, em plenos anos 1970, período em que a maioria dos jovens oriundos das classes populares não frequentava a escola, minha mãe formou-se no colegial. Para tanto, minha avó, a Maria da minha vida, trabalhava como empregada doméstica numa república de jovens estudantes da Universidade do Contestado, “Eram cinco rapazes!”, contou a minha vó, “lavava roupa, arrumava a casa, fazia comida”. Não sabia ela que, ali, naquela república, plantava a semente que faria brotar a primeira Mestre da família “Ferreira” e a primeira aspirante ao Doutorado, eu.

Meu pai era filho de pai não alfabetizado na escola, que aprendeu a ler “depois de velho”, lendo a bíblia. Minha avó, mulher sábia, de pouca escolaridade e poucas palavras, foi mãe de 07 filhos, dois morreram ainda na juventude. Um deles, Orivaldo seu nome, ousou desafiar as estatísticas, as probabilidades e a trajetória familiar de baixa escolarização e foi o primeiro universitário da família de meu pai, estudante de Engenharia na USP. O sonho de formar-se engenheiro foi interrompido abruptamente, numa das “pontes em curva” das estradas de Minas Gerais, em um acidente automobilístico, história que se repete cotidianamente. Deixou um legado para os sobrinhos e sobrinhas que sequer imaginou que teria.

Meus pais noivaram no dia da formatura de minha mãe. Ela, formou-se professora, ele não tinha nem a oitava série. Suas histórias convergiram para a superação de inúmeros obstáculos, dentre os quais, este de trajetórias de reduzida escolarização. Minha mãe cursou pedagogia durante a minha adolescência e meu pai cursou o supletivo no início da minha juventude e chegou a ingressar na universidade, cursando até o terceiro período da faculdade de Direito, na FURB, Universidade onde me formei Bacharel em Serviço Social.

Em 2007, obtive o título de Mestre em Sociologia Política na Universidade Federal de Santa Catarina, período no qual despertei o interesse pela temática da juventude. Ao longo do meu processo de formação acadêmica, a sociabilidade humana, a constituição do homem como ser social esteve no cerne das minhas preocupações enquanto pesquisadora em formação. Tal preocupação se expressou ainda na graduação, pelo desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre a instituição família como um dos espaços de socialização do ser social, no qual os indivíduos iniciam seu processo de identificação, ou seja, começam a construir sua identidade social. No mestrado meus estudos voltaram-se para o trabalho como categoria fundante do ser social, por meio do qual os homens desenvolvem potencialidades próprias ao ser social, diferenciando-se dos animais, desenvolvendo processos de produção e reprodução da vida social marcados social e historicamente (Lukács, 1979). Esta abordagem, da ontologia do ser social, subsidiou teórico-metodologicamente meu estudo sobre as transformações do mundo do

trabalho, em uma de suas expressões mais perversas, o desemprego juvenil. Este estudo constituiu o marco da minha aproximação com a temática da juventude, posto que para discutir o desemprego de jovens fez-se necessário conhecer as principais abordagens sobre a categoria juventude. Não obstante, o ingresso no quadro docente da UFVJM - no mesmo ano da conclusão do mestrado, me despertou para o esforço científico de conhecer os jovens dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, os quais historicamente estiveram à margem das estatísticas e pesquisas nacionais sobre a juventude, que privilegiam, majoritariamente, o jovem urbano dos grandes centros.

Conviver com estes jovens me permitiu conhecê-los, e a mim. Neste processo de mútuo aprendizado, aprendi a amar o diferente e o igual, o desprovido e o favorecido, o artista e o espectador, o poeta e o poema, o violeiro e a viola, e, o pandeiro! Aprendi a tocar pandeiro e em meio à “manulação, 1, 2, 3, 4”, aprendi a aprender de maneiras diferentes, tantos ritmos, tantas gentes, aprendi que o silêncio também é som e percussão é dedicação! Aprendi a escrever poema, descobri que posso compor, participar de festivais, aprendi a escrever roteiro, peça de teatro, “a menina que conversou com o sol e a lua”, em cujo processo de escrita aprendi que “somos todos diferentes, mas temos em comum o brilho da poeira de estrelas de que somos feitos” (SILVA, 2012). Este aprendizado foi fruto da confluência de diversos fatores que permearam a vivência da minha condição juvenil articulada à condição docente na UFVJM. Em agradecimento a este aprendizado, proporcionado pelas relações estabelecidas nos e com os Vales do Mucuri e Jequitinhonha, esta tese de doutoramento é, também, um louvor – ainda que com limites, ao povo que “anda com o pé rachado, e com a palha atrás da orelha; com a aba do chapéu na testa e se vira da noite para o dia; que banha no fanado e tira ouro de bateia; que faz da vida uma festa e adora falar poesia” (VERONO, sd).

Esta tese contém vida que nasce nos e dos Vales do Itajaí, do Jequitinhonha e do Mucuri. É o resultado da confluência de várias trajetórias, inclusive a minha, que tinham como alvo a ampliação do seu horizonte de possibilidades por meio da escolarização.

A pesquisa que dá substância ao texto ora produzido foi desenvolvida durante os anos de 2009 a 2013, em cujo primeiro ano amadurecemos o projeto, que resultou na sua execução após aprovação pelo Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, sob o CAAE 0117.0.203.000-11, nos anos posteriores. Os capítulos desta tese estão organizados em “estruturas cronológicas”, ou seja, abordamos em capítulos diferentes primeiramente a condição juvenil antes do ingresso na universidade e, posteriormente, a condição juvenil vivenciada articulada à condição estudantil pós o ingresso na universidade,

estrutura que se repete no interior de cada capítulo. Este recurso decorre de uma opção metodológica comum aos estudos de caso, de elaboração e apresentação das evidências do estudo em ordem cronológica.

No Capítulo I, introduzimos o leitor à abordagem da expansão do acesso ao ensino superior no Brasil e dos principais elementos norteadores deste estudo, a condição juvenil e a condição estudantil. Esta abordagem, reconhecidamente aligeirada, possibilita delimitar os caminhos por onde andamos a fim de nos cercarmos dos instrumentais necessários para a compreensão do objeto a que nos propomos investigar. No Capítulo II, apresentamos os procedimentos metodológicos, justificando a escolha do Estudo de Caso como método para realização desta pesquisa e apresentando o contexto no qual ela se desenvolve: os Vales do Mucuri e Jequitinhonha e a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM. No Capítulo III, descrevemos a condição juvenil e as trajetórias de escolarização dos jovens antes do ingresso na universidade, seus investimentos e perspectivas de inserção no ensino superior. No Capítulo IV, abordamos a condição estudantil propriamente dita, destacando a experiência dos jovens nas suas vivências com e na universidade e, a partir delas, a relação que estabelecem entre o presente vivido e o futuro pensado. No último capítulo, apresentamos as considerações que denominamos transitórias, posto que o objeto a elas correspondente traz a marca da negação de um conhecimento absoluto, que se impõe como verdadeiro. As evidências expostas neste tese tem valor para este momento histórico e nele se configuram como resultado de (re)elaboração de sujeitos historicamente conscientes.

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

O objeto desta tese de doutoramento é a condição juvenil e estudantil de jovens universitários da UFVJM e a relação que estabelecem entre o presente vivido e o futuro pensado.

A questão central que buscamos responder ao longo deste estudo é: como os jovens universitários vivenciam a sua condição juvenil e estudantil no contexto da expansão e interiorização da universidade pública brasileira, nos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, e qual a relação estabelecida por estes jovens entre o presente vivido e o futuro pensado?

Este problema de pesquisa emerge no contexto de expansão e interiorização da universidade pública brasileira, iniciado em meados dos anos 2000. Este processo contribuiu para a ampliação do acesso à universidade pública de estudantes oriundos das classes populares, implicando maior visibilidade à recomposição da população estudantil, que experimenta tanto transformações estruturais da universidade, como dos modos de vida estudantil (GÓMEZ, 2002), ou seja, da condição estudantil. Este é o caso da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM – particularmente o Campus do Mucuri.

A construção deste objeto de pesquisa tem início com a nossa inserção no quadro docente da UFVJM, no ano de 2007. Procedente do sul do país, do estado de Santa Catarina, o exercício da docência na UFVJM nos colocou em contato com um público jovem cujo ingresso no ensino superior fora marcado pela recente presença de uma universidade pública, numa região que historicamente fora conhecida pelas mazelas sociais que acometem seu povo, bem como pela riqueza e expressividade da cultura popular, os Vales do Jequitinhonha e Mucuri - MG.

Nossa trajetória na UFVJM acentuou a constatação de diferenças no modo de ser jovem e ser jovem universitário nesta região, haja vista nossa experiência anterior como docente do ensino superior em duas universidades no estado de Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e Universidade Regional de Blumenau - FURB¹. Da interação com um público jovem universitário de regiões tão contrastantes, no decorrer das nossas atividades didáticas na UFVJM despertou-se o desejo de conhecer as histórias de vida de alguns jovens

¹ A UFSC localizada na Capital de Santa Catarina, região litorânea, com IDHM 0,847 (acima da média nacional 0,727), economia baseada no comércio, serviço público, indústria de transformação e turismo, IDHM Renda 0,870, IDHM Educação 0,800 e renda per capita da Grande Florianópolis R\$ 1.798,12. A FURB, localizada em Blumenau - cidade do interior catarinense, com IDHM 0,806, IDHM Renda 0,812, IDHM Educação 0,722 e renda *per capita* R\$ 1.253,17 (*Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, 2013*).

estudantes, suas trajetórias de escolarização, expectativas relativas ao futuro quando cursavam o ensino médio. Segundo relatos de alguns dos jovens estudantes, para aqueles que pretendiam ampliar o período de escolarização, a criação de um campus da UFVJM em Teófilo Otoni, contribuiu para a ampliação de suas perspectivas de inserção universitária, posto que a clareza de um processo frágil de ensino-aprendizagem, bem como as condições de migração para os grandes centros para o ingresso em universidades públicas e/ou a inserção em faculdades privadas no município constituíam fatores limitadores da efetivação de projetos de futuro que contemplassem a formação superior. Tais diálogos e observações, contudo, não haviam ultrapassado o campo do exercício cotidiano da docência. E, foi este cotidiano que nos instigou ao exercício científico, num esforço de conhecer os jovens do Vale do Mucuri e Jequitinhonha, apreender elementos da realidade vivenciada por estes jovens, compreender como (re)produzem sua existência social, como se relacionam entre si, suas expectativas e perspectivas de vida quanto ao cotidiano vivido e o futuro pensado.

Este estudo está situado no campo das ciências sociais, entrecruzado por abordagens da sociologia da educação e da sociologia da juventude, consubstanciado no contexto de expansão do ensino no Brasil - inicialmente reportado à ampliação do acesso ao ensino fundamental, paulatinamente estendido ao ensino médio e ao ensino superior.

No que diz respeito ao ensino superior, esse processo ganha corpo nos anos 1990, tendo se intensificado sobretudo nas instituições privadas de ensino, o que alguns pesquisadores denominaram massificação do ensino (BRITTO et al., 2008). Nos anos 2000, estende-se progressivamente às instituições públicas, por meio de programas de expansão e interiorização das Instituições Federais de Ensino Superior – IFES. Este processo tem contribuído para que a universidade brasileira absorva, cada vez mais, um público estudantil oriundo das classes populares.

O processo de expansão do acesso ao ensino superior - que a nosso ver não pode ser confundido com democratização do ensino -, é intrínseco ao processo de reconfiguração da educação superior desde a segunda metade dos anos 1990, período no qual, conforme Oliveira e Catani (2011, p.13),

foram sendo concebidas e implantadas políticas de educação superior que implicaram em mudanças significativas no papel, nos valores e nas finalidades das instituições de ensino superior (IES), particularmente nas universidades públicas, e no campo científico, em geral.

Neste período a reorganização do sistema de ensino superior - visando sua diversificação, flexibilização e diferenciação institucional -, marcada “pelo crescimento do

setor privado, pela interiorização e ampliação das vagas nas universidades federais, pela criação de novas universidades federais e ainda pela ampliação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica” (OLIVEIRA; CATANI, 2011, p. 27) implicou na ampliação do número de vagas no ensino superior, para as quais ascenderam muitos estudantes oriundos das classes populares. Todavia, este contexto de reconfiguração do ensino superior é marcado pela agudização da mercantilização do ensino, com a significativa proliferação de IES privadas, bem como pela deterioração e o desmantelamento das universidades públicas. Processo que traz em seu bojo a desestruturação do *modus operandi* do sistema de ensino superior, articulando-o a uma “perspectiva de desenvolvimento social que não altera, na essência, o ciclo de reprodução social” (OLIVEIRA; CATANI, 2011, p. 20).

Característica marcante deste processo é o aumento do número de IES e, conseqüentemente, do número de vagas em cursos de graduação nas modalidades presencial e à distância. Quanto ao número de IES, em 2008, de acordo com o Censo da Educação Superior (2008), no Brasil havia 2.522. Destas, 236 eram públicas, representando 9,35% do total de IES no país. As demais constituíam a rede privada de ensino superior, sendo 1.579 instituições particulares de ensino (62,6%) e, 437 comunitárias, confessionais ou filantrópicas (17,3%). Em relação às vagas em cursos de graduação presencial, as Instituições de Ensino Superior privadas apresentaram um acréscimo de cerca de 510%, entre 1990 e 2005, enquanto no setor público o acréscimo de vagas foi de 102,2%⁹ (NEVES, 2007). Segundo Censo da Educação Superior (2008), do total de 5.808.017 vagas (abrangendo o ensino presencial e à distância) no país, 4.255.064 estavam nas instituições privadas, 73,3% do total, enquanto que as IES públicas abarcavam 1.552.953 vagas, com 26,7% do total de vagas ofertadas no ensino superior brasileiro¹⁰.

Em Minas Gerais, registra-se um acentuado crescimento do número de IES a partir de 2001, com média anual superior a 20%, passando de cerca de 130 no ano 2000 a aproximadamente 300 em 2004 (crescimento de aproximadamente 200%). Seguindo a tendência nacional, a maior expansão se deu pela instalação de instituições privadas de ensino superior, passando de 93 em 1991 para 264 em 2004, enquanto nas IES municipais e estaduais registrou-se um decréscimo, de 31 para 25 (-1,5 e -1,25%, respectivamente) e, nas federais, um modesto crescimento de 12 para 17 (40%) das IES. Importa ressaltar que o crescimento do número de IES no estado não representa um acréscimo significativo do número de universidades que, das federais passaram de 06, em 1991, para 11, em 2004 e, das privadas, de 03, em 1991, para 09, em 2004 (INEP, 2006). Estes números mostram ainda que a proporção

mínima das IES públicas em relação às privadas, conforme Brasil/PNE (2001), “não inferior a 40%”, também não está sendo atendida no processo de expansão do ensino superior. Com o incremento do quantitativo de IES em Minas Gerais, o número de vagas neste nível de ensino cresce a taxas anuais de cerca de 12%, sendo que, em 2004, era cerca de 4,5 vezes maior que o registrado em 1991. As matrículas neste nível de ensino, em 2004, estavam na casa dos quase 500 mil estudantes, cerca de 10% do total de matrículas em cursos presenciais de graduação no país. Entre as IES públicas brasileiras em 2008, 93 eram Instituições Federais de Ensino Superior - IFES, ou seja, 39,4% do total. Destas, 54 (58,1%) localizadas nas capitais e 39 (41,9%) nas cidades de interior. Dentre as IFES, 55 constituíam Universidades. A distribuição geográfica destas universidades se dava da seguinte forma:

Tabela 1- Distribuição das Universidades Federais por região do país, Brasil, 2008

Região	Capital		Interior		Total	(%)
	Total	(%)	Total	%		
Norte	08	100	-	-	08	14,5
Nordeste	09	64,3	05	35,7	14	25,5
Sul	05	55,6	04	44,4	09	16,4
Sudeste	05	26,3	14	73,7	19	34,5
Centro-oeste	04	80	01	20	05	9,1

Fonte: Adaptado de BRASIL MEC/INEP/DEED, 2010²

De acordo com o Ministério da Educação, com a expansão da Rede Federal de Ensino Superior, o número de municípios atendidos pelas universidades passou de 114 em 2003, para 237 em 2011. Entre 2003 e 2006, foram criadas as seguintes universidades: Universidade Federal do ABC – UFABC, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Universidade do Pampa – UNIPAMPA, Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFRSA, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL, Universidade Federal Tecnológica do Paraná – UFTPR e a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA. Em relação à criação e consolidação de Campi Universitários, foram criados 19 na região nordeste, 10 na região norte, 11 no sudeste, 03 no sul e 12 no centro-oeste (BRASIL/MEC, 2006).

Com o REUNI foram criadas a Universidade Federal do Oeste do Paraná – UFOPA, Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA e a Universidade Brasileira da Integração Luso-Afro-Brasileira –

² Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em: 08/06/2010.

UNILAB, além de novos Campi que, somados aos criados pelo Programa Expansão, totalizaram 104. Entretanto, a distribuição das Universidades Federais no país continua bastante desigual, sendo as regiões norte e nordeste as que apresentam menor número de universidades públicas. A região sudeste, segundo o Censo do IBGE (2008), é a que contém a maior concentração de universidades federais no país, apresentando índice significativo de universidades, comparado às demais regiões, como se pode observar no mapa a seguir.



Figura 1 – Mapa de Distribuição das Universidades Federais no Brasil, 2010

Fonte: MEC, 2010

Conforme Figura 01, das 19 universidades federais instaladas nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro, 11 (57,9%) estão no estado mineiro, sendo 01 na capital e 10 em cidades do interior, com grande concentração geográfico-espacial, estando 3/4 das universidades federais mineiras localizadas na região de Belo Horizonte, sul do estado e triângulo mineiro, regiões que se destacam pelo forte desenvolvimento e industrialização.

Até o ano de 2005, as regiões norte, nordeste e noroeste de Minas, contavam apenas com a Universidade Estadual de Montes Claros e um Campus da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, na cidade de Montes Claros. Em setembro de 2005, oitenta e três anos após a criação da primeira universidade pública em terras mineiras – a UFMG –, os Vales do Jequitinhonha e Mucuri passaram a contar com a presença de uma universidade pública, a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM.

Importa ressaltar que a Educação Superior chegou a estas regiões nos anos 1960, por meio de cursos presenciais e à distância ofertados por instituições privadas de ensino: Fundação Educacional Nordeste Mineiro – FENORD, década de 60; Faculdades Unificadas Doctum, década de 90; Fundação Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni – UNIPAC, Instituto de Educação Superior São Francisco de Assis de Teófilo Otoni – IESFATO, Faculdade de Tecnologia Egídio José da Silva – FATEGÍDIO, Faculdades de Almenara – ALFA e Faculdades de Nanuque – FANAN, criadas ao longo da década de 2000 (DE MARI; GRADE, 2009). Todavia, o ensino superior privado não era para todos, haja vista as limitadas condições de financiamento e manutenção de um curso superior pago. A criação de uma Universidade Federal nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri representou um elemento novo na história destes Vales.

Conforme vimos, a expansão do ensino superior no Brasil tem se intensificado predominantemente na iniciativa privada. Contudo, a expansão e interiorização da rede de ensino superior público federal, tem contribuído para que a universidade brasileira absorva, cada vez mais, um público oriundo das classes populares.

Do ponto de vista das implicações sociais deste processo, ganha visibilidade a recomposição da população estudantil, que experimenta tanto transformações estruturais da universidade, como dos modos de vida estudantil (GÓMEZ, 2002), ou seja, da condição estudantil. A universidade brasileira deixa de ser o lugar somente das classes médias e das elites intelectuais e passa a contar com um número expressivo de estudantes oriundos de segmentos sociais que até recentemente não alcançavam este nível de ensino (BRITTO et al, 2008, p.787). O ingresso de novos sujeitos de classe, raça e gênero, provocou fenômenos sociais de um novo tipo que precisam ser considerados para entender o que significa ser estudante universitário hoje (CARRANO, 2009).

No Brasil, estudos sobre jovens universitários constituíram o centro do interesse acadêmico nacional sobre a juventude nas décadas de 60 e 70. Otávio Ianni (1968) e Marialice Foracchi (1972) foram importantes pesquisadores deste tema. A análise recaía sobre o papel da juventude universitária como agente político, principalmente por meio do movimento estudantil (ABRAMO, 1994). A abordagem privilegiava os estratos da classe média e superior, aos quais eram concedidas “prerrogativas” sociais, econômicas e culturais de acesso ao ensino superior.

No contexto atual, os estudos sobre jovens universitários ainda não avançaram em direção à constituição de um campo de análise que trate da nova composição dos públicos universitários, sua diversidade, da permanência das históricas condições de desigualdade que

se associam a desigualdades oriundas dos contextos contemporâneos dessa ainda degradada expansão da instituição universitária brasileira (CARRANO, 2009). A produção sobre o tema é pouco expressiva, mas a realidade desses estudantes vem ganhando visibilidade na academia (ZAGO, 2007).

Em recente levantamento do estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira, que abrangeu teses e dissertações produzidas no período de 1999 – 2006, nas áreas de educação, ciências sociais e serviço social, foram identificados 149 trabalhos sobre o tema “Jovens universitários”, 10,42% da base total (CARRANO, 2009). Para o mesmo autor, que analisou o conjunto da obra, prevalece “a análise da vida estudantil a partir do ponto de vista institucional e da condição unilateral de estudante ou aluno, em desconsideração de outras variáveis existenciais e biográficas dos jovens alunos” (p. 181). Assim, “apesar da existência de estudos sobre o tema, ainda sabemos muito pouco sobre as trajetórias escolares e biográficas dos estudantes universitários, o fenômeno da mobilidade social e sobre como se dão as condições de experimentação da vida universitária após o ingresso” (CARRANO, 2009, p. 181). Sobre o sub-tema “acesso e condições de permanência no ensino superior” foram identificados 26 trabalhos, sendo 19 da área de educação (02 teses), 05 do serviço social e 02 da sociologia. Os trabalhos foram desenvolvidos em torno da ampliação do acesso ao ensino nos últimos 15 anos e indagam sobre os diferentes sistemas de acesso ao ensino superior (pré-vestibulares e ENEM); ocupam-se da investigação sobre os programas de assistência estudantil ou da ausência deles; das condições de permanência para a conclusão do curso superior tais como a existência de crédito educativo e as condições de vida no campus (CARRANO, 2009, p. 188). Nenhum dos levantamentos de estado da arte apresenta produções acadêmicas que abordem a questão do jovem universitário que ingressou ao Ensino Superior por meio dos programas de expansão e interiorização da universidade pública no Brasil³.

A pesquisa sociológica voltada à condição do estudante universitário se mostra como um caminho possível para o desvelamento da nova realidade universitária, a universidade de massas. No âmbito desta pesquisa, um dos pontos centrais de estudo foi a emergência de um novo universitário, oriundo de um segmento social que até recentemente não tinha acesso à Educação Superior, com condições de estudo limitadas e pouca convivência com objetos

³ Importa ressaltar que o processo de expansão e interiorização da universidade pública brasileira antecede o Programa REUNI. De acordo com dados do Relatório da Comissão de Análise sobre a Expansão das Universidades Federais (2012), de 1919 até 2002 foram criadas 45 Universidades Federais. Contudo, é no contexto do REUNI que se observa a afluência massiva de jovens oriundos das classes populares a este nível de ensino.

intelectuais e artísticos da cultura hegemônica, cujo entorno familiar e social tem geralmente uma baixa escolarização (BRITTO et al, 2008; GÓMEZ, 2002).

Conquanto esta questão, neste estudo partimos do entendimento de que não é possível compreendermos o estudante universitário apenas do ponto de vista de sua condição restrita haja vista que se expressa como uma das múltiplas faces da condição juvenil. Embora a análise esteja voltada aos estudantes universitários, é importante reconhecer que estes jovens partilham uma condição juvenil com o restante dos seus pares (ISLAS, P; ZOZAYA, M, 2008, p. 7). Assim, é preciso conhecê-los sob outras dimensões, caracterizar o conjunto de mecanismos e processos que presidem a constituição do estudante como categoria social, uma das tarefas principais com que se depara a abordagem sociológica. Focalizar o jovem estudante tanto em termos da condição juvenil, como em termos das modalidades possíveis de ampliação dos seus horizontes de ação no futuro (FORACCHI, 1968).

A juventude, enquanto categoria social tem sido analisada desde diversas perspectivas teóricas da ciências sociais: a antropologia, a sociologia, a psicologia, a história da juventude, entre outras, com diferentes recortes teóricos, que ressaltam suas distintas dimensões. Os “pontos de partida” deste debate são diversos, destacando-se: o enfoque nas condições e possibilidades da participação dos jovens na conservação ou transformação da sociedade; a juventude como contingente demográfico; o jovem como sujeito de direitos, dentre outros (ABRAMO, 2005). Destas elaborações, destaca-se a que aborda as “juventudes”, ressaltando a multiplicidade do seu perfil no que tange à classe social, gênero, etnia, meio em que vive etc., além da variedade de práticas e opiniões (ABRAMO; BRANCO, 2005).

Condição juvenil e situação juvenil são elementos essenciais para a compreensão desta categoria. A condição juvenil diz respeito ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado à juventude. Já a situação juvenil é referente ao modo como a condição social é vivida, a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc (BRANCO, 2005). Para Dayrel (2003), a forma como cada sociedade se relaciona com esse momento – da juventude – é muito variada. Esta diversidade se concretiza nas condições sociais, culturais, de gênero, regionais, geográficas, entre outras. Daí a inferência do autor, que juventude é parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, que tem especificidades que marcam a vida de cada um.

Metaforicamente, a juventude pode ser comparada a um “caleidoscópio” (DAYRELL, 2010) (informação verbal)⁴, que num jogo de espelhos produz inúmeras combinações de imagens. Estas trazem à tona a heterogeneidade da categoria juventude, perpassada por diferenças e desigualdades relativas às dimensões de classe social, gênero, etnia, meio em que vive etc., pela diversidade de sua visão de mundo e seus esquemas de percepção, bem como pela variedade de práticas e opiniões (ABRAMO e BRANCO, 2005; GAVIRIA, 2008).

Categoria social e historicamente construída, nem sempre a juventude foi reconhecida na sua complexidade, engendrada pelas dimensões simbólicas, factuais, materiais, históricas e políticas. Emerge como tema para a sociologia como um fenômeno da modernidade, na passagem do século XIX para o século XX. No âmbito das ciências sociais, não alcançou centralidade nas discussões e indagações sistemáticas, suscitando interesse apenas em momentos nos quais os jovens se fizeram visíveis por suas manifestações e atitudes críticas e desafiadoras frente às instituições sociais (ISLAS, 2008). Conforme Abramo (1994, p.08), o interesse da sociologia pela juventude se deu “na medida em que determinados setores juvenis pareciam problematizar o processo de transmissão das normas sociais, ou seja, quando se tornam visíveis jovens com comportamentos que fogem aos padrões de socialização aos quais deveriam estar submetidos”. O contraste das formas de expressão e manifestação da juventude com os padrões da ordem social vigente constituiu a força propulsora do interesse acadêmico por este grupo social, trazendo como preocupação precípua da sociologia a relação da juventude com a continuidade ou mudança social (ABRAMO, 1994).

O debate atual privilegia a categoria juventude sob a ótica da sua condição. De acordo com Margulis e Urresti (1996), juventude é uma condição que se articula social e culturalmente em função da idade, com a geração a que pertence, com a classe social de origem, com o gênero, com o lugar que ocupa na família, com as instituições sociais (escola, local de trabalho, instituições religiosas, partidos políticos entre outras). Ou seja, um modo particular de estar no mundo, de encontrar-se arremessado em sua temporalidade, de experimentar distâncias e durações. Por isso não pode ser reduzida à classificação etária, pois a condição etária da juventude não se refere apenas a fenômenos de ordem biológica, mas também a fenômenos culturais articulados à idade. “*De edad como categoria estadística o vinculada con la biología, pasamos a la edad procesada por la historia y la cultura*” (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 10). Conceituada desta maneira, coloca em xeque as análises superficiais, homogeneizantes,

⁴ Durante debate no Grupo de Estudos do Observatório da Juventude da UFMG, setembro de 2010.

que desvinculam o sentido da categoria das condições materiais e históricas que condicionam o seu significado e desconsideram que a condição histórico-cultural da juventude não se oferece de igual forma a todos os integrantes da categoria estatística jovem (MARGULIS; URRESTI, 1996).

Para Peralva (1997), Groppo (2000), Dayrell (2003), a categoria social juventude é, ao mesmo tempo, uma representação social e uma situação/condição social. Sousa e Durand (2002) afirmam que ser jovem é estar numa relação material e simbólica com o mundo. Nesta direção, Dayrell (2007) faz alusão a uma “condição juvenil”, que diz respeito à maneira de ser, a situação de alguém perante a vida e à sociedade, bem como às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação.

Conforme Dayrell (2003), as transformações pelas quais passam os indivíduos em determinada faixa etária lhe conferem um caráter universal, entretanto, a forma como cada sociedade se relaciona com esse momento é muito variada, posto que esta diversidade se concretiza nas condições sociais, culturais, de gênero, regionais, geográficas, entre outras; ou seja, juventude é parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, que tem especificidades que marcam a vida de cada um. Concepção que se mostra imprescindível para a análise do nosso objeto de estudo, no contexto em que se desenvolve.

A condição estudantil é uma das dimensões da condição juvenil. E, a condição juvenil é uma das dimensões da condição estudantil, posto que nem todo jovem é estudante e nem todo estudante é jovem. Pensar sociologicamente o problema de pesquisa a que nos propomos responder implica a definição de parâmetros que nos conduzam a ele.

Em linhas gerais, a condição juvenil diz respeito à situação de jovem perante a vida e à sociedade, bem como às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação (DAYRELL, 2007), em outras palavras, ao conjunto de elementos materiais e simbólicos que marcam a vida de cada jovem. Este mesmo autor elenca três elementos-chave para a análise da condição juvenil, que no âmbito desta tese, nos auxiliarão na abordagem do problema de pesquisa a que nos propomos. São elas: *socialização* – entendida como “processos por meio dos quais os sujeitos se apropriam do social, de seus valores, de suas normas e de seus papéis, a partir de determinada posição e da representação das próprias necessidades e interesses” (DAYRELL, 2002); *culturas juvenis* – entendidas como expressões simbólicas da condição juvenil, que se manifestam na diversidade em que esta condição se constitui, ganhando visibilidade por meio dos mais diferentes estilos, demarcando identidades individuais e coletivas, além de sinalizar um status social almejado. “A música, a dança, o vídeo, o corpo

e seu visual, dentre outras formas de expressão, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para *trocar ideias*, para ouvir um ‘som’, dançar, dentre outras diferentes formas de lazer” (DAYRELL, 2007); e *sociabilidade* – “expressa uma dinâmica de relações, com as diferentes gradações que definem aqueles que são os mais próximos e aqueles mais distantes, bem como o movimento constante de aproximações e afastamentos, numa mobilidade entre diferentes turmas e galeras”. A sociabilidade tende a ocorrer no cotidiano dos jovens, “seja no intervalo das obrigações, o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer”, também pode ocorrer no interior das instituições, na “invenção de espaços e tempos intersticiais, recriando um momento próprio de expressão da condição juvenil” (DAYRELL, 2007). Interessa-nos, para efeitos de elaboração desta tese, a articulação e expressão destes elementos da condição juvenil à sua condição de estudantes.

A “condição estudantil”, entendida nos limites deste trabalho como uma face da condição juvenil, diz respeito ao conjunto de forças materiais, práticas e significados relacionados ao fato de ser estudante universitário (GAVIRIA, 2006; 2008). Esta condição pode ser apreendida a partir de alguns de seus elementos, dos quais destacamos: a *origem social* – potencial indicador de diferenças (BOURDIEU; PASSERÓN, 1969). As diferenças de composição e volume de recursos sociais e culturais (capital econômico e capital cultural) dos alunos mostram-se relevantes para a compreensão do universo acadêmico (SETTON, 1999). Permite obter uma visão crítica a respeito da realidade do campo universitário, sua complexidade e desafios. Alguns indicadores importantes: cidade de origem, renda familiar e *per capita*, ocupação e instrução dos pais, ocupação do estudante; *etapas da vida* – diz respeito à idade como elemento que demarca diferenças – *condição estudantil* associada à *condição juvenil*, por exemplo; o *uso do tempo* – a distribuição do uso do tempo estudantil não é a mesma todos os dias. O tempo para o estudo se encontra intrinsecamente ligado a outros tempos, tais como o tempo de lazer e trabalho (ERLICH, 1999 apud GÓMEZ, 2002); o *espaço universitário* - um espaço que oferece condições para um bom desenvolvimento das atividades acadêmicas e propicia a socialização, motiva o estudante a permanecer na universidade (GÓMEZ, 2002); a *relação com os estudos* – intrinsecamente ligada à representação subjetiva da *finalidade instrumental dos estudos*, ao *lugar ocupado* pelo estudante na universidade e o *nível de integração* com os demais, à *área de interesse* e o *peso atribuído* aos estudos (DUBET, 1994); o *ofício de estudante* – que diz respeito à dedicação de tempo, apreensão da profissão, domínio de suas ferramentas, identificação e apreensão das regras, entre outras (COULON, 2008, p.37); o lugar que ocupa a universidade na estrutura social, a atribuição de valores e significados a

ela; o financiamento dos estudos (moradia, transporte, alimentação, saúde); além das *condições e hábitos de trabalho; relações com o meio de origem e com o meio estudantil*.

No caso do nosso estudo, o desvelamento desta imbricada condição, que é, ao mesmo tempo, juvenil e estudantil requer a observância de uma série de elementos que influenciam esta condição, a partir dos quais os jovens estudantes constroem suas experiências: a família e o lugar social dos jovens, o lazer e sociabilidade juvenil, as trajetórias de escolarização, a relação com o tempo, a relação com os estudos, o trabalho, as condições de acesso e permanência no ensino superior, o espaço universitário, o curso frequentado, o presente como espaço válido de formação e sua relação com o futuro.

A nova composição dos públicos universitários e os fenômenos sociais por ela engendrados representa ainda um campo de análise em que pouco se avançou, especialmente no que diz respeito aos estudos sobre jovens universitários. Há uma lacuna acerca do como se dão as condições de experimentação da vida universitária após o ingresso à universidade (CARRANO, 2009). A diversidade de situações recoberta pela categoria estudante, a recomposição da problemática das desigualdades de escolarização entre as classes sociais, o ingresso de novos sujeitos de classe, raça e gênero no ensino superior público e sua permanência neste nível de ensino, demanda estudos que permitam conhecer as reais condições desta escolarização (ZAGO, 2006). Faz-se necessário, portanto, compreender o novo universitário desde a ótica de que há uma condição objetiva de ser estudante no mundo contemporâneo, que afeta e diz respeito a um enorme contingente da população (BRITO et al, 2008), que representa mais que uma transformação quantitativa da população universitária. Desta forma, afirmam os autores: “é necessário deixar de lado categorias genéricas, como ‘estudante universitário’ ou ‘universidade brasileira’ e tratar de encontrar as linhas de força que constituem o campo em questão”.

Zago (2007, p.134) pondera que, neste contexto, há questões que devem ser levantadas e “exigem uma análise a partir de dentro, isto é, dos incluídos: ‘qual a condição da presença desses novos atores no ensino superior público? Quais são os cursos que frequentam? Que lugar tem ocupado na sociologia da Educação brasileira?’”. Carrano (2009) reforça que é necessário buscar “perceber como sente, pensa e age o jovem estudante em sua condição de sujeito cultural e político que participa, estrutura e sofre as determinações da vida universitária, trazendo para ela as disposições e orientações absorvidas em outros momentos de seu percurso pessoal e social”. Zago (2007, p.149; 150) reitera que como campo de investigação sociológica, a expansão do acesso ao ensino superior abre novas possibilidades de pesquisa para verificar as

repercussões e os limites dessas políticas e iniciativas nas histórias daqueles que dependem essencialmente do ensino público para ampliar seu capital escolar.

CAPÍTULO II

DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 A escolha do método de Estudo de Caso

“A pesquisa é uma aventura do espírito, é uma viagem fantástica em termos de reflexão, de interrogação, de questionamento. A reflexão que interroga o que parece evidente. Uma reflexão que além de individual é, antes de tudo, uma aventura coletiva. Uma reflexão que é também prospecção sobre o futuro, um olhar para frente sem indiferença” (YAZBEK, 2005).

É com o texto dessa epígrafe que iniciamos, a cada período, as aulas da disciplina de Pesquisa em Serviço Social no curso de Serviço Social da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Trata-se de um convite aos aspirantes à viagem para experimentarem a pesquisa como “princípio científico e educativo” (DEMO, 2011) que possibilita a construção do conhecimento como “compreensão do mundo e fundamentação da ação” (LUCKESI, et al, 1996).

Nessa aventura, “a sensibilidade para perceber os fenômenos e perguntar sobre eles é o ponto de partida para se fazer ciência” (LUCKESI, et al, 1996, p.74). Nas ciências sociais, os fenômenos sociais constituem o objeto do conhecimento científico. Portanto, cabe ao pesquisador estudar os elementos que o compõem e suas características no tempo e espaço (RICHARDSON, 2011). Esse processo é particularmente desafiador, posto que o objeto das ciências sociais é histórico (demarcado no tempo e espaço), possui consciência histórica (todos os envolvidos na pesquisa dão significados às suas ações, construções e projetos de futuro dentro de um contexto que lhes é comum), mantém identidade com o sujeito (tem um substrato comum que envolve pesquisador e pesquisado, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos), é intrínseca e extrinsecamente ideológico (perpassado por interesses e visões de mundo), é essencialmente qualitativo, complexo, contraditório, inacabado e está em permanente transformação (MINAYO, 2004; 2012). Sendo assim, concordamos com Yazbek (2005, p. 156) quando afirma:

É tarefa da pesquisa evidenciar processos sociais e históricos de um tempo e lugar, em suas múltiplas dimensões, nos mostrando como a realidade se tece

e se move pela ação de sujeitos sociais. [...] o desafio é desvendar as mediações dessa realidade, é permitir e querer que daí resulte um conhecimento que sirva e que de alguma maneira ajude a fundamentar teoricamente processos emancipatórios.

Para tanto, há que se dispor de um conjunto de recursos lógicos e metodológicos que auxiliem o pesquisador nesse processo de produção de conhecimentos; ou seja, o conhecimento científico requer método. Richardson (2011, p.25) afirma que “quando uma pessoa utiliza o método científico para investigar ou estudar a natureza, está pensando cientificamente”, ou seja, “pensando criticamente”. A orientação pelo “*espírito crítico*” possibilita “analisar rigorosamente as circunstâncias e fenômenos, buscando observar se as ‘conclusões’ ou ‘afirmações’ emitidas sobre os mesmos resistem a um confronto com os dados” (LUCKESI et al, 1996, p.80). Conforme esse autor– com o qual comungamos–, a conduta do pesquisador deve orientar-se, portanto, por um conjunto de princípios expressos, dentre outros: na *busca do sentido da prova*, sem o qual o conhecimento obtido carece de fundamentação, força e objetividade; na *oposição ao dogmatismo*, que se apresenta como “incapacidade de ver e interpretar a realidade diversamente da indicada pelos esquemas, interesses, valores e conveniências pessoais; [...] também, na tentativa de impor este mesmo conjunto de valores e interesses aos outros” e na *firmeza nas afirmações*, ou seja, a clareza sobre o que se afirma (LUCKESI et al, 1996). Além disso, deve o pesquisador orientar-se pelo *senso de realidade*, ou seja, estar aberto a apreender a realidade como ela é, “mesmo que isso não se apresente como conveniente” e, dentre outros princípios inerentes à produção do conhecimento crítico e válido, *agir de modo questionador e criativo*, ou seja, partindo do reconhecimento de que nenhum conhecimento é definitivo, “o questionamento criativo e crítico levanta-se contra o comodismo, contra a instalação, garantindo, assim, que o conhecimento não entre em defasagem, mas acompanhe o ritmo evolutivo da própria realidade” (LUCKESI, et al, 1996, p. 89).

A partir desse entendimento da pesquisa e do objeto das ciências sociais e, com base nos princípios acima expostos, embarcamos na aventura de conhecer “*a condição juvenil e estudantil de jovens universitários da UFVJM e a relação que estabelecem entre o presente vivido e o futuro pensado*”.

2.1 O delineamento da pesquisa

Este estudo pauta-se na abordagem qualitativa, complementada com o uso de técnicas quantitativas⁵, de cunho exploratório, descritivo e analítico. De acordo com Lüdke e André (1986, p.11–13), a pesquisa qualitativa apresenta cinco características básicas, que contribuem para o desvelamento do objeto de estudo: a) o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como seu principal instrumento, o que supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada; b) os dados coletados são predominantemente descritivos, ricos em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; c) a preocupação com o processo é maior do que com o produto; o pesquisador interessa-se em verificar como um determinado problema se manifesta nas atividades, procedimentos e interações cotidianas; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à vida são focos de atenção especial do pesquisador; e) os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. Em síntese, os estudos dessa natureza possibilitam conhecer mais profundamente os sujeitos da pesquisa, apreender suas trajetórias, experiências cotidianas, bem como o significado atribuído por eles às situações vivenciadas.

Esta pesquisa foi conduzida utilizando-se o método de *estudo de caso*. Como método de pesquisa, o estudo de caso contribui para o conhecimento de fenômenos contemporâneos no seu contexto real. Trata-se de um método comumente utilizado nas ciências sociais que permite reter as “características holísticas e significativas dos eventos da vida real”.

Segundo Gil (2010, p.38), no âmbito das ciências sociais o estudo de caso tem sido utilizado com diferentes propósitos, tais como:

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- d) formular hipóteses ou desenvolver teorias;
- e) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Em relação ao nosso objeto de estudo, é válido afirmar que utilizamos o método do estudo de caso visando os propósitos elencados por Gil (2010), nos itens “a”, “b” e “c”.

⁵ Conforme Baptista (1994), a abordagem quantitativa, quando não exclusiva, serve de fundamento ao conhecimento produzido pela pesquisa qualitativa. Chizzotti (1991) afirma que é possível realizar análises qualitativas de dados quantitativos. A isso nos propomos nesta pesquisa.

O mesmo autor afirma que, diferentemente de outros delineamentos de pesquisa, nos estudos de caso as etapas a serem seguidas não se dão numa sequência rígida; ou seja, seu planejamento tende a ser mais flexível e, comumente, o que foi desenvolvido numa etapa determina alterações na etapa seguinte (GIL, 2010) – no caso do nosso estudo, por exemplo, essa observação de Gil (2010) é aplicável à etapa de seleção dos entrevistados, conforme veremos mais adiante. Conquanto essa questão, Gil (2010, p.117) destaca um conjunto de etapas que são seguidas na maioria das pesquisas definidas como estudos de caso, as quais contribuem para a explicitação dos caminhos adotados na realização da nossa pesquisa: “a) formulação do problema ou das questões de pesquisa; b) definição das unidades–caso; c) seleção dos casos; d) coleta de dados; e) elaboração do protocolo; f) análise e interpretação dos dados; g) redação do relatório”.

2.1.1 Formulação do problema de pesquisa

O estudo de caso, como qualquer outra pesquisa, inicia-se com a formulação de um problema, ou seja, uma questão de pesquisa. De acordo com Yin (2010), a utilização desse método de estudo é indicada em situações em que a questão de pesquisa busca responder “como ou por que” algum fenômeno social funciona, por exemplo.

Conforme Richardson (2011), a definição de um problema de pesquisa exige as seguintes condições: 1) se referente às ciências sociais, o problema deve ser de natureza social; 2) o problema deve ser concreto e formulado de forma clara e precisa– para esse autor, “de acordo com o sentido da palavra *problema*”, exige-se uma resposta; portanto, é conveniente formulá-lo como pergunta” (p.59); 3) um problema de pesquisa não pode estabelecer juízos de valor sobre o que é melhor ou pior em uma situação social (deve se referir à realidade e não ao ideal); 4) deve referir-se a fenômenos observáveis, possíveis de verificação empírica; 5) não deve se referir a casos únicos ou isolados, deve ser representativo e passível de ser generalizado; 6) deve apresentar originalidade. Com base nessas e em outras orientações, elaboramos a seguinte questão de pesquisa:

Como os jovens universitários vivenciam a sua condição juvenil e estudantil no contexto da expansão e interiorização da universidade pública brasileira, nos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, e qual a relação estabelecida por esses jovens entre o presente vivido e o futuro pensado?

Em relação à quinta condição elencada por Richardson, pode parecer contraditório o uso de estudos de caso para a abordagem de um problema de pesquisa social. A esse respeito incidem várias críticas ao uso desse método nas ciências sociais, cujo argumento reside na dificuldade de generalização (GIL, 2010). Em contraposição a isso, o autor ressalta que “os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados” (GIL, 2010, p. 38). Yin (2010, p.36) adverte que a resposta para esse tipo de preocupação é:

[...] os estudos de caso, como os experimentos, são generalizáveis às proposições teóricas e não às populações ou aos universos. Nesse sentido, o estudo de caso, como o experimento, não representa uma ‘amostragem’ e ao realizar o estudo de caso, sua meta será expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não enumerar frequências (generalização estatística).

O início da nossa pesquisa não foi isento desse tipo de preocupação; entretanto, o aprofundamento do conhecimento acerca do método de estudo de caso e a observação das condições de utilização de cada método – que conforme proposição de Yin (2010, p. 28) consistem : “a) no tipo de questão de pesquisa proposto; b) na extensão do controle que um investigador tem sobre os eventos comportamentais reais; c) no grau de enfoque sobre os eventos contemporâneos em oposição aos eventos históricos” – nos conduziram à definição do estudo de caso como o método mais indicado à resolução do problema proposto.

2.1.2 Definição das unidades–caso e seleção dos casos

A definição da unidade–caso depende dos propósitos da pesquisa (GIL, 2010). Neste estudo, nossos propósitos ou objetivos foram assim definidos:

- a) conhecer a condição juvenil dos universitários da UFVJM em suas múltiplas dimensões;*
- b) conhecer a condição estudantil dos universitários da UFVJM;*
- c) apreender as condições que balizam a relação do jovem estudante com a vida universitária nas dimensões social, cultural, política e econômica;*
- d) apreender a relação estabelecida entre as dimensões presente e futuro que perpassam a vida do estudante, evidenciando as perspectivas e alternativas disponíveis para as suas trajetórias.*

Para a consecução desses objetivos, optamos pelo *estudo de caso único com múltiplas unidades integradas de análise*. A justificativa para essa escolha do caso único reside no fato de a UFVJM preencher as condições para a análise do objeto no seu contexto macro – expansão e interiorização do ensino superior público– e micro – Vales do Mucuri e Jequitinhonha–, representando uma contribuição significativa para a formação do conhecimento acerca do fenômeno da ampliação do acesso de jovens oriundos das camadas populares ao ensino superior em contextos de profundas desigualdades sociais e de escolarização.

Nos estudos de caso único com múltiplas unidades integradas de análise, a atenção é dirigida ao contexto, ao caso e à(s) subunidade(s). No nosso estudo, todavia, importa menos uma análise da UFVJM do que conhecer os sujeitos que nela ingressam. Para efeitos desta pesquisa, contexto, caso e subunidades constituem, portanto, um todo indissociável. A matriz a seguir mostra a relação existente entre esses elementos, neste tipo de estudo de caso.

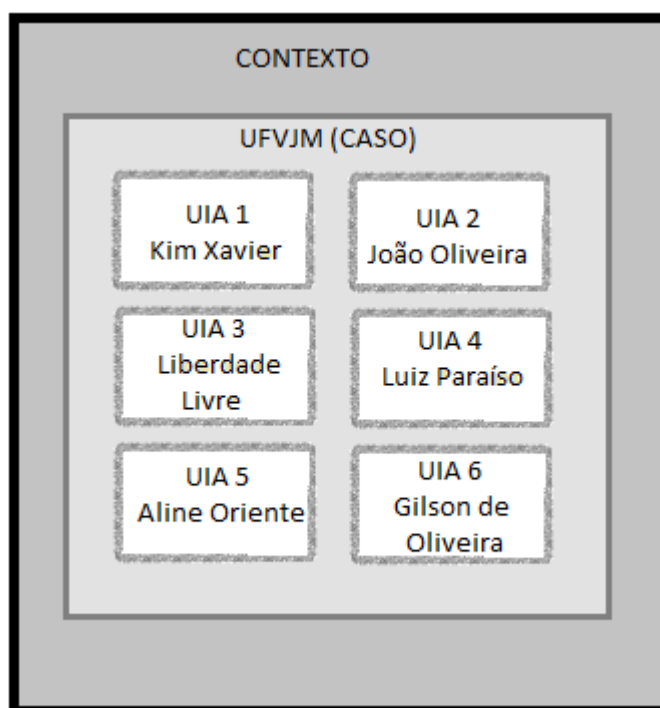


Figura 2 – Representação gráfica do projeto de estudo de caso único com múltiplas unidades integradas de análise

Fonte: adaptação de Yin (2010, p.70)

A matriz mostra que este tipo de projeto está voltado para a análise das condições contextuais em relação ao caso; a linha mais clara entre contexto e caso assinala os limites entre ambos – que não são rígidos e são de difícil delimitação, o que é válido também para as Unidades Integradas de Análise – UIA em relação ao contexto e ao caso.

A escolha das UIA's deu-se com base numa fase exploratória da pesquisa, que teve por finalidade a obtenção de uma visão geral do problema no seu contexto. Embora este estudo seja realizado no nosso local de trabalho, a etapa exploratória da investigação constituiu um importante elemento para a focalização das questões, a identificação de informantes, a obtenção de outros dados, conforme instruem Alves–Mazoti e Gewandsznajder, além do traçado de estratégias de imersão junto à juventude universitária, agora, de modo estranhado em relação ao objeto e aos sujeitos da pesquisa e da definição das UIA's. Nessa etapa privilegamos a observação do campo em diversos espaços do campus (área externa, corredores, área de convivência, sala de aula, biblioteca, transporte coletivo), bem como a obtenção de informações gerais pertinentes ao tema em estudo por meio de conversa com os sujeitos da pesquisa (estudantes universitários da UFVJM) na universidade, fora da universidade e pela rede social *facebook*. Os jovens que compõem as UIA's têm em comum o fato de serem estudantes da UFVJM oriundos dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha e de, durante o período de observação do campo, terem se destacado dos demais por alguma situação referente à sua condição estudantil com interferência na sua condição juvenil. Foram observadas a distribuição igualitária entre jovens do sexo feminino e jovens do sexo masculino, abrangendo estudantes do ICET e da FACSAE, independentemente do curso, todavia, buscando sua variedade na medida do possível.

As UIA's têm as seguintes características:

Quadro 1– Caracterização das Unidades Integradas de Análise – UIA's

UIA	Idade (anos)	Curso	Faculdade/ Instituto
Kim Xavier	22	Serviço Social	FACSAE
João Oliveira	23	Ciências Contábeis	FACSAE
Liberdade Livre	30	Serviço Social	FACSAE
Luiz Paraiso	21	Bacharelado em Ciência e Tecnologia	ICET
Aline Oriente	22	Engenharia Civil	ICET
Gilson de Oliveira	28	Odontologia	FCBS ⁶

Fonte: elaboração própria

⁶ Faculdade de Ciências Básicas e da Saúde (Campus de Diamantina).

2.1.3 Determinação das técnicas de Coleta de Dados ou as “fontes de evidência”

Os estudos de caso, de acordo com Gil (2010, p.119), requerem múltiplas técnicas de coleta de dados, a fim de “garantir a profundidade necessária ao estudo e a inserção do caso em seu contexto”, trazendo as evidências à tona. Para Yin (2010, p. 124) “a evidência do estudo de caso pode vir de seis fontes: documentos, registros em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos”.

Neste estudo, utilizamos quatro fontes de evidência: documentos (ofícios, memorandos, recortes de notícias, panfletos); registros em arquivo (arquivos de uso público IMRS, IBGE, PNUD, questionários/dados primários); entrevistas (com os jovens que constituem as UIA’s e lideranças do movimento estudantil – LME); observação de campo.

No que diz respeito aos registros em arquivo, destacamos os indicadores obtidos por meio da aplicação de questionários na fase exploratória da pesquisa (APÊNDICE B). A composição da amostra deu-se por amostragem intencional não probabilística com confiança em sujeitos disponíveis, ou seja, todos os que faziam parte do grupo especificado e que aceitaram participar da pesquisa. A amostra contemplou o conjunto de estudantes matriculados do quarto ao sexto período dos 05 cursos ofertados na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas – FACSAB: Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Matemática e Serviço Social; e terceiro ao quinto período do Bacharelado em Ciência e Tecnologia – BCeT do Instituto de Ciência, Engenharia e Tecnologia – ICET da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Campus do Mucuri que se dispuseram a participar da pesquisa, garantida a preservação do anonimato. A escolha de jovens que se encontram nessas fases do curso justificou-se em virtude já terem vivenciado o ingresso e integração universitária, bem como se apropriado (em tese) de maior cabedal de conhecimentos voltados à carreira escolhida, o que lhes permite tanto um olhar retrospectivo acerca da sua experiência universitária, como um olhar sobre o horizonte de possibilidades referentes à sua formação. O questionário foi desenvolvido com vistas à autoaplicação pelo estudante pesquisado. A coleta de dados foi realizada no período de 16 a 27 de maio de 2011, com colaboração de um professor responsável por disciplina, por curso e período do curso pré-estabelecidos. Foram respondidos 332 questionários, dos quais 159 no ICET⁷ e 173⁸ na FACSAB. Os dados foram sistematizados

⁷ Entrada/oferta semestral de 120 estudantes/vagas.

⁸ Entrada/oferta semestral de 30 estudantes/vagas por curso. Alguns cursos não preenchem o total de vagas disponíveis por semestre.

e constam do relatório de qualificação da tese e do banco de dados desta pesquisa. Alguns dados são utilizados neste trabalho como estratégia de triangulação das evidências.

A observação ocorreu nos diferentes espaços de socialização dos jovens universitários, dentro e fora do ambiente escolar (incluindo as redes sociais). A observação foi realizada nas modalidades direta (no ambiente natural do caso – a universidade) e participante (devido à docência e desenvolvimento de outras atividades inerentes ao cargo, como a coordenação do Projeto de Extensão Educarte). Foram observadas questões que dizem respeito tanto às relações estabelecidas pelos jovens entre si e em relação à universidade; como da condição estrutural da UFVJM.

Em relação às entrevistas, seis (05 UIA e 01 LME) de nove (06 UIA e 03 LME) foram realizadas fora da universidade, em local escolhido pelos estudantes e 01 (LME) foi realizada na universidade. Sete entrevistas foram realizadas pessoalmente e duas via internet por meio da rede social *facebook* (Gilson – UIA e Carina – LME). As entrevistas realizadas pessoalmente foram gravadas e transcritas e as entrevistas realizadas via rede social foram arquivadas. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, respeitando o anonimato, os jovens que constituíram as UIA's tiveram seus nomes resguardados pela escolha de um nome fictício. Por questões relativas ao registro de parte da história do movimento estudantil da UFVJM, os líderes entrevistados foram identificados por seus nomes próprios.

Para as entrevistas realizadas com os jovens que constituem as UIA's adotamos a técnica de entrevista narrativa, com roteiro pré-estabelecido (APÊNDICE 01). De acordo com Teixeira e Pádua (2006),

as entrevistas narrativas podem ser ferramentas importantes para se conhecer estas novas dinâmicas cotidianas das relações sociais e políticas nestes espaços e tempos de formação acadêmica, permitindo a análise de suas repercussões nas subjetividades docentes e discentes. Em especial, na medida em que convida professores e estudantes a narrarem e reconstituírem suas experiências de interação e encontro com o outro e de comparação com a diferença, problematizando as dinâmicas instauradas mediante sua participação nestes projetos.

Esse instrumento mostrou-se essencial para o alcance do objetivo geral do presente projeto, posto que possibilitou conhecer o jovem universitário tendo como ponto de partida sua própria narrativa enquanto sujeito que vivencia uma determinada condição juvenil, marcada pela condição estudantil.

As demais entrevistas consistiram em tomada de depoimento acerca do movimento estudantil da UFVJM. Cada um dos três LME entrevistados correspondeu a uma fase diferente do ME, conforme abordagem no capítulo IV.

Após a realização das entrevistas, estabelecemos uma linha de contato direto com os jovens entrevistados via *facebook* e por meio do qual, além do contato diário, obtivemos informações adicionais necessárias ao desenvolvimento da pesquisa. Reconhecemos a possível fragilidade decorrente da realização de duas entrevistas via *facebook*, todavia, o significado da participação desses sujeitos na realização deste estudo de caso e a impossibilidade de realização de entrevista presencial em virtude da distância das cidades (aproximadamente 450km) nas quais os jovens residem atualmente justificaram a adoção dessa medida.

A esse respeito, propomos uma breve reflexão sobre o uso das tecnologias da informação na realização de análises sociais e sua adoção por pesquisadores que elegem os jovens como sujeitos de seus estudos. Para isso, fazemos uma analogia a partir de uma abordagem sobre pesquisa qualitativa por Martinelli (1994, p. 13) que diz: “se a pesquisa pretende ser qualitativa e pretende conhecer o sujeito, precisa ir exatamente ao sujeito, ao contexto em que vive sua vida” e os jovens estão nas redes sociais. Basta lembrarmos do poder de mobilização da juventude e da população em geral via redes sociais que levou milhões de jovens às ruas no exercício da cidadania na busca pela efetivação de direitos nos últimos meses. Além disso, Yin (2010, p.37) destaca que

[...] os estudos de caso são uma forma de investigação que não depende unicamente dos dados etnográficos ou de observação participante. **Você poderia até mesmo fazer um estudo de caso válido e de alta qualidade sem deixar o telefone ou a Internet, dependendo do tópico a ser investigado.**

Halavais (2010, p. 15), prefaciando o livro “Métodos de pesquisa para a internet”, organizado por Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2012), afirma:

[...] a internet deu aos cientistas sociais um presente. Esse presente, como todos presentes, veio com uma obrigação. A internet nos permite ver mais interações sociais do que jamais esperávamos, e agora nos deparamos, em muitos casos, com excesso de coisa boa. Que esperança temos de fazer sentido a partir de dados tão complexos? Esta é uma questão que agora atravessa todas as ciências – todos nós compartilhamos o novo mundo dos sistemas complexos.

No âmbito deste estudo de caso, um importante elemento de validação e credibilidade dos dados foi o uso das múltiplas fontes de evidência. Yin (2010) ilustra o processo de

triangulação de dados o qual, pela qualidade da contribuição elucidativa, compilamos nesta tese:

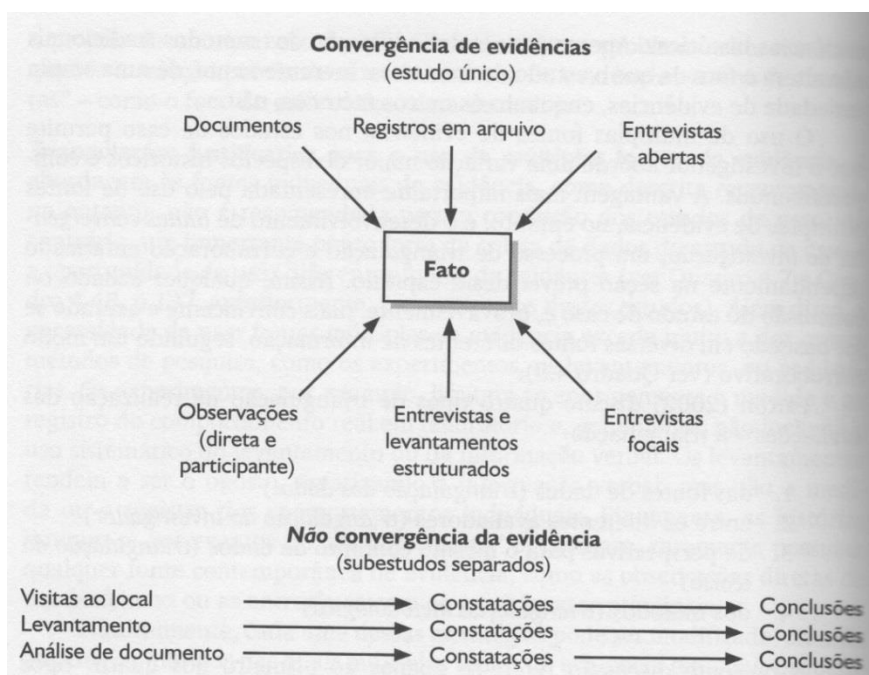


Figura 3 – Convergência e não convergência de múltiplas fontes de evidência
Fonte: Yin (2010, p. 144).

Como podemos observar na figura, a triangulação das fontes de evidência permite ao pesquisador confrontar as evidências e corroborá-las ou não. A esse respeito Yin (2010, p.143) destaca que “a vantagem mais importante apresentada pelo uso de fontes de múltiplas evidências é o desenvolvimento de *linhas convergentes de investigação*, um processo de triangulação e corroboração [dos dados]”. Neste estudo de caso, a triangulação das evidências contribuiu para corroborar as respostas encontradas para as questões propostas.

De antemão assinalamos a ciência dos desafios decorrentes da realização de uma pesquisa sobre um fenômeno que se desenvolve concomitantemente como processo social e como objeto de pesquisa, bem como do nosso envolvimento com o objeto e os sujeitos da pesquisa. No entanto, essa condição nos é imposta como um desafio e não como limite, haja vista que o pesquisador é também parte da realidade social. Conforme afirmou Melucci (2005, p. 318), “[...] a realidade social inclui o observador, é processual e interage com o observador. [...] os atores sociais se movem, falam, pensam, agem, enquanto nós os observamos. Os ‘atores sociais’ somos, pois, nós mesmos, porque ‘os outros’, ‘os sujeitos’ ou ‘objetos’ da pesquisa estão em relação conosco, pelo menos, quando nós estamos em relação com eles”. Diante disso, concordamos com Gilberto Velho (2006, p. 18) que em “Subjetividade e Sociedade” exorta o leitor para o fato de que, quando o pesquisador elege sua própria sociedade como objeto de

estudo, sua subjetividade não deve apenas ser levada em consideração, mas deve ser incorporada ao processo de conhecimento desencadeado. Para tanto, o pesquisador deve aprender a lidar com ela, ou seja, comprometer-se com a obtenção de um conhecimento mais objetivo, sem que isso signifique uma estéril tentativa de anulação ou neutralização dos seus sentimentos, emoções, crenças. É esse o posicionamento que assumimos para a realização desta pesquisa. Dessa forma, anunciamos que nossa pesquisa não é desinteressada, ao contrário, é movida por condições subjetivas e objetivas que permeiam nossa relação com a instituição e com os sujeitos que a ela ingressaram e os que ainda irão ingressar, o que reforça o nosso compromisso com o rigor metodológico.

Além dessas considerações acerca do método de estudo de caso, este capítulo é dedicado à contextualização da esfera micro da pesquisa— os Vales do Mucuri e Jequitinhonha— com destaque para uma breve abordagem acerca do município de Teófilo Otoni (sede do Campus do Mucuri) e da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, com ênfase na caracterização dos cursos ofertados no referido Campus, a partir de fontes de evidências documentais (relatórios, informações disponíveis no sítio da UFVJM). Por opção metodológica, neste capítulo a sessão secundária 2.5 será aberta em página específica.

2.2 – O Contexto Micro da Pesquisa: os Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Os Vales do Jequitinhonha e Mucuri estão localizados a nordeste do estado de Minas Gerais, ocupando uma área de aproximadamente 70.270,22km². Com recortes regionais decorrentes das diversas atividades predominantes em cada microrregião e dos diferentes momentos históricos de sua ocupação, apresentam muitas faces. As peculiaridades no desenvolvimento social, econômico, político, cultural são marcadas, de um lado, pelos baixos investimentos em políticas públicas para o desenvolvimento regional e, de outro, pelas riquezas naturais e culturais da região.

Com um contingente populacional com presença expressiva de comunidades rurais, assentamentos de trabalhadores rurais sem-terra, comunidades quilombolas e comunidades indígenas, registram médio Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, limite inferior registrado pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2000) de 0,568 e o superior de 0,748. Sua população em 2008 era de cerca de 1.021.133 habitantes dos quais, aproximadamente, 267.657 jovens de 15 a 29 anos (Fundação João Pinheiro, 2011).

Dados do mesmo período apontam que, em 2008, os Vales ocupavam a primeira colocação no ranking das 10 regiões com menor PIB per capita – PIB/PC do Centro-Sul no valor de R\$ 5.420,00. O índice registrado era quatro vezes menor que o maior PIB/PC do estado, que é encontrado no Triângulo Mineiro no valor de R\$ 21.846,00 (COFECON, 2011).

As principais atividades econômicas da região que contribuem para a sua diversidade são mineração, pecuária e agricultura (fortemente marcada pela monocultura do eucalipto).

No Jequitinhonha a vida rural é bastante relevante. No Mucuri, cerca de 37% da população reside na zona rural e a agricultura de subsistência, com padrões tecnológicos de baixa sustentabilidade, constitui sua principal atividade econômica (AMUC, 2011). Entretanto, afirmam Matos e Garcia (2010, p.125) que

A falta de população em idade ativa nas áreas não urbanas em decorrência de um interminável êxodo rural parece comprometer a perspectiva de expansão de atividades agrícolas que requerem mão de obra jovem. [...] as periferias urbanas crescem física e demograficamente de forma significativa, sustentadas, principalmente, por moradores com experiência na lavoura, boa parte deles mantendo seus vínculos com o trabalho rural.

A migração também constitui elemento importante na história dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. De acordo com a Associação dos Municípios do Mucuri – AMUC (2011),

há um grande contingente de nativos, estimando-se 20% da população regional total, que está em terras estrangeiras em atividade não qualificada, injetando na área rural valores que inflacionam as terras produtivas, apenas como investimento, fundo de reserva e capital empatado, sem geração de atividade e produção efetiva.

Augusto e Silvestre (2008), afirmam que entre 1991 e 2000,

houve manutenção e intensificação nas perdas de população em regiões históricas – Norte, e Nordeste (Mucuri e Jequitinhonha) de Minas. [...] Essas regiões históricas de expulsão de população vão reforçando o aumento significativo nos volumes migratórios, exceto a região do Mucuri que apresentou uma suave redução nos seus volumes. As mudanças de modalidade migratória podem estar aliadas às novas áreas de oportunidade que o Estado vem oferecendo, novas estratégias de migração e o fortalecimento e ampliação de redes sociais entre os migrantes no interior do Estado.

Além da migração intraestadual estabelecida entre os Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Matos e Garcia (2010, p.126) afirmam que “Em sua maioria jovens, os migrantes foram e ainda são bastante explorados em diferentes frentes de trabalho do país, muitos deles em atividades sazonais como as do corte da cana no interior paulista”.

2.3 Peculiaridades e indicadores sociais do Vale do Jequitinhonha

Captar o Jequitinhonha em movimento é buscar apreender a população que se desloca pelas migrações, os homens e as mulheres que lutam por direitos, que se manifestam na sua arte e no seu artesanato e que continuamente reconstróem seu espaço, na frenética movimentação do século XXI (HENRIQUES, 2010).

O Vale do Jequitinhonha constitui uma das 12 mesorregiões do estado de Minas Gerais. Agrega 51 municípios, abrangendo uma área de 50.137,63 Km², subdividindo-se em Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha.

A ocupação e colonização do Vale do Jequitinhonha deu-se a partir do início século XVIII no Alto e parte do Médio Jequitinhonha; o Baixo Jequitinhonha veio a ser ocupado cerca de um século depois. No Alto Jequitinhonha, a atividade principal foi a mineração de ouro e diamantes; no Médio Jequitinhonha a ocupação deu-se com o lento avanço da pecuária pelo norte de Minas em direção ao nordeste do estado; no Baixo Jequitinhonha, começou com a abertura do rio Jequitinhonha para a navegação (SOUZA, 2010). Conforme esse autor, no Alto Jequitinhonha está concentrada alguma atividade mineradora tradicional da região, apesar da mudança provocada pela monocultura do eucalipto; no Baixo Jequitinhonha “predomina a pecuária e, no médio, um misto de agricultura, pecuária e mineração, inclusive da nova mineração de grafite, lítio e granito no circuito Araçuaí, Pedra Azul, Medina” (SOUZA, 2010, p.22).

O Alto Jequitinhonha agrega 20 municípios, dentre eles Diamantina, Capelinha e Itamarandiba, cidades mais populosas da região; o Médio Jequitinhonha é composto por 19 municípios, dos quais destacam-se pela população Araçuaí, Novo Cruzeiro e Itaobim e, do Baixo Jequitinhonha, com 16 municípios, Almenara e Jequitinhonha (MATOS; GARCIA, 2010).

Atualmente o Vale do Jequitinhonha tem aproximadamente 699.413 habitantes. A população varia de 4.204 habitantes em Couto de Magalhães de Minas e 45.880 em Diamantina. Do total da população do Vale do Jequitinhonha, 59,03% vive em área urbana e 40,97% em

área rural. A variação é bastante significativa, partindo de 25% de população urbana em José Gonçalves de Minas a 91,2% em Couto de Magalhães. A população de 15 a 29 anos somava 191.081 jovens— cerca de 27,32% da população do Vale do Jequitinhonha— com destaque para o município de Minas Novas, cuja população de 15 a 29 anos representa cerca de 32,2% do total de habitantes (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/IMRS, 2012)⁹.

O Índice de Desenvolvimento Humano Médio – IDHM no Vale do Jequitinhonha é de 0,65, variando de 0,57 em Monte Formoso a 0,75, em Diamantina. O IDHM Educação varia de 0,65 em Mata Verde e Monte Formoso a 0,85 em Datas e Diamantina. O IDHM Longevidade varia de 0,57 em São Gonçalo do Rio Preto a 0,76 em Berilo; em relação à renda, a variação do IDHM é de 0,46 em Monte Formoso a 0,67 em Diamantina.

No que tange à Educação, no Vale do Jequitinhonha, conforme Fundação João Pinheiro/IMRS (2012), no ano de 2010, 22,35% da população acima de 15 anos não era alfabetizada; o município que apresentou o menor índice de analfabetismo foi Gouveia, com 8,49%; a maior taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais foi registrada em Bandeira, com 30,6% de analfabetismo nessa faixa etária.

No Vale do Jequitinhonha, a taxa de frequência de crianças ao ensino fundamental é de 91,9%. Entretanto, 71,5% das crianças estavam frequentando a série do ensino fundamental adequada à faixa etária; no ensino médio, a taxa de frequência é de 45,6% e apenas 38,4% dos adolescentes frequentavam o ensino médio na série adequada à idade.

Em relação à formação dos professores, a média de professores do ensino fundamental residentes com ensino superior era de 10,80%, com variação partindo de 0,13%, em Serro a 32,57% em Diamantina.

No que diz respeito aos equipamentos culturais, o Vale do Jequitinhonha apresentou os seguintes indicadores: 06 museus, 09 teatros, 02 cinemas, 53 bibliotecas e 09 centros culturais, sendo que a maior concentração de equipamentos culturais encontram-se nas cidades de Almenara e Araçuaí.

⁹ Ano de referência, 2010.

2.4 Peculiaridades e indicadores sociais do Vale do Mucuri

“No Vale do Mucuri o mundo se encontra. No mais profundo do seu chão repousa a pedra mais preciosa. É, porém, na mente e no coração de sua gente que mora a preciosidade maior. De maneira muito clara e objetiva várias culturas se misturam para formar a característica cultural que hoje o Vale representa. O sangue europeu, com forte presença em Teófilo Otoni, encontra-se com o indígena presente nas bandas de Machacalis. Por todos os cantos, há forte influência baiana dos retirantes que vieram buscar água e trouxeram um pouco de África. Esse caldeirão fervente de sopa cultural faz do Vale do Mucuri um grande canteiro de produção artística. Artesanato, música, poesia e folclore misturam-se com a vida de seu povo” (Miguel Canguçu, 2010).

No Vale do Mucuri, a ocupação e integração nacional dá-se por um processo retardado em relação ao Vale do Jequitinhonha: somente em meados do século XIX (OLIVEIRA, 2009). Remete à fundação de Santa Clara, em 1852, o primeiro núcleo de ocupação da região do Mucuri, no estado de Minas Gerais. Nos primeiros anos, a região recebeu trabalhadores, boa parte escravos, para abrir a estrada que ligaria o porto até Filadélfia, atual Teófilo Otoni (ACHTSCHIN, 2009). A presença de povos indígenas (primeiros habitantes), escravos africanos, crioulos, pelo movimento migratório do Jequitinhonha, de alemães, chineses, belgas, suíços e franceses (OLIVEIRA, 2009; SOUZA, 2010) – de culturas e interesses antagônicos– demarcaram as principais características da população local.

Atualmente, o Vale do Mucuri abrange uma área de 20.132,59 km² a nordeste do estado de Minas Gerais. É composto por 23 municípios, com uma população total de 385.413 habitantes, dos quais 43,13% residem na área rural e 56,87% urbana, apresentando índice de população do campo muito superior ao índice nacional e estadual.

A distribuição populacional varia de 2.705 habitantes no município de Umburatiba, a 134.745 habitantes no município de Teófilo Otoni. No entanto, extraindo os dois municípios com maior contingente populacional na região– Teófilo Otoni e Nanuque, com 40.834 habitantes– a média de habitantes por município é em torno de 10 mil.

Em relação à população de 15 a 29 anos, estes somam 99.843 habitantes, representando aproximadamente 25,9% da população do Vale do Mucuri. O IDHM no Vale do Mucuri é 0,68, com variação de 0,57 em Setubinha a 0,74 no município de Teófilo Otoni; o IDHM Educação

varia 0,61 a 0,81 nos mesmos municípios; o IDHM Longevidade varia de 0,59 nos municípios de Bertópolis, Ouro Verde de Minas e Umburatiba a 0,75 em Pavão e Teófilo Otoni; em relação ao IDHM Renda, a variação é de 0,48 em Fronteira dos Vales a 0,68 em Nanuque.

No quesito educação, o Vale do Mucuri apresenta um percentual de 26,12% das pessoas de 15 anos ou mais não alfabetizadas. O município que apresentou o menor índice de analfabetismo nessa população é Teófilo Otoni, com 12,95%. Em Crisólita, foi identificado o maior índice de analfabetismo: 35% da população acima de 15 anos.

A taxa de frequência ao ensino fundamental é de 91,2%. Entretanto, o índice de frequência a esse nível de ensino na série adequada é de 68,25%. A taxa de frequência ao ensino médio é de 42,9% e o índice de frequência na série adequada nesse mesmo nível é de 35,7%.

No que diz respeito à formação dos professores, dados do Atlas do Desenvolvimento Humano (2000) indicam uma média de 11,97% dos professores do ensino fundamental com formação superior. Os índices variam de 0,57% em Águas Formosas e 38,31% em Itambacuri.

Em relação aos equipamentos culturais – conforme Fundação João Pinheiro/IMRS (2012) – no Vale do Mucuri existem apenas 01 museu (no município de Machacalis), 05 teatros, 22 bibliotecas (exceto no município de Pavão) e 04 Centros Culturais¹⁰ e não há cinemas.

2.4.1 O município de Teófilo Otoni

O município de Teófilo Otoni – MG abriga o Campus do Mucuri e foi fundado em 1853 por Theofilo Benedicto Otoni. Desde a sua fundação, constituiu polo do desenvolvimento regional.

Distante aproximadamente 450 Km da capital, o município é cortado pelas rodovias BR116 – que liga a região sul ao nordeste do Brasil –, e MG 418 – que liga o estado de Minas Gerais à BR 101 nos estados da Bahia e Espírito Santo.

Segundo o IBGE, Censo (2010), Teófilo Otoni–MG tem uma população de 134.745 habitantes. Destes, 82% residem na área urbana e 18% na área rural; 52% da população são mulheres, que constituem maioria na área urbana; na área rural, os homens são maioria. A maioria da população teófilo-otonense é de pessoas pardas, 61%; pretos são 11% e brancos 26%. Cerca de 25% da população são jovens de 15 a 29 anos. No ano de 2009, o Censo Escolar

¹⁰ Teófilo Otoni, maior município da região, não possui Centro Cultural.

registrou 24.401 matrículas no ensino fundamental e 6.053 no ensino médio. Em 2010, o Censo revelou que 4.100 pessoas cursavam o ensino superior no município.

O município constitui o maior centro Brasileiro de Beneficiamento e Comercialização de Gemas e o terceiro centro mundial¹¹, o que lhe rendeu o título de “Capital Mundial das Pedras Preciosas”. Aproximadamente 45% da população regional depende do setor de gemas. Em que pese significativo potencial econômico, o município apresenta um quadro social de profundas desigualdades. O rendimento médio mensal das pessoas de raça branca é de R\$ 1.408,00; dos pardos R\$ 814,00 e dos pretos R\$ 695. Aproximadamente 67,1% da população tem um rendimento mensal domiciliar per capita nominal de até ½ salário mínimo (BRASIL/IBGE, 2010).

O comércio local é diversificado (variedades, vestuário, móveis, ferragens, construção civil, alimentação, hipermercados etc.), com forte presença de comercialização agrícola. O município possui um Mercado Central, no qual são comercializados produtos típicos da região. Nesse mercado há um restaurante popular, que servia refeições a R\$ 2,00. Promessa de campanha do primeiro mandato (2005 – 2009) da então prefeita, Maria José Haueisen, o restaurante só foi inaugurado às vésperas da última eleição no município, em outubro de 2012. O Restaurante Popular foi fechado em janeiro de 2013, quando o prefeito eleito Getúlio Neiva, oposição ao governo anterior, assumiu o mandato.

O município dispõe de algumas praças públicas localizadas em bairros centrais. A principal – Praça Tiradentes – é conhecida por abrigar a maior população urbana de bichos-preguiça (animais característicos da mata atlântica), que habitam suas árvores centenárias. Nessa praça há um pequeno anfiteatro ao ar livre, no qual são realizadas diversas atividades culturais e um memorial da estrada de ferro Bahia-Minas, representado pela Maria Fumaça, um coreto e uma fonte luminosa musical. A cidade de Teófilo Otoni tem, ainda, uma praça de esportes, não tem cinema e o único teatro em funcionamento é privado.

Teófilo Otoni conta com cerca de oito grupos teatrais (dois universitários – UFVJM). Desde 2008 vem esboçando iniciativas de diferentes grupos culturais (música, dança, hip hop, teatro, poesia). Grupos musicais de vários estilos ganham atenção do público, os mais concorridos estão classificados como Axé; outros menos disputados trabalham com jazz, MPB, rock e música regional (SILVA; BENTO, 2008). Não há por parte do poder público política cultural nem ações ou projetos efetivos para o fomento à fruição e produção artísticas e

¹¹ Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2008).

culturais. Em 2011 essas iniciativas ganharam maior expressividade estimuladas, sobretudo por um movimento de valorização da identidade cultural do Vale do Mucuri. Nessa direção, a Campanha “Sou do Mucuri e me orgulho disso” iniciada na UFVJM promoveu, em parceria com artistas e produtores culturais locais, o I Sarau Cultural da UFVJM/Campus do Mucuri. Como continuidade das ações de valorização da identidade mucuriana, em dezembro de 2011 foi realizado o “I Beco das Cultura”, uma proposta de virada cultural no município, abarcando diversas expressões culturais que, em dezembro de 2012, terá sua segunda edição. Em junho de 2012 foi realizado o I Festival de Teatro de Teófilo Otoni – FESTTO, em comemoração aos 05 anos do Grupo In Cena de teatro, cuja proposta é de continuidade, visando a compor o calendário de eventos do município. Outras ações como mostras de cinema e saraus literários também vêm sendo realizadas com frequência no município, protagonizadas por jovens que, paulatinamente, vão contribuindo para a entrada da cidade no cenário cultural do estado de Minas Gerais.

2.5 A Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

A Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM foi criada em 2005 por meio da Lei 11.173 de 06 de setembro de 2005¹², oitenta e três anos após a criação da primeira universidade pública no estado, a UFMG.

A UFVJM é uma autarquia federal de ensino superior multicampi com sede em Diamantina e Campus em Teófilo Otoni – MG. Dentre as 11 Universidades Federais mineiras, é a única instalada na região nordeste do estado que oferece ensino presencial¹³ que visa a atender especialmente os Vales do Jequitinhonha e Mucuri, conforme se pode observar no Mapa a seguir:

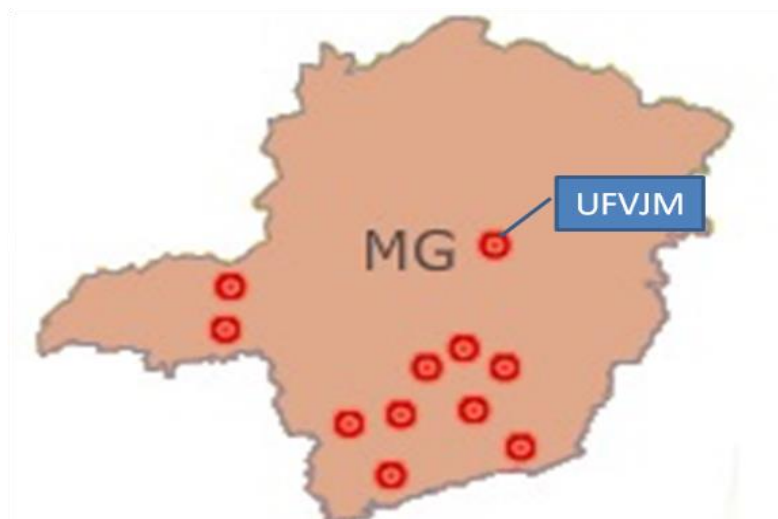


Figura 4– Distribuição espacial das Universidades Federais em Minas Gerais, 2011

Fonte: MEC, 2011

Com história recente na condição de Universidade, suas raízes remetem a 1953, com a fundação da Faculdade de Odontologia de Diamantina por Juscelino Kubitschek de Oliveira, que foi federalizada em 1960, transformando-se na Faculdade Federal de Odontologia de Diamantina – FAFEOD. Após 42 anos de existência como FAFEOD, em 2002 é alçada à condição de Faculdades Federais Integradas de Diamantina, oferecendo cursos nas áreas de

¹² Conforme ementa, a referida Lei “Transforma as Faculdades Federais Integradas de Diamantina em Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM e dá outras providências” (BRASIL, 2005).

¹³ A UFMG oferece cursos à distância no município de Teófilo Otoni desde o ano de 2005, antes da instalação do Campus da UFVJM.

Ciências Agrárias: Agronomia, Engenharia Florestal e Zootecnia; e Ciências da Saúde: Enfermagem, Farmácia, Nutrição, Fisioterapia e Odontologia.

Em 2005, foi elevada à condição de Universidade Federal no processo conhecido como “expansão I” do ensino superior público, que primou pela interiorização das universidades públicas, passando a oferecer, em 2006, treze cursos de graduação em Diamantina e cinco cursos de graduação em Teófilo Otoni, no Campus do Mucuri.

À época de sua instituição como Universidade, assumiu a reitoria na condição de Reitora Pró-tempore a professora Dra. Mireile São Geraldo dos Santos Souza. Em 2007, procedeu-se a primeira eleição para a reitoria da UFVJM, na qual foi eleito Reitor o professor Dr. Pedro Angelo de Almeida Abreu, reeleito por ampla maioria no processo eleitoral seguinte¹⁴.

Em 2008, com a adesão ao Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), ampliou a oferta de cursos tanto na sede, como no campus avançado. Em Diamantina foram criados 14 novos cursos e em Teófilo Otoni, 04. Atualmente a UFVJM oferta 32 cursos presenciais, dos quais 23 na sede e 09 no campus do Mucuri.

Em relação à estrutura administrativa, a UFVJM está assim organizada: Reitoria, Vice-reitoria e Gabinete da reitoria; Órgãos de deliberação superior (Conselho Universitário – CONSU e Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE); Pró-reitoria de Graduação – PROGRAD; Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – PRPPG; Pró-reitoria de Extensão e Cultura – PROEXC; Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis – PROACE; Pró-reitoria de Planejamento e Orçamento; Pró-reitoria de Administração – PROAD. Todas as pró-reitorias estão localizadas em Diamantina – MG.

Na sede, em Diamantina – MG, estão localizados os Campi I e JK, compostos pela Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde – FCBS, com os cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia, Ciências Biológicas e Educação Física– as duas últimas na modalidade Licenciatura–; Faculdades de Ciências Agrárias – FCA, com os cursos de Agronomia, Engenharia Florestal e Zootecnia; Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas – FACET, com Licenciatura em Química e Sistemas de Informação; Faculdade Interdisciplinar em Humanidades – FIH, com Licenciaturas em Geografia, História, Letras/Espanhol, Letras/Inglês, Pedagogia e os Bacharelados em Humanidades e Turismo; e o Instituto de

¹⁴ O referido Reitor, que na primeira eleição contara com o apoio de ampla maioria da comunidade acadêmica do Campus do Mucuri, após o primeiro mandato, não recebeu o mesmo apoio da comunidade acadêmica na segunda eleição, tendo perdido o pleito no Campus do Mucuri, sendo eleito pela ampla maioria de votos oriundos do Campus de Diamantina.

Ciência e Tecnologia – ICT, com os cursos de Ciência e Tecnologia, Engenharia de Alimentos, Engenharia Química e Engenharia Mecânica.

Em Teófilo Otoni, no Campus do Mucuri, estão localizadas a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas – FACSAB, com os cursos de Serviço Social, Ciências Econômicas, Administração, Ciências Contábeis e Licenciatura em Matemática; e o Instituto de Ciência, Engenharia e Tecnologia – ICET, com a oferta do Bacharelado em Ciência e Tecnologia – BCeT, Engenharia Civil, Engenharia de Produção e Engenharia Hídrica, os três últimos a partir do primeiro semestre de 2012.

Além dos cursos presenciais nos Campi de Diamantina e Teófilo Otoni, a UFVJM oferece o Programa de Licenciatura em Educação para o Campo – PROCAMPO e 04 cursos na modalidade Ensino à Distância – EAD: Licenciatura em Física, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Química e Bacharelado em Administração Pública, como polos nas cidades de Águas Formosas, Diamantina, Minas Novas, Nanuque, Padre Paraíso, Taiobeiras e Teófilo Otoni.

A UFVJM oferece, ainda, 09 Cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* nas áreas de Ciências Agrárias, Ciências Biológicas e da Saúde e Ciências Exatas, além de diversos cursos na modalidade *Lato Sensu*.

Em relação ao quantitativo da comunidade acadêmica da UFVJM, em 2011, os dados estavam assim distribuídos:

Quadro 2– Comunidade Acadêmica da UFVJM, por segmento, 2011

Segmento	População
Docentes	607
Discentes	10.578
Técnicos-administrativos	346

Fonte: UFVJM/PROGRAD, 2012.

De acordo com o Relatório de Ocupação de Vagas do ano de 2011/1 (UFVJM/PROGRAD, 2012), atualmente são ofertadas 1910 vagas nos 32 cursos presenciais. O ingresso aos cursos de graduação da UFVJM dá-se pelo Processo Seletivo de Avaliação Seriada – SASI, pelo Sistema de Seleção Unificada – SISU/ENEM, por transferência, reopção de curso e obtenção de novo título. Conforme Relatório de Gestão 2007–2011 (UFVJM/REITORIA, 2012), visando a consolidar a inclusão das comunidades dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri na UFVJM, foram direcionadas 50% das vagas ao SASI e 50% para estudantes que realizaram o ENEM, além da reserva de vagas para estudantes oriundos de

escolas públicas, na seguinte proporção: 40% para as vagas destinadas ao ENEM e 60% para as vagas destinadas ao SASI¹⁵.

Em que pese a reserva de vagas para estudantes oriundos dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, de acordo com o Relatório de Ocupação de Vagas nos Cursos de Graduação em 2011/1, cinquenta e cinco vírgula oito por cento (55,8%) dos estudantes ingressantes na UFVJM no primeiro semestre de 2011 são oriundos destes locais. Na Tabela 2 é possível observar o percentual de ocupação das vagas, conforme macrorregião mineira.

Tabela 2 – percentual de ocupação de vagas nos cursos de graduação, processos seletivos (ENEM E SASI) – 1º semestre de 2011.

Macrorregião mineira	Campus Diamantina	Campus do Mucuri	Total UFVJM
Noroeste de Minas	0,3	-	0,2
Campo das Vertentes	0,3	0,4	0,3
Central Mineira	6,3	1,2	4,9
<i>Jequitinhonha</i>	<i>48,4</i>	<i>15,2</i>	<i>39,3</i>
Metropolitana de Belo Horizonte	16,4	5,9	13,5
Norte de Minas	6,3	2,3	5,2
Oeste de Minas	1,8	1,2	1,6
Sul/Sudoeste de Minas	0,7	0,4	0,6
Triângulo Mineiro/Alto Parnaíba	0,9	-	0,6
<i>Vale do Mucuri</i>	<i>1,8</i>	<i>55,9</i>	<i>16,5</i>
Vale do Rio Doce	7,5	10,9	8,4
Zona da Mata	2,2	0,8	1,8
Outros Estados	7,2	5,9	6,8

Fonte: Adaptado do Relatório de Vagas 2011 da UFVJM.

Os principais cursos responsáveis por elevar o percentual de ocupação por estudantes dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri são aqueles nas áreas de Humanidades, com 69,4%; Ciências Sociais Aplicadas, com 77,4% e Bacharelado em Ciências e Tecnologia do ICTM, com 63,9%, os dois últimos do Campus do Mucuri.

As menores taxas de ocupação por estudantes oriundos dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri são observadas na Faculdade de Ciências Agrárias – FCA, com 32,8% e Instituto de Ciência e Tecnologia de Diamantina – ICT, com 30,2%. Um olhar mais apurado sobre os dados de alguns cursos específicos aponta uma ocupação ainda menor por esse público, revelando que mais de 70% das vagas de cursos de maior prestígio social e econômico– como Odontologia,

¹⁵ As provas do SASI são realizadas em 18 cidades dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e de áreas contíguas.

por exemplo– são ocupadas por estudantes oriundos de outras regiões: 20% da região central mineira, 16,7% da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 16,7% do Vale do Rio Doce e 16,7% de outros estados da federação, sendo que apenas 13,3% das vagas foram ocupadas por estudantes oriundos do Vale do Jequitinhonha e 3,3% do Vale do Mucuri.

2.5.1 O Campus do Mucuri

O campus do Mucuri, em Teófilo Otoni – MG, iniciou suas atividades no ano de 2006 num prédio cedido pela prefeitura municipal nas antigas instalações de um Centro de Atenção Integral à Criança – CAIC, às margens do rio Todos os Santos, no bairro Ipiranga, na região central do município.



Figura 5 – Vista da fachada da sede provisória do Campus do Mucuri
Acervo de Josué Machado Pereira

Com estrutura padronizada para o atendimento a crianças, o prédio sofreu adequações para que pudesse funcionar provisoriamente como estabelecimento de ensino superior. Nas instalações provisórias do Campus havia um prédio com salas de aula e biblioteca – com estrutura e acervo reduzidos – e um prédio de salas de administração, contendo ainda duas salas de reuniões e um auditório. Com o ingresso de novas turmas, a estrutura existente ficou insuficiente e algumas turmas passaram a ter aulas numa escola ao lado do CAIC. Essas salas

de aula eram compartilhadas por estudantes das séries iniciais no período diurno e estudantes do ensino superior no período noturno.

Nas instalações provisórias do campus não havia serviço de impressão, reprografia, nem acesso à rede de computadores e à internet pelo corpo discente; tampouco havia espaços de convivência, restaurante/lanchonete, o que contribuiu para a instalação de vendedores ambulantes na área externa do campus, situação que se repete na sede permanente, com exceção dos serviços de alimentação. O acesso ao Campus do Mucuri dava-se por veículo de passeio, motocicletas, bicicletas e/ou a pé e por ônibus fretados por estudantes de outros municípios. Não havia e não há, atualmente, linha de ônibus circular para aquela localidade.

Até o ano de 2008, no Campus do Mucuri, funcionavam apenas os cinco cursos noturnos. Em 2009, com a adesão da UFVJM ao REUNI, iniciou o Bacharelado em Ciência e Tecnologia – BCeT no período diurno com a oferta de 120 vagas semestrais. No início das atividades do referido curso, não havendo salas de aula para receber esse número de estudantes, as aulas eram ministradas no auditório, que não dispunha de estrutura adequada para as aulas. Como exemplo dessa inadequação, citamos o fato de a lousa ser disposta sobre cadeiras além de, diariamente, os trabalhadores dos serviços gerais terem que transportar cadeiras das salas de aula para o auditório, a fim de acomodar os estudantes e, antes do início das aulas do período noturno, retornar com as cadeiras para as respectivas salas de aula.

Em relação ao corpo docente, a história do campus foi marcada por alto índice de rotatividade de professores. Dentre o grupo docente que iniciou as atividades no campus, havia apenas 01 doutor; os demais eram mestres, especialistas e, inclusive, 01 graduado– todos concursados. Em virtude da necessidade de instituir uma diretoria no Campus– tendo em vista a escassez de doutores– foi designado um professor doutor do curso de Odontologia para exercer o Cargo de Direção da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas – FACSAE, o professor João Luiz de Miranda. Na ocasião, assumiu o cargo de vice-diretor o professor Marivaldo Carvalho que, ao término do mandato, solicitou remoção para o campus de Diamantina, para a Faculdade de Ciências Básicas da Saúde – FCBS. Até o final do primeiro semestre de 2009, cada curso contava com uma média de 05 professores, exceto os professores das disciplinas básicas.

Atualmente, o campus do Mucuri tem 95 professores, conforme quadro abaixo:

Quadro 3 – Quadro docente do Campus do Mucuri, conforme lotação

Departamento/Faculdade/Instituto	Graduado	Especialista	Mestre	Doutor	Pós-Dr	Total
Dep. de Administração	-	01	09	02	-	12
Dep. Ciências Contábeis e Jurídicas	02	02	08	-	-	12
Dep. Ciências Econômicas	-	-	07	02	-	09
Dep. Ciências Exatas	-	01	12	02	-	15
Dep. Interdisciplinar de Ciências Básicas	01	-	05	02	-	08
Dep. de Serviço Social	-	-	12	01	-	13
FACSAE	-	-	-	01	-	01
ICET	-	-	04	20	01	25
Total	03	04	57	30	01	95

Fonte: Adaptação atualizada UFVJM em números, UFVJM, 2013

No segundo semestre de 2009, as atividades do Campus do Mucuri passaram a ser desenvolvidas nas instalações da UFVJM, no bairro Jardim São Paulo, zona sul do município de Teófilo Otoni. O início das atividades se deu com o campus ainda em construção.



Figura 6 – Vista frontal parcial do Campus do Mucuri
Acervo pessoal, 2011.

No que diz respeito à estrutura física, no Campus do Mucuri, *locus* da nossa pesquisa, “dois prédios edificadas dão suporte provisório ao funcionamento dos cursos. São 2.000 m² de área construída contemplando salas de aula, laboratórios e demais dependências dos cursos [...], além do espaço administrativo. Outras edificações, com área total de 18.500m² estão em fase de construção nesse Campus” (UFVJM, 2012).



Figura 7 – Vista aérea do Campus do Mucuri
Acervo Diretoria de Comunicação Social – Campus do Mucuri, 2012.¹⁶

A biblioteca do Campus [1] conta com aproximadamente 5.000 títulos cadastrados, 18 mesas para estudo, 08 computadores para pesquisa ligados à rede mundial de computadores e 02 computadores para consulta do acervo.

No prédio de salas de aula [2] estão localizados, provisoriamente, os laboratórios de Química, Física e Biologia– com capacidade para 15 estudantes por aula¹⁷– e 03 laboratórios de informática, cujo uso é restrito às atividades de ensino. Também nesse prédio está localizada

¹⁶ Foto d equipe: Manno França - Assessor Especial, Coordenador de Geoprocessamento e Inteligência Espacial do Governo de Minas Gerais; Comandante Major PM Luiz Carlos Miranda de Menezes e Tenente PM Levina Márcia Morais Martins.

¹⁷ Referente à quantidade ideal de pessoas para o trabalho em laboratório com segurança. Importa ressaltar que para o curso que utiliza tais laboratórios, a entrada semestral é de 120 estudantes.

a sede da seccional do Diretório Central dos Estudantes – DCE. No hall do mesmo prédio existe o único restaurante/lanchonete do campus, local de grande aglomeração de estudantes nas horas vagas e/ou intervalos de aula.

O campus conta com um prédio [3] com instalações provisórias de gabinetes para as direções, coordenações de curso e departamentos, sala para projetos de extensão, sala de reuniões, duas salas para professores, sala para os cursos de Educação à Distância – EAD, 01 auditório com capacidade para 290 pessoas sentadas, 3 miniauditórios com capacidade para 150 pessoas sentadas (outros 02 encontram-se em construção) [4] e 01 prédio do Núcleo Integrado de Pesquisa – NIPE [5], com área construída de 600 m², em fase de acabamento encontravam-se os prédios da FACSAE [6] e do ICET [7], o primeiro com estrutura de gabinetes para professores, coordenações e direção e o segundo com a mesma estrutura, acrescentando-se a estrutura de laboratórios de ensino e pesquisa. O campus conta, ainda, com um almoxarifado central [8]

O Restaurante Universitário – RU [9] está em fase de construção; não há espaços de convivência social nem tampouco de lazer; o ginásio de esportes [10] encontra-se em fase de construção, entretanto, a obra está embargada; não há moradia estudantil universitária (ambos encontram-se previstos no Plano Diretor do Campus). Até meados do ano de 2012 não havia pavimentação do acesso viário ao Campus, situação que foi parcialmente resolvida com capeamento asfáltico.

Em que pese as obras de instalação do campus não tenham sido concluídas– o que gera relativa precariedade nas condições de desenvolvimento das atividades– recentemente o Ministério da Educação aprovou a criação de um curso de Medicina no campus.

2.5.2 Programas acadêmicos

De acordo com informações obtidas no sítio da UFVJM, a Pró-reitoria de Graduação é responsável pela Política de Ensino de Graduação da universidade. Todavia, essa política é inexistente no âmbito da UFVJM. Há, no entanto, um conjunto de programas em desenvolvimento que visam a oferecer apoio pedagógico, dentre os quais destacamos:

- Programa de Apoio ao Ensino de Graduação – PROAE – que visa a “estimular e apoiar a apresentação de projetos que resultem em ações concretas para a melhoria das condições de oferta dos cursos e componentes curriculares de

graduação, intensificando a cooperação acadêmica entre discentes e docentes através de novas práticas e experiências pedagógicas e profissionais”;

- Programa de Apoio à Participação em Eventos – PROAPE– é um programa de “fomento à participação de discentes dos cursos de graduação em eventos acadêmicos-científicos-culturais, nacionais e internacionais, como: congressos, simpósios, seminários e similares, considerados importantes para a integração do ensino, pesquisa e extensão”, por meio da concessão de auxílio financeiro para subsídio parcial ou total de despesas com a “inscrição, hospedagem e transporte de estudantes participantes de eventos com apresentação de trabalhos”;
- Programa de Monitoria que visa a “proporcionar aos discentes a participação efetiva e dinâmica em projeto acadêmico de ensino, no âmbito de determinada disciplina ou conjunto de disciplinas, sob a orientação direta do docente responsável pela mesma”. O monitor tem acompanhamento de um professor-orientador e a monitoria poderá ser remunerada ou voluntária. Em 2011, segundo o Relatório de Gestão da UFVJM, foram ofertadas 280 bolsas de monitoria.
- Programa de Mobilidade Estudantil – PME, que “possibilita aos acadêmicos cursarem disciplina em outras Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) conveniadas sem perder o vínculo de origem”;
- Programa de Mobilidade Internacional – PMI, em duas modalidades: Programa Ciência Sem Fronteiras, que “busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional de estudantes e pesquisadores de graduação e pós-graduação” e Programa Mobilidade Mercosul, que busca “contribuir para o desenvolvimento da mobilidade de estudantes, impulsionando a cooperação interinstitucional e promovendo a dimensão social e educativa da integração regional”. Ambos os programas oferecem “mensalidade de bolsa, auxílio instalação, passagens aéreas e seguro saúde”;
- Programa de Educação Tutorial – PET, “busca propiciar aos alunos de graduação, sob a orientação de um professor tutor, condições para a realização de atividades extracurriculares. As atividades extracurriculares que compõem

o Programa têm como objetivo garantir aos alunos do curso oportunidades de vivenciar experiências não presentes em estruturas curriculares convencionais”.

2.5.3 Política de pesquisa e Iniciação Científica na UFVJM

A política de pesquisa da UFVJM é coordenada pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Há uma Diretoria de Pesquisa, que tem como objetivos “incentivar as iniciativas de pesquisa na instituição, buscar condições para o desenvolvimento de pesquisas, incentivar a formação de grupos de pesquisa, coordenar os Programas de Iniciação Científica, juntamente com a Comissão de Iniciação Científica Institucional e estabelecer uma política de apoio à pesquisa junto aos órgãos financiadores de projetos de pesquisa”. Semestralmente são publicados editais de fomento à iniciação científica, com financiamento no valor de R\$ 3.000,00 e 01 bolsa de iniciação científica para o estudante de graduação que for selecionado. Não há muitas informações disponíveis sobre a iniciação científica na UFVJM.

2.5.4 Extensão e Cultura

As políticas de extensão e cultura da UFVJM são coordenadas pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura – PROEXC. A primeira objetiva “ampliar e aprofundar as relações entre a UFVJM e outros setores da sociedade, em especial a dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, objetivando contribuir com alternativas de transformação da realidade, no sentido da melhoria das condições de vida e do fortalecimento da cidadania”. Para a consecução desse objetivo, são desenvolvidos programas, projetos e eventos de extensão fomentados pelo Programa Institucional de Bolsa de Extensão – que, por meio de edital, seleciona projetos a serem financiados no valor de R\$ 3.000,00 e 01 bolsa de extensão para o estudante extensionista; os programas são financiados no valor de R\$ 9.000,00 e são concedidas 03 bolsas de extensão.

A política cultural da UFVJM tem por diretriz “atuar no desenvolvimento e valorização da arte e cultura na UFVJM e nas diversas regiões de abrangência da universidade”. Nesse sentido, desde 2012 a PROEXC tem trabalhado com o Edital do Programa de Bolsas de Apoio à Cultura e à Arte – PROCARTE, que objetiva apoiar projetos dessa natureza.

Anualmente são ofertadas cerca de 100 bolsas de extensão (incluído o PROCARTE). O Campus do Mucuri tem forte participação na extensão universitária da UFVJM. Em 2010, a FACSAB desenvolvia 21 projetos de extensão e 01 programa, outros dois projetos eram desenvolvidos pelo ICET; no mesmo ano foram ofertadas, no geral, 82 bolsas de extensão

(UFVJM, RELATÓRIO DE GESTÃO, 2011). No ano de 2013 foi publicado o primeiro edital conjunto da PROEXC e PRPPG para projetos de extensão em interface com a pesquisa.

A PROEXC é responsável, ainda, pelo Centro de Idiomas (01 unidade em Diamantina e 01 unidade em Teófilo Otoni) em parceria com a Fundação Diamantinense de Apoio à Pesquisa, Ensino e Extensão – FUNDAEPE, com oferta de cursos dos seguintes idiomas: inglês, espanhol, alemão, italiano e francês. No Campus do Mucuri, atualmente, são ofertados apenas os cursos de inglês e espanhol. Os cursos são pagos.

2.5.5 Política de Assistência Estudantil da UFVJM

A Política de Assistência Estudantil da UFVJM é desenvolvida pela Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis – PROACE. Essa Pró-reitoria tem por finalidade “propor, planejar e executar ações de assistência e promoção social, bem como de saúde, dirigidas à comunidade acadêmica”. A PROACE está organizada em duas diretorias: Diretoria de Assistência Estudantil – DAE e Diretoria de Assuntos Comunitários e Estudantis – DACE. Em 2012 foi criada uma Diretoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários e Estudantis no Campus de Teófilo Otoni – DECACE.

O Programa de Assistência Estudantil – PAE é executado pela DAE e visa a “favorecer a permanência e, por conseguinte, a conclusão do curso dos discentes matriculados em um dos cursos de graduação oferecidos pela UFVJM que se encontram em situação de vulnerabilidade” (DAE, 2013). Na UFVJM o PAE é desenvolvido nas seguintes modalidades:

- Auxílios: com a finalidade de auxiliar o custeio das despesas relacionadas às necessidades básicas dos discentes e as despesas provenientes das atividades acadêmicas; (auxílio alimentação, auxílio transporte, auxílio xerox no valor de R\$100,00– sendo que este último não é repassado em espécie– e auxílio creche para estudantes com filhos até 06 anos, por meio de reembolso no valor de até R\$ 250,00).
- Bolsa estudantil (bolsa permanência): com o objetivo de auxiliar no custeio das despesas relacionadas à permanência na UFVJM. Essa bolsa é ofertada em duas modalidades: bolsa acadêmica, para os estudantes dos períodos iniciais, com o intuito de oferecer condições de preparação para a vida acadêmica por

meio de orientação profissional e pedagógica¹⁸; e bolsa atividade, na qual o bolsista exerce uma atividade em contrapartida à bolsa, cumprindo carga-horária de 12 horas semanais na universidade ou em outro órgão público, no caso de estudantes residentes em cidades que não a do Campus. Atualmente o valor da bolsa permanência é de R\$ 350,00. Considerado o índice de vulnerabilidade socioeconômica do estudante, poderá ser complementada com os “auxílios” referidos anteriormente; todavia, não poderá ser cumulada com qualquer outra bolsa (monitoria, iniciação científica, extensão) ou atividade remunerada.

De acordo com a previsão legal, o PAE deveria seguir as diretrizes do Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES (Decreto 7.234 de 19/07/2010) e do Decreto 7.416 de 30/12/2010 que regulamenta a concessão de bolsas para atividades de ensino e extensão universitária. Todavia, conforme observamos no regulamento do PAE, esse programa não abrange as áreas elencadas no PNAES:

Art. 3º – O PNAES deverá ser implementado de forma articulada com as atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando o atendimento de estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de ensino superior.

§1º As ações de assistência estudantil do PNAES deverão ser desenvolvidas nas seguintes áreas:

I - moradia estudantil;

II - alimentação;

III - transporte;

IV - atenção à saúde;

V - inclusão digital;

VI - cultura;

VII - esporte;

VIII - creche;

IX - apoio pedagógico; e

X - acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação.

(BRASIL, Decreto 7.234 de 19/07/2010)

¹⁸ No Campus do Mucuri não há acompanhamento pedagógico dos estudantes. A DAE no Campus do Mucuri conta com 01 assistente social, 01 psicóloga e 01 dentista que desenvolve outras funções porque não há estrutura para realizar a função ao qual foi designado.

No Campus do Mucuri, o PAE é restrito às ações previstas nas alíneas II, III, IV (com oferta de serviço de psicologia) e VIII, que são desenvolvidas de forma paliativa. Aliado a isso, a implementação do PAE não se dá de forma articulada com as atividades de ensino, pesquisa e extensão: por exemplo, um bolsista permanência não pode desenvolver suas atividades como extensionista ou na iniciação científica. O PAE também não atende, dentre outras coisas, o art. 2º do Decreto 7.416 de 30/12/2010 que diz: “As bolsas de permanência e de extensão serão pagas mensalmente e adotarão como referência os valores das bolsas correspondentes pagas pelas agências oficiais de fomento à pesquisa” que, conforme tabela do CNPQ/2013 é de R\$ 400,00.

CAPÍTULO III

FOTOGRAFIAS 3X4: CONDIÇÃO JUVENIL E TRAJETÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS ESTUDANTES ANTES DO INGRESSO NA UFVJM

O título deste capítulo remete a um trecho do filme “O fabuloso destino de Amelie Poulain” (2001), no qual a personagem Amelie encontra um álbum de fotografias 3X4 de pessoas desconhecidas. O álbum é composto de retratos anônimos rasgados, cuidadosamente reconstituídos pela personagem Nino. Os retratos têm em comum o lugar de origem: todos foram encontrados no lixo ou sob a máquina de fotografias instantâneas na estação de metrô. Um enigma envolve o álbum de fotografias, que é a frequência repetitiva de fotos de um anônimo, sobre o qual Amelie constrói diferentes hipóteses, as quais são refutadas ao descobrir sua verdadeira origem, após meticulosa investigação.

Neste capítulo, assim como no filme, buscamos construir um imaginário álbum fotográfico sobre a condição juvenil e estudantil de universitários do campus do Mucuri com retratos¹⁹ (re)constituídos a partir de relatos de fragmentos de histórias de jovens estudantes, além de outros materiais empíricos provenientes das observações de campo e aplicação de questionários.

3.1 Dois Vales, várias histórias: retratos de famílias do Mucuri e Jequitinhonha

Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana, em discurso proferido na Conferência da TED²⁰, sobre “o perigo da história única”, advertiu: “mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidas vezes e será o que ele se tornará”. Nas palavras de Chimamanda, “é assim que se cria uma história única” e “é impossível falar de história única sem falar de poder”.

Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a

¹⁹ A terminologia “retratos”, nesta tese, é utilizada figurativamente, com o significado etimológico de “representação da imagem de uma pessoa real, pelo desenho, pintura, gravura etc., ou pela fotografia” (CUNHA, 1999). Não está imbuída, portanto, do sentido metodológico presente em Lahire (2004) de Retratos Sociológicos, uma vez que não reproduzimos nesta pesquisa o percurso metodológico inaugurado pelo referido autor.

²⁰ TED é uma fundação privada, sem fins lucrativos, criada em 1984 com o objetivo de promover conferências para disseminação de ideias. “Em seus encontros, personalidades, escritores e pesquisadores contam sobre suas ideias em diversos aspectos que tocam o social como um todo, envolvendo os três ‘mundos’ que guiam o nome do evento” (ALVES; ALVES, 2011). Disponível em: www.bocc.ubi.pt.

história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. [...]A ‘história única cria estereótipos’. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história (ADICHIE, 2009).

Refletindo sobre as palavras da escritora, bem como sobre os sujeitos e o objeto da nossa pesquisa e sua relação com o lugar de origem, fazemos o seguinte questionamento: qual história das famílias populares dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri tem sido contada repetidas vezes? Qual história dos processos de escolarização dos jovens do Jequitinhonha e Mucuri tem sido contada com frequência? Qual estereótipo dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri tem sido veiculado local, regional, nacional e internacionalmente? Quem contou e quem conta a(s) história(s) dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri? A fim de não correremos o risco de perpetuarmos “a história única” dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como recurso metodológico, optamos por reproduzir *ipsis litteris* fragmentos dos relatos das histórias das famílias dos jovens pesquisados, contadas pelos próprios jovens, visando a apresentarmos alguns elementos indispensáveis à compreensão das suas trajetórias de escolarização e estratégias de acesso e permanência no ensino superior²¹.

Os retratos a seguir apresentados dizem respeito a um grupo específico de jovens estudantes do Campus do Mucuri, mas poderiam ser de quaisquer estudantes desta e de outras universidades e são, de fato, fragmentos de história que se assemelham a histórias de muitos outros jovens estudantes. Nosso desafio consiste, portanto, em apreender, a partir do relato de histórias singulares, a relação existente entre o singular e o universal e entre o particular e o geral, a fim de analisarmos o modo como os jovens estudantes vivenciam a vida universitária e as repercussões deste presente vivido nas suas projeções de futuro nos marcos da sua condição juvenil.

3.1.1 Liberdade Livre

Liberdade Livre é uma jovem negra de 30 anos, solteira, sem filhos, cantora de música popular e, atualmente, é estudante do curso de Serviço Social da UFVJM. Liberdade Livre viveu sua adolescência e parte da juventude no município de Vila Velha, no Espírito Santo. Sua trajetória é marcada pelo trabalho precoce, pela discriminação racial, pela luta para manter os estudos, pela passagem pelo noviciado em uma congregação Franciscana de *Bonlanden*, pela

²¹ Neste item, apenas reproduziremos as falas dos entrevistados a fim de possibilitarmos ao leitor uma aproximação com alguns aspectos das histórias familiares dos jovens. A análise dar-se-á de forma transversal ao longo desta tese.

saída da congregação, pela atuação junto aos movimentos sociais, pelo ingresso à universidade, pela construção de sua identidade de gênero e étnico-racial, pela música, dentre outros acontecimentos. Sua trajetória escolar foi, a maior parte, em escola pública, sendo parte dela realizada no estado do Espírito Santo. À época da entrevista, residindo em Teófilo Otoni, prestava consultoria a municípios na área de elaboração de projetos culturais e de agricultura familiar²².

A família de Liberdade Livre

Meu pai é da Paraíba, nascido na Paraíba, criado na Paraíba. Não conheceu o pai dele, minha avó, por parte dele, teve 10 filhos, alguns morreram e hoje eles são 04 irmãos. Minha avó por parte de pai já é falecida. Meu pai foi para o Rio de Janeiro, na década de 60, final da década de 60, começo da década de 70. Minha mãe é do município de Novo Cruzeiro, do Quilombo de Queixada, que é um distrito de Novo Cruzeiro, que é um Quilombo. O pai dela morreu quando ela era muito nova e ela morou lá até os 13 anos e veio trabalhar como empregada doméstica aqui em Teófilo Otoni. Depois de um tempo ela foi para o Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro conheceu meu pai. Ela também foi trabalhar no Rio de Janeiro como empregada doméstica. Meus pais são analfabetos, não têm nenhuma escolaridade.

Eu não fui uma gravidez desejada, não estava nos planos deles. Quando minha mãe me teve, quando ela ficou grávida, meu pai trabalhava na obra, dormia na obra e minha mãe dormia na casa da família que ela trabalhava como empregada doméstica e eles só se encontravam final de semana. Quando ela me teve, meu pai não queria mesmo, ele queria uma estrutura blá-blá-blá, essas coisas. Foi muito um querer da minha mãe, me ter. [...] [Quando eu tinha] 15 dias meu pai teve que sair daqui para ir embora para o Rio de Janeiro porque não tinha condições de ficar aqui, tamanho era o desemprego. Quase tive hipotermia em São Paulo, por causa do frio que a gente passou quando foi para lá, porque a gente não tinha condições. Minha mãe deixava de comer para dar comida para a gente, porque não tinha...

Eu tenho uma irmã de sangue, 04 anos mais nova do que eu, que não liga muito para essa questão de ser estudante, apesar de ela ser muito mais inteligente, nunca ligou muito para essa questão do estudo, depois de jovem. Tenho uma irmã caçula, adotiva, que, na verdade, é minha prima de segundo grau e ela também não estuda.

²² Logo após a realização da entrevista, o contrato estabelecido entre a prefeitura na qual prestava consultoria foi rescindido. Atualmente Andréia se mantém com recursos provenientes da assistência estudantil.

3.1.2 Luiz Paraíso

Luiz é um jovem de 21 anos, nascido na cidade de Padre Paraíso, no Vale do Jequitinhonha. Luiz cursa o Bacharelado em Ciência e Tecnologia e é o primeiro universitário da família com perspectivas de concluir um curso superior (previsão maio/2013). Assim que concluir o Bacharelado, pretende continuar os estudos cursando Engenharia Química no campus de Diamantina. O jovem cursou e concluiu o ensino médio no período noturno. Ao ingressar na universidade, inicialmente, continuou residindo e trabalhando em sua cidade natal. O percurso diário iniciava por volta de 3h da manhã. Após dois meses de idas e vindas, as exigências do curso diurno integral e as condições de articulação trabalho/estudo impossibilitaram sua continuidade no mercado de trabalho. Nesse período, então, mudou-se para Teófilo Otoni e passou a morar na Casa do Estudante²³, onde residiu por aproximadamente dois anos. À época da entrevista Luiz dedicava-se exclusivamente à universidade, desenvolvendo atividades, recebendo bolsa de iniciação científica e auxílio manutenção, os quais constituíam sua única fonte de subsistência.

A família de Luiz

Pai é comerciante e mãe é cabeleireira. Pai tem a loja dele e também vende fumo. Eu tenho mais duas irmãs: uma adotiva e uma irmã biológica mesmo, com meu pai e minha mãe. Só que pai tem mais dois filhos antes de mãe e mais duas filhas depois de mãe. [...] são separados. [Pai] fez até o terceiro ano do ensino médio. Mãe fez até oitava série.

Eu tenho um irmão, antes do casamento com minha mãe, são dois irmãos. Um terminou, o outro eu não faço a mínima ideia. Terminou o ensino médio. O outro eu não faço a mínima ideia. Eu não tenho muito costume com eles, então... [...] Minha irmã, minhas duas irmãs terminaram o ensino médio. A minha irmã que é biológica começou a fazer ensino superior, porém não terminou... porque não tinha condições de pagar. [...] Minha outra irmã casou, então... E as [outras] duas, de depois do casamento com mãe, acho que estão no fundamental.

23 A “Casa do Estudante” é um projeto pessoal do médico e vereador Jean Freire, do município de Itaobim - MG, que, com o salário proveniente da vereança, mantém o aluguel de uma casa no município de Teófilo Otoni, na qual residem estudantes oriundos do Vale do Jequitinhonha que cursam o ensino superior na cidade e não têm condições financeiras de manter moradia no município.

3.1.3 Kim Xavier

Nascida e crescida em Itaobim, no Vale do Jequitinhonha, Kim Xavier mudou-se para Teófilo Otoni para estudar quando passou no vestibular, em 2008. Com 22 anos na época da entrevista, estava prestes a se formar no curso de Serviço Social. Kim Xavier realizou toda a sua trajetória escolar em escola pública e não precisou trabalhar durante o ensino médio. Na universidade, participou de um projeto de arte marciais, a partir do qual desenvolveu suas aptidões esportivas. Competitiva, atualmente a jovem atleta é faixa preta internacional em Taekwondo, campeã nacional e estadual e se prepara para a possibilidade de representar o Brasil nas Olimpíadas de 2016. Além disso, Kim Xavier prepara-se para prestar concurso público, pois precisa de um emprego estável para garantir a continuidade de sua carreira de atleta.

A família de Kim Xavier

Meus pais são de uma família humilde. Eu venho de uma zona rural. A minha mãe faleceu faz menos de 1 ano. Eu tenho três irmãs que moram em São Paulo e dois irmãos que moram em Itaobim. A minha irmã está morando com meu pai agora. Ele se mudou para a cidade devido ao falecimento da minha mãe. Sempre que eu posso, eu vou lá. A minha mãe chegou até dar aulas quando ela estava numa comunidade que demandava professores. Agora, o meu pai, a escolaridade dele foi mínima. Ele fez somente o básico para saber ler e fazer coisas básicas mesmo. [...] Trabalhavam com agricultura familiar. O meu pai fazia entrega de leite para uma firma das cidades vizinhas mesmo. A minha mãe era mais do lar. Ela mexia com costuras também. Ela fazia por encomendas e assim a gente ia levando.

[Meus irmãos] Todos concluíram o ensino médio e eu tenho duas irmãs que, uma fez pedagogia e a outra fez o curso técnico de estética [...]em instituições particulares em São Paulo. (Kim Xavier, 22 anos)

3.1.4 João de Oliveira

João é um jovem de 23 anos, estudante do Curso de Ciências Contábeis, nascido em Salto da Divisa, no Baixo Jequitinhonha. João vivenciou o trabalho infantil na pele: desde os quatro anos trabalhava para auxiliar nas despesas familiares. Em sua cidade de origem não tinha perspectiva futura. Ainda criança ingressou em um projeto social coordenado por irmãs Dominicanas, na ONG *Esperanza Brasil*, de cunho educacional. Durante o ensino médio, trabalhava como auxiliar administrativo na ONG. O jovem mudou para Teófilo Otoni para ingressar na UFVJM. Sem condições de se manter na cidade, começou a trabalhar na linha de produção em um frigorífico. O trabalho não tinha relação alguma com o curso de graduação

realizado. Um tempo depois do início da faculdade, foi contemplado com apoio financeiro do projeto social suíço, o que lhe permitiu se dedicar exclusivamente à formação.

A família de João

Meu pai já faleceu. Faz algum tempo, em 2007/2, na conclusão do ensino médio. Ele trabalhava na cidade, era uma das principais rendas que a gente tinha na família, era o único que era assalariado, recebia um salário. Ele trabalhava como coveiro, uma das principais profissões dele durante 13 anos. A principal referência que tenho em relação a pai foi com relação a isso. Ele também chegou a se demitir da prefeitura, tinha questões de ele se envolver com alcoolismo, problemas alcoólatras. [...] não tinha perspectiva, por mais que era uma profissão que ele gostava, ele fazia com prazer, ele era alcoólatra [...]. Depois veio a questão do MST, a inserção do MST na minha cidade, ele ingressou no MST, ele começou todo esse processo de luta, a princípio meio sem entender o porquê, mas achando uma ideia bacana, uma ideia legal! Nossa, vamos acampar, vai ter terra, toda a conjuntura do MST, para ele, foi uma coisa boa, porque ele reduziu o alcoolismo, ele começou a ocupar mais a mente dele. Minha mãe, a principal função dela era dona de casa e lavadeira, uma das lavadeiras do Rio Jequitinhonha. Logo após o falecimento do meu pai, eu sou de uma família de mais 3 irmãos, então, a gente sempre fazia alguma coisa, o pouco que a gente tinha dava pra gente sobreviver. Hoje eu não tenho meu pai presente, mas tenho minha mãe, que depois de outros processos, como ele havia trabalhado na prefeitura por um longo tempo, coisa e tal, posteriormente, alguns anos, conseguimos que minha mãe fosse pensionista, passou a receber esse recurso e hoje ela sobrevive desse recurso da pensão do meu pai.

Meu pai sabia mal e mal escrever o nome dele. Acho que já frequentou o pré, praticamente. Minha mãe fez até a quarta série, uma boa quarta-série, ela sabe coisas, assim, o que ela aprendeu, ela aprendeu, até a quarta série. Se você vê os conhecimentos dela, para o nível que ela estudou, você vê, nossa, está ótimo.

Meus irmãos... na verdade, atualmente eu também faço parte de um projeto, que é um projeto Suíço, “jovens com futuro”, no qual eu também tive o privilégio de ter duas irmãs inseridas neste projeto. A primeira, minha irmã Lidiane, foi inserida neste projeto, ela estudou aqui em Teófilo Otoni, formou aqui em Teófilo Otoni, enfermagem. Recentemente também teve a minha outra irmã, a Cristiane, formou em Nutrição. [...]Eu tenho um irmão mais velho, que mora em Eunápolis, uma cidade próxima de Salto da Divisa, [...] atualmente está trabalhando como segurança de um banco. [...]Meu irmão estudou até o ensino médio, ele foi da família, o único que não teve tanto interesse de estudar. Ele é o mais velho, ele sempre falou, sempre teve mais dificuldade, às vezes começou, depois parou, depois voltou de novo.

3.1.5 Aline Oriente

Aline é uma jovem de 22 anos, natural de Novo Oriente de Minas, no Vale do Mucuri, e é estudante do curso de Engenharia Civil. A jovem estudante iniciou sua trajetória escolar

numa escola reunida na zona rural de onde é proveniente. Da quinta até a oitava série estudou em outro distrito, pois não havia escola com este nível de ensino na zona rural. O ensino médio ela cursou em uma ONG na zona urbana de Novo Oriente, a qual era mantida por uma congregação. Desde o ensino médio sua rotina escolar não lhe proporcionava muito tempo livre, pois realizava um curso técnico em agropecuária concomitantemente. Para se manter na universidade, Aline conta com o apoio de familiares e também com os recursos provenientes da assistência estudantil.

A família de Aline

[Meus pais] moram na zona rural, num sítio. Antes a gente vivia de algumas atividades de agricultura familiar e pecuária, algumas coisas que mãe fazia e vendia. Atualmente eles são aposentados rurais. Então, cada um recebe um salário mínimo. [...] Meus pais... na época que eles estudavam eu acho que não tinha escola lá na roça. Aí, era tipo em módulos, então não era seriado, assim. Aí eles estudaram mais módulos mesmo. Eles são alfabetizados, mas não saberia dizer qual série eles fizeram.

Tenho sete irmãos. [...] meus irmãos mais velhos só estudaram até a... alguns só até a quarta série, porque lá não tinha ensino de quinta à oitava série. Então, eles saíam para estudar fora ou trabalhar. Tenho mais uma irmã que fez faculdade e a maioria dos meus irmãos terminaram o ensino médio. Ela fez em escola privada só que com bolsa do PROUNI, integral. Ela fez a licenciatura e depois o bacharelado. [...] Minhas irmãs, algumas trabalham como dona de casa, outra doméstica... e tem a minha irmã que é formada que trabalha em escolas e ONGs lá na cidade que ela mora, em São Sebastião, SP. [Ela foi] para trabalhar, a princípio. Depois ela estudou também.

3.1.6 Gilson Oliveira

Gilson é um jovem de 27 anos, natural do Vale do Jequitinhonha, da cidade de Jordânia. Após iniciar e trancar três faculdades de diferentes áreas, atualmente cursa Odontologia no campus de Diamantina. Seu ingresso na UFVJM foi, inicialmente, pelo curso de Serviço Social, no campus do Mucuri. Sua trajetória escolar foi toda em escola pública. Começou a trabalhar aos 16 anos na Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia e, posteriormente, numa empresa de telecomunicações. No início da juventude, por iniciativa própria, experimentou drogas psicoativas, das quais tornou-se dependente. Após um período de internação para desintoxicação, o jovem passou a prestar o ENEM seguidamente, tendo sido aprovado em todas as tentativas e alcançando oito primeiros lugares em oito universidades federais. No ano de 2012, a nota obtida por Gilson no ENEM possibilitou-lhe ingressar no curso

de Odontologia da UFVJM no campus de Diamantina, para onde se mudou a fim de cursar a nova graduação. Desde o ingresso na UFVJM, Gilson dedica-se exclusivamente aos estudos.

A família de Gilson

Sou filho de professora pública, pai não declarado e sempre estudei em escola pública. [...]Minha mãe é bióloga, formada e pós-graduada pela PUC-MG. Meu pai médico veterinário formado pela UFMG²⁴. Minha irmã, Raquel, faz Nutrição na UNIPAC, em Teófilo Otoni. Minha família em geral é constituída por comerciantes, fazendeiros. Minha mãe também possuía uma fazenda lá na minha cidade e duas casas lá também... Sempre tivemos uma condição econômica estável. A fazenda foi vendida e compramos uma casa em Teófilo Otoni. Hoje minha mãe está em vias de se aposentar e meu pai continua trabalhando na Bahia.

3.2 Condição juvenil: trabalho precoce, trajetórias de escolarização e sociabilidade

Conforme vimos em capítulo anterior, ser jovem é estar numa relação material e simbólica com o mundo (SOUSA; DURAND, 2002). Assim como as histórias dos jovens entrevistados – longe de se constituir como categoria homogênea – a juventude concretiza-se de formas diversas. Contribuem para esta heterogeneidade as condições sociais, econômicas, culturais, de gênero, regionais e geográficas que permeiam este “estar no mundo”.

Os jovens aqui retratados têm em comum o fato de serem estudantes universitários oriundos essencialmente dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. De um modo geral, são jovens que gostam de encontrar os amigos, namorar, assistir à TV, viajar, ouvir música, ir a shows musicais, ir a reuniões de caráter religioso, entre outras.

Tendo em vista a idade de ingresso desses jovens no ensino superior, no que se refere à abordagem acerca da sociabilidade juvenil e trajetórias de escolarização, é necessário esclarecermos que se trata de um jovem em transição entre a adolescência e a juventude, o qual se desenvolve no jogo que se produz entre as instituições próprias do mundo adulto – família, escola, meios de comunicação – e as instituições próprias do mundo dos jovens – grupos de pares, culturas juvenis, redes sociais virtuais (URRESTI, 2011, p.43)²⁵.

²⁴ Gilson conheceu seu pai biológico na adolescência.

²⁵ Tradução livre.

3.2.1 O lugar social dos jovens estudantes

O lugar social dos jovens determina, em parte, os limites e as possibilidades com os quais constroem uma determinada condição juvenil (DAYRELL, 2007),

a vivência da juventude nas camadas populares é dura e difícil: os jovens enfrentam desafios consideráveis. Ao lado da sua condição como jovens, alia-se a da pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro (DAYRELL, 2007, p.1.108).

A garantia da sobrevivência pessoal e familiar em contextos como os do Vales do Jequitinhonha e do Mucuri – de exacerbada desigualdade social e econômica – impele grande parte dos jovens à inserção precoce no mercado de trabalho, desenvolvendo atividades em condições precárias, com baixa ou nenhuma remuneração, as quais Machado Pais (2005) denominou “ganchos e biscates” para “ganhar o tacho”, que delimitam suas experiências e seu campo de possibilidades.

3.2.2 A inserção precoce no mercado de trabalho: articulação trabalho/escola

As trajetórias de Liberdade Livre, João e Luiz são marcadas pela inserção precoce e precária no mercado de trabalho. Os dois primeiros evidenciam estratégias comuns a muitas famílias em situação de pobreza de utilizar o maior número possível de membros da família em atividades que gerem rendimentos.

Fui arrimo de família. Eu com 14 anos tive que sair de casa para trabalhar, tanto por conflitos em casa, com meu pai, e também porque não tinha condições. Se eu ficasse em casa seria mais uma boca para alimentar e a gente ia passar fome. (Liberdade Livre, 30 anos)

[...] antes da ONG também já trabalhei em algumas casas de família, como mão de obra, você vai lá limpar um quintal, cuidar da casa, fazer um serviço de mão de obra, então, desde a minha infância eu sempre vivenciei isso... essa questão do trabalho infantil, não só eu como também as minhas irmãs, meu irmão. [...] lembro que nos meus 04 anos eu já vendia chupe chupe geladinho, já sabia o que era R\$ 0,10, passar um troco, então... ah, já serve para fazer alguma coisa. (João, 23 anos)

Diversos escritos acerca do trabalho infantil apontam a condição de criança trabalhadora como uma barreira ao desenvolvimento escolar. Conforme Miranda (2006), o trabalho precoce concorre para um amadurecimento precoce, além de contribuir para a supressão de oportunidades que possibilitariam o pleno desenvolvimento da criança e o acesso

ao exercício da cidadania. Para essa pesquisadora que investigou a realidade de crianças trabalhadoras no Vale do Mucuri, mesmo que a criança tente conciliar escola e trabalho, o cansaço toma conta e não há disposição para frequentar a escola. Disso decorrem muitas situações de abandono e evasão escolar, distorção idade/série, retenção e encurtamento da escolaridade. Apesar de não ter acontecido isso com João e suas irmãs porque foram alvo de políticas compensatórias, essa é a realidade de milhares de crianças e jovens dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, incluindo Liberdade Livre, conforme veremos mais adiante.

Para Luiz, o trabalho aparece mais como um valor cultivado pela família do que como necessidade de subsistência do grupo familiar.

Pai e mãe criou a gente... bem aquela coisa assim: você tem que trabalhar. Entendeu? Então, desde novinho eu sempre trabalhei. Antes de entrar na universidade, durante todo o ensino médio eu trabalhava numa fábrica de biscoito e num projeto social. Eu trabalhava de manhã na fábrica de biscoito e de tarde eu ia para o projeto em que eu trabalhava como assistente administrativo, e, de noite eu estudava. (Luiz, 21 anos)

Luiz relatou, ainda, que não tinha carteira assinada e que recebia cerca de R\$160,00 por quatro horas de trabalho diário na fábrica de biscoitos e aproximadamente R\$ 260,00 no projeto social. Sua inserção no trabalho permitia-lhe contribuir com o pagamento de algumas contas da casa- embora não fosse obrigado a fazê-lo- e a manter suas necessidades: *“lembro que comprei um DVD, primeira coisa, celular... gastava com bobagem mesmo como lanche na escola... esse tipo de coisa”* (Luiz, 21 anos). Gilson também faz referência ao trabalho ainda na adolescência; todavia, não remete este processo a um *ethos* de valorização do trabalho em si, mas visando a sua autonomia financeira em relação à família.

Dayrell (2007, p. 1.109) chama a atenção para a diversidade de situações e posturas juvenis em relação ao trabalho e ressalta que, no Brasil, “para grande parcela de jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo”. Para o mesmo autor, ancorado em Sposito (2005), “o trabalho também faz a juventude” e, apesar de influenciar no percurso escolar, a sobreposição trabalho/escolarização não significa, necessariamente, o abandono da escola, o que verificamos na trajetória dos estudantes pesquisados, à exceção de Liberdade Livre, conforme veremos adiante.

O “estar no mundo” é também clivado pela raça/etnia, além do pertencimento de classe. Nesse sentido, ser jovem negra, filha de pais não alfabetizados e com baixo poder

aquisitivo não é a mesma coisa que ser jovem branco, de pais com formação superior e de família abastada.

Na escola era bem complicado, porque era uma escola de um bairro de classe média, classe média baixa, mas classe média, e estudava muito filho de papai [...]. Os negros da escola eram separados, os mais pobres negros eram separados e eram educados, colocados à parte. O processo pedagógico era diferenciado.

[...] naquele momento eu não tinha consciência do que era racismo, mas foi um processo que até hoje me marca. (Liberdade Livre, 30 anos)

Situações referentes à inserção no mundo do trabalho, à igualdade de oportunidades, à discriminação racial, à desigualdade socioeconômica, à falta de acesso ao lazer, entre outras, permeiam a sociabilidade de muitos jovens negros e adiantam, em muitos casos, alguns ritos de passagem para a idade adulta – como a inserção precoce no mercado de trabalho, a qual provoca, por vezes, um certo encurtamento da juventude.

Eu saí de casa para trabalhar, com 14 anos. [...] Foi muito difícil o período que eu vivi em Vitória. Período de muita humilhação, porque era o melhor que eu tinha. Minha madrinha, minha mãe foi empregada da mãe dela. Eles são daqui, uma grande família tradicional da exploração de pedras preciosas, hoje está falida, mas já foi bem tradicional. Minha madrinha foi amiga da minha mãe, mas minha mãe foi empregada da mãe dela. [...] Quando eu fui morar em Vitória, ela falou com a minha mãe que eu estava indo morar em Vitória, mas que eu ia arrumar um emprego e ia me formar. Só que, aí, o que acontece, ela jogou toda a responsabilidade dos afazeres domésticos nas minhas costas, os filhos me tratando como se eu fosse empregada e meus estudos capengando, numa escola pública lá de Vitória, enquanto o filho dela estudava numa escola particular. (Liberdade Livre, 30 anos)

A trajetória de Liberdade Livre ilustra a tese de que as heranças da escravidão estão presentes no cotidiano²⁶ e nas experiências de vida das mulheres negras. Deixaram de ser escravas domésticas e passaram a ser empregadas domésticas, cujos vínculos trabalhistas são marcados por relações de favor e compadrio, “com forte apelo afetivo acrescido de uma falsa ideia de pertencimento, que perpetuavam práticas de subordinação e dependência estratificadas como naturais, inerentes à mulher negra (ex-escrava)” (PEREIRA, 2011).

²⁶ Devido a limitações teórico-metodológicas da pesquisadora referentes ao recorte da área de interesse de pesquisa, não nos propomos ao aprofundamento dessa reflexão. Para tanto, sugerimos a obra de Florestan Fernandes (1965), “A integração do negro na sociedade de classes” e “Estrutura social, mobilidade e raça” de HASENBALG e VALLE e SILVA (1988).

Eu morava num bairro de classe média alta em Vila Velha, na praia da Costa, e lá, para fora, eu era tipo a filha adotiva dela, para dentro, eu era empregada da casa. Um belo dia ela falou assim, foi na hora que eu despertei que a relação estava muito desigual, não sei o que a gente estava falando, ela disse assim: é desse jeito que uma empregada fala com a patroa? Aí eu falei, então essa relação mudou, eu não sou mais sua afilhada, sou sua empregada. Eu não falei isso com ela, eu conversei isso comigo. Aí eu comecei a arrumar jeito para sair para fora da casa, não ficar mais lá. (Liberdade Livre, 30 anos)

Liberdade Livre relata ter sido “o arrimo de família”, ou seja, sua inserção no mercado de trabalho foi essencial para a manutenção econômica da família. Além desse fator, o espaço de socialização em uma família de alto poder aquisitivo constituiu-se enquanto espaço contraditório, pois- ainda que na condição de empregada doméstica- possibilitou-lhe uma educação diferenciada no sentido do acúmulo de um capital cultural e escolar ao qual, segundo seu relato, não teria acesso se tivesse permanecido na comunidade e na família de origem, o que acabou acontecendo com suas irmãs.

Eles [patrões/madrinha] me deram um processo de educação diferente, diferenciado, porque talvez se eu tivesse continuado na Taquara eu não teria a educação, de me comportar numa mesa, dos gostos musicais, estas coisas. O meio foi me fazendo diferente, eu sabia conversar de muita coisa, eu lia muito, enfim. No terceiro ano do segundo grau, já num processo de querer fazer cursinho para ir para a faculdade, eu queria fazer cursinho, mas não tinha como. Primeiro, eu não tinha condições de pagar e eu tinha que trabalhar o dia inteiro e à noite não tinha cursinho, eu tinha que terminar o terceiro ano. Enquanto o filho dela fazia o segundo grau e o cursinho, eu tinha que terminar o segundo grau. (Liberdade Livre, 30 anos)

O relato de Liberdade Livre evidencia um duplo movimento de possibilidades e desigualdades da sua condição juvenil e estudantil em relação ao filho da patroa. Elas são traduzidas, dentre outras formas, pela condição de estudante trabalhadora -reveladora da sua condição de classe-, ao passo que o filho da sua patroa gozava da chamada “moratória social”, que lhe concedia o privilégio do preparo para o ingresso na universidade. Tal desigualdade constituiu fator impulsionador dos projetos de Liberdade Livre referentes à inserção no ensino superior, o que é explicitado no relato a seguir:

[...] eu estava lavando o banheiro e eu lembro que a filha dela virou e falou, elas discutindo comigo e eu falando que queria administrar [um dinheiro que ganhara de presente] e chorando. Ela virou e falou assim: “**deixa mãe, esse povo vai ficar assim, lavando privada dos outros a vida toda**”. Aquilo para mim foi uma coisa que me marcou. Eu esfregava o vaso e dizia assim para mim, “**eu não vou ficar lavando privada dos outros a vida toda**”. (Liberdade Livre, 30 anos)

Para Liberdade Livre e Luiz, parte da sua escolarização pautou-se na articulação trabalho/estudo, o que implicou a sua inserção no ensino noturno, realidade de muitos jovens brasileiros. No caso de Liberdade Livre, as condições de articulação trabalho/estudo agravaram-se no período em que morou em Vitória e contribuíram para a interrupção do seu processo de instrução formal, revelando sua trajetória não linear de escolarização. Tal situação é recorrente entre jovens dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri²⁷ que, em sua maioria, ficam relegados a subcontratações e/ou ao desemprego²⁸.

Eu acordava 6h da manhã e ia dormir quase meia noite. Eu chegava da escola ainda tinha que arrumar a cozinha e dar a janta para os meninos que ficavam me esperando para dar a janta para eles. Menino de 16 anos, 17 anos. Eu queria muito ir para a faculdade, mas eu não via muita perspectiva. (Liberdade Livre, 30 anos)

Luiz ressalta as condições precárias de escolarização a que se submetem boa parte dos estudantes trabalhadores:

Em relação à educação, em relação ao que foi passado para mim, eu vejo uma deficiência extrema. Principalmente quando eu entrei aqui, sabe? Eu estudava com um tanto de gente que também trabalhava o dia inteiro, povo que vivia na roça, então, o professor não tinha aquela coisa de... tipo assim, jogava mesmo só pra... dar aquela disfarçada, para não falar que não deu nada. (Luiz, 21 anos)

Seu depoimento traz à tona uma questão que vem sendo discutida há tempos por sociólogos da educação: a ampliação da oferta do ensino médio pela implantação das escolas noturnas significou democratização do ensino? Mafra (1994) pondera sobre as contradições que permeiam este processo, ressaltando que a escola noturna, ao mesmo tempo que é apontada como a principal via de continuidade educacional para as camadas populares, impõe propostas de formação, práticas de ensino e estratégias pedagógicas que acabam por expulsá-las dessa

27 Conforme Fundação João Pinheiro/IMRS (2011), a taxa de matriculados no ensino médio com 18 anos ou mais de idade, em 2010, era de aproximadamente 41,5%. Este indicador é medido da seguinte forma: “Número de matrículas no ensino médio de pessoas de 18 anos ou mais de idade dividido pelo total de matrículas no ensino médio, em percentual. Pressupõe-se que os alunos de 18 anos de idade já deveriam ter concluído esse nível de ensino e, em caso negativo, que estejam cursando o Ensino para Jovens Adultos”.

28 De acordo com o Atlas Brasil (2013), em 2010, o grau de formalização do trabalho das pessoas ocupadas no Vale do Mucuri era de 30,92% e, no Jequitinhonha, 35,78%. Este índice é determinado pela “razão entre o número de pessoas de 18 anos ou mais formalmente ocupadas e o número total de pessoas ocupadas nessa faixa etária multiplicado por 100. Foram considerados como formalmente ocupados os empregados com carteira de trabalho assinada, os militares do exército, da marinha, da aeronáutica, da polícia militar ou do corpo de bombeiros, os empregados pelo regime jurídico dos funcionários públicos, assim como os empregadores e trabalhadores por conta própria que eram contribuintes de instituto de previdência oficial”.

mesma escola. Neste sentido, “as escolas médias noturnas estariam contribuindo para manter e ampliar as distâncias culturais e sociais que separam os alunos trabalhadores dos jovens de outras camadas sociais” (MAFRA, 1994, p.94).

3.2.3 As desigualdades de escolarização nos meios populares

A qualidade do ensino básico público constitui um dos maiores problemas enfrentados por estudantes oriundos das classes populares aspirantes ao ensino superior. Sob o discurso da democratização do acesso ao ensino, esconde-se a face perversa da desigualdade de condições de escolarização e acesso ao saber que se estrutura ao longo da vida. O relato de Kim Xavier apresenta importantes elementos para esta reflexão:

[...] na cidade que eu vivo nem tinha escola particular e só tinha uma escola de ensino médio. Seria interessante para eu ter estudado na particular ou ter me preparado de alguma forma, no ensino médio, para prestar vestibular, essas coisas. Mas, não tinha escola particular. [...] nas instituições públicas, o ensino tem muitas falhas e aí, o aluno, quando eu peguei na prova do vestibular mesmo, que eu fiz, tinha questões que eu nunca tinha nem estudado. Referentes à química, biologia, porque são oferecidas muito poucas aulas no ensino médio. Duas aulas de química e física. Então, tinha questão do vestibular que eu nunca tinha estudado. (Kim Xavier, 22 anos)

A ampliação do quantitativo de vagas e a progressiva extensão da obrigatoriedade do ensino médio, conforme preconiza a Lei No. 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional²⁹- implicou um aumento do número de jovens na escola, mas não significou ampliação do acesso ao conhecimento. A este respeito, Dayrell (2007) avalia que, no contexto da massificação do ensino médio, a relação dos jovens pobres com a escola expressa uma nova forma de desigualdade social: do acesso aos recursos para a sua subjetivação. Para esse autor a escola, que poderia ser um dos espaços para o acesso a esses recursos, não o faz. Ao contrário, “gera a produção do fracasso escolar e pessoal”³⁰.

29 No Título III da referida Lei, “Do Direito à Educação e do Dever do Estado”, art. 4º, a educação escolar pública está preconizada como dever do Estado, mediante a garantia de: “2. Progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio”.

30 A análise de Dayrell (2007) tem por base as relações estabelecidas entre juventude e escola em contextos eminentemente urbanos. Todavia, entendemos que essa análise é perfeitamente viável se referida a contextos como o dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, onde coexistem o rural e o urbano. A este respeito, SILVA Jr. e NETTO (2011, p.56) ponderam que “ao longo da história da educação brasileira a educação dos grupos menos favorecidos fora negligenciada pelo Estado e seus mandatários, e pôde-se perceber que no meio rural isso se manifestava de maneira mais intensa. Como marca de uma educação liberal, mesmo sobre a chancela do signo ‘para todos’, a maior parcela da humanidade esteve historicamente à margem do processo educacional, e no Brasil não foi diferente”.

Um agravante dessa questão³¹ em regiões como a dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – onde o rural e o urbano coexistem em relação de extensão e complementariedade – foi e é “a histórica marginalização do meio rural nos processos de elaboração e implementação das políticas educacionais brasileiras” (SILVA Jr. e NETTO, 2011). Aliado a este aspecto, destacamos a transposição precária do modelo educacional urbano a contextos como o dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, que se revelam no número de escolas públicas que oferecem o ensino fundamental e o ensino médio completo, na formação e valorização do corpo docente, na taxa de crianças que frequentam o ensino fundamental na série adequada, na taxa de adolescentes que frequentam o ensino médio na série adequada, nos índices de evasão destes níveis de ensino, na qualidade dos recursos didáticos disponíveis, na oferta e qualidade do transporte escolar, dentre outros.

O relato de Aline ilustra a condição de estudantes que se submetem ao trânsito diário entre as zonas rural e urbana ou que migram para as cidades para concluírem seus projetos de escolarização sem garantias de que encontrarão, na escola, adequadas condições de acesso ao conhecimento.

No meu ensino fundamental, início, eu estudei na roça mesmo. Só que lá não tinha pré [escola]. A gente já começava direto na primeira série. Depois eu fui estudar num distrito, a partir da quinta série até a oitava série. Depois eu tive que me mudar, porque lá não tinha ensino médio.

[...] não tinha o ensino médio lá no distrito, lá na roça que eu morava. Aí, como não tinha o ensino médio, tinha muita gente que era igual eu, sabe... não tinha informação, não buscava nada... aí então pararam por ali. Eu fui para Novo Oriente, porque eu queria continuar pelo menos o ensino médio. (Aline, 22 anos)

A partir do relato de Aline podemos refletir sobre o contingente de jovens residentes na zona rural que interrompem seus processos de escolarização em virtude da falta de informações, de precárias condições de deslocamento, de difíceis condições de articulação trabalho/escola e, até mesmo, pelo desinteresse provocado por uma educação distanciada da sua realidade social e regional³².

31Referimo-nos ao ensino básico público.

32 Os problemas da educação no Brasil são muitos, mas, no meio rural, a situação é mais complexa. Os currículos dessas escolas, geralmente, têm dado ênfase aos direitos básicos da cidadania e, portanto, de uma vida digna, reduzida aos limites geográficos e culturais da cidade, negando-se a reconhecer o campo como um espaço social e de constituição de identidades e sujeitos (SILVA Jr.; NETTO, 2011, p. 48)

Faleiros (2008, p. 66), em escrito intitulado “Juventude: trabalho, escola e desigualdade” pondera que “a desigualdade de capitais de origem ou de partida não oferece as mesmas chances aos jovens”. Segundo dados do Atlas do Desenvolvimento Humano, no Vale do Mucuri, em 2010, a expectativa de anos de estudo aos 18 anos era, em média, 8,5 anos e, no Jequitinhonha, 8,9 anos. Esse índice é referente ao número médio de anos de estudo que uma geração de crianças a qual ingressa na escola deverá completar ao atingir 18 anos de idade, caso os padrões atuais se mantiverem ao longo de sua vida escolar (ATLAS BRASIL, 2013). Isso quer dizer que, nas atuais condições de escolarização, a maior parte da atual geração de crianças dos Vales do Mucuri e do Jequitinhonha está sujeita a não concluir nem o ensino médio. O Atlas também traz indicadores da Taxa de Frequência Líquida no Ensino Médio³³ que, no Jequitinhonha, é de 39,81% e, no Mucuri, de 35,53%. No Ensino Superior, esta taxa³⁴ cai para 5,85% no Mucuri e 5,83% no Jequitinhonha, bem abaixo da média estadual, que é de 14,97%. Conforme Faleiros (2008), essas condições desiguais assemelham-se a uma “corrida com barreiras na qual se manifestam, de forma marcante, além da desigualdade de capital e renda, as condições de etnia, cor, gênero e território”. Os dados apresentados dão-nos a mostra de que dentre aqueles que “correm ao sinal de largada”, milhares esbarram nos obstáculos ao longo do trajeto, que será mais longo ou mais curto dependendo dos dispositivos e disposições a que têm acesso.

Para aqueles que ultrapassam essas barreiras, a desigualdade revela-se também nas condições de funcionamento das escolas. Além da precariedade da estrutura física e do funcionamento das escolas, há “carência de professores, desmotivação dos profissionais, laboratórios e bibliotecas fechados” (LEÃO, 2011, p. 106;107). Referindo-se à realidade do Pará, o mesmo autor faz menção a uma “pedagogia da precariedade”:

[...] na sua materialidade a escola é precária em si, mas também porque alimenta entre os jovens estudantes o sentimento de que seus projetos de vida têm que ser ‘curtos’, moldados na provisoriedade e na incerteza, principalmente entre os jovens com menos recursos econômicos. (LEÃO, 2011, p. 106;107)

33 “Razão entre o número de pessoas na faixa etária de 15 a 17 anos frequentando o ensino médio regular seriado e a população total dessa mesma faixa etária multiplicado por 100. As pessoas de 15 a 17 anos frequentando a 4ª série do ensino médio foram consideradas como já tendo concluído esse nível de ensino” (ATLAS BRASIL, 2013).
34 “Razão entre o número de pessoas na faixa etária de 18 a 24 anos frequentando o ensino superior (graduação, especialização, mestrado ou doutorado) e a população total dessa mesma faixa etária multiplicado por 100” (ATLAS BRASIL, 2013).

Essa análise de Leão (2011) reitera as ponderações de Sposito e Galvão (2004, p. 348) de que “a máxima ‘educação para cidadania’” dá margem a práticas nem sempre compatíveis com este princípio. O acesso ao conhecimento é muito desigual e a qualidade dos recursos educacionais de que dispõem os jovens destas regiões interfere no modo como estes jovens avaliam as possibilidades de ingresso no ensino superior³⁵ e as executam³⁶. No que diz respeito aos jovens da nossa pesquisa, se por um lado os processos de escolarização apresentaram-se deficitários (especialmente no que diz respeito aos seus anseios de acesso ao ensino superior), por outro a escola contribuiu significativamente na construção e vivência da sua condição juvenil.

3.2.5 A sociabilidade juvenil

Outra dimensão importante da condição juvenil é a sociabilidade que, conforme Dayrell (2007, p.1.110; 1.111) “se desenvolve nos grupos de pares, preferencialmente nos espaços e tempos do lazer e da diversão, mas também presente nos espaços institucionais como a escola ou mesmo o trabalho”. Urresti (2002) afirma que os grupos de pares constituem a primeira ampliação da rede de relações nas quais os adolescentes ingressam. São grupos de amigos que se reúnem para passar o tempo, escutar música, conversar, praticar esportes, planejar saídas e explorar espaços desconhecidos³⁷. Esses grupos caracterizam-se por constituírem um espaço próprio de afastamento temporário da vigilância e de autoridade familiares e escolares, autônomo em relação às práticas e gostos predeterminados pelo mundo adulto. São grupos que estabelecem seus próprios mecanismos de controle e funcionam como agências mais ou menos duradouras de socialização (URRESTI, 2011)³⁸. Os relatos dos jovens entrevistados retratam esta definição de Urresti (2002). Alguns fizeram referência a amigos de infância, da rua, da escola, apontando sua existência sem, contudo, desenvolver a seu respeito. Outros se referiram a grupos distintos de amigos, como Luiz que mencionou o grupo da escola e o grupo de oração. Conforme relato deste estudante, em virtude de cultivarem pensamentos diferentes, os grupos não se misturavam entre si. O jovem faz menção a assuntos que podiam ser tratados em um grupo (escolar) e eram evitados no outro grupo (da igreja), o que ilustra a existência de mecanismos de controle próprios aos grupos de pares:

35 Aqueles que conseguem ultrapassar a barreira do ensino básico.

36 A este respeito, Zago (2006) afirma que os efeitos da exclusão do acesso ao conhecimento aparecem fortemente na escolha do curso superior, assim como, quando do ingresso neste nível de ensino, nas primeiras fases do curso, questões que abordaremos mais adiante.

37 Tradução livre.

38 Tradução livre.

Quando você tem os amigos em relação à escola, você tem uma liberdade de assunto bem maior. Não tinha aquela coisa de você estar falando alguma coisa que não está dentro dos padrões da igreja, você estar blasfemando. Coisa assim, entendeu? De você estar pecando... não tinha essa cobrança, então... tinha liberdade de expressão.

Pesquisadora - E no grupo de oração?

Você sempre tem aquele amiguinho que é mais bitolado em relação a isso. Aí ficava... 'não, não vamos falar isso não'. Tinha um certo controle né. (Luiz, 21 anos)

Kim Xavier relata que tinha bastantes amigos na cidade de origem e que, costumeiramente, se reuniam para práticas de jogos coletivos. Além disso, ingressou num time de futebol da comunidade da zona rural e que, com o grupo, viajava para disputar campeonatos em cidades vizinhas aos finais de semana. Aline faz referência aos amigos a partir da sua inserção na escola em Novo Oriente, já que na sua comunidade de origem não havia outras pessoas da sua idade.

Liberdade Livre e Gilson, com idades bem superiores à média dos demais entrevistados, fazem referência a amigos da juventude sem mencionar experiências anteriores. Estes jovens vivenciaram boa parte da sua juventude na região metropolitana de Vitória – ES. Com 21 anos na época, Gilson (28 anos) relata o que segue: “[...] eu ganhava bem, [...]minha diversão era cerveja na praia, rodas de viola com amigos, barzinhos caros na capital”. Liberdade Livre, referindo-se aos seus 18 anos, mencionou o grupo de jovens da igreja e fez referência a amigos de classe média, com os quais frequentava shoppings, ia à praia, realizava passeios, dentre outras coisas. Sua sociabilidade juvenil foi permeada por elementos e equipamentos bem distantes dos disponíveis aos jovens residentes nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Importante ressaltar que, embora o Vale do Jequitinhonha seja conhecido mundialmente também por suas riquezas culturais, assim como no Vale do Mucuri, há uma escassez acentuada de equipamentos culturais e de lazer³⁹, que implicam a condições desiguais de acesso ao lazer e à cultura e interferem nas oportunidades de expressão e fruição cultural pelo segmento jovem.

39 Importa ressaltar que os Vales do Mucuri e Jequitinhonha são regiões com escassez de equipamentos culturais. Dos 74 municípios que compõem os dois Vales, 14 possuem teatro (05 no Vale do Mucuri)- nem todos públicos, 02 possuem cinema, 13 possuem centros culturais (04 no Vale do Mucuri) e 09 municípios apresentam pluralidade de equipamentos culturais³⁹. No município de Teófilo Otoni, cidade de localização do campus do Mucuri, há 01 teatro (privado), não há cinema nem centro cultural

Questionados sobre como é ser jovem em contextos como esse, todos os entrevistados fizeram referência às poucas opções de lazer na região, como se fosse natural que a juventude fosse um tempo de vida dedicado ao lazer. A definição do modo de ser jovem pela ausência de opções de lazer coloca em pauta um aspecto importante para o desenvolvimento pessoal e integração social dos jovens, já apontado por Minayo (1999): o lazer, o esporte, a arte e a cultura são fundamentais na formação da visão de mundo dos jovens na construção de sua identidade e no enfrentamento de tabus culturais.

João destaca outros aspectos que, sob o seu olhar, permeiam a condição juvenil nos Vales, como a falta de referência, de perspectiva futura, de emprego, de educação e a ameaça da violência.

Os jovens não tem referência. Eu posso falar basicamente da minha região, não tem referências enquanto jovens, enquanto juventude. Eles não reconhecem essa importância. Então, são poucas experiências, não têm experiências os jovens. Não vejo que eles tenham experiência. Estou falando numa conjuntura geral, **não estou falando em relação a mim que já estou inserido na universidade**, estou falando na conjuntura Salto da Divisa, são jovens que não tem experiência, o que é juventude? Você vai, estuda, está fazendo o ensino médio, acabou. Ou você arranja uma família, você se casa, você vai para os grandes centros, se submete a um trabalho que nem assalariado é e está vivenciando sua vida. Mas, não é isso, necessariamente, que seria para a juventude, para os jovens estar vivenciando. Seria algo bem mais intenso.

[...] a gente termina o ensino médio e não tem como trabalhar, não tem como prosseguir nos estudos. Mas, também, essa questão de ser jovem, vivenciar de forma mais intensa, eu vejo como uma questão difícil... são cidades do interior, dentro do Baixo Jequitinhonha, dos Vales do Jequitinhonha, alto, médio, também, Jequitinhonha, alto, mas eu vejo que eles não têm experiência de vivenciar, por exemplo, coisa que eu já vivenciei como o grupo de teatro, músicas, que não necessariamente precisa ser trabalho, às vezes não é o trabalho que vai te formar para você ter senso crítico, ele não vai te dar essas possibilidades, entendeu? A gente debate também a questão da arte, da cultura, dar espaço para esses jovens, mas não tem espaço para isso. (João, 23 anos)

João ressalta que as possibilidades de vivenciar a juventude em regiões como as dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri apresentam-se de forma limitada, com forte apelo à formação familiar, à migração para inserção no mercado de trabalho – geralmente em condições precárias. Nesse contexto, o jovem estudante aponta seu ingresso na universidade como um diferencial em relação à condição juvenil da maioria dos jovens da sua cidade, destacando a importância de vivenciar outras experiências- como as voltadas para a arte e cultura- que ultrapassem a

centralidade do trabalho na sociabilidade dos jovens, o que lhe foi possível a partir da sua condição estudantil.

A este respeito, Urresti (2011) afirma que a juventude é uma condição cheia de promessas, mas também de incertezas e medos, pois o futuro se apresenta aberto e sem contornos. Para o mesmo autor, “nas sociedades onde os recursos são escassos ou estão distribuídos de modo muito desigual, as possibilidades objetivas dos adolescentes e jovens inserirem-se no futuro, tendem a ser tão diversas como os recursos materiais, afetivos, didáticos e de apoio externo com os quais podem contar”⁴⁰. Esta diversidade de possibilidades abarca, inclusive, a inserção social dos jovens pela via da violência, tráfico de drogas, dentre outras, conforme depoimentos de João e Liberdade Livre.

Eu tenho alguns amigos que foram presos, outros foram assassinados. Então, simplesmente, porque eu fui um jovem que estava inserido, tinha vários caminhos, então ele procurou outros. (João, 23 anos)

É difícil, eu olho para a minha geração e é uma geração que não terminou o segundo grau, muitos morreram por conta do tráfico... hoje tem muitas, uma ninhada de filhos, [...] não é fácil, não é uma vida fácil ser jovem nos Vales. Mas, também, eu olho para os meus amigos e não vejo muito arrependimento deles. Arrependimento da vida que levam, eu vejo um certo prazer de viver, de estar. Eu não sei se é bom ou se é ruim. (Liberdade Livre, 30 anos)

A relação juventude-violência, conforme Abramoway (et all, 2002, p. 56) é percebida como produto de dinâmicas sociais, pautadas por desigualdades de oportunidades, por segregações, por uma inserção deficitária na educação e no mercado de trabalho, pela ausência de oportunidades de lazer, de formação ética e cultural em valores de solidariedade, de cultura, de paz e de distanciamento dos modelos que vinculam esforços a êxitos. Todavia, destacamos que tal relação não constitui privilégio de jovens em condições desfavoráveis de acesso aos bens materiais e culturais. A experiência de Gilson com o uso de drogas é reveladora desta situação que vem permeando a condição juvenil, independentemente de classe social:

[...] por grande infelicidade, tive envolvimento com drogas durante um tempo e isso desestabilizou minha vida completamente. Eu era jovem demais... Independente... Tinha status... E me deixei levar. Saí da empresa que estava, pois a situação estava se tornando insustentável. Tentei alguns novos empregos, mas enquanto esse problema de dependência química não fosse resolvido, percebi que tudo seria em vão. Foi quando eu solicitei ajuda de

40 Tradução livre.

minha família e pedi para fazer um tratamento de desintoxicação. (Gilson, 28 anos)

Questionado sobre como foi o contato inicial com as drogas, Gilson relatou o que segue:

Todas as drogas que já experimentei foram obtidas por minha própria vontade... Ninguém nunca me ofereceu nada... Como eu saí pra morar sozinho muito cedo, 14 anos, e sempre procurei ter minha independência financeira... Eu propriamente decidi comprar e experimentar... Cigarro... Álcool... Maconha... Cocaína... E crack... Como acredito que possuo uma predisposição genética altamente propícia, daí pra frente a alta dependência foi só uma questão de tempo. (Gilson, 28 anos)

Gilson, diferentemente do que acontece com muitos jovens, encontrou na família o apoio e as possibilidades de se submeter a um tratamento para desintoxicação, durante o qual permaneceu internado por 4 meses em uma clínica no ano de 2009. *“De lá pra cá, não fiz mais uso de nenhuma droga química... Uso apenas álcool, cigarro e maconha, recreativamente”*, afirma o jovem estudante. Após período de tratamento, Gilson optou por focar nos estudos e viu na oportunidade de ingresso na universidade pública a ampliação do horizonte de possibilidades de se manter afastado das drogas. Todavia, desde que ingressou no ensino superior, percebeu que o ambiente universitário é também propício à distribuição e uso de drogas diversas: *“a diversidade de cursos, a proximidade com BH (Belo Horizonte) proporciona muitas festas, grande diversidade de drogas nas festas... dentro da própria universidade. Tem que ter a cabeça bem no lugar aqui”* (Gilson, 28 anos).

3.2.6 Estratégias de escolarização

Conforme vimos ao longo deste capítulo, a socialização dos alunos entrevistados foi fortemente marcada pela sua condição social, econômica e cultural o que, todavia, não impediu o acesso à universidade enquanto jovens oriundos das classes populares. Mediante esse cenário, faz sentido reproduzirmos as questões elaboradas por Charlot (2001, p.19) quando da sua abordagem acerca da relação do jovem com o saber: *“por que (motivo) e para que (fim, resultado) o sujeito se mobiliza? Que desejo sustenta esta atividade? Por que ela não se produz com a mesma frequência, nem sobre os mesmos objetos, nas diferentes classes sociais?”*

Partimos do pressuposto que, assim como no caso dos jovens pesquisados por Almeida⁴¹ (2007, p.40), o “ambiente familiar calcado em um *ethos* do esforço e responsabilidade produziu configurações nas quais o estudo teve condições de exercer algum tipo de atração para estes estudantes”. Dessa forma, num contexto de contradições sociais como o dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, encontra eco a afirmação de Leão (2011, p.108) de que “as motivações e sentidos em relação à escola parecem resultar da conjugação entre o quadro mais amplo das relações sociais em que eles se inserem e aspectos ligados à trajetória individual e familiar”. Para o mesmo autor, os jovens podem tecer diferentes modos de ser estudante dependendo dos suportes a que têm acesso via apoio familiar, redes sociais e institucionais.

Consoante aos jovens entrevistados, destacamos alguns relatos que possibilitam a apreensão de algumas faces desse sistema complexo que envolve as relações dos jovens com processos educativos em contextos de desigualdade.

De maioria oriunda de família de limitado capital escolar e cultural⁴², a participação dos pais no processo de construção de estratégias voltadas para o ingresso à universidade, para alguns dos jovens entrevistados, limitou-se ao que Silva (2011) denominou de “comportamento logístico”, ou seja, à garantia da base material, o acompanhamento pedagógico antes do ingresso à escola e o cumprimento das exigências escolares básicas.

Nenhum dos entrevistados fez referência explícita a alguma estratégia familiar de investimento escolar. Todavia, no caso de Kim Xavier e Aline, observamos uma articulação da rede familiar no sentido de contribuir para a manutenção das jovens fora do domicílio de origem com o objetivo exclusivo de sua escolarização. O relato de Kim Xavier ilustra essa afirmação:

Morava em Itaobim. A minha mãe ficava na fazenda com o meu pai, eu basicamente ficava mais na cidade com a minha irmã, para fazer curso. Eu fazia curso de informática e também estudava. Aí eu ficava mais com a minha irmã.

Eu estudava bastante no ensino médio. Somente estudava. Graças a Deus eu não trabalhava, porque poderia prejudicar. (Kim Xavier, 22 anos)

41 Em estudo realizado na USP sobre “estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade”.

42 De acordo com o Atlas Brasil (2013), no ano de 2010, 50,5% das crianças com idade até 14 anos residentes no Vale do Mucuri viviam em domicílios que nenhum dos moradores tinham o ensino fundamental completo. Nas mesmas condições estavam 47,39% das crianças no Vale do Jequitinhonha.

O prejuízo, neste caso, remetia ao presente voltado para o futuro, uma vez que o ingresso na universidade constituía parte dos planos da jovem estudante que, na época, apostava na formação superior como via de mobilidade social.

Eu almejava uma vida melhor. As perspectivas que a gente via eram somente ingressar em um curso superior, se especializar para poder conseguir um trabalho. Porque com o ensino médio, seria muito difícil para estar conseguindo serviço ou algum resultado favorável na vida da gente como um todo. (Kim Xavier, 22 anos)

Questionada se fora uma opção familiar mantê-la apenas estudando, Kim Xavier respondeu afirmativamente, mas ressaltou que isso somente foi possível devido às condições financeiras da família, que, segundo seu relato, não eram tão ruins, o que lhe permitiu dedicar-se integralmente aos estudos. Importante ressaltar que Kim é proveniente de uma família cujos irmãos mais velhos já tinham uma história de escolarização ampliada, sendo que uma de suas irmãs concluiu o ensino superior. A força do exemplo, nesses casos, constitui uma importante variável no prolongamento da escolarização, o que também ocorre com João.

No que diz respeito à relação dos jovens com os estudos, os entrevistados foram unânimes em afirmar que sempre mantiveram boas relações com processos educativos, ressaltando o gosto por processos desta natureza. Kim Xavier fez menção ao gosto pela leitura e também ao incentivo familiar como fatores que contribuíram com a ampliação do seu horizonte de possibilidades educativas. A presença de irmãs mais velhas escolarizadas foi fundamental nesse processo.

Acho que desde pequena eu sempre queria aprender ler, ir para a escola. É tanto que a minha mãe queria me colocar antes de eu atingir a idade exigida para ingressar na escolinha. Só que eles não me aceitaram. Aí minha irmã ficava me dando aulas na minha casa mesmo para eu conseguir aprender alguma coisa. Eu acho que desde criança já que eu gosto de ler, de conhecer coisas novas por meio da leitura. (Kim Xavier, 22 anos)

Luiz também fez menção à influência dos familiares nos seus processos de escolarização. Sobrinho de professoras, o jovem estudante relatou que, desde o ingresso na escola, havia uma cobrança por parte de suas tias acerca de suas relações com e na escola. Afirmou, ainda, nunca ter “dado trabalho” na escola. Durante a entrevista, relatou que sempre gostou de estudar. Quando questionado sobre a origem do gosto pelos estudos, remeteu à influência familiar: *“Eu acho que vem disso. Vem disso, vem dessa coisa de você ter aquela coisa dentro de sua casa, a própria educação em si. Eu gosto!”* (Luiz, 21 anos).

João revelou que sempre teve boas relações com os estudos. Embora não contasse com um acompanhamento sistemático de sua família em relação à sua escolarização, o jovem lembrou com carinho um episódio envolvendo seu pai, que ficara marcado em relação à sua trajetória de escolarização:

Minha mãe nunca chegou assim para mim e falou “vai estudar”, nunca me obrigou. Meu pai falou isso uma vez comigo, num atrito que eu tive com um colega, ele chegou e falou assim... briga de rua entre menino, assim de 10 anos, coisa e tal... ele chegou e disse assim “vai para casa agora”... foi uma questão assim de tipo querer impor aquela autoridade e falou: “e vai estudar”... aquilo ali, eu voltei para casa e me encheu tanto de orgulho que eu falei: “poxa vida, meu pai...” a princípio eu falei “nossa, eu vou apanhar” e meu pai falou “vai pra casa”, na frente de todo mundo, não sei porque ele falou isso, ele falou “vai pra casa estudar”... Aí eu cheguei em casa, fiquei com aquele ânimo assim e falei “poxa vida, meu pai me mandou estudar, isso nunca aconteceu...”. Também, era uma coisa que eu gostava, nunca precisou minha mãe falar você tem que estudar, você tem que isso e aquilo. (João, 23 anos)

Aline não explicita essa relação da mesma forma que os demais; todavia, seu empenho em continuar os estudos submetendo-se à mudança de escola (três vezes) e à distância do ambiente familiar trazem implícito seu bom envolvimento com os processos de escolarização. Sua trajetória também foi cunhada pelo incentivo familiar que, no seu caso, foi produto das relações que seus primos mantinham com os estudos e entre si⁴³. Questionada sobre o que representam seus primos nesse processo, Aline (22 anos) deu o seguinte depoimento: “*eles são quase como irmãos para mim. Acho que foi através deles que eu criei mais expectativas para o futuro*”.

De todos os entrevistados, Liberdade Livre foi a única que vivenciou a interrupção dos estudos em decorrência das condições de articulação trabalho/estudo. A possibilidade de concluir os estudos veio mais tarde, com seu ingresso no convento:

Eu abandonei a escola e aí eu voltei a estudar quando eu fui para o convento. Estudava de manhã, num colégio que tinha uma estrutura enorme e para mim foi muito difícil porque eu fui estudar com meninos de 16, 17 anos e eu já mais velha, com uma dificuldade tremenda em matemática, mas eu dei conta. Eu dei conta e fui a única das 07 meninas que estavam lá que não fiquei de recuperação, porque eu era muito dedicada, levantava 4h, 3h da manhã para estudar e para mim aquilo era questão de honra, de passar com as melhores notas. (Liberdade Livre, 30 anos)

43 Aline fez referência aos primos quando da sua inserção no ensino médio e no ensino superior. A influência familiar permeou desde a escolha da escola para cursar o ensino médio, até a escolha do curso de graduação.

Embora com interrupções no processo de escolarização, Liberdade Livre mantinha firme o propósito de cursar uma universidade pública. Perguntada sobre seus planos, naquela época, responde:

Meus planos eram terminar o segundo grau, passar pelo noviciado e entrar numa universidade pública. A maioria das irmãs fazia faculdade privada, por causa do tempo e tal. Eu queria fazer universidade pública e eu queria fazer Artes Cênicas ou Comunicação. (Liberdade Livre, 30 anos)

Com projetos de futuro aparentemente encaminhados no tempo presente, Liberdade Livre, que havia concluído o ensino médio, cursava o magistério no período noturno e, durante o dia, trabalhava como auxiliar de turma na educação infantil. No convento, preparava-se para o ingresso no segundo ano do noviciado. Todavia, a jovem estudante relatou que passou por um período de perseguições na congregação, que culminou com a sua saída do convento. Dessa forma, foi forçada a interromper o curso de magistério que estava em andamento e a retornar para a cidade de Teófilo Otoni, onde iniciou sua trajetória no ensino superior em uma faculdade privada.

Conforme vimos, ambos os jovens apresentaram trajetórias individuais heterogêneas, todavia, “homogeneizadas pelos dispositivos e capitais disponíveis” (FALEIROS, 2008). Tinham em comum o desejo de ingressar na universidade. A perspectiva de ampliação do horizonte de possibilidades de melhoria da condição social e econômica atual constituiu o norte dos estudantes pesquisados oriundos das classes populares, perpassada por um sentimento de supervalorização da educação escolar, o que é evidenciado no relato de João:

[...] eu não vejo uma perspectiva de um futuro melhor fora da educação. Não via, porque, tipo assim, você está ali, mas você olha para um canto, nada, olha para outro, nada, olha para trás, nada, você olha para a frente, tem esse caminho, você quer seguir? (João, 23 anos)

A esse respeito, reiteramos a afirmação de Novaes (2006, p. 108) de que “as expectativas de mobilidade social interferem nas possibilidades de a juventude projetar o futuro” e estudar ou concluir os estudos está entre essas possibilidades como uma forma de oportunidade presente voltada para o futuro. Em tese, tais expectativas não significam garantia de realização profissional e de mobilidade social. Aliada a este fator, destacamos a contribuição de projetos e grupos sociais aos quais alguns de nossos entrevistados fizeram referência no cultivo de um capital escolar e cultural diferenciado para a realidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, ainda que limitado em termos mais gerais. A mobilização dos estudantes em prol da

longevidade da sua escolarização também constituiu elemento fundamental desse processo ao traçarem estratégias e mobilizarem recursos visando a sua inserção na universidade, o que foi evidenciado nas entrevistas.

3.3 A universidade antes do ingresso: imagem, preparação e escolha do curso

Durante as entrevistas, perguntamos aos estudantes como viam a universidade pública antes do ingresso. Para Liberdade Livre, a universidade pública não era um lugar para as classes populares.

Então, eu achava que eu teria que ralar muito, estudar muito, era a minha meta, mas eu teria que estudar muito para entrar na universidade pública porque não era para mim a universidade pública. A universidade pública era para os filhinhos de papai, os doutores, não era para filho de pobre. (Liberdade Livre, 30 anos)

Aline relatou não saber o que era uma universidade pública antes do ingresso e afirmou que sua expectativa maior era referente a poder fazer um curso gratuito.

Eu nunca tive muitas expectativas, não. Até porque eu não sabia como é que era. Eu fui me informar depois, no ensino médio. Eu não tinha muita expectativa, não. A minha expectativa maior era porque, como eu não tinha condições de pagar um curso eu ia poder fazer um curso sem grandes onerações. (Aline, 22 anos)

Na mesma direção, Kim Xavier remete a falta de conhecimento/informação sobre a universidade à condição de moradia em uma cidade pequena.

Na realidade eu não tinha muito conhecimento, por eu ser de uma cidadezinha pequena, pouca informação e tal. Mas eu tinha uma ideia assim de que não fosse uma escola de ensino médio, que fosse uma instituição que oferecesse muitas coisas boas, digamos assim e, também, condições estruturais que uma escola de ensino médio não oferece. (Kim Xavier, 22 anos)

As concepções e/ou a ausência de referências sobre a universidade pública desses estudantes têm implicações no que diz respeito às expectativas que tinham em relação à universidade antes do ingresso. Como esperar algo de uma instituição sobre a qual não se tem conhecimento? Essa questão possibilita-nos refletir sobre a forma como a universidade, de fato, passou por um processo de interiorização e em que medida essa interiorização é percebida e recebida pela população local. Durante o período de observação, identificamos que mesmo em

Teófilo Otoni – sede do campus do Mucuri – muitas pessoas não tem conhecimento acerca da existência de uma universidade federal na cidade, quiçá sobre seus propósitos. O relato de Kim Xavier é ilustrativo disto:

Como eu disse, eu esperava uma instituição grande, que oferecesse estrutura, enfim, que fosse diferente do ensino médio. Eu também nunca tinha tido contato com uma universidade, então eu não tinha muito conhecimento e por isso eu não podia fantasiar muitas coisas do que esperar. (Kim Xavier, 22 anos)

Liberdade Livre também fala do ponto de vista de alguém que não tinha nenhuma referência sobre a universidade pública:

Ah, eu esperava um lugar, eu não sei descrever o que eu esperava. Por exemplo, os cursos que eu queria fazer, Comunicação e Ciências Sociais, **como eu nunca tinha entrado numa universidade pública antes de vir para Teófilo Otoni, então eu não sabia como era a estrutura.** Eu pensava que era uma sala de aula, blá-blá-blá.

João, da mesma forma, afirmou não esperar tantas coisas da universidade.

Na verdade eu não esperava tantas coisas. Eu só esperava assim, nossa, vai ser algo que vai contribuir de forma efetiva para o meu processo de formação, mas, voltando, acho que nessas condições mínimas, apenas. Era uma coisa que eu queria, mas falar, só tem esse mínimo para me oferecer para mim, a princípio, por mais que eu estou falando desse mínimo, na minha concepção anterior, estava bom, estava ótimo, porque era o que estava na minha cabeça... é aquilo que tem para me oferecer, então está bom, então está ótimo! É o que eu quero. Para mim, essas condições mínimas estavam favoráveis, estava em busca destas condições mínimas. (João, 23 anos)

O relato de Gilson, filho de pais graduados e com experiências anteriores no CEFET e em dois cursos privados, distancia-se um pouco dos demais, o que evidencia que o maior ou menor contato com bens culturais e escolares pode interferir na forma como se concebe a universidade, bem como nas expectativas em relação a ela:

Sempre imaginei como sendo um centro de maior referência em qualidade de ensino do que as particulares. Ao ingressar, percebi que vai muito além disso. Não apenas ensino, mas as vivências na extensão, na pesquisa... Nos movimentos sociais... A imagem que criei é de que o fato de ser Pública já obriga a Instituição a ter um caráter mais socialmente comprometido. (Gilson, 28 anos)

Gilson destaca outras questões que dizem respeito à remuneração docente, ao potencial intelectual dos discentes e à possibilidade de acesso a bolsas de estudo. Ao ingressar percebe que, na realidade, as coisas não são bem como imaginara.

Embora não tivessem muitas referências sobre a universidade pública, cinco dos seis entrevistados relataram que, no período de preparação para o processo seletivo, tinham clareza de que a única possibilidade de ingressarem e concluírem um curso superior seria numa universidade pública devido à gratuidade dos cursos. O relato de João é revelador desta condição:

[...] na época era vestibular, eu tive sempre a impressão que eu nunca iria conseguir passar no vestibular de primeira. Então eu tive essa intenção, vou ficar tentando, vou tentar aqui, vou tentar ali... meu foco era universidade pública, estadual ou então federal, pelo fato de não ter condições de pagar uma universidade, então falei vou tentar uma pública, é difícil mas eu vou tentar porque é a única forma que eu via de estar inserido no meio universitário. Não foi muito tempo, não, foi de 2007 para 2008/2 eu já me inseri na universidade.

[...]eu ficava sempre assim: não quero ficar aqui, eu quero sair, eu quero estudar e, para mim, não interessava aonde, poderia ser em Teófilo Otoni, Belo Horizonte, qualquer outro lugar... eu queria vivenciar essa experiência, queria ter toda essa vivência. Foi uma coisa que eu sonhei, acreditei e busquei [...]. (João, 23 anos)

Luiz também relatou que tinha consciência de que se não fosse aprovado em processo seletivo em uma universidade pública, não iria estudar, haja vista que testemunhara o fato de que uma de suas irmãs que havia iniciado um curso superior em uma faculdade privada trancou o curso por não conseguir pagar as mensalidades. No caso de Luiz, as condições de manutenção e permanência na universidade também influenciaram acerca do curso realizado.

Bem... eu saí do ensino médio querendo fazer Biomedicina. [silêncio]. Só que... o que acontece... aqui na região, o único lugar que tem Biomedicina só tem na UNIPAC. Aí eu falei, vou tentar as federais. Só que a única federal que eu achei mais perto foi a UFMG, aí eu pensava: nossa, eu vou ter que estudar mais um pouco para eu conseguir passar no curso de Biomedicina na UFMG. Então eu acabei tentando Química, eu tentei Química na UFMG, Agronomia na UFV, Psicologia na DOCTUM, Biomedicina na UNIPAC e o BCeT aqui. (Luiz, 21 anos)

Para Luiz, a proximidade de casa contribuiu na sua decisão de cursar o BCeT na UFVJM. Também influenciaram na sua decisão o imaginário em torno do *status* de cursar Engenharia, dentre outras possibilidades proporcionadas pelo curso.

O fato de ser perto de casa, porque é perto de Padre Paraíso... acho que foi isso... e, tipo, tem aquela coisa né, da Engenharia... porque eu também passei nas outras. Só que eu ia fazer Química na UFMG, tendo a oportunidade de fazer Engenharia? Agronomia a mesma coisa. Foi isso. (Luiz, 21 anos)

A história de Kim Xavier também contém aspectos relevantes para a análise das principais motivações para ingresso na UFVJM. Embora durante o ensino médio a jovem estudante contasse com o apoio da família para possibilitar sua dedicação exclusiva ao ensino, os custos e manutenção no ensino superior privado poderiam inviabilizar sua longevidade escolar.

[...] quando eu estava terminando o ensino médio eu estava pesquisando sobre o vestibular. Aí eu vi que estavam abertas as inscrições para o vestibular da UFVJM. Eu cheguei a fazer o da UNIPAC também. Aí eu fiz minha inscrição, fiz a prova em Araçuaí e fiquei esperando o resultado. Na UNIPAC também eu fiz o vestibular, eles me chamaram também. Até me deram 50% de desconto. Só que eu estava esperando o resultado da federal e quando eu vi que eu tinha passado, eu não quis saber mais da universidade particular, visto que a pública seria bem melhor. Fora que, talvez, eu não conseguisse me manter na cidade até concluir o curso, sendo particular.

[...] Na realidade eu tinha mais esperanças em conseguir pelo PROUNI, pelo ENEM, numa universidade particular. Mas, como eu tentei o vestibular, eu passei a acreditar também na minha capacidade de conseguir numa universidade pública. Graças a deus eu consegui. (Kim Xavier, 22 anos)

Questionada sobre o que pesou na decisão por esperar o resultado do processo seletivo da UFVJM, uma vez que havia sido contemplada com bolsa de estudos na faculdade privada, Kim Xavier relatou que:

Por mais que eu pudesse não ter passado na federal, se eu tivesse ingressado na universidade particular, eu vejo que teria sido uma escolha muito ruim para mim. Porque, além de eu não poder manter o curso particular, eu acho que foi muito mais interessante eu ter apostado em minha capacidade e ter esperado. (Kim Xavier, 22 anos)

Liberdade Livre, que já cursava o ensino superior em uma faculdade privada, destacou outros elementos que motivaram seu ingresso na UFVJM. Seu primeiro contato com a instituição aconteceu durante uma semana acadêmica integrada entre os cursos de Serviço Social da cidade, e, foi neste momento que percebeu que era possível estudar numa universidade federal.

Quando eu cheguei aqui em 2007 estava inaugurando [a UFVJM]. Já tinha tido o vestibular e tal, 2008 era impossível, eu não achava que a universidade era para mim. Aí teve a semana de Serviço Social que foi em conjunto com a DOCTUM. E nessa semana de Serviço Social que eu falei: “opa, se o povo está aqui eu também posso estar aqui”. (Liberdade Livre, 30 anos)

Nesse período, Liberdade Livre cursava Serviço Social numa faculdade privada em Teófilo Otoni. Mesmo recebendo bolsa integral do Bispo da Diocese de Teófilo Otoni, optou por dar continuidade ao curso na UFVJM.

Os relatos dos estudantes entrevistados seguem a mesma direção dos resultados do questionário aplicado na universidade. A gratuidade do ensino na universidade federal é a principal motivação para a maioria dos estudantes pesquisados. Aproximadamente 78% dos pesquisados afirmaram que, dentre as principais motivações para o ingresso à UFVJM, está o fato de ser universidade pública e gratuita, satisfazendo as condições socioeconômicas da família; 29,5% atribuem o ingresso à facilidade de acesso; 16,2% à qualidade do curso. Em relação à excelência no ensino, pesquisa e extensão, o índice é de 11,5%, a menor incidência entre as principais motivações para o ingresso à UFVJM.

Em estudo sobre “estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade”, referindo-se à USP como universidade no horizonte dos pesquisados, Almeida (2007) afirma que

Em primeiro plano, antes mesmo do prestígio e distinção dentro do sistema de ensino superior brasileiro, é a gratuidade das universidades públicas que aparece como fator explicativo maior. Assim, devido às condições financeiras desfavoráveis para suportar o pagamento de um curso superior, a instituição pública constitui local único no projeto de ser universitário para esses indivíduos.

Tal afirmação é corroborada pela pesquisa realizada junto aos estudantes da UFVJM/Campus do Mucuri, conforme depoimentos e índices apresentados anteriormente.

Conforme vimos no decorrer deste capítulo, ambos os jovens apresentaram percursos heterogêneos de escolarização; todavia, tinham em comum o desejo de ingressar na universidade, embora não tivessem clareza do que seria uma. Para tanto, cada um, de acordo com suas possibilidades, traçou estratégias para obter sucesso no processo seletivo. João cursou um pré-vestibular em Eunápolis (BA), cidade vizinha, durante três meses, além de ter estudado em casa. O jovem estudante relatou: “*Minha vida era basicamente nos estudos*” e, recordando sua trajetória, relembrou do apoio da ONG à qual esteve vinculado desde a infância até a juventude e as repercussões dessa vivência nos seus projetos de escolarização.

Em Salto da Divisa eu também participei de uma ONG [...] ela se chama “ONG Esperanza Brasil”. [...] durante a minha infância, desde a infância até minha formação até o terceiro ano, eu tive o apoio dessa ONG. A ONG era em nível educacional, então, o apoio com relação à educação, com relação à compra de materiais [...] toda conjuntura com relação à educação eu tinha apoio na ONG, aula de reforço, atividades lúdicas, então, desde, praticamente a terceira série, segunda série, na época se falava assim, até o terceiro ano, eu tive o apoio dessa ONG. [...] [a vontade de estudar] foi uma coisa que foi criada na minha cabeça, foi implantada... você está aqui... implantado na minha cabeça, não... também na de outros jovens. (João, 23 anos)

A socialização em ONGs e entidades assistenciais e a participação em projetos sociais nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri é a realidade de muitas crianças, adolescentes e jovens. Para muitos deles, como João, tais projetos não só funcionaram como suportes na individuação, mas também nas trajetórias escolares.

A presença de organizações e instituições assistenciais nos Vales decorre, em boa parte, de investimentos em programas de desenvolvimento rural e inclusão social dos anos 1970 a 2000. No que diz respeito ao Vale do Jequitinhonha, de acordo com Ribeiro (et al, 2007, p.), desde os anos 70

[...] os estudos para o planejamento destacaram os baixos níveis relativos dos seus indicadores sócio-econômicos, que desde então foi transformada na região da pobreza por excelência: passou a ser referência de atraso, exemplo de carência e, mais tarde, destino natural de programas compensatórios.

Nesse contexto, a presença da igreja católica e o trabalho social realizado pelas pastorais e comunidades eclesiais de base, além de organizações sindicais, ONGs e organizações assistenciais filantrópicas nacionais e estrangeiras assumiram atividades sociais que, se de um lado se propugnam à amenização de problemas sociais, de outro, apresentavam-se funcionais a um projeto de desresponsabilização⁴⁴ do Estado no trato da questão social (MONTAÑO, 2005).

No que diz respeito aos “projetos sociais” voltados para a juventude, Novaes (s.d), em escrito sobre “Juventude(es) e políticas públicas: horizontes de inclusão e participação” afirma que, nos anos 1990, esses mediadores externos⁴⁵, com recursos provenientes da cooperação internacional europeia e de bancos/agências de desenvolvimento, passaram a desenvolver

44 Para Montaña (2005, p. 234;235), a “verdadeira desresponsabilização do Estado no trato da ‘questão social’, só é possível de ser realmente compreendida na sua articulação com a autorresponsabilização dos sujeitos carenciados e com a desoneração do capital na intervenção social, no contexto do novo projeto neoliberal”. Neste sentido, o terceiro setor converte-se em instrumento de ocultamento desse processo, contribuindo para a maior aceitação da população afetada.

45 Organizações não governamentais, igrejas e órgãos governamentais (NOVAES, s.d).

projetos sociais voltados para jovens em “situação de risco”⁴⁶, visando a conter a violência e o desemprego. Projetos dessa natureza também abarcaram os jovens dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Para a autora, a mobilização por causas e demandas juvenis e a organização e atuação política de jovens reivindicando políticas públicas de juventude constituíram um “efeito colateral positivo (e até certo ponto inesperado)” desse processo. “Neste cenário, os ‘jovens de projeto’ também são atores da criação de um novo espaço de intercessão (e sempre de tensão) entre sociedade civil e governos, no qual ganha sentido uma nova expressão: ‘jovem como sujeito de direitos’” (NOVAES, s.d), dentre os quais destacamos o direito à educação pública e de qualidade, em todos os níveis, como um dos “tickets” essenciais ao acesso e permanência no ensino superior.

João traçou algumas estratégias em busca do ingresso na universidade pública, dentre as quais o investimento em um curso pré-vestibular e o reforço dos estudos em casa.

A princípio eu estudava em casa, eu cheguei a fazer um pré-vestibular na época, em Eunápolis, uma cidade próxima. [...] Eu fiz três meses o pré-vestibular, depois não tive mais condições... [...] Além desse pré-vestibular, eu tinha que estudar em casa, porque ali não era suficiente para quase nada. Era estudando livro de biologia, vendo matéria do ensino médio, questões de vestibular. Logo após a minha conclusão do ensino médio, o processo para ingressar na universidade, foi também reforçando a questão dos estudos. Algumas coisas que eu não tinha visto no ensino médio que às vezes estavam sendo cobradas no vestibular, entendeu? Então eu falei, nossa, eu tenho que estudar, tenho que ver isso aqui que eu não vi ou tenho que rever algo que eu já vi e que não está tão presente na memória. (João, 23 anos)

Em Padre Paraíso, Luiz define o curso superior como seu principal plano no início da juventude.

Eu tinha noção de que eu teria que estudar muito para conseguir entrar. Porque, tipo assim, naquela época, eu não sei se já tinha começado o SISU. Não tinha começado o SISU, era por vestibular mesmo. Então, eu tinha noção que eu ia ter que estudar muito, porque eu não tinha base para fazer um vestibular. E nem teria dinheiro para pagar um cursinho. Então, eu teria que estudar por conta própria.

[...]seis meses antes de eu terminar o ensino médio, eu comecei estudar. Aí, todo final de semana que eu tinha eu passava a tarde inteira estudando. O tempo que eu tinha livre eu também passava estudando. Porque eu me cobrava

46 Termo utilizado pela autora.

muito em relação a isto. Então, eu meio que conseguia me disciplinar a fazer isto. (Luiz, 21 anos)

No que tange à escolha do curso de graduação, além de outros elementos destacados ao longo desta tese, identificamos que boa parte dos jovens pesquisados pautou sua “escolha” pelo que denominamos “opção possível”. Por opção possível, na contramão da livre escolha, entendemos aquela que, de um rol de desejos e possibilidades, torna-se a alternativa viável de concretização de um plano.

Dos estudantes entrevistados, Liberdade Livre, Luiz e Kim Xavier tenderam a uma adaptação do curso desejado para a opção possível, enquanto Aline fez referência às suas aptidões e João à escolha racional por identificação com a área. O depoimento de Liberdade Livre, cujo desejo era cursar graduação em Artes Cênicas, Comunicação Social ou Ciências Sociais, ilustra a afirmação acima: *“Era o único [curso] que tinha mais perto da área que eu queria, não tinha outro curso”*.

O depoimento de Gilson acerca do ingresso no curso de Serviço Social também é ilustrativo disto:

Detesto área de exatas... Matemática, Ciências Contábeis e Engenharias sempre estiveram fora de cogitação. Então ou era Serviço Social ou era Economia. Quando entrei nem sabia direito de que se tratava o curso. (Gilson, 28 anos)

João, que cursa Ciências Contábeis, por outro lado, afirma que já no ensino médio, sem saber qual carreira seguir, resolveu pesquisar sobre diversas profissões e sobre o que a universidade poderia oferecer. O jovem estudante ressalta que, na infância, geralmente as orientações profissionais tendem a profissões cujo imaginário social é permeado por um certo prestígio social.

[...] quando criança você diz: “ah, meu sonho é ser médico, meu sonho é ser professor”... então, eu vi que tinha outras possibilidades, por exemplo, contador. E as Ciências Contábeis, a princípio, pesquisando, analisando, também pesquisei outros cursos, para mim foi, naquele momento o que mais se aproximava de mim, foi com o que mais eu me identifiquei. Então eu vou tentar universidade de Ciências Contábeis e, posteriormente, onde eu vou fazer esse curso. Mas foi uma questão de pesquisa, de identificação, como eu disse, não foi um sonho de criança, “quero ser um contador”, foi posteriormente, toda essa conjuntura de pesquisa e vendo o que eram algumas profissões e, a princípio, naquele momento, eu me identifiquei com Ciências Contábeis.

Kim Xavier também buscou se informar acerca das diferentes profissões na fase preparatória para o vestibular. Afirmou que, naquela época, seus planos eram ingressar no ensino superior no curso de Enfermagem e, após uma experiência de vivência da profissão, optou por fazer outro curso.

Inicialmente eu queria fazer Enfermagem, eu lia bastante livros de ciências... só que aí numa experiência no hospital, que tinha um médico que tinha contato com minha família, eu vivenciei o trabalho, enfim. Aí eu vi que não tinha jeito para fazer Enfermagem, que não era realmente o que eu queria. [...] Na realidade eu fiquei um pouco assustada com o que aparece no hospital e o que o enfermeiro tem que fazer no atendimento aos pacientes, cuidados médicos. Então, eu até me senti um pouco mal no ambiente hospitalar. (Kim Xavier, 22 anos)

A vivência ou experimentação de Kim Xavier acerca da profissão cuja graduação interessava a ela foi fundamental para a sua reorientação profissional. Muitos estudantes vivenciam este tipo de experiência somente após o ingresso na universidade, o que pode resultar insatisfações e desinteresse pelo curso em andamento devido à falta de identificação com a profissão em pauta.

Kim Xavier não tinha muito conhecimento acerca da profissão antes de prestar o vestibular. Entretanto, pesquisou sobre o Serviço Social e demais profissões, bem como sobre os cursos ofertados no campus do Mucuri. Como a estudante enfatizou os cursos do Campus do Mucuri, questionamos o porquê da escolha e a estudante respondeu que, naquele momento, só poderia prestar vestibular para um curso em Teófilo Otoni, pois era o lugar mais próximo de sua casa, o que facilitaria a sua permanência. No decorrer dos estudos, a jovem estudante demonstrou interesse por um curso ofertado em Diamantina- o curso de Turismo- para o qual cogitou a possibilidade de solicitar transferência. Todavia, percebeu que não tinha afinidade com o mesmo e decidiu, então, permanecer em Teófilo Otoni.

Outra situação interessante é a relatada por Aline que, quando questionada, revelou a ausência de planos durante o ensino médio devido à falta de informações sobre a universidade e os processos para ingresso:

Nossa, eu não tinha planos... (risos)... é porque quando eu morava lá na roça a situação era bem... assim... a gente não tinha muita informação sobre a questão de universidade, como ingressar na universidade. Depois que eu fui estudar na Escola Agrícola Terra Mãe, aí, através dos meus colegas, eu fui tendo mais informação. Aí que eu fui querendo, aos poucos, continuar estudando. A princípio, quando eu fui para lá o meu objetivo era terminar o ensino médio. Sair para trabalhar, igual foi com meus irmãos. (Aline, 22 anos)

A jovem estudante afirmou ter obtido maiores informações sobre a UFVJM por meio de seus colegas de turma.

[...] eram mais informados. Eles comunicavam, assim, geralmente... quando eu comecei a estudar lá foi o mesmo ano que começou a funcionar aqui em Teófilo Otoni. Se não me engano foi em 2006. Aí, como era fase de início, a esperança de entrar... era mais fácil. No segundo ano a gente fez o ENEM, para testar os conhecimentos e, no terceiro, a gente já fez o vestibular, fez a turma toda junto. (Aline, 22 anos)

No caso de Aline, o apoio dos colegas de classe foi fundamental para levar adiante o recente projeto de fazer universidade. A jovem estudante relatou que a escolha de seu curso foi motivada pelo seu interesse pela matemática, bem como pelos depoimentos de uma prima que já cursava Engenharia Civil: *“ela falava muitas coisas que me interessaram a fazer...”* (Aline, 22 anos).

De um modo geral, os relatos sobre as trajetórias de escolarização dos jovens entrevistados dão-nos sinais de que, em contextos como os dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, outros grupos de referência- familiares ou não, institucionalizados ou não- concorrem para a constituição de circunstâncias favoráveis à escolarização. A esse respeito, Vianna (2007, p.50-51) pondera que a inserção plural do sujeito em diferentes universos sociais e culturais podem representar uma “importante ‘oportunidade’ para os jovens das camadas populares romperem com os seus universos sociais e culturais de origem, que, muitas vezes, lhes dificultam os caminhos da escola”. Para a mesma autora, “quando a família não proporciona muitas referências facilitadoras para se trilhar com sucesso esses caminhos, os elementos socializadores que vêm de outros grupos podem representar efetivamente uma circunstância favorável” (VIANNA, 2007, p. 51). Os relatos dos estudantes entrevistados evidenciam que essas oportunidades foram efetivamente aproveitadas, o que culminou com seu ingresso na universidade.

3.4 O “rito de passagem”

O ingresso ou não na universidade de jovens aspirantes ao ensino superior é marcado por uma espécie de ritual de passagem: o vestibular. Como vimos no Capítulo II, até o ano de 2010, o ingresso na UFVJM dava-se pelo Vestibular Unificado ou pelo Vestibular

Seriado/SASI⁴⁷, além das modalidades “transferência” e “obtenção de novo título”. Atualmente há outras formas de ingresso na UFVJM⁴⁸, dentre as quais destacamos o Sistema de Seleção Unificada – SISU/ENEM⁴⁹, que toma por base o resultado do ENEM como única etapa de seleção.

Dos jovens entrevistados, quatro realizaram o vestibular; Liberdade Livre realizou processo seletivo para transferência de uma instituição de ensino privada para a UFVJM e Gilson foi o único estudante a ingressar na universidade via SISU/ENEM.

O discurso sobre a alta seletividade do vestibular é comum a todos os entrevistados. Todavia, para Aline, Liberdade Livre, Luiz, Kim Xavier e João, a seletividade aparece articulada à consciência da precária escolarização e reduzida possibilidade de ingressar no ensino superior, conforme é observado no depoimento de Luiz:

Eu acho que, no fundo, no fundo, você sabe quando... igual tipo, eu pegava um simulado da internet, olhava para aquilo e falava assim: meu Deus, não sei o que que é isso não. Nunca vi isso. E outra coisa... a gente fala “noh”, universidade federal, mas quem entra na universidade federal? Quem sempre entrou na universidade federal? É menino que sempre estudou na escola pública que não teve uma base boa? Lógico que hoje está um pouco mais democrático. Mas como está falando de um período antes do SISU, o vestibular era... o vestibular da federal sempre foi famoso, né. (Luiz, 21 anos)

O depoimento de Luiz reitera questões que permearam o debate sobre o acesso das classes populares ao ensino superior por muito tempo no que diz respeito à elitização do ensino. Nos anos 80⁵⁰, Franco (1987, p. 12) afirmava:

O ensino superior é, tradicionalmente, no país, o *locus* privilegiado de formação das elites. O atual concurso vestibular que dá acesso à Universidade e que hoje lida com grandes contingentes de jovens, presumivelmente, das camadas médias, tem uma história que lhe dá sentido e razão de ser.

Apesar da reduzida expectativa em relação à aprovação no vestibular, os jovens estudantes não hesitaram em se submeter ao processo seletivo. Para Franco (1987) e Brandão (1987), o vestibular não é a única nem a mais importante barreira à expansão das oportunidades

47 Uma modalidade de vestibular cujas avaliações são realizadas ao final de cada um dos três anos do ensino médio.

48 Já referidas no Capítulo II.

49 “Sistema informatizado do MEC no qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos participantes do ENEM” (MEC, 2013).

50 Em seminário realizado no ano de 1986, em Belo Horizonte, sobre o tema “Vestibular hoje”, patrocinado pela SESu/MEC.

em nível superior; as barreiras são detectadas ao longo do sistema escolar, como vimos nos depoimentos dos jovens estudantes.

[...] antes, para o ingresso na universidade pública, o ingresso de estudantes de escolas particulares, que tinham maior renda, geralmente era mais fácil, né. Porque eles estavam mais bem preparados. Mas depois, com o tempo eu acho que... como aqui tinha pouca concorrência ainda, a gente animou fazer o vestibular, sabe? Mas assim, ninguém tinha muita expectativa de passar, não. (Aline, 22 anos)

Tendo em vista as reduzidas perspectivas de ingresso no ensino superior público, Kim Xavier, Luiz e Liberdade Livre realizaram processo seletivo em faculdades privadas. Dos três, Liberdade Livre foi a única que iniciou os estudos na instituição privada. No ano de 2008, a jovem estudante participou do processo seletivo na UFVJM para ingresso via transferência.

[...] quando foi nesse processo de transferência, eu tentei e pensei, eu não vou passar, não estava muito confiante que eu ia passar. Eu lembro como se fosse hoje, eu entrei, quando eu olhei assim: Liberdade Livre, 13º lugar, Serviço Social, que era uma concorrência de 10 por vaga, eu gritava tanto, eu chorava tanto, eu explodia tanto, eu falava assim, “velho, eu tô na federal”. (Liberdade Livre, 30 anos)

A jovem relatou que, ao ver o resultado do processo seletivo, partilhou a emoção com seus colegas de trabalho na Associação Aprender Produzir Juntos - APJ. Segundo a jovem, não teve como partilhar este momento de felicidade com sua família, haja vista que seus familiares não tinham dimensão do significado de sua inserção no ensino superior público:

Lá na minha casa eu não tinha como partilhar isso, porque eles não tinham a dimensão... acho que a dimensão para o meu pai e minha mãe seria se eu tivesse passado no Direito ou Medicina, porque aí, como está no imaginário popular, então acho que aí seria a grande coisa. Mas como era Serviço Social, até hoje meu pai e minha mãe não sabem direito o que eu faço, sabem que é uma coisa social, mas não sabem direito o que eu faço. (Liberdade Livre, 30 anos)

Kim Xavier e Luiz, que também concorreram ao vestibular da universidade federal, optaram por cursar sua graduação na UFVJM⁵¹. Aline e João prestaram o processo seletivo apenas na UFVJM.

⁵¹ Kim relatou que, embora tendo sido aprovada e contemplada com bolsa de estudos na faculdade privada, decidiu aguardar o resultado do vestibular da universidade federal. Dentre os motivos elencados pela jovem, destaque para o fato de não ver possibilidade de manter financeiramente o curso particular. No caso de Luiz, ele relatou ter ciência de que só poderia estudar numa universidade pública. Quando questionado sobre as razões de ter

Gilson, que vivenciava uma condição social e econômica familiar estável, ao concluir o ensino médio, iniciou uma faculdade de férias no Rio Grande do Sul na área de Ciências Biológicas. Não adaptado ao clima frio, trancou a faculdade e retornou para Vitória, no Espírito Santo. Naquele estado, ingressou no mercado de trabalho e, posteriormente, iniciou uma faculdade de Petróleo e Gás, na FAESA - Faculdade Espírito Santense. Visando a priorizar o emprego, interrompeu a faculdade. Nessa época, estava com aproximadamente 22 anos.

Como vimos ao longo deste capítulo, a origem social e a trajetória de escolarização de Gilson difere, significativamente, dos demais entrevistados. Algo que nos chama a atenção em relação à sua trajetória no ensino superior é que, diferentemente dos demais entrevistados e bem como da maioria dos jovens oriundos das classes populares, Gilson tem o privilégio da experimentação de vários cursos superiores. Em 2010, Gilson tomou conhecimento da existência da UFVJM a partir da sua classificação no ENEM.

Com a nota do ENEM, resolvi me candidatar. A Federal mais próxima que havia da minha cidade era em Teófilo Otoni. Então, escolhi quase aleatoriamente o curso de Serviço Social e fui aprovado. Jamais imaginei fazer Serviço Social, “Odonto” também não. Na hora da escolha do curso, verifiquei as notas de cortes e me inscrevi naquela que achava com maior possibilidade de aprovação. Porém, a nota obtida dava pra passar em qualquer curso da UFVJM, mas eu não sabia. Comecei a fazer o curso em “Teó” e gostei... Até que apareceu a Odontologia. (Gilson, 28 anos)

Ao que parece, para este jovem, a conclusão do ensino superior não tem a mesma urgência como para os demais, para os quais, segundo suas expectativas, a formação superior constitui condição *sine qua non* de mobilidade social. Sua trajetória acadêmica vai se construindo de forma aleatória, sem a definição de um ponto de partida, mas com a clareza de que a chegada encontra-se na obtenção de um título superior.

Em linhas gerais, os depoimentos dos entrevistados e os dados quantitativos da pesquisa nos mostram que o acesso ao ensino superior envolve questões que ultrapassam o ingresso nesse nível de ensino, os quais envolvem desde a escolha do curso de graduação até a possibilidade de permanência nele e são perpassadas pela condição social, cultural e econômica da família, além do histórico de escolarização do estudante, conforme afirma Zago (2006). Os relatos das trajetórias de escolarização dos jovens estudantes permitem inferir que nos Vales do

participado do processo seletivo em uma faculdade privada, respondeu que fez a seleção para o curso que realmente gostaria de fazer- Biomedicina- na expectativa de conseguir uma bolsa PROUNI, mas que não foram disponibilizadas bolsas para este curso. O jovem foi contemplado com bolsa para o curso de Engenharia, mas preferiu cursar na UFVJM.

Jequitinhonha e Mucuri também é válida a afirmação de Zago (2006, p. 230) de que para os jovens das camadas populares “chegar a esse nível de ensino nada tem de ‘natural’. [...] Entre a decisão de prestar o vestibular e o momento da inscrição há um longo caminho a ser percorrido, acompanhado de um grande investimento pessoal, independentemente dos resultados escolares anteriores”.

Conforme constatamos, os estudantes que ingressam nos cursos ofertados no Campus do Mucuri são oriundos, majoritariamente, das classes populares e uma parte significativa constitui a primeira geração de universitários da família. A origem social exerce forte influência nas estratégias adotadas pelos jovens para o prolongamento escolar e no acesso e permanência no ensino superior. Ou seja, para muitos jovens, a simples presença da universidade em regiões como esta não é suficiente para concretizar a real possibilidade de ampliação da escolarização. Os “tickets de entrada” estão relacionados à condição econômica, social e cultural da família, além dos antecedentes escolares (ZAGO, 2006). Isso quer dizer que o “lugar social dos jovens” (DAYRELL, 2007) interfere diretamente nas suas trajetórias, possibilidades e sentidos que atribuem às experiências presentes, bem como às possíveis experiências futuras.

CAPÍTULO IV

A CONDIÇÃO ESTUDANTIL E JUVENIL DE UNIVERSITÁRIOS DO CAMPUS DO MUCURI

7h da manhã, céu azul, sol escaldante, a temperatura já chega à casa dos 28 graus. Aos poucos, “bixos⁵²” e veteranos vão chegando ao campus para mais um dia de aula. A maioria dos estudantes utiliza o transporte coletivo para chegar à universidade e parte significativa faz uso da carona. Poucos estudantes⁵³ dos cursos diurnos utilizam o transporte escolar municipal oriundo de municípios circunvizinhos, ao contrário dos estudantes dos cursos noturnos cujo índice dos que residem a mais de 30km de distância do Campus e fazem uso desse tipo de transporte foi de aproximadamente 15%.

Enquanto alguns jovens se dirigem ao prédio de salas de aula, outro grupo aguarda a abertura do mini-auditório, local onde se realizam as aulas para turmas com número de matriculados superior a 60 estudantes⁵⁴. No hall do prédio de salas de aula um grupo de estudantes confere uma lista de exercícios. Enquanto uma jovem pergunta aos colegas se alguém está com o grupo de trabalho incompleto.

Na biblioteca, os jovens estudantes ocupam todas as mesas disponíveis. As preferidas são as que ficam localizadas próximo à rede elétrica, na qual conectam seus notebooks. Alguns levam adaptadores que permitem o uso compartilhado da tomada de energia elétrica, outros não. Muitos jovens se reúnem na biblioteca pela manhã para realizarem exercícios de cálculo, as atividades realizadas em conjunto contribuem para a proliferação de um burburinho naquele espaço, em que pese a solicitação de silêncio.

Por volta das 11h30 até as 13h os estudantes iniciam a rotina do almoço. Boa parte almoça no restaurante localizado nas dependências da universidade. E parte significativa se alimenta de “quentinhas” vendidas por um ambulante na entrada do campus.

Entre os turnos matutino e vespertino alguns jovens se acomodam para a “sesta”, no piso do hall do prédio onde, até o momento, estão localizadas provisoriamente as coordenações dos cursos, departamentos e direções de unidades acadêmicas e, o auditório do campus. Outros jovens aproveitavam as cadeiras estofadas do auditório, para este fim, todavia, foram

52 “Bixo” é a terminologia comumente utilizada para caracterizar o calouro nos primeiros dias de aula, em alusão à falta de conhecimento sobre a instituição e seus ritos.

53 Este tipo de transporte não foi sequer mencionado entre os estudantes do ICET que responderam o questionário.

54 Capacidade máxima das salas de aula.

proibidos de tornar a fazê-lo, de modo que desde então, este ambiente fica trancado, sendo aberto apenas quando da realização de eventos.

À tarde a universidade é tomada, de súbito, por um grupo escolar constituído de crianças que chegam à universidade para visitaçã ao Parque da Ciência. Suas vozes ecoam pelo corredor que dá acesso ao referido parque, quebrando o silêncio característico daquele prédio.

Do lado de fora, trabalhadores da construção civil dão andamento às obras de edificação do campus⁵⁵. A poeira é constante. A impressão que temos é que vai demorar até que o Campus esteja com todas as obras concluídas.

Ao cair da tarde, por volta das 18h45min, os estudantes dos cursos noturnos vão chegando ao campus. Em grupos, alguns se dirigem para o prédio de sala de aulas, outros para a biblioteca, uns para o prédio das coordenações de curso. Alguns apressados, outros nem tanto. Alguns cobertos pela poeira da estrada de terra que dá acesso à universidade, levantada pelos carros que por ela transitam. Outros visivelmente cansados após um dia de trabalho e/ou em virtude da viagem da cidade de origem até a universidade que, em alguns casos, dura até aproximadamente três horas. Durante o trajeto, conversam sobre coisas diversas, acontecimentos do dia, assuntos da aula, questões não resolvidas, o livro da biblioteca, a prova, a festa do final de semana.

No percurso, encontros e desencontros de estudantes que chegam para os estudos noturnos e estudantes que se despedem dos estudos diurnos. Jovens que por vezes passam despercebidos uns aos outros, por não compartilharem o espaço do campus no mesmo turno.

Alguns passos e ouço: “professor, não pude vir à prova porque tive um problema”, ao que o professor responde: “protocole a justificativa e fique atento à segunda chamada”. Mais adiante, entre colegas, “a sua questão da prova ficou tão mais comprida que a minha, o que tanto você tinha para responder?”.

A poucos metros da entrada do prédio de salas de aula, jovens sentam na calçada abaixo de uma janela, à meia luz, conversam, riem alto e fumam. No hall do prédio de salas de aula está localizada a única cantina do campus. Apressados, alguns jovens fazem seus pedidos, arrastam cadeiras, sentam-se às mesas; outros partem rumo à sala de aula, dividindo-se entre o lanche e as conversas. Nas escadas que dão acesso às salas dos pisos superiores, trânsito intenso de estudantes, professores, técnicos que sobem e descem, uns param para cumprimentar colegas,

55 Na ocasião deste registro, estavam em obras 02 mini-auditórios, o prédio administrativo da FACSAB, o prédio do ICET, as instalações do Restaurante Universitário e o ginásio de Esportes.

tirar dúvidas com professores, causando um certo tumulto, outros olham o relógio e apertam o passo.

Aos poucos, o som das múltiplas vozes que ecoam no ambiente vai diminuindo, transformando-se em um burburinho quase silencioso, misturando-se ao timbre de voz de um e outro professor em sala de aula, que sobressai ao silêncio. Poucos estudantes permanecem no espaço do hall, onde costumam fazer uso da internet wifi disponível nos ambientes internos do campus.

Na biblioteca, horário de aula, poucos estudantes ocupam as mesas de estudo em grupo. As conversas entre os colegas contrariam as orientações de silêncio afixadas no interior do espaço.

Por volta de 20h30min, os estudantes começam a deixar as salas de aula para o intervalo. Assim, alguns ocupam o espaço do hall para realizarem suas refeições, bem como para encontrar com os colegas; outros se apressam ao dirigir-se a um serviço alternativo de alimentação (carro de lanche), prestado nas imediações do campus. O preço e a qualidade dos alimentos são as principais vantagens citadas pelos estudantes que fazem suas refeições naquele local, que é também estacionamento dos ônibus que trazem estudantes de outros municípios. Após o lanche, observamos a presença de muito lixo espalhado pelo local.

De segunda à sexta-feira, a rotina noturna segue basicamente o mesmo ritmo, observado um esvaziamento do campus no último dia da semana. Observamos que nas terças-feiras à noite, estudantes do Bacharelado em Ciência e Tecnologia – BCeT (curso integral) vinculados ao projeto de astronomia “Terça no Espaço”, sob coordenação da professora Dra. Déborah Farago, realizam observação do céu por meio de telescópio. A atividade chama atenção dos transeuntes que, por vezes, solicitam explicações e participam da observação espacial.

Às quartas-feiras, no intervalo de aulas, um grupo de jovens estudantes evangélicos, vinculados à Aliança Bíblica Universitária do Brasil – ABUB, se reúne no pátio do campus para cantar, orar e falar sobre questões relativas ao seu credo. Participam deste grupo regularmente de 10 a 15 estudantes. Em ambiente aberto, as reuniões do grupo chamam a atenção de membros da comunidade acadêmica que transitam pelo campus. O grupo mantém cartazes informativos nos murais do campus, com divulgação do dia e horário das reuniões.

Às quintas-feiras, também no intervalo de aula, um grupo de oração, vinculado à renovação carismática da igreja católica, denominado “Filhos do Céu”, se reúne na rampa que dá acesso às salas de aula, também com fins religiosos. Este grupo mantém uma página da rede social facebook, com 225 membros, além de cartazes informativos nos murais do campus.

Ainda às quintas-feiras, com uma regularidade menor que os demais grupos, são promovidas as “Quintas culturais”, atividade atualmente organizada pela equipe de bolsistas do Laboratório Experimental de Educação, Cultura e Arte – EDUCARTE/UFVJM. Nestas atividades, são realizadas, geralmente, apresentações de grupos musicais e/ou pequenas intervenções teatrais. Embora componham o rol de atividades do projeto, tais atividades não acontecem com a mesma regularidade dos encontros dos grupos de oração. Os eventos ocorrem, geralmente, na parte externa do hall de entrada do bloco de sala de aulas. A participação dos estudantes se dá na condição de organizadores, artistas e espectadores. A interação dos espectadores com os artistas ocorre de maneira moderada, poucos estudantes aproveitam a atividade para se expressar com maior liberdade cantando, dançando, interagindo com os artistas e o público em geral.

Por volta de 22h15 minutos, os estudantes começam a deixar as salas de aula rumo aos ônibus, embora oficialmente o horário de encerramento das atividades seja 22h30 minutos. Na saída, muitos se dirigem aos ônibus que levam às cidades vizinhas, outros fazem uso do transporte coletivo municipal, alguns possuem veículo próprio (em sua maioria motocicletas), poucos se dirigem a pé para as imediações do campus e outros pedem carona a fim de chegarem ao seu destino. Assim termina mais um dia qualquer no Campus do Mucuri.

Este relato foi elaborado com base nas nossas observações de campo realizadas no Campus do Mucuri, da UFVJM. Quase todos os dias a rotina do campus se repete, com alterações provocadas por acontecimentos contingenciais. Neste cenário, os jovens estudantes vivenciam parte significativa da sua condição estudantil e juvenil. Um olhar apressado sobre este cotidiano e os sujeitos que o constroem/vivenciam, pode ocultar nuances importantes à compreensão da sua condição de jovens estudantes e do modo como experimentam a vida universitária, que varia em função da condição que tem de se constituírem como estudantes universitários.

No Capítulo I desta tese apresentamos o argumento de que a condição estudantil é mais do que a pura atribuição institucional e que esta condição compartilhada pelos estudantes, não é homogênea e é perpassada por uma série de elementos que a influenciam o modo como os estudantes experimentam esta etapa da sua formação. Nos anos 1968 Foracchi advertia os cientistas sociais a respeito do desafio de não restringirem a compreensão sobre o estudante universitário à sua condição estudantil, mas focalizá-lo, também, em termos de sua condição juvenil. Conhecer como os jovens vivenciam o seu cotidiano, o que pensam, como organizam seus tempos, estabelecem relações com outros jovens, com o lugar, com o trabalho, com o lazer,

com a cultura, pode nos dizer sobre os efeitos do presente vivido na formação acadêmica e vice-versa, bem como na sua relação com o futuro pensado.

Conforme exposto nos capítulos anteriores, a UFVJM ocupa um lugar importante no panorama da educação superior na região nordeste de Minas Gerais: é a única universidade pública federal instalada na metade setentrional do estado. Os estudantes ingressos nos cursos ofertados no Campus do Mucuri são oriundos, majoritariamente, das classes populares com expressiva presença de jovens que constituem a primeira geração de universitários da família. Como vimos, no contexto dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, a passagem do “desejo de ingresso” às “vivências universitárias na UFVJM” é marcada por um misto de mobilizações e reduzidas perspectivas de ingresso neste nível de ensino; expectativas acerca da universidade e ausência de conhecimento/referência institucional; acesso às carreiras desejadas em condições mais ou menos limitadas; adaptação à escolha possível e expectativas relativas à ampliação do horizonte de possibilidades.

Com o ingresso na universidade, um mundo desconhecido se abre à exploração dos novos estudantes e as experiências neste novo mundo poderão variar em função das possibilidades que tem os jovens de explorar a vida universitária. Para muitos estudantes, a passagem para o ensino superior é marcada por várias rupturas, nas condições de existência, na vida afetiva, na relação com o saber (COULON, 2008). A saída do espaço restrito da família e da cidade de origem rumo à universidade simboliza um alargamento das oportunidades sociais. Para alguns, no decorrer da carreira este mundo rico e aberto pode tornar-se limitado e fechado (GAVIRIA, 2008)⁵⁶, a depender das condições e formas de mobilizações para a permanência neste nível de ensino.

No que diz respeito aos jovens estudantes da UFVJM, quem são e qual a sua condição juvenil? Quais as condições de inserção e de sobrevivência destes jovens na universidade? A entrada nesse “mundo desconhecido”, a universidade, possibilitou que experiências a eles? O ingresso na universidade possibilitou, de fato, um alargamento das oportunidades sociais? Como articulam sua condição juvenil e estudantil?

Norbert Elias (1995, p.13), em “Mozart: sociologia de um Gênio” adverte que: “para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar

56 Tradução livre.

tais aspirações”. Esta advertência nos parece essencial à compreensão da condição juvenil e estudantil dos jovens da nossa pesquisa.

Do ponto de vista mais pontual – do ingresso no ensino superior público –, é fato que os jovens pesquisados conseguiram realizar suas aspirações. Com trajetórias de escolarização permeadas por condições mais ou menos adversas de estudo, com maior ou menor grau de adaptação em relação à escolha do curso e/ou da universidade, estes estudantes romperam o ciclo da baixa escolarização nos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri e alcançaram o ensino superior. Um olhar apressado sobre esta questão poderia induzir à conclusão de que a transposição das barreiras que circundam o acesso ao ensino superior constituiria um instrumento de nivelamento de todos os que nele ingressam, como se num passe de mágica passassem a ser vistos apenas como estudantes universitários. Conquanto, vários fatores concorrem para a qualidade da experimentação da vida estudantil: morar ou não com os pais, residir na cidade do campus ou nas cidades adjacentes, trabalhar e estudar ou só estudar, qualidade e quantidade de recursos disponíveis, características próprias dos cursos de graduação, dentre outros. Experiências que podem variar em função da possibilidade ou não de gozar um tempo de exploração da vida universitária sem responsabilidades adultas (GAVIRIA, 2008).

Neste capítulo optamos por apresentar, inicialmente, um breve perfil dos jovens estudantes do Campus do Mucuri, com base nos dados quantitativos obtidos por ocasião da aplicação dos questionários, conforme exposto no capítulo metodológico. Os dados apresentados não são representativos do conjunto de estudantes da UFVJM, todavia nos dão algumas pistas da composição do corpo discente ingressante nos anos de 2009 e 2010 na UFVJM/Campus do Mucuri. Posteriormente, faremos uma abordagem sobre a chegada dos novos estudantes à universidade, e sobre os elementos que compõem a sua condição estudantil e juvenil, tais como: o financiamento dos estudos e condições de permanência; ser jovem nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri; a vida no campus, relação com os estudos e experimentação universitária. Por último, a relação do presente vivido com o futuro pensado.

4.1 Os jovens universitários do Campus do Mucuri

A UFVJM é composta basicamente por jovens estudantes. Mulheres, homens, pardos, negros, brancos, indígenas⁵⁷, jovens, adultos, idosos, solteiros, casados, com filhos ou não, provenientes da zona urbana, oriundos da zona rural, que residem com os pais, jovens que saíram de casa, jovens que constituem a primeira geração da família a acessar o ensino superior, jovens que dão continuidade à trajetória escolar inaugurada por seus pais, dependentes financeiramente de suas famílias, que alcançaram autonomia financeira, jovens que nunca trabalharam, jovens trabalhadores, desempregados, à procura de emprego, religiosos, ateus, jovens otimistas, jovens pessimistas em relação ao futuro, jovens com projetos, sem projetos, representam a heterogeneidade do perfil juvenil encontrado na UFVJM. Dos pesquisados, 90% estão na faixa etária de 17 (idade mínima registrada) a 29 anos, dos quais 82% com idade até 24 anos. Aproximadamente 80% dos jovens pesquisados conviveu a maior parte da vida com pai e mãe, em famílias com três ou mais filhos (63,5%). A maioria dos jovens universitários é solteira, aproximadamente 93%, e não tem filhos. Pouco mais da metade (57%) moram com os pais e, aproximadamente 1/3 moram em repúblicas. As mulheres (55% da amostra) são em maior número que os homens⁵⁸, corroborando a tendência nacional observada desde os anos 70 de reversão do “hiato de gênero” na educação superior (BELTRÃO; ALVES, 2009). A maioria dos estudantes do campus se autodeclarou parda, 54,22% do total da amostra, seguidos de brancos, com 31,02% e pretos 11,14% (destes, 54,1% mulheres), conforme categorização do IBGE. Os estudantes que declararam cor/raça amarela representam 2,4% do total; os indígenas ainda representam minoria, 0,6% do total de estudantes pesquisados⁵⁹. Os dados referentes a estudantes autodeclarados brancos, pretos e pardos seguem na contramão dos dados regionais e nacionais, conforme tabela abaixo.

⁵⁷ 0,6% do total da amostra.

⁵⁸ A distribuição por gênero se dá de forma desigual entre os cursos, sendo que na FACSAB, o Bacharelado em Serviço Social apresentou o maior índice de estudantes do sexo feminino, 81,6% e o curso de Ciências Contábeis o menor índice, 47,4%. No BCeT, estudantes do sexo feminino representam aproximadamente 45% amostra. Este quadro reitera uma tendência histórica de feminização de carreiras com conteúdo predominantemente humanístico, enquanto os homens seguem, preferencialmente, carreiras nas áreas técnica e tecnológica, em que pese se observe um crescimento da participação feminina nesta última área.

⁵⁹ O curso de Administração é o que apresenta maior percentual de estudantes pardos. Já o curso de Serviço Social é o que apresentou o maior índice de estudantes pretos, aproximadamente 24% e o curso de administração o menor percentual, 5% na mesma categoria.

Tabela 3- Distribuição percentual de cor/raça, conforme região

Cor/raça	UFVJM/Mucuri (%)	Região Sudeste (%)	Nacional (%)
Amarela	2,41	1,82	3,06
Branca	31,02	64,94	53,93
Indígena	0,60	0,26	0,93
Parda	54,22	24,74	32,08
Preta	11,14	6,49	8,72

Fonte: Pesquisa Condição Estudantil e Juvenil de Jovens Universitários da UFMG, Campus do Mucuri, 2011.

Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras. ANDIFES, 2011.

De maioria oriunda dos Vales do Mucuri (71,4%)⁶⁰ e do Jequitinhonha (15,4%), o perfil socioeconômico e cultural dos jovens estudantes reflete a realidade regional, com significativa presença de jovens provenientes das camadas populares, com reduzido poder aquisitivo e baixo capital escolar, conforme também constatamos no Capítulo 3, por meio dos relatos dos entrevistados. Um importante indicador disto é o percentual de primeiros universitários da família, no Campus do Mucuri, cerca de 36,5% dos pesquisados. A distribuição de primeiros universitários da família se dá de maneira diferente entre os estudantes dos cursos da FACSAB e do ICET⁶¹. São jovens provenientes de famílias cujos pais apresentam baixa ou nenhuma escolaridade, conforme tabela a seguir.

⁶⁰ Aproximadamente 73% dos estudantes oriundos do Vale do Mucuri são de Teófilo Otoni, cidade na qual está instalado o Campus do Mucuri, da UFMG. Apenas ¼ do total de estudantes provenientes desta região é de outras cidades do Vale do Mucuri, o que coloca em questão a efetiva abrangência da UFMG nos Vales do Mucuri e Jequitinhonha.

⁶¹ Aproximadamente 47% dos estudantes da FACSAB encontram-se nesta situação e 24,5% dos estudantes do ICET.

Tabela 4- Escolaridade da mãe e pai ou equivalente, geral e por primeiro universitário da família

Escolaridade	Mãe ou equivalente (%)		Pai ou equivalente (%)	
	Geral	Primeiro universitário	Geral	Primeiro universitário
Não alfabetizada/o	4,0	7,6	4,3	7,5
Lê e escreve, mas nunca foi à escola	0,9	0,8	0,3	-
Fundamental incompleto	24,3	37,0	35,9	48,6
Fundamental completo	5,5	7,6	8,0	13,1
Médio incompleto	4,6	6,7	7,3	6,5
Médio completo	28,3	36,1	26,9	23,4
Superior incompleto	4,0	2,5	4,3	0,9
Superior completo	14,3	-	9,3	-
Pós-graduação	14,0	-	2,0	-

Fonte: Pesquisa Condição Estudantil e Juvenil de Jovens Universitários da UFVJM, Campus do Mucuri, 2011.

Conforme dados da pesquisa, a escolaridade das mães ou equivalentes é superior à dos pais ou equivalentes⁶², o que reflete, também, sua inserção ocupacional. Dentre as mães, no tocante à inserção ocupacional, o maior índice registrado foi na categoria “servidora pública”, com 33% de incidência, a maior parte professoras do ensino básico ou desenvolvendo atividades educacionais. A categoria “do lar” registrou o segundo maior índice, 26%. Os menores índices registrados foram nas categorias “empresária” e “agricultora familiar”, com 3% cada. No que diz respeito aos pais, 27,8% autônomos ou profissionais liberais; 14,2% servidores públicos e 16% aposentados ou pensionistas. Os empresários representam 7,8% da amostra e agricultores familiares 7,1%. A baixa escolaridade das mães e pais dos universitários e sua inserção ocupacional nos dão pistas da origem social dos jovens estudantes, oriundos, marcadamente, das classes populares, sendo a maioria deles estudantes dos cursos noturnos.

No que diz respeito à trajetória escolar, identificamos que a maioria dos estudantes, cerca de 65%, é oriunda de escola pública, como é o caso dos jovens entrevistados, o que pode ser um reflexo da expansão do acesso a todos os níveis de ensino na esfera pública, observado nas últimas décadas. Entretanto, a realidade dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, retratada pela Fundação João Pinheiro (2010), é de que há um índice significativo da população que não foi alcançado pelos processos formais de escolarização. Cerca de 26% da população acima de 15 anos do Vale do Mucuri e 22,3% do Jequitinhonha não são alfabetizados; em que pese a taxa de frequência⁶³ ao ensino fundamental no Mucuri seja de 91,2% e no Jequitinhonha 91,9%, no

62 No decorrer deste capítulo, utilizaremos apenas a expressão “mães” e “pais”, para identificar “mães ou equivalentes” e “pais ou equivalentes”.

63 De acordo com a Fundação João Pinheiro (2010), a taxa de frequência é a “razão entre o número de pessoas de 15 a 17 anos de idade matriculadas no ensino médio e a população total nessa faixa etária, multiplicada por 100.

ensino médio a mesma taxa é de cerca de 42,9% e no Jequitinhonha 45,6%, ou seja, mais da metade dos jovens que deveriam frequentar a escola no ensino médio, está fora dela e as possibilidades destes jovens acessarem o ensino superior são, ainda, bastante reduzidas.

Acerca dos recursos materiais de informação⁶⁴ e culturais que possuem, em plena era das tecnologias digitais reproduz-se a desigualdade de acesso às tecnologias de informação e comunicação. Aproximadamente 14% dos estudantes da FACSAB e 3,2% do ICET não possuem computador; 45,7% dos estudantes dos cursos noturnos, cuja maioria são estudantes-trabalhadores, e 20,6% dos estudantes dos cursos diurnos não possuem internet banda larga em casa. No que diz respeito ao acesso à internet, a maioria dos estudantes pesquisados, aproximadamente 96%, tem acesso à internet; cerca de 76,5% dos pesquisados utiliza a internet em casa, 58,4% na UFVJM, 23,8% no trabalho e cerca de 13% em *lan houses*⁶⁵. Outrossim, 64% dos estudantes utiliza a internet para se manter atualizado acerca dos acontecimentos na contemporaneidade⁶⁶. A disponibilidade, qualidade e preço dos serviços de internet podem constituir fatores limitadores da universalização do acesso a este tipo de tecnologia na região. Os jovens pesquisados ainda fazem uso de outros meios de comunicação para se manterem atualizados sobre as questões contemporâneas: aproximadamente 68,5% citaram a TV, 19,5% revistas. Poucos estudantes utilizam o rádio (12%) e o jornal escrito (11%) para esta finalidade. A respeito das desigualdades de acesso às tecnologias da informação, Castells (2001) afirma que a disparidade entre os que tem e os que não tem internet amplia ainda mais a desigualdade e exclusão social, em uma complexa interação que parece aumentar a distância entre a promessa da era da informação e a cruel realidade em que está imersa uma grande parte da população mundial⁶⁷. Para o mesmo autor, “o uso da internet está claramente diferenciado em termos territoriais e segue a distribuição desigual da infraestrutura tecnológica, da riqueza e da educação no planeta” (CASTELLS, 2001, p. 237), o que é válido na realidade dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha.

Outra exigência da sociedade do conhecimento é o domínio de diferentes idiomas, posto que cada vez mais o sistema de educação superior tem se pautado por princípios voltados à internacionalização da universidade e ao intercâmbio de saberes e práticas. No campus do

Indicador de acesso da população de 15 a 17 anos ao sistema educacional de referência para sua faixa etária, sem levar em conta a adequação idade-série”.

64 Posse de computador e internet banda larga.

65 A questão permitia assinalar mais de uma opção, desta forma, a soma dos percentuais ultrapassa 100%.

66 A média nacional de uso da internet por estudantes das instituições federais de ensino para esta finalidade é 70,4% e a média da região sudeste 75,5%

67 Tradução livre.

Mucuri, no que se refere ao domínio de língua inglesa, os estudantes pesquisados afirmaram ter um nível razoável de conhecimento⁶⁸, todavia, aproximadamente 1/3 dos pesquisados declararam que o conhecimento da língua é nulo. No que tange à língua espanhola, quase metade dos pesquisados declararam conhecimento nulo (49,3%) e cerca de 40% conhecimento razoável da língua. Comparados aos índices do perfil dos estudantes das universidades federais brasileiras, observamos que o nível de conhecimento de idioma estrangeiro no Campus do Mucuri está bem inferior à média nacional, conforme tabela a seguir.

Tabela 5- Distribuição comparativa por nível de conhecimento de idioma estrangeiro.

Nível de conhecimento	Inglês		Espanhol	
	UFVJM (%)	Brasil (%)	UFVJM (%)	Brasil (%)
Bom	14,4	38,3	9,5	17,6
Razoável/regular	52	43	38,8	52,5
Nulo/nenhum	33	18,5	50,6	29,8

Fonte: Pesquisa Condição Estudantil e Juvenil de Jovens Universitários da UFMG, Campus do Mucuri, 2011.

Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras. ANDIFES, 2011.

Os dados apresentados na Tabela 3 reiteram a tese de que ainda que as possibilidades de acesso ao ensino superior tenham ampliado nos últimos anos, a condição estudantil é perpassada pelo domínio desigual de tais ferramentas, que se coloca como elemento diferenciador das condições de acesso e permanência no ensino superior⁶⁹.

Em síntese, a ampliação do acesso ao ensino superior pela via da expansão e interiorização da universidade pública, no caso do campus do Mucuri, tem contribuído para o ingresso de um público heterogêneo do ponto de vista das condições socioeconômicas e culturais, com forte presença de jovens estudantes oriundos das classes populares, muitos deles constituindo a primeira geração da família a acessar o ensino superior. Para parte significativa deste público, as condições limitadas de estudo, a pouca convivência com os objetos intelectuais e artísticos da cultura hegemônica e as condições de manutenção no ensino superior repercutem

68 Aproximadamente 52% dos pesquisados declararam nível razoável de conhecimento em língua inglesa, consideradas as habilidades leitura, escrita, compreensão e conversação.

69 Com o objetivo de “oferecer ensino de alta qualidade e acessível, visando preparar estudantes e servidores da UFMG para as exigências do mercado de trabalho e para o próprio desenvolvimento humano, científico e tecnológico, incluindo o fomento para obtenção de bolsas para estudos no exterior” (DRI/UFVJM, 2009), em 2009, iniciou-se no campus do Mucuri o processo de implantação do Centro de Idiomas, que atualmente oferece cursos pagos de inglês, espanhol e alemão. Desde o início das atividades, foram ofertados, ainda, cursos de francês e italiano.

nas suas práticas e vivências acadêmicas, ora os aproximando enquanto coletivo de estudantes, ora reforçando os aspectos diferenciadores próprios da sua condição juvenil e estudantil.

Em relação à escolha do curso de graduação e às motivações para esta escolha, aproximadamente 68% dos pesquisados afirmaram cursar a graduação que gostariam; 58,1% da amostra atribuíram a motivação para a escolha do curso ao fato de o curso ser mais adequado às suas aptidões; o prestígio econômico aparece com a segunda maior incidência, 13%. Na figura a seguir, comparativo de principal motivação de escolha da graduação conforme situação de primeiro universitário da família e demais estudantes.

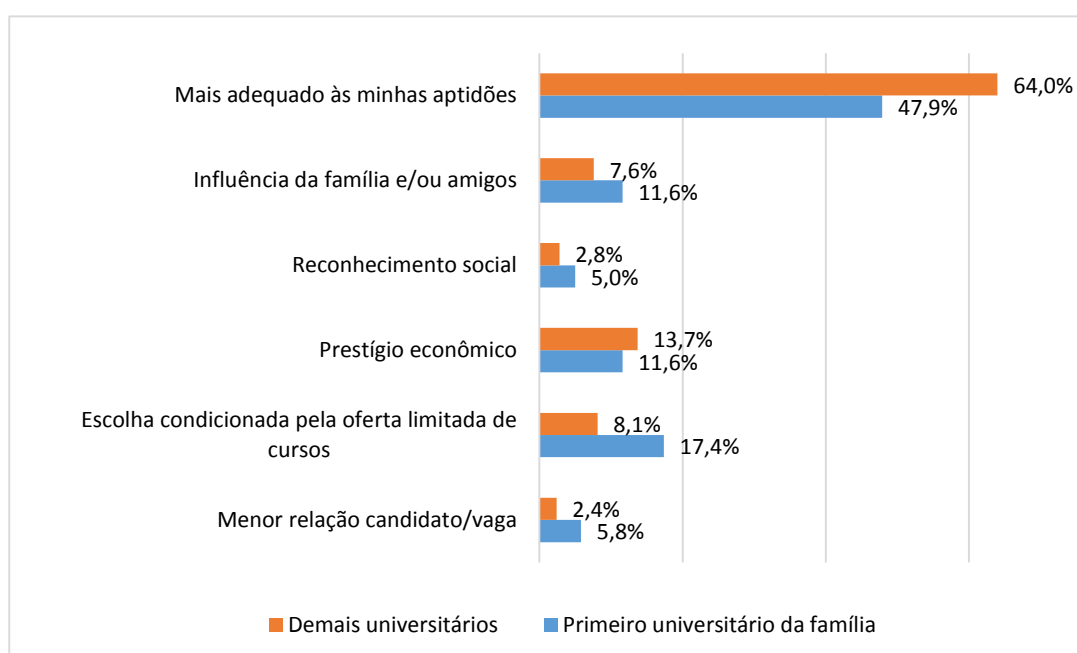


Figura 8- Distribuição dos estudantes por principal motivação para a escolha da graduação, conforme situação de primeiro universitário da família e demais universitários.

Fonte: Pesquisa Condição Estudantil e Juvenil de Jovens Universitários da UFVJM, Campus do Mucuri, 2011.

Dos dados apresentados, destacamos os referentes às aptidões como motivação para a escolha do curso, cujos primeiros universitários da família apresentaram índice significativamente mais baixo (47,9%) que os demais estudantes (64%). Quando cruzados estes dados com o quesito aproveitamento das disciplinas, os primeiros apresentem menor índice de reprovação, 43%, em relação aos demais estudantes, 48,3%. Na FACSAB, os cursos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas apresentaram índice de aproveitamento de primeiros universitários superior aos demais estudantes. No curso de Serviço Social, os estudantes oriundos de famílias com membros que já possuíam o ensino superior apresentaram aproveitamento maior que os novos universitários, 82,6% a 60%,

respectivamente. Importa ressaltar que entre as competências e habilidades necessárias ao desenvolvimento do curso de Serviço Social destaca-se a leitura, interpretação e escrita, o que pode guardar relações com o capital cultural acumulado. No BCeT, os índices são semelhantes entre estudantes primeiros universitários e os demais estudantes, aproximadamente 45% de aproveitamento para ambos. Importante destacar que o aproveitamento das disciplinas está relacionado, ainda, a outros fatores condicionantes, como inserção no mercado de trabalho, tempo de dedicação aos estudos, a própria relação com os estudos, participação em atividades acadêmicas extracurriculares, entre outras. Do gráfico destacamos, ainda, o percentual significativamente superior de primeiros universitários da família cuja escolha do curso de graduação foi permeada pela oferta limitada de cursos.

Dentre os estudantes que afirmaram não cursar a graduação que gostariam, aproximadamente 36% do total de pesquisados, a não disponibilidade do curso no campus mais próximo foi apontada por 46,8% dos universitários e o alto custo de manutenção do curso por 11,9%. Uma observação mais atenta, conforme turno do curso, apresenta diferenças significativas entre os estudantes do diurno e do noturno. Esta classificação por turno se mostra importante se considerarmos que nos cursos noturnos encontramos o maior índice de estudantes oriundos das classes populares, conforme já assinalado. Na tabela a seguir podemos observar a distribuição percentual dos estudantes por motivos de não cursarem a graduação que gostariam.

Tabela 6- Distribuição dos estudantes por motivos de não cursarem a graduação que gostariam, conforme turno do curso

Motivo	Estudante do turno diurno (%)	Estudante do turno noturno (%)
Alto índice candidato/vaga	23,1	7,0
Não disponível no campus mais próximo	34,6	57,9
Alto custo de manutenção do curso	7,7	15,8
Grau de dificuldade do curso	3,8	1,8
Imposição familiar	11,5	8,8

Fonte: Pesquisa Condição Estudantil e Juvenil de Jovens Universitários da UFVJM, Campus do Mucuri, 2011.

Além das diferenças registradas conforme o turno do curso, observamos uma tendência maior entre os primeiros universitários da família, de adaptação aos condicionantes estruturais, como a oferta limitada de cursos, o que ocorre com menor incidência entre os demais estudantes. A escolha condicionada pela oferta limitada de cursos permeou a decisão de 17,4% dos primeiros universitários da família e 8,1% dos demais; 5,8% dos primeiros e 2,9% dos demais estudantes afirmaram que sua escolha foi pautada pela menor relação candidato/vaga; o prestígio econômico foi menos decisivo entre os novos estudantes, 11,6% do que entre os

demais 13,7%. Estes estudantes pautaram suas escolhas no que chamamos de “opção possível”.

No curso de Serviço Social encontramos o maior índice de estudantes que pautaram suas escolhas na “opção possível”. A não disponibilidade do curso desejado no campus mais próximo (47,4%) e o alto custo de manutenção do curso (26,3%) foram apontados como principal motivo de não cursar a graduação desejada. De acordo com dados obtidos com a aplicação dos questionários, a maioria dos estudantes pesquisados neste curso (55,5%) não cursa a graduação desejada. A este respeito, cabe destacar que durante o período de observação de campo, bem como em rodas de conversa com estudantes do curso de Serviço Social, constatamos que muitos desses estudantes desejavam realizar um curso na área de humanidades ou das ciências sociais ou, declaravam não ter aptidões para as ciências exatas. No rol de cursos disponíveis no Campus do Mucuri, o curso que guardava maior proximidade das ciências sociais e maior distância das ciências exatas era o de Serviço Social, o qual se tornava a “opção possível”, embora não desejada.

Dos dados apresentados depreendemos que em contextos como o dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, a escolha do curso está mais diretamente permeada pelas condições materiais de execução do curso do que por questões relacionadas à formação básica, que poderia contribuir com um melhor ou pior desempenho nos processos seletivos dos cursos.

Em artigo sobre o acesso e permanência no ensino superior, Zago (2006, p. 231; 232) problematiza: “quem de fato escolhe?” e afirma que “sob esse termo genérico [escolha] escondem-se diferenças e desigualdades sociais importantes”. Para esta autora,

[...] falar globalmente de escolha significa ocultar questões centrais como a condição social, cultural e econômica da família e o histórico de escolarização do candidato. Para a grande maioria não existe verdadeiramente uma escolha, mas uma adaptação, um ajuste às condições que o candidato julga mais condizentes com sua realidade e que representam menor índice de exclusão (ZAGO, 2006, p. 232).

No caso dos estudantes da UFVJM/Campus do Mucuri, esta afirmação é corroborada quando cruzamos os dados entre o curso em andamento e o curso desejado pelos estudantes. O curso de Administração apresentou o maior percentual de estudantes que afirmaram que gostariam de cursar o próprio curso em andamento, com 40% de incidência. O Bacharelado em Ciência e Tecnologia – BCeT foi o curso citado por 17,5% do total da amostra e por 27% dos

estudantes do próprio curso⁷⁰. O Curso de Serviço Social apresentou o maior índice de estudantes que gostariam de cursar uma graduação ofertada no Campus de Diamantina⁷¹, 73,9%. Em virtude deste índice expressivo, isolamos⁷² este curso para verificarmos os motivos pelos quais estes estudantes não cursam a graduação que gostariam, identificamos que 47,4% afirmaram não cursar a graduação que gostariam porque o curso não está disponível no campus mais próximo⁷³ e 26,3% em virtude do alto custo de manutenção do curso⁷⁴, o que parece ter acontecido com alguns de nossos entrevistados. O fato é que, como vimos no capítulo anterior, a condição econômica, social e cultural da família tem grande influência nas trajetórias de escolarização e estratégias adotadas pelos jovens aspirantes ao ensino superior, que perpassa desde as possibilidades de realização ou não de um curso superior, até a “escolha” do curso e da instituição de ensino na qual se matricular.

4.2 Algumas vivências na universidade: do CAIC à sede do Campus do Mucuri

Ser aprovado no processo seletivo foi apenas um dos obstáculos transpostos pelos jovens estudantes do Campus do Mucuri na corrida pela educação superior. Na chegada, os estudantes das primeiras turmas dos cursos ofertados no Campus do Mucuri enfrentaram dificuldades provenientes de uma expansão apressada e mal planejada da universidade pública brasileira, que resultou na implantação de campi universitários em instalações físicas precárias e insuficientes; com logística administrativa deficitária; acervo bibliográfico limitado; além de não contar com um corpo docente mínimo para a oferta regular dos cursos⁷⁵. Todos os cursos ofertados no Campus iniciaram suas atividades neste prédio. Cinco dos seis entrevistados iniciaram suas trajetórias no Campus do Mucuri, nestas condições.

⁷⁰ 40,8% dos estudantes que cursam o Bacharelado em Ciência e Tecnologia afirmaram que gostariam de cursar os cursos de Engenharia Civil, Engenharia de Produção ou Engenharia Hídrica, para os quais o BCeT é o curso básico obrigatório, portanto, porta de entrada para o curso desejado. Por ser uma modalidade nova de ensino, a obrigatoriedade de cursar o BCeT antes do ingresso a uma das engenharias não é compreendida e/ou aceita por boa parte dos estudantes. Nosso entrevistado Luiz também aponta essa questão, que será tratada adiante.

⁷¹ Nesta mesma condição encontravam-se 40% dos estudantes do curso de Administração, 29,7% do BCeT, 45,8% das Ciências Contábeis, 37,6% das Ciências Econômicas e 31,1% da Licenciatura em Matemática.

⁷² Em termos metodológicos.

⁷³ Fator que pode guardar relação com a possibilidade de manutenção do curso em outra cidade.

⁷⁴ No curso de Serviço Social, o índice relativo ao alto custo de manutenção do curso é significativamente superior à média do Campus, de 11,9% e da FACSAB, de 15,8%. O que pode estar relacionado com a origem social e a situação de classe, uma vez que se trata de um dos cursos com maior índice de jovens oriundos das classes populares. Reiteramos o alerta de Zago (2006, p.232) que “a correspondência entre a condição social e a escolha pela carreira é tendencial, e não absoluta”.

⁷⁵ No que tange à estrutura física, conforme pontuado no II Capítulo, é importante retomar que as atividades no Campus do Mucuri tiveram início em instalações provisórias, onde funcionara, nos anos 90, um Centro de Atenção Integral à Criança – CAIC.

Kim Xavier (22 anos), que prestou o vestibular fora do campus e cujo contato com a estrutura física da universidade ocorreu somente no seu primeiro dia de aula, fez referência a esta questão:

No meu primeiro dia eu até assustei um pouco, pelo fato de a universidade estar funcionando em um prédio cedido pela prefeitura, porque era quase igual uma escola do ensino médio e não era aquilo que eu estava esperando. Mas, mesmo assim, os professores, o conhecimento que eu fui adquirindo ao longo dos períodos, foi só me transformando meu pensamento, olhando a vida de outra forma, conhecendo o modo pelo qual a sociedade realmente funciona e é. Então, assim, foi muito bom mesmo e eu agradecia muito a deus por ter conseguido passar naquela instituição, ainda que, ainda com as falhas que tinha. (Kim Xavier, 22 anos)

As dificuldades estruturais do Campus eram amenizadas de um lado, pelo sentimento de conquista de um espaço na universidade, permeado pela expectativa de acesso a um conhecimento de boa qualidade e, de outro, pela promessa de melhorias com a mudança para a sede do Campus que se encontrava em construção.

Vinícius Figueiredo (26 anos), Bacharel em Ciências Econômicas⁷⁶, formado pela UFVJM, estudante da segunda turma do curso, desenhista, ilustrava por meio de charges as situações vivenciadas no Campus, como esta, na qual faz uma crítica ao atraso da mudança para a sede do Campus do Mucuri e suas recorrentes alterações de data. De acordo com este jovem estudante, naquela época, as condições precárias do campus constituíam um ambiente inspirador à sua arte.

⁷⁶ Atualmente Vinícius cursa mestrado na Universidade de Campinas – UNICAMP. No relato do artista, “A UFVJM sempre foi um ambiente frutífero para a criatividade, principalmente na precariedade em que vivíamos naqueles anos iniciais, me estimulou bastante, inclusive a desenvolver a particularidade do meu traço. [...]comecei desenhar charges na universidade. [...]na maioria das vezes produzia só em sala de aula e intervalos, nada em casa”. (VINÍCIUS FIGUEIREDO, 2013)



Figura 9- Charge sobre a mudança para as novas instalações do Campus do Mucuri.

Em que pese as condições das instalações do Campus e o reduzido quantitativo dos professores, aos poucos foram sendo organizados grupos de estudos, pesquisas e extensão, dos quais destacamos o Grupo de Extensão em Agricultura Familiar - GEAF⁷⁷, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – NEAB, o Grupo de Pesquisa em Ciência Política (no ano de 2007), o Observatório das Juventudes dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha - OJMJ (em 2008), este último sob nossa iniciativa e coordenação, e grupos auto organizados de estudantes, como o Coletivo Travessia⁷⁸ e a Aliança Bíblica Universitária - ABU⁷⁹.

Deste contexto, Kim Xavier (22 anos) e João (23 anos) mencionaram dois projetos desenvolvidos pelo OJMJ que tiveram início nas instalações do CAIC: o Intervalo Cultural e o Bicho Calango de Teatro Universitário. O primeiro, visava possibilitar um espaço de integração estudantil e fomento da cultura regional, por meio de apresentações artísticas semanais, durante o intervalo de aulas. O segundo, objetivou fomentar a criação e implementar um grupo

⁷⁷ Atual Grupo de Extensão e Pesquisas em Agricultura Familiar – GEPAF.

⁷⁸ De acordo com Maurício Beirão (24 anos), Economista graduado na UFVJM, um dos idealizadores do Coletivo Travessia, “era um coletivo com o objetivo de despertar entre os alunos diálogos sobre a universidade, sua relação com a cidade e com os vales. O lema era tipo reunir política e cultura, tinha o jornal malungos, que teve 9 edições, financiado pelos próprios alunos e os próprios desenhavam, escreviam textos e poemas; tinha a terça na vitrola e ocorreram alguns debates”.

⁷⁹ Grupo de jovens evangélicos que se reunia para estudar a bíblia e cultuar seu Deus, no horário do intervalo de aulas.

universitário de teatro no Campus do Mucuri⁸⁰. João participou da primeira formação do grupo de teatro. O jovem estudante destacou algumas contribuições do projeto para a sua formação:

[...] o Bicho Calango surgiu praticamente no CAIC, eu estava no segundo, terceiro período, então tinha aquela conjuntura, você entra na universidade todo tímido, todo acanhado, você é calouro... então, o teatro, o Bicho Calango, esse projeto de extensão contribuiu para tirar essa questão da timidez, questões pessoais mesmo, você também pode ir mais além, você mesmo, seu corpo, sua mente, contribuiu de forma efetiva o Bicho Calango. (João, 23 anos)

Conforme depoimentos de Kim e João, as vivências nas instalações provisórias do Campus do Mucuri eram marcadas por um misto de limites e possibilidades. Neste contexto, se, por um lado, a estrutura precária do Campus, tomada de modo isolado, não se configurou como fator determinante para a construção de uma imagem negativa da universidade, por outro, instigou os jovens estudantes ao anseio por mudanças. Assim, as condições estruturais do campus e o crescente processo de formação política de alguns grupos de estudantes⁸¹ contribuíram para o fortalecimento do emergente movimento estudantil - ME do Campus do Mucuri. Segundo Carina (27 anos), uma das lideranças do ME na época:

O desejo [de luta por uma universidade de qualidade] veio da consciência de que a UFVJM era minha, do meu povo, da minha terra. E por isso não poderíamos permitir que fosse a universidade da exclusão.

Pesquisadora: a que exclusão se refere?

São duas questões: primeiro a exclusão da qualidade. Claro que o sucateamento é geral, mas uma universidade numa região geograficamente desfavorável, tende a viver mais cruelmente essa realidade. Lembremos da visita de Lula, esse momento foi emblemático para entendermos isso. A luta enfim, tinha esse tom: não venham com uma universidade miserável pra uma região que todos acham que é só miséria. A segunda questão é a exclusão que historicamente permeia as universidades públicas. É importante, mesmo reconhecendo o caráter universal da universidade, e exatamente por isso, que era necessário que os jovens dos vales tivessem acesso àquela universidade. Por isso a luta incansável por moradia, pelo R.U. [Restaurante Universitário], por outras políticas de assistência.

⁸⁰ Projeto de Extensão, sob nossa coordenação, financiado pelo Ministério da Cultura. O projeto ficou em desenvolvimento de 2009 a 2010. Durante a vigência do projeto foram montadas duas peças teatrais e o grupo realizou diversas apresentações dos espetáculos.

⁸¹ Nesta época, alguns estudantes vinculados ao movimento estudantil participavam do Curso de Realidade Brasileira – CRB, um curso de extensão voltado para a formação política de militantes de diversos movimentos sociais. Além de outros espaços de formação política, de grupos estudantis auto organizados.

Pesquisadora: de onde veio essa noção de que o que havia disponível era a universidade da exclusão?

Por não existir nada que pudesse remeter a uma universidade. E principalmente por aquilo parecer normal. (CARINA, 27 anos⁸²)

Questionada sobre que ideia tinham de universidade, a jovem remeteu à “*histórica relação de migalhas a que o povo dessa região sempre lidou*”, conforme vimos no Capítulo II desta tese, e ponderou:

Acho que tínhamos mais noção do que não era uma universidade do que o que seria uma universidade. Talvez a universidade que nos possibilitasse viver a universidade, sem tanta limitação. Embora hoje eu pense que essa vivência foi possível, mesmo com essas limitações. Mas estamos falando do início, né? (Carina, 27 anos)

Neste terreno de contradições brotavam sementes importantes para a consolidação da universidade desejada, com ensino público, gratuito e de qualidade, como a formação política e o movimento estudantil.

4.2.1 Movimento Estudantil: constituído e constituinte da condição estudantil⁸³ na UFVJM

Embora a história do ME do Campus do Mucuri não constitua, diretamente, objeto de nossa tese, partimos do entendimento de que não é possível tratarmos da condição estudantil e juvenil do jovens universitários do Campus, sem que a ele façamos referência e sem que demarcemos de forma menos aligeirada a relação entre a vida universitária e o movimento estudantil e vice-versa.

Como vimos, a emergência do ME do Campus do Mucuri tem raízes nos primórdios da existência do Campus e, é no seio da própria condição juvenil e estudantil dos jovens universitários que observamos o seu fortalecimento. Um dos marcos desta história foi a mudança da sede do Campus para as instalações permanentes, no segundo semestre de 2009, após aproximadamente três anos de funcionamento do Campus nas instalações do CAIC, e sua inauguração pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em fevereiro de 2010.

⁸² Carina ingressou na UFVJM aos 20 anos e concluiu o curso de Serviço Social aos 24 anos.

⁸³ Para a elaboração deste tópico foram entrevistadas três lideranças do ME: Carina (27 anos), Vinícius Maia (21 anos) e Leonardo (21 anos). A primeira, integrante do ME entre 2006 e 2010; Vinícius integrou o ME desde a sua chegada na universidade, em 2009 e Leonardo, a partir de sua chegada em 2010. Ambos estudantes do curso de Serviço Social da UFVJM. Além das entrevistas, registros da nossa própria vivência na universidade neste período e das observações de campo no período da pesquisa (2010 – 2013).

Com a mudança do Campus, em detrimento da promessa que se constituía em expectativa de melhorias, a comunidade acadêmica foi confrontada com a realidade perversa de um campus inacabado, com construções novas apresentando rachaduras, sem água potável, sem um sistema de prevenção e combate a incêndio, sem laboratórios de ensino⁸⁴, sem estrutura física para a biblioteca, sem área de convivência, sem RU, sem moradia estudantil, com o velho dilema da falta de professores, sem planejamento relativo à mobilidade urbana, com única via de acesso não pavimentada⁸⁵. Acerca das condições encontradas na nova sede do Campus, Kim Xavier (22 anos) relata:

Eu acho que no início foi um transtorno, porque a gente não tinha transporte, era muito desesperador para chegar ao campus, para sair também. A gente pensava que ia mudar, que ia ter uma estrutura, que ia ser diferente lá do CAIC só que, infelizmente, inicialmente não era nada do que a gente esperava. (Kim Xavier, 22 anos)

Neste contexto, o ME protagonizou uma série de manifestações, dentre as quais destacamos uma greve estudantil deflagrada pelos discentes do curso de Serviço Social, no mês de setembro de 2009, logo após a mudança para as instalações permanentes do campus. Dada a deliberação dos discentes do curso de Serviço Social, os Centros Acadêmicos dos demais cursos realizaram assembleias com o intuito de discutirem as condições estruturais e pedagógicas do Campus, entretanto, apenas os estudantes do curso de Ciências Econômicas colocaram em votação a proposta de greve estudantil, a qual não foi aprovada. Nesta conjuntura, alguns estudantes dos cursos de Ciências Econômicas e de Administração, membros ativos do movimento estudantil, aderiram individualmente à greve estudantil do curso de Serviço Social.

No Campus, os embates ideológicos entre os estudantes grevistas e/ou apoiadores e os contrários à greve mostravam-se cada vez mais acirrados e resultaram em uma cisão do corpo discente. De um lado, estudantes dos cursos de Serviço Social e Ciências Econômicas, autodenominados progressistas, de outro lado, estudantes dos demais cursos que não aderiram ao movimento, cujos cursos eram caracterizados pelos militantes como conservadores. A

⁸⁴ Os laboratórios de ensino e pesquisa de química, biologia e física foram instalados provisoriamente no prédio de salas de aula, assim permanecendo até o momento. Com a conclusão do prédio do ICET, a previsão de ocupação do espaço físico construído para tal finalidade é setembro de 2013.

⁸⁵ Além disso, no local aonde o campus foi instalado havia prática de pastoreio de gado, os animais (cerca de 40 cabeças) invadiam as dependências do campus, se instalavam nas áreas externas, o cheiro forte de suas fezes e urina exalava por todo o campus, configurando mais uma expressão da precariedade a que a comunidade acadêmica do Campus do Mucuri estava exposta.

essência desta cisão foi captada por Vinícius Figueiredo e registrada em mais uma de suas charges.



Figura 10- Charge sobre a cisão político-ideológica do corpo discente do Campus do Mucuri⁸⁶.

Após uma semana desde o seu início, sem adesão dos estudantes dos demais cursos, a greve estudantil do Curso de Serviço Social perdia forças. Entretanto, com programação diária de atividades de mobilização estudantil, as lideranças do movimento grevista conseguiram manter a greve por mais uma semana. Neste período, os estudantes organizaram um ciclo de debates cujo tema era a política de educação e seus reatamentos no ensino superior. Esta atividade teve duração de uma semana e, para o encerramento, foi organizado um ato público, durante o qual os estudantes tomaram as ruas de Teófilo Otoni reivindicando providências relativas ao acesso ao campus, às condições de permanência na universidade, à indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, à assistência estudantil, dentre outras. Importa ressaltar que muitos estudantes matriculados em cursos cujo corpo discente não aderiu à greve estudantil, aderiram às manifestações. A presença dos estudantes nas ruas contribuiu para chamar a atenção das autoridades e da população local à precarização a que a comunidade acadêmica estava exposta. Ao mesmo tempo, conferiu visibilidade à universidade.

⁸⁶ Note-se que o personagem militante é representado com feição aguerrida e com um estilo mais despojado, enquanto a personagem que faz menção à certificação da qualidade é representada com feições dóceis e “estilo alinhado”, com menção à qualidade da educação via parâmetros empresariais.

Neste período, atendendo solicitação dos estudantes a prefeitura municipal de Teófilo Otoni recebeu uma comissão de representantes do Movimento Estudantil. Conforme Lopes (2011, p.46),

A comissão conseguiu uma reunião com o secretário de governo da administração municipal e conseguiu com ele assinasse um documento se comprometendo a realizar melhoria no acesso provisório ao Campus universitário, agilizar o mais rápido possível o início da construção do acesso definitivo e agendar uma reunião em conjunto com a empresa responsável pelo transporte público do campus.

As semanas que seguiram foram marcadas por fortes chuvas na região de Teófilo Otoni e, como o acesso viário à universidade se dava por estrada não pavimentada, não era possível chegar às dependências do Campus com segurança. Em virtude da falta de condições de acesso ao Campus as aulas foram suspensas por 15 dias, em cujo período a prefeitura municipal de Teófilo Otoni realizou algumas obras paliativas como o asfaltamento da parte íngreme e colocação de macadame na rua do acesso provisório ao campus. Neste interim, o semestre letivo que já havia iniciado com atraso, ficara mais prejudicado com a suspensão das aulas.

Ao final do mês de dezembro daquele ano iniciou o recesso escolar e as aulas do segundo semestre letivo de 2009 foram retomadas no mês de janeiro de 2010. O reinício das aulas foi marcado por transtornos para os estudantes que se deslocavam de outros municípios para Teófilo Otoni, haja vista que os ônibus que realizam o traslado dos estudantes da UFVJM são os mesmos que fazem o transporte de estudantes das demais faculdades do município. Como estes últimos eram maioria e se encontravam de férias, não eram disponibilizados ônibus para os estudantes da UFVJM. No retorno às aulas, o sentimento de insatisfação se generalizava dentre os membros da comunidade acadêmica, principalmente levando-se em consideração o fato de que poucas melhorias haviam sido realizadas desde a ocupação das instalações permanentes do campus. Neste contexto, a conjuntura política institucional e as condições estruturais e pedagógicas do Campus contribuía para o fortalecimento do movimento estudantil.

Nos últimos dias do mês de janeiro do mesmo ano (2010), a comunidade acadêmica foi surpreendida com o comunicado de que o então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva faria o ato solene de inauguração da UFVJM, no Município de Teófilo Otoni, no dia 09 de fevereiro, terça-feira. Foram realizadas, às pressas, pequenas obras de construção civil

bem como do acesso viário ao Campus, a fim de viabilizar a visita do presidente e sua comitiva de ministros⁸⁷.

[...] fomos pegos totalmente de surpresa com a notícia da "visita" do Presidente e companhia. Com o pouco tempo que tínhamos, convocamos os estudantes para organizarmos uma manifestação, considerando o estado em que a universidade se encontrava naquele momento. A pauta era infinita e antiga. Aquele, sem dúvida, era um momento histórico. (Carina, 27 anos)

No final da semana que antecedeu o ato, a equipe precursora da presidência da República viajou a Teófilo Otoni e realizou uma varredura nas dependências do Campus, a fim de preparar as instalações para a recepção do presidente e sua comitiva. Além de solicitar providências em relação a possíveis áreas de risco, foram retirados dos murais quaisquer cartazes com conteúdo de crítica ao processo de expansão e/ou a qualquer ato do governo federal. Nesta ocasião, o OJMJ, que organizara uma exposição de fotos sobre a história do Campus do Mucuri sob o olhar do ME, foi instada a submeter o acervo fotográfico à censura do governo federal, do qual quatro fotos foram censuradas por conterem imagens ou mensagens de crítica ao governo, além de um banner contendo uma charge⁸⁸ do artista Vinícius Figueiredo, que ora é publicada nesta tese.



Figura 11 - Charge "Pagando Promessa", elaborada por ocasião do anúncio da visita do presidente Lula para a inauguração da UFVJM em Teófilo Otoni (fevereiro de 2010)

⁸⁷ Participaram desta solenidade os seguintes Ministros: Dilma Rousseff (Casa Civil), Fernando Haddad (Ministério da Educação), Hélio Costa (Ministério das Comunicações), Marcio Fortes (Ministério das Cidades) e Patrus Ananias (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome)

⁸⁸ Nesta charge o artista faz uma crítica aos governos municipal (na pessoa da então prefeita Maria José Hauelsen, do Partido dos Trabalhadores - PT) e federal, frente à situação de não atendimento às demandas do Campus.

Além da censura no âmbito da universidade, conforme relato de lideranças do movimento estudantil na época, um assessor da equipe precursora da presidência compareceu a uma república estudantil, conhecida como “República dos Baurets”⁸⁹, a fim de “orientar” os estudantes acerca da visita do presidente. Carina (27 anos), relatou este fato:

Foi uma conversa tensa. Ele sugeriu que a gente escrevesse uma carta para o Presidente, com todas as nossas reivindicações, garantiu que entregaria em mãos. Sugeriu até o "enredo". Falou com todas as letras que não entraríamos com nenhuma faixa, nenhum cartaz, que a segurança já estava avisada para impedir qualquer manifestação. Aquela era uma reunião com o DCE, éramos a entidade representativa dos estudantes. Exigimos a reunião com o Presidente e o Ministro da Educação, Haddad. Ele impôs a condição de não organizarmos uma manifestação. Lembro que teve outra reunião na universidade, desta vez uma mulher chamada Lídia, ela foi mais direta, disse que se eles descobrissem que estávamos organizando uma manifestação, não haveria a reunião. Conseguimos negociar, mas seguimos com a manifestação. Confeccionamos cartazes, mosquitinhos... No dia foi uma luta, o exército tava lá, revistando as mochilas. Por sorte veio uma tempestade, houve um tumulto na entrada, aí a galera conseguiu entrar com faixas. Lá dentro nos encontramos com Lula e Haddad, não foi uma reunião, como gostaríamos, mas entregamos a pauta em mãos, e ali marcamos uma reunião com representantes dos estudantes e o MEC. [...] esse dia ficou marcado na nossa luta" (Carina, 27 anos)

Da pauta de reivindicações entregue ao Presidente da República e ao Ministro da Educação destacamos o seguinte trecho:

Com relação ao ingresso e permanência dos alunos no ensino superior, o que também é uma das metas propostas pelo MEC, a FACSAB também reflete a debilidade das políticas de assistência estudantil. Não há universalização das BOLSAS (alimentação, transporte e atividade), o acesso a estas é fragmentado. O estudante só recebe uma modalidade de auxílio (o estudante que recebe auxílio alimentação, não recebe auxílio transporte, o que é um contra-senso, pois ele quando se alimenta não tem transporte e vice e versa). Como agravante inexistente a previsão para a instalação de um RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO e de MORADIA ESTUDANTIL, sendo que temos na UFVJM, 69% dos discentes oriundos de famílias pobres e em sua grande maioria, moradores das cidades circunvizinhas ao Vale do Mucuri. (MOVIMENTO ESTUDANTIL, 2010)⁹⁰.

No texto, os estudantes destacam alguns elementos que conduzem à reflexão de que mais do que a ampliação do número de vagas no ensino superior, o acesso a este nível de ensino requer medidas que possibilitem a sua permanência na universidade. Destas condições depende, também, a qualidade da experimentação universitária. O encontro dos representantes discentes

⁸⁹ Nesta república, as lideranças e membros do movimento estudantil estabeleceram sede temporária para a realização de reuniões e elaboração de materiais informativos, cartazes e faixas do movimento.

⁹⁰ Caixa alta no texto original.

com o Presidente Lula e o Ministro da Educação Fernando Haddad, para a entrega da pauta de reivindicações, foi registrado, conforme foto a seguir.



Figura 12 - Da direita para a esquerda discente Maurício Beirão (de costas), Dilma Rousseff, Lula, Fernando Haddad e discente Carina Camargos. Acervo pessoal (2010).

As manifestações estudantis conferiram visibilidade à universidade no cenário político local, regional e nacional, destacando as condições precárias às quais a comunidade acadêmica do Campus do Mucuri estava exposta. Foram publicadas matérias jornalísticas em diferentes jornais de diversos estados brasileiros, como a notícia abaixo, veiculada no jornal “O Globo”, no dia 10/02/2010⁹¹.

O GLOBO

Lula inaugura universidade em Minas que mal consegue funcionar

Fábio Fabrini - enviado especial

TEÓFILO OTONI - A inauguração de dois prédios da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) pelo presidente Lula virou palco para protestos de estudantes que denunciavam os problemas de estrutura. Há falta de acessos ao local, déficit de professores e carência de água. No palanque, o presidente Lula e sua comitiva tiveram de enfrentar os protestos. O governo admitiu falhas e prometeu avaliar as reivindicações.

Figura 13 - Recorte de matéria veiculada pelo jornal O Globo, sobre a inauguração da UFVJM/Campus do Mucuri.

91 A íntegra da notícia pode ser acessada no link: <http://oglobo.globo.com/politica/lula-inaugura-universidade-em-minas-que-mal-consegue-funcionar-3055385>.

Na universidade, as lutas estudantis e algumas ações administrativas reforçavam a cisão do corpo discente, como na matéria veiculada na edição N° 30 do Jornal da UFVJM, sobre a inauguração do Campus, que remete as manifestações estudantis exclusivamente aos discentes da FACSAE, negligenciando a participação de estudantes do ICET na luta estudantil.

O contexto de lutas e tensões no seio da comunidade estudantil, envolvendo ainda o poder público, teve repercussões no modo como os jovens iam se constituindo enquanto estudantes universitários e no modo como os estudantes iam se constituindo jovens, como podemos ver no relato de João (23 anos):

[...] eu nunca fui um estudante de me fechar. Eu sou de ciências contábeis, eu vou me fechar para os demais cursos, vou me fechar para os demais debates e vice e versa? [...] a questão do movimento estudantil também me influenciou muito, a gente procurar entender toda a conjuntura, como realmente é, no que eu estou inserido, dessa e dessa forma. Todos esses debates, alguns outros debates que se passam na universidade fez abrir a minha mente, ter essa visão crítica, saber criticar, saber cobrar, indagar [...]. Os professores, principalmente na contábeis, eles tem a questão de “ah, é indiscutível, é isso, isso e acabou, não tem o que falar”, mas eu quero saber o porquê, não é bem assim. Você me falou que o teto é azul, tá, mas por que é azul? Então, eu acho que o que influenciou foi essa participação no movimento estudantil, de me permitir participar de outros espaços, não só o movimento estudantil, como também conhecer um pouco da conjuntura. **Você sabe que historicamente o curso de contábeis na UFVJM ele não é tão bem visto pelos cursos de economia e serviço social**, mas tá, eu digo isso, assim, até mesmo pela conjuntura dos **outros colegas meus de curso, eles também não tem uma boa visão do pessoal**. Tá, mas então, por que? Vamos lá ver o que eles estão pensando, por que eles estão falando dessa forma? Por que eles estão falando assim? Como eu falei, eu fui escutar os posicionamentos, mas aí quem vai chegar à conclusão se concordou ou não... eu chego às minhas próprias conclusões.

O depoimento de João (23 anos) evidencia a importância do movimento estudantil na construção de uma consciência crítica sobre a sociedade, a universidade e as relações que a envolvem, o que é reiterado por Liberdade Livre (30 anos) e Kim Xavier (22 anos). Os dois primeiros enfatizam, em seus relatos, uma relação orgânica entre estas experiências e sua constituição enquanto jovens e jovens universitários.

O movimento estudantil eu vivenciei com indignação, um senso de justiça muito grande, com imperatividade, eu sou uma pessoa imperativa, com autoridade, com legitimidade, eu acho que isso, **o movimento estudantil foi me forjando nesse processo**. (Liberdade Livre, 30 anos)

Não vou falar para você que eu sou o mesmo João de 2007, não tem como... você entrou numa universidade, você se transforma. Nunca vai entrar uma

coisa e sair a mesma, teve um processo de mudança em todo esse percurso. Essa daí, sim, contribuiu, a participação em congressos tal e tal, movimento estudantil, centro acadêmico, isso sim contribuiu de forma efetiva para a minha formação. (João, 23 anos)

Gilson também faz referência ao movimento estudantil, mencionando sua participação no movimento quando estudante do curso de Serviço Social: “*eu tinha mais tempo para me dedicar a questões relativas ao movimento estudantil. O curso sempre proporcionava viagens. Aqui [em Diamantina] fica mais complicado pela falta de tempo e dinheiro*” (GILSON, 28 anos). Seu relato evidencia dois elementos que contribuem com as possibilidades de experimentação da universidade: tempo e dinheiro, sobre os quais abordaremos posteriormente. Importa ressaltar que estes estudantes fizeram menção ao movimento estudantil sem que tivessem sido estimulados por nós a fazê-lo, o que nos dá pistas da importância que esta dimensão adquire como elemento constituinte da formação universitária.

Conforme já assinalamos, esta questão não se apresenta de forma homogênea no Campus do Mucuri. Aline e Luiz, ambos estudantes de cursos do ICET, Engenharia Civil e Bacharelado em Ciência e Tecnologia, respectivamente, não fizeram nenhuma referência ao movimento estudantil nos seus relatos. Além disso, dados do questionário aplicado, referentes à participação do movimento estudantil organizado (DCE e CA's)⁹², reiteram esta observação: dentre os estudantes da FACSAB, 14,5% afirmaram participação nessas instâncias e 7% do ICET; 74,4% dos primeiros e 89% dos últimos afirmaram nunca participar das reuniões do DCE e 67,7% e 68%, respectivamente, de reuniões do CA; no que diz respeito à participação em assembleias estudantis, aproximadamente 80% dos estudantes da FACSAB e 66% do ICET afirmaram participar; todavia, 52,3% dos discentes da FACSAB e 69% do ICET afirmaram que nunca participam de manifestações do movimento estudantil.

Em 2012, no entanto, os discentes da UFVJM/Campus do Mucuri protagonizaram mais um importante momento da história política desta Universidade, com a deflagração de greve geral estudantil. Diferentemente da primeira greve estudantil no Campus, esta contou com a adesão de estudantes de todos os cursos e perdurou por aproximadamente quatro meses. O que mudou, neste período, que resultou na adesão em massa dos estudantes ao movimento estudantil? Na nossa análise concorreram para este cenário fatores intrínsecos e extrínsecos ao

92 O maior percentual de estudantes que afirmaram participar destas instâncias foi registrado no curso de Serviço Social, abrangendo cerca de 24% dos pesquisados. No curso de Ciências Econômicas 14,6% dos pesquisados afirmaram participar do Movimento Estudantil Organizado (DCE/CA's); 12,5% dos estudantes do curso de Administração; 10,5% do curso de Ciências Contábeis; 6,3% da Licenciatura em Matemática e 6,9% do BCeT.

movimento estudantil do Campus, dos quais destacamos: dissidência política no seio do movimento estudantil organizado, no ano de 2010; fortalecimento das iniciativas de formação política envolvendo estudantes dos diversos cursos ofertados no campus, envolvendo questões internas e externas à universidade; eleições para a reitoria; expansão da UFVJM com abertura de dois novos campi; proposta de alteração do nome da universidade, com realização de plebiscito; conjuntura política nacional e indicativo nacional de greve dos servidores públicos federais das IFES; o papel das redes sociais virtuais enquanto instrumento de mobilização estudantil.

Vinícius Maia (21 anos), a (re)aproximação e (re)construção da relação do ME com os demais estudantes, bem como a intensificação da formação política, constituiu importante elemento deste processo. Nesta nova fase, de acordo com Vinícius, o movimento estudantil reconhecia a necessidade de estabelecimento de um trabalho de base, por meio do diálogo permanente com os estudantes, procurando conhecer suas demandas, marcando presença na sala de aula, militando nos CA's e coletivos auto-organizados, refletindo sobre o papel da universidade na sociedade e o papel do conhecimento produzido na universidade. Para tanto, o movimento estudantil passou a utilizar a metodologia de agitação e propaganda⁹³, por meio do teatro, da música, poema, estêncil, batucada, dentre outras formas de mobilização de massa.

Essas novas formas de agitação e propaganda nos ajudaram a levar esse sentimento, essa sensibilidade aos demais estudantes, para com os problemas da universidade. A gente acredita que tem que partir dos anseios destes estudantes, não querendo impor, mas que eles reflitam por meio das charges, de textos mais focados em perguntas que levam a refletir sobre a realidade: por que não tem professor? Por que não tem biblioteca? Por que não tem assistência estudantil? Por que não tem RU? E não de jogar de cima os problemas e querer que eles se insiram no movimento estudantil sem pensar, sem refletir (Vinícius Maia, 21 anos).

Uma pauta importante nesse momento de renovação do movimento estudantil do Campus do Mucuri foi o “transporte público na cidade de Teófilo Otoni”. Cerca de 45% dos estudantes do Campus do Mucuri utilizam transporte coletivo como principal meio para chegar à universidade⁹⁴, fator que contribuiu para a sua sensibilização e adesão ao movimento.

⁹³ “A agitação e propaganda é um conjunto de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização de massas em processos de transformação social” (VIA CAMPESINA, 2007, p. 10). Vinícius

⁹⁴ Cerca de 52 % dos estudantes do ICET e 37% da FACSAB afirmaram que utilizam o transporte coletivo como principal meio de transporte para chegar à universidade; 27% dos primeiros e 23,3% dos estudantes da FACSAB utilizam veículo próprio. A carona é o meio de transporte utilizado por cerca de 13,5% dos estudantes no trajeto de ida e 20,5% no trajeto de volta da universidade e é mais praticada entre estudantes do noturno, 22,7% do que entre estudantes do diurno 18,4%.

Outro fato que contribuiu com o fortalecimento do movimento estudantil nesta fase foi o anúncio da terceira etapa de expansão da UFVJM, que extrapolaria os limites dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, abrangendo as cidades de Janaúba e Unaí. Considerando o processo anterior de expansão que envolve, entre outros, a criação do ICET no Campus do Mucuri, a qual contribuiu para o acirramento da precarização das condições de trabalho e estudo no campus; considerando a pouca abrangência da UFVJM nos Vales do Mucuri e Jequitinhonha e a demanda histórica de fortalecimento da educação na região (em todos os seus níveis), houve uma intensa mobilização em âmbito local (na universidade) e regional, foram realizados debates envolvendo a comunidade acadêmica e a comunidade local que trouxeram à tona mais uma vez o questionamento sobre a qualidade do ensino público e o papel da UFVJM nos Vales. No dia 19 de setembro de 2011, o Movimento Estudantil do Campus do Mucuri publicou uma “nota dos discentes do Campus do Mucuri sobre a expansão da UFVJM”, de cujo texto se extrai:

A decisão do governo federal em criar os dois novos campi (Unaí e Janaúba) da UFVJM é uma consequência e um reflexo da não preocupação com a Política de Educação como um todo, no sentido que a Educação brasileira se encontra em nível de precarização crônico. Pois o sucateamento perpassa desde o ensino infantil até o ensino superior. Isso pode ser evidenciado pelos baixos salários dos professores da rede pública, pela falta de qualificação técnica, infra-estrutura (sic) inadequada. No que refere a UFVJM percebemos a atual situação de atraso e não finalização das obras, uma assistência estudantil que não dá condições de manutenção básica para os discentes, bem como, a situação dos próprios cursos de Educação à distância (situados nos municípios dos dois Vales) que ainda não iniciaram as aulas. (MOVIMENTO ESTUDANTIL, 2011).

À revelia das mobilizações, o CONSU da UFVJM aprovou, no dia 07 de outubro de 2011, a expansão da universidade para os municípios de Unaí e Janaúba. Em novembro do mesmo ano, a reitoria da UFVJM apresentou proposta de alteração do nome de Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, conforme trecho da Ata da 71ª Sessão do CONSU da UFVJM, linhas 152 a 162:

Inicialmente o Sr. Presidente encaminha proposta de mudança de nome da Instituição. Diz que a implantação dos campi das cidades de Janaúba e Unaí leva a UFVJM a assumir sua vocação multicampi e remete à possibilidade de mudança de nome da Universidade. [...] Na oportunidade apresenta alguns nomes já sugeridos: Proposta do MEC: Seria acrescentar mais nomes ao atual; Proposta do Reitor: Universidade Federal Juscelino Kubitschek; além de outras como Universidade Setentrional de Minas Gerais e Universidade Federal Guimarães Rosa. (UFVJM/ CONSU, 2011).

Na ocasião, foi aprovada a realização de um plebiscito junto à comunidade acadêmica para decidir sobre a alteração do nome da universidade. Este fato coincide com o processo de

retomada dos espaços de luta institucionalizados, pelo movimento estudantil, como as cadeiras de representação estudantil nos órgãos colegiados superiores.

[...] a gente vivenciou um período em que havia uma forte negação dos conselhos superiores, dentro do movimento estudantil. Principalmente pelo fato de que ele havia sido ocupado por representantes de setores do movimento estudantil mais da direita, que não compunham as fileiras do DCE, então, divergências. Em 2010 tem um processo de saída deles, só vai ter representação no CONSU no final de 2011. Foi quase um ano sem ter representação discente no CONSU, tanto aqui como em Diamantina. A gente estava retomando a questão institucional quando teve a tentativa de troca de nome. A gente já estava lá? Estava. Mas, estava ainda com pouco gás. Tinha um DCE fraco que não dava suporte para a representação. Hoje em dia você tem uma coisa mais equilibrada, pelo menos tem aonde você falar. (Leonardo, 21 anos)

Nesta conjuntura, o movimento estudantil do campus do Mucuri, cujo corpo discente é oriundo majoritariamente dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, em articulação com alguns coletivos estudantis do Campus de Diamantina, protagonizou uma mobilização de valorização da identidade dos Vales. De acordo com Leonardo (21 anos), militante do movimento estudantil, à época foram realizadas duas ações pontuais de agitação e propaganda: panfletagem em sala de aula e intervenção artística no intervalo. Segundo o jovem estudante, não foi possível aprofundar o debate em torno das questões que, na avaliação do movimento estudantil, constituíam o pano de fundo da proposta de mudança de nome da universidade⁹⁵,

Tem várias outras questões que estão por trás desta troca de nome e o movimento estudantil tinha essa ciência. Por isso o movimento estudantil foi contra, fez enfrentamento e mobilização. Por isso que o movimento priorizou naquela época a mobilização, no sentido de colocar para os estudantes, embora para eles a gente transparecesse muito mais o senso comum. Porque **o estudante não estava a fim de discutir se essa universidade está desenvolvendo ou não os Vales do Mucuri e Jequitinhonha. O estudante estava a fim de contrapor o seguinte: “eu não quero que essa universidade seja a Federal de Diamantina”**. Então a gente jogou com isso também, jogou com essa simbologia, o que é o Vale, o nosso Vale... tanto é que no que a gente divulgou enquanto agitação e propaganda eram imagens do Vale, a gente retratava imagens do Vale, da cultura do Vale... o vídeo foi a mesma coisa.

⁹⁵ Na avaliação dos estudantes que pautavam a direção do movimento estudantil, estava em questão o fato de a UFVJM estar se constituindo como universidade com potencial de abrangência significativo no estado de Minas Gerais, com suas atividades voltadas ao desenvolvimento científico e tecnológico do agronegócio (referindo-se ao Campus de Unaí) e da mineração (Campus de Janaúba), dentre outras frentes. Desta forma, um nome associado a uma região historicamente conhecida por seus índices de pobreza e miserabilidade poderia não representar bem os interesses e a identidade da universidade.

Eu entendi que, naquele momento, para o movimento estudantil, essa era a forma de dialogar. (LEONARDO, 21 anos).

A força da mobilização ficou evidenciada na expressiva votação contrária à mudança de nome da universidade, que abrangeu cerca de 67% dos 1.999 discentes votantes. O resultado deste plebiscito foi interpretado como uma importante vitória do movimento estudantil frente à proposta da reitoria.

4.2.1.1 O Levante Popular da Juventude de Teófilo Otoni e o Coletivo “Cumadre Maria” (*sic*)

O ano de 2011 foi também o marco histórico de construção do “Levante Popular da Juventude de Teófilo Otoni – LPJ Teó” e do Coletivo “Cumadre Maria”, ambos auto organizados por jovens estudantes da UFVJM. De acordo com Bugarelli (25 anos), o LPJ Teó agregou jovens universitários, jovens secundaristas, jovens trabalhadores, com o objetivo de construir um “espaço de formação [política] que direcione para uma prática”. O LPJ Teó contribuiu ativamente no processo de mobilização estudantil e juvenil dentro e fora da universidade, articulando questões locais e questões mais amplas, nacionais e internacionais. Conquanto, o jovem estudante ressaltou que o LPJ Teó e o Movimento Estudantil são dois movimentos distintos.

O Levante é um movimento amplo, tem atuação em três frentes: a frente estudantil, a frente do meio popular (as periferias, o grupo da periferia tal, o bairro tal) e no meio camponês, tem grupo também no campo... que agrega esses três grupos para que eles criem uma identidade de juventude. Para além de serem camponeses, para além de serem trabalhador, para além de serem estudantes, somos jovens e lutamos por um projeto de sociedade diferente do que está colocado. Essa relação, pra gente, no começo foi um desafio, entender o que é o movimento estudantil e o que é o Levante, porque somos movimento estudantil e somos Levante. [...] O Levante se propõe a construir um movimento de massas, de juventude, mas, o movimento estudantil é maior do que o Levante, maior, bem maior do que o Levante. A aproximação do Levante se dá de maneira distinta do movimento estudantil. O movimento estudantil se dá muito a partir da construção das entidades, da mobilização das pautas internas da universidade. No Levante [...] a nossa tarefa maior que nós temos colocado pro movimento são três eixos centrais da sua organização: formação, organização e luta. A partir disso, como uma tarefa contínua do movimento, agitação e propaganda, tanto das questões pertinentes a lutas específicas, quanto ao projeto que nós defendemos de sociedade. (Bugarelli, 25 anos)

Na UFVJM o LPJ Teó desenvolve diversas atividades de agitação e propaganda, pautando o debate de questões como as referentes às cotas estudantis, o transporte público, a reabertura do restaurante popular no município e o próprio debate acerca do movimento

estudantil, entre outros. O grupo se reúne semanalmente e abrange jovens estudantes dos cursos de Ciências Econômicas, Serviço Social, BCeT e Ciências Contábeis. Dentre as estratégias de agitação e propaganda utilizadas pelo Levante Teó, destaca-se o muralismo, intervenções poéticas, teatrais, musicais e paródias.

O “Coletivo Cumadre (sic) Maria – Marcha Mundial de Mulheres” é constituído por estudantes mulheres, dos cursos de Serviço Social e Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia – BCeT da UFVJM, Campus do Mucuri. Nosso contato inicial com a proposta do coletivo se deu antes mesmo de sua criação, por meio da observação de um cartaz de divulgação do “I Encontro de Mulheres da UFVJM”, ocorrido no ano de 2011. No cartaz afixado em um mural do campus constava o tema e data do evento, e, o que nos chamou a atenção, foi o local destinado ao encontro descrito como: “graminha da UFVJM”⁹⁶. Deste encontro participaram 16 estudantes, das quais duas estudantes do BCeT, 01 das Ciências Econômicas e as demais estudantes do Curso de Serviço Social. Os temas abordados no encontro foram: a mulher e o mundo do trabalho; educação da mulher e sexualidade. O grupo, em fase de organização coletiva, propôs, no mesmo ano, um Projeto de Extensão denominado “AMA - Axé Mulheres em Ação”, que inicialmente contou com a participação, na condição de bolsista, de uma estudante do curso de Serviço Social. Atualmente, a bolsista do projeto é estudante do curso de Engenharia de Produção, sob coordenação de uma professora do Departamento Interdisciplinar de Ciências Básicas – DICB, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas - FACSAB. Em 2012, após diversos encontros do grupo, participação em evento alusivo ao 08 de março em Belo Horizonte, adesão à Marcha Mundial de Mulheres, o grupo fundou o Coletivo Cumadre Maria, com o objetivo de possibilitar espaços de debate e reflexão sobre a condição da mulher e o seu empoderamento para o enfrentamento político e ocupação de espaços de liderança.

4.2.1.2 A “greve unificada” e breve balanço das conquistas do ME

Conquanto a emergência de novos grupos organizados com interesses convergentes à luta estudantil, no final do ano de 2011 houve novo processo de descenso do movimento

96 O local de realização do encontro nos chamou a atenção devido ao fato de, à época, o Campus encontrar-se em processo de construção e os espaços exteriores não contavam com paisagismo. Entretanto, distante da vista da comunidade acadêmica, fora gramado um pequeno espaço entre dois mini-auditórios, que passou a funcionar como ponto de encontro de diversos grupos. Do ponto de vista institucional, foram realizadas tentativas de coibir o uso do espaço gramado, afixando placas proibindo pisar na grama. Atualmente diversas áreas do campus já passaram por um processo de paisagismo; por iniciativa de um professor vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Agricultura Familiar – GEPAF, professor Leonel Pinheiro, foram plantadas diversas árvores e plantas ornamentais ao longo da via principal do campus, bem como nos jardins e estacionamentos.

estudantil⁹⁷. Entretanto, a conjuntura política nacional e o indicativo de greve dos servidores públicos federais, no início de 2012, contribuíram para a retomada das atividades do movimento que, com maior potencial de abrangência que nos períodos anteriores e capacidade de leitura e articulação das questões gerais (da educação nacional) às específicas (da UFVJM), culminou com a deflagração da greve unificada de discentes, docentes e técnicos-administrativos do Campus do Mucuri, que durou aproximadamente 04 meses.

Em 27 de junho do mesmo ano, o Comando de Greve Estudantil e o DCE/UFVJM protocolaram junto à Reitoria da UFVJM a “pauta de reivindicação estudantil do Campus do Mucuri”. A referida pauta foi organizada em três eixos: estrutural; pedagógico e assistência estudantil. O eixo estrutural abordava questões referentes à moradia estudantil, às obras em andamento, a demanda de elaboração de novos projetos (saúde, convivência/lazer, paisagismo/arborização, campo de futebol e laboratórios), melhorias na velocidade de internet no campus e disponibilização de computadores, viabilização de verbas para assinatura de períodos a serem disponibilizados na biblioteca, aumento do quantitativo de funcionários dos serviços de limpeza do campus. O eixo pedagógico dizia respeito ao aumento do quantitativo docente e técnico-administrativo, aumento do número de bolsas de monitoria e reajuste do seu valor, equiparando-o com o valor das bolsas de pesquisa e extensão, aumento do número de bolsas de pesquisa e extensão e criação de critérios de seleção para as bolsas. O eixo assistência estudantil requeria aumentar o orçamento para a assistência estudantil, efetivar o auxílio alimentação, criar um programa de apoio aos estudantes em eventos organizados pelo movimento estudantil e aumentar a frota de ônibus no Campus do Mucuri. A pauta de reivindicações apresentada à reitoria da UFVJM em 2012 contemplava uma versão atualizada das pautas levantadas pelo movimento estudantil nos anos de 2009 a 2011, incorporando novas demandas.

Vinícius Maia (21 anos) faz um balanço das lutas e conquistas do movimento estudantil da UFVJM pós greve de 2012 e destaca: em relação às questões externas à administração da universidade, no que diz respeito ao transporte público, “há mais de 1 ano não aumenta a passagem. Ainda que não seja uma conquista, pelo menos não houve um retrocesso”; quanto ao acesso viário à universidade, “saímos em greve, não tinha acesso. Voltamos da greve, o acesso tinha sido construído”. Em relação às questões internas à

⁹⁷ Conforme depoimento de Leonardo (21 anos), liderança do Movimento Estudantil.

administração da universidade, foram iniciadas as obras do RU, que ainda não foram concluídas; foi adquirido um terreno para a construção da moradia estudantil, em 2013.

Até então a gente não vê possibilidade de quando vai ficar pronto o RU e a moradia. São duas, que eu acredito hoje, das maiores bandeiras de luta do Movimento Estudantil aqui do Campus do Mucuri. No campo da assistência estudantil não tivemos grandes avanços, apesar de não ser um problema só do nosso campus. A Política Nacional de Assistência Estudantil ainda é muito fragilizada para garantir a permanência do estudante na universidade. (Vinícius Maia, 21 anos).

O estudante destaca, também, o resultado da luta pela manutenção do nome da universidade; conquistas com desdobramentos nos cursos, como programas de iniciação científica, de extensão, o programa de apoio à participação em eventos (PROAPE), aquisição de material pedagógico, “são várias pautas corporativas do movimento estudantil que vão ter conquistas reais para a vida acadêmica do estudante, compra de livros, contratação de professores” (Vinícius Maia, 21 anos), dentre outras.

Como vimos, as condições de permanência no ensino superior constituíram uma das frentes históricas de mobilização do movimento estudantil da UFVJM, com ênfase nas reivindicações relativas à assistência estudantil. Neste processo, ainda que incipiente, o movimento estudantil desempenhou importante papel tensionador do desenvolvimento político e crítico reflexivo da comunidade acadêmica da UFVJM. O elo entre a vida universitária e o movimento estudantil – que dela é constituído e constituinte –, é a própria condição estudantil, que vai sendo forjada num processo de contradições e confluências estruturais, conjunturais e cotidianas.

4.3 Condições de permanência no ensino superior

A permanência dos jovens estudantes no ensino superior está intrinsecamente ligada à maior ou menor possibilidade de gozarem a sua condição juvenil e estudantil, o que legitima as pautas do ME e evidencia sua relação indissociável com o fazer universidade, conforme veremos nos parágrafos a seguir. A manutenção financeira do curso de graduação é um dos elementos que marcam a condição estudantil. No caso dos estudantes ingressos na universidade pública, o fato de não terem que arcar com o pagamento das mensalidades ameniza, porém, não elimina outros custos decorrentes da condição estudantil, como moradia, alimentação, saúde, vestuário, transporte, aquisição de materiais didáticos, lazer, dentre outros.

No que diz respeito ao financiamento dos estudos dos jovens estudantes do Campus do Mucuri, aproximadamente 70% dos matriculados nos cursos diurnos declararam que seus gastos são totalmente financiados pela família, na mesma condição estavam menos de 30% dos estudantes dos cursos noturnos; 12,5% dos estudantes do noturno declararam serem o único responsável pelo próprio sustento; cerca de 15% destes estudantes e 4,5% daqueles contribuem com o sustento da família, do que se depreende que o trabalho adquire uma importância vital para boa parte dos estudantes, com ênfase nos matriculados nos cursos noturnos. Este é um aspecto que merece importância, no Campus do Mucuri 1/3 dos jovens estudantes trabalham. Dentre os jovens estudantes matriculados nos cursos noturnos este percentual é de cerca de 54%, enquanto dentre os matriculados nos cursos diurnos é de menos de 15%.

Estes indicadores demarcam diferenças nas condições de permanência no ensino superior de jovens estudantes oriundos das classes populares e jovens de segmentos sociais de maior poder aquisitivo, que podem refletir no modo como experimentam e vivenciam a sua condição juvenil e estudantil, o que podemos também observar por meio do depoimento de Luiz (21 anos).

Nossa senhora!!! Meu Deus do céu!!! Eu acho que falar assim, jovem universitário é a mesma coisa que falar: 'jovem sem um pingão de dinheiro e sem um pingão de tempo'. É horrível isso... não tem dinheiro para nada.

Quando eu estou aqui, eu tenho que pagar aluguel, eu que me banco, eu que me banco em relação a tudo. Pai e mãe não me ajudam. (Luiz, 21 anos).

A questão da moradia constitui um fator importante da condição juvenil e estudantil, mais ou menos articulado ao grau de autonomia e dependência dos estudantes em relação às suas famílias de origem. Dentre outras experiências que demarcam a condição estudantil, permanecer ou sair da casa dos pais pode implicar uma maior ou menor responsabilização econômica e de obrigações domésticas dos jovens estudantes.

No Campus do Mucuri, 54% dos estudantes residiam com os pais, cerca de 28% em repúblicas e/ou com amigos e, aproximadamente 10% com outros familiares. Dos estudantes que residiam com os pais, 77% são oriundos de Teófilo Otoni. Os demais são procedentes de cidades adjacentes, sendo cerca de 20% num raio de até 80km do município sede do Campus do Mucuri.

Conforme vimos, até o ano de 2013 a UFVJM não oferecia programa de moradia estudantil à comunidade acadêmica, cabendo aos estudantes e familiares proverem meios de

satisfazerem esta necessidade. Dentre os estudantes que moravam em repúblicas, 46,4% afirmaram receber ou terem recebido bolsa do Programa de Assistência Estudantil, o que demarca sua condição de classe e reforça a necessidade da implementação de um programa institucional de moradia estudantil.

A situação relatada por Luiz é vivenciada por 23,3% dos estudantes da FACSAB e menos de 4% dos estudantes do ICET que, da mesma forma que Luiz, moram em repúblicas e são os únicos responsáveis pelo próprio sustento.

De todos os jovens entrevistados, apenas Liberdade Livre residia com sua família. A estudante relatou que já havia residido em repúblicas, em uma instituição, sozinha, todavia, mediante sua condição estudantil viu-se na situação de ter que voltar a morar com seus pais. Em conversa durante as observações, a estudante relatou que depois de ter saído de casa é muito difícil ter que voltar e se submeter às regras da casa.

Os demais estudantes, provenientes de cidades vizinhas, moravam em repúblicas estudantis. Luiz (21 anos), Kim Xavier (22 anos) e João (23 anos) tem em comum o fato de terem residido em repúblicas mantidas por terceiros. No caso dos dois primeiros, “A casa do estudante”, mantida por um vereador do município de Itaobim. No caso de João, a “República Saltense”, mantida pelo projeto social suíço “Jovens com Futuro”. Para Luiz, o ingresso na “casa do estudante” foi primordial para a sua continuidade no curso:

Eu entrei lá, pelo fato de mãe e pai virar pra mim e falar assim: “nós não temos condição de pagar um aluguel pra você em Teófilo Otoni”. [...] eu ainda trabalhava lá em Padre Paraíso, eu pegava carona de madrugada, 3h30 da manhã, pegava ônibus da hemodiálise, um que vinha de Ponto dos Volantes e outro que saía de Padre Paraíso. Chegava aqui as 5h e vinha para a universidade. A aula começava as 7h. Isso me desgastou, assim, a ponto de eu falar assim: “eu não vou mais”. Aí, parece que deus colocou a mão, porque no mesmo dia que eu falei eu não vou mais, eu fiquei sabendo dessa casa. Fiquei sabendo que tem uma vaga. (Luiz, 21 anos)

O projeto “casa do estudante”, mantido por um vereador do município de Itaobim, objetiva oferecer moradia aos estudantes provenientes do Vale do Jequitinhonha, que não tenham condições de prover sua própria moradia. Em Teófilo Otoni encontram-se duas unidades, as quais constituem repúblicas mistas, que agregam estudantes do ensino público e privado. Luiz (21 anos) ressalta importantes elementos de socialização que permeiam a vida em república:

Nossa!!! Eu acho que eu cresci como ser humano dentro daquela casa. Porque você aprende a tolerar, a respeitar as diferenças de cada um, é gratificante quando eu vejo isso. Mas, também, era uma casa com muita gente... então, é tenso. Você sai da universidade, chega na casa e você não consegue descansar... porque é tanta gente dentro da casa, um entra e sai, que você esquece que você está na sua casa. (Luiz, 21 anos)

Conquanto, se, por um lado, a existência desse tipo de moradia contribui para a permanência dos estudantes na cidade do campus e para a interação com diferentes sujeitos, por outro lado, a quantidade de residentes pode implicar em dificuldade de organização da vida universitária.

Kim Xavier (22 anos) também falou de sua experiência na “casa do estudante”, todavia, ao contrário do depoimento de Luiz, enfatiza aspectos que, para ela, causavam dificuldades de convivência, como o excesso de festas, bebidas, a falta de respeito ao espaço do outro, dentre outros.

Nessa casa que eu morei, também moravam homens, então, era muita bagunça. Ficava quase impossível a gente se organizar para estar fazendo almoço para todo mundo, as vezes o pessoal não cumpria com as tarefas da casa, então ficava um tanto difícil mesmo, a convivência. Tinha, também, muitas brigas [...].

[...] quando eu morava nessa república, todo final de semana eu dava um jeito de ir para Itaobim, eu não ficava aqui. Só ficava durante a semana mesmo, para estudar, para ir para a universidade. (Kim Xavier, 22 anos)

João (23 anos), que mora na República Saltense, financiada pelo projeto suíço, naturaliza a questão dos conflitos como “característica de república”:

A vivência em república sempre tem seus conflitos, sempre tem seus atritos, independentemente, como diz o outro, sempre vai ter, principalmente porque tem oito pessoas. A nossa república é maravilhosa, mas sempre tem seus atritos, seus conflitos, coisinhas bobas, mas tem que ter, senão também não é república, perde a característica de república. Todas as repúblicas que eu já passei foram assim. (João, 23 anos)

Para estes jovens, o financiamento externo da moradia contribuiu significativamente para a sua permanência na universidade. João (23 anos) que no início da graduação tivera que trabalhar para se manter na cidade, arcando com todos os custos provenientes da sua condição estudantil, destaca a importância da inserção na República Saltense para a sua “sobrevivência na universidade”.

Foi a minha inserção, não só na assistência estudantil, mas também no projeto [Jovens com Futuro], que me possibilitou vivenciar essa conjuntura. [...] a minha irmã, a Lidiane, foi a primeira a ingressar nesse projeto. Eu vim para Teófilo Otoni, ela estava nesse projeto e eu estava à parte do projeto, tinha que trabalhar, morava em república para dividir despesa, aí ele [coordenador do projeto] falou: “seu irmão, vamos ajudar ele, ele já estuda em universidade pública, a gente não precisa ficar pagando bolsa para ele, ele só precisa de um lugar para ficar, comida, alimentação, ele está trabalhando demais, então vamos dar essa oportunidade para ele”. Essa minha inserção no projeto contribuiu para a sobrevivência na universidade. (João, 23 anos)

Luiz (21 anos) faz referência a uma outra experiência de moradia coletiva, esta, financiada pelos próprios estudantes moradores. Ao todo eram quatro moradores na república, sendo que uma das moradoras trancou o curso de graduação e estava apenas trabalhando, na universidade. Os outros dois eram estudantes do curso de Serviço Social. Luiz destaca a importância da troca de conhecimentos entre estudantes de áreas diferentes. O jovem não aprofunda esta reflexão, mas nos dá indicativos de aprendizados possíveis que extrapolam a sala de aula.

Ali [na república] sim eu consigo me contribuir como ser humano numa discussão que não está no meu curso. Ali sim eu consigo ver uma discussão que realmente vai me dar, ou se não me dar, vai contribuir a ter uma visão diferente sobre o mundo que eu estou inserido. (Luiz, 21 anos)

A este respeito, Michel Thiollent (2007), em abordagem acerca das repúblicas de Ouro Preto e Mariana – MG, destaca que o caráter coletivo desse tipo de experiência é mais do que uma simples moradia. Para este autor, “A vida coletiva dos estudantes em repúblicas constitui um momento-chave de maior abertura para o mundo”, que é possibilitado pelo agrupamento em torno da moradia, de sujeitos geralmente jovens, recém saídos da casa dos pais, com trajetórias diversas, em áreas de formação diferentes, com interesses diversos, vivendo esta etapa transitória da juventude, que é a sua condição estudantil.

Outro elemento importante para a compreensão da condição estudantil na atualidade diz respeito à conjugação trabalho-estudo. Para muitos jovens oriundos das classes populares, a inserção no mercado de trabalho conjugada ao processo de escolarização é o que lhes permite prosseguirem os estudos⁹⁸, como foi o caso de João (23 anos): “*Se não trabalhasse, não tinha*

⁹⁸ Parte significativa dos estudantes trabalhadores, 44%, é constituída de jovens assalariados com carteira assinada; 27,5% são assalariados sem carteira assinada e cerca de 11% funcionários públicos. Em relação à carga horária trabalhada, cerca de 18% declararam que trabalham até 20 horas semanais; 36,4% mais de 20, menos de 40 horas semanais e, 37,3% tempo integral, 40 horas ou mais. No que diz respeito à renda, dentre os jovens que estavam

como ficar em Teófilo Otoni. Eu ganhava um salário mínimo, eu falei: ‘um pai de família sustenta vários filhos com salário mínimo, dá para mim sobreviver aqui nessa conjuntura’”. Estes estudantes constituem o que Zago (2006) denominou “estudante parcial”, considerando o lugar que o estudo e o mundo universitário tem para eles.

Na conjugação trabalho-estudo, as ocupações dos estudantes trabalhadores nem sempre são relacionadas às áreas de estudos. João (23 anos) que cursa Ciências Contábeis, trabalhava na linha de produção de um frigorífico, um trabalho que, segundo o jovem, não agregava nada para ele, mas era essencial para a sua permanência na universidade. Na mesma situação encontravam-se aproximadamente 43% dos estudantes trabalhadores do Campus do Mucuri que declararam que sua ocupação no momento da pesquisa não tinha vínculos com o curso de graduação⁹⁹.

[...] pelo fato de não ter as condições de me manter na cidade eu tive que ingressar no mercado de trabalho. Até porque, na universidade, a questão da assistência estudantil era totalmente deficitária, coisa e tal. Então, no primeiro, segundo semestre de universidade eu tive que me submeter ao mercado de trabalho, algo que não foi tão produtivo na universidade, mas eu precisava estar trabalhando, porque senão não tinha como me manter na cidade. (João, 23 anos)

Do relato de João (23 anos) destacamos sua ponderação de que a inserção no mercado de trabalho, nas condições às quais se submeteu, implicaram relações “não tão produtivas” com os estudos, o que não necessariamente diz respeito ao aproveitamento das disciplinas. Ressaltamos que no caso dos estudantes trabalhadores do Campus do Mucuri, o fato de conjugarem trabalho e estudos não tem relação direta com o aproveitamento das disciplinas. Considerando o aproveitamento restrito, expresso pela aprovação nas disciplinas, não há diferença significativa entre os jovens que estavam trabalhando e os que nunca trabalharam. Dentre os jovens que estavam trabalhando, 47% afirmaram terem cursado a graduação regularmente, com aproveitamento de disciplinas e 48% afirmaram terem reprovado em alguma disciplina. Entre os jovens que nunca trabalharam estes índices são de 51% e 47%, respectivamente. Os maiores índices de retenção foram encontrados entre os estudantes do

trabalhando 41% recebiam até 01 salário mínimo (na época da pesquisa o valor de referência era R\$ 545,00) e, cerca de 42%, mais de 01 até 02 salários mínimos.

⁹⁹ Dentre os estudantes trabalhadores matriculados nos cursos diurnos 60,7% afirmaram que sua ocupação não tem vínculo com a graduação em curso. Já, dentre os estudantes dos cursos noturnos este percentual é de 36,6%, que pode ser explicado pela natureza dos cursos, especialmente os de Administração e Ciências Contábeis, que, além de serem cursos noturnos (compatíveis com o horário comercial), guardam forte relação com os postos de trabalho disponíveis na região.

Bacharelado em Ciência e Tecnologia (51% dos pesquisados afirmaram terem reprovado em alguma disciplina), que é justamente o curso com menor índice de estudantes ingressos no mercado de trabalho, o que evidencia que em relação a esta questão há outros determinantes, que extrapolam a relação trabalho-estudo, e que podem estar relacionados com o capital cultural e o capital escolar acumulado, a escolarização pretérita, as aptidões dos estudantes, a relação estabelecida com os estudos, o uso do tempo, os recursos didático-pedagógicos, estruturais e financeiros disponíveis, dentre outros. Em que pese tais considerações, no Campus do Mucuri observamos que a relação trabalho-estudo interfere diretamente na possibilidade de os estudantes trabalhadores experimentarem a universidade na sua integralidade, participando de atividades de ensino, pesquisa, extensão¹⁰⁰ e outras, conforme veremos no item 4.4.

4.3.1 A assistência estudantil na UFVJM: democratização das condições de permanência na educação superior?

Conforme vimos no Capítulo II, o Programa de Assistência Estudantil - PAE da UFVJM tem sua previsão legal no Decreto Nº 7234/2010 - Plano Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, cujos objetivos são expressos da seguinte forma:

- I – democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal;
- II – minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior;
- III – reduzir as taxas de retenção e evasão; e
- IV – contribuir para a promoção da inclusão social pela educação. (BRASIL, 2010)

Na UFVJM, para boa parte dos estudantes, a inserção no PAE é condição *sine qua non* de permanência na universidade. À época de aplicação do questionário, aproximadamente 40% dos jovens pesquisados recebiam ou já tinham recebido bolsa do PAE durante a graduação. Um estudante contemplado pelo PAE pode receber cumulativamente bolsa atividade/acadêmica no valor de R\$ 350,00; auxílio manutenção, de R\$ 150,00 e, se tiver filho com idade até 06 anos matriculado em instituição privada de ensino, auxílio creche de até R\$ 200,00, além de cota de

¹⁰⁰ A participação em projetos desta natureza pode se dar nas modalidades “bolsista” e “voluntário”. O fato de participar deste tipo de projeto não significa que o estudante perceba bolsa. De acordo com normatização institucional o bolsista de iniciação científica ou extensionista não pode cumular bolsas nem manter vínculo empregatício de nenhuma natureza.

xerox, no valor de R\$100,00 mensais. Cerca de 600 estudantes do Campus do Mucuri são contemplados com alguma modalidade do PAE.

Atualmente, um bolsista contemplado nas modalidades bolsa acadêmica ou bolsa atividade e auxílio manutenção mais auxílio cópias, recebe em espécie R\$ 500,00 e R\$ 100,00 em cotas para reprodução de textos, totalizando R\$ 600,00. Este valor, conforme relato de estudantes, é insuficiente para o atendimento integral das demandas relativas à permanência na universidade. Contudo, há situações em que, consideradas as condições de trabalho (tipo de contrato, jornada de trabalho, remuneração, possibilidade de articulação trabalho/estudo, função desempenhada), recorrer à “bolsa permanência” como principal fonte de recursos financeiros pode contribuir para a ampliação das possibilidades de vivenciar a universidade. Além disso, em relação a boa parte dos jovens dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha que não tiveram acesso a este nível de ensino, o valor percebido no PAE, em muitos casos representa uma fonte de renda superior à média de rendimentos mensais na região, o que também pode ser um fator impulsionador para a decisão de dedicação exclusiva à vida universitária. Em Novo Oriente de Minas, por exemplo, cidade da nossa entrevistada Aline, em 2010 o rendimento médio mensal dos ocupados com 18 anos ou mais, segundo o Atlas Brasil (2013), era de R\$ 439,00. Além disso, a taxa de desocupação de jovens de 18 a 24 anos, na região era de 15,78% no Vale do Mucuri e 15,85% no Vale do Jequitinhonha. Na cidade da jovem entrevistada a taxa de desocupação era de 19,6%, ou seja, muitos jovens nestas regiões não conseguem sequer se inserir no mercado de trabalho, tampouco obter algum rendimento.

No caso dos jovens estudantes da UFVJM, para alguns, os auxílios percebidos da assistência estudantil são complementares à renda obtida por meio de trabalho e/ou proveniente de familiares ou fontes externas. Para outros, constitui a única fonte de manutenção na universidade. Na primeira situação encontramos a jovem Aline, que declarou que contava com o apoio financeiro de familiares e com recursos provenientes de aulas particulares. Além disso, recebia recursos do Programa de Assistência Estudantil. Segundo a estudante, ao longo do curso o grau de exigência das disciplinas a impossibilitou de continuar trabalhando. Analisando a sua condição, a jovem conclui que a UFVJM oferece condições para a sua permanência na universidade, conforme relato:

Eu não sei como é a condição de outras pessoas, mas, no meu caso, está dando para levar. Está dando para conciliar, para garantir minha permanência aqui. Até porque eu, graças a deus, tenho muitas ajudas atualmente. Assim, já passei por mais dificuldades do início, quando eu vim para cá, mas dá para levar. (Aline, 22 anos)

Liberdade Livre (30 anos) vivenciou períodos em que os recursos da assistência estudantil eram complementares aos provenientes de trabalho; outros períodos em que foram complementares aos provenientes de iniciação científica e/ou extensão; e períodos em que estes recursos eram os únicos disponíveis para a sua manutenção, embora nos últimos tempos contasse com o apoio familiar em relação à garantia de moradia e alimentação. Para esta jovem, a UFVJM não oferece condições para a permanência do estudante na universidade:

Não oferece e para você conseguir você tem que gritar para as pessoas que você é pobre, que você é preto, que você não consegue trabalho, é uma situação de o estudante se humilhar. Às vezes, para você conseguir a permanência ou algum tipo de auxílio, você tem que chorar para a assistente social para ver se ela acredita em você. Se você chega lá com a cara limpa, ela não acredita. (Liberdade Livre, 30 anos)

A estudante do curso de Serviço Social, que também é militante do movimento estudantil, tece críticas ao trabalho desenvolvido pela assistente social da instituição, destacando a falta de um acompanhamento sistemático acerca da permanência dos estudantes na universidade.

João (23 anos) é um desses estudantes que renunciou ao trabalho para vivenciar a universidade “por inteiro”. Para este jovem, a inserção nos programas de assistência estudantil, articulada à sua inserção no Projeto Jovens com Futuro, permitiu sua renúncia ao mercado de trabalho para dedicação integral aos estudos.

[...] por mais que é um recurso pouco, ele não é suficiente para muitas coisas, mas ele te garante, apesar das dificuldades, você ter mais um tempo para se dedicar aos estudos e vivenciar a universidade. (João, 23 anos)

Durante a graduação João (23 anos) foi bolsista de projeto de iniciação científica e, posteriormente, desenvolveu atividades relativas à “bolsa atividade”. Alguns recursos provenientes da assistência estudantil podem ser acumulados a outras modalidades de bolsa, como as de pesquisa e extensão. Desta forma, para alguns estudantes, a possibilidade de dedicação exclusiva às atividades acadêmicas torna-se um diferencial na sua formação.

Como eu falei, tenho o apoio do projeto suíço, fora isso a questão de bolsa, bolsa atividade, também era bolsa de iniciação científica, auxílio alimentação. É uma coisa pouca? É. Mas, por mais que é pouco, por mais que é precário, te possibilita vivenciar a universidade. Para mim, é bem mais valioso do que estar no comércio ganhando salário mínimo e não ter esses espaços, não poder vivenciar a universidade. Vou estar ganhando mais? Vou. Vou estar trabalhando mais? Vou, mas não vou ter essa vivência. Então, deixa a gente

lá com essa bolsa aí. Não que está ótimo, mas está dando para a gente vivenciar aquilo ali, um ambiente bom, gostoso para mim. (João, 23 anos)

Do depoimento de João (23 anos) destacamos a ênfase na vivência da universidade, que se revela, além das experiências relativas ao tripé ensino, pesquisa e extensão, na adesão ao movimento estudantil, na participação em órgãos de representação estudantil, na participação em eventos e atividades acadêmicas, culturais, esportivas promovidas dentro e fora da universidade, na sociabilidade com outros jovens (estudantes ou não) dentre outras coisas. Todavia, o jovem estudante ressalta o caráter paliativo da assistência estudantil que, isolada, não oferece condições de permanência na universidade.

[...] a questão da assistência estudantil é uma coisa que está ajudando paliativamente, mas ela é mínima, não é... acho que é menos do que mínima, porque, por exemplo, se eu não tivesse apoio do projeto suíço, não tivesse um lugar para ficar, se fosse somente, eu não estou falando que... a princípio está suprindo as necessidades porque eu tenho alimentação, tenho água, luz, custeada pelo projeto. Mas, se eu sobrevivesse exclusivamente com as bolsas, não tinha como me manter, manter uma república, minha alimentação, uma conta de água, uma conta de luz. Então, não tem nenhum tipo de condição para a questão: cheguei aqui em Teófilo Otoni, não tem nada, você tem que voltar, porque não dá para você sobreviver com as bolsas da universidade, não. (João, 23 anos)

Gilson (28 anos) é o único jovem entrevistado que não demandou recursos da assistência estudantil no período em que esteve vinculado ao Campus do Mucuri. Todavia, levanta aspectos importantes acerca da condição estudantil de jovens estudantes que realizam cursos de tempo integral. Para este estudante, a universidade não trata com equidade os estudantes nesta condição: *“Na minha opinião, aluno que não tem possibilidade de trabalhar deveria ser visto com outros olhos”* e, referindo-se aos estudantes do curso de Odontologia, pondera:

[...] no terceiro período em diante começam os gastos com material. Algo em torno de R\$3.000,00, R\$ 4.000,00 de uma vez. Aluno pobre, que não tem condições de trabalhar pela integralidade do curso, acaba abandonando, como já soube que acontece aqui. Apesar de haverem projetos específicos para a área da saúde, são em número insuficiente (Gilson, 28 anos).

O jovem ressalta que em cursos de tempo integral, com alto custo de manutenção, como é o caso da Odontologia, muitos estudantes trancam ou evadem do curso por não conseguirem manter as necessidades da graduação. De acordo com Gilson (28 anos), *“A universidade não dá bolsa nem deixa trabalhar. O processo seletivo pode até ser democrático,*

mas permanecer e se formar é só pra rico”, o que reitera a clivagem de classe em algumas áreas de formação.

Os depoimentos dos jovens estudantes nos dão mostra de que o financiamento dos estudos é um dos elementos da condição estudantil diretamente vinculado às condições de permanência no ensino superior. Em contextos como o dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, programas de assistência estudantil são essenciais à permanência dos jovens estudantes na universidade, aqui entendida como possibilidade real de fruição da universidade, portanto, não restrita à sala de aula. Para que o PAE/UFVJM corresponda aos objetivos do PNAES e contribua, efetivamente, para a “democratização das condições de permanência dos jovens no ensino superior” e “minimização dos efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior”, há que se investir na sua articulação com as atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de ampliar sua abrangência e frentes de atuação, garantindo moradia estudantil, alimentação (com oferta de Restaurante Universitário), transporte (que atenda, também, as necessidades dos estudantes oriundos de cidades circunvizinhas ao campus), atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, apoio pedagógico e acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação, conforme prevê o Parágrafo 1º, do artigo 3º, do Decreto 7.234, de 19 de julho de 2010, que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil.

4.4 Outras vivências na universidade: uso do tempo, relação com os estudos e experimentação universitária

As condições de permanência no ensino superior tem relação direta com o modo como os estudantes organizam e usam o tempo de que dispõem. Trabalhar e estudar ou só estudar pode ter rebatimentos no que diz respeito à participação dos estudantes em atividades como pesquisa, extensão, eventos científicos, entre outros. No Campus do Mucuri observamos que dentre os estudantes trabalhadores as possibilidades de participarem de atividades de ensino, pesquisa, extensão¹⁰¹ e outras, são significativamente reduzidas em relação aos demais estudantes. No que diz respeito à participação em projetos de iniciação científica, 10% dos

¹⁰¹ A participação em projetos desta natureza pode se dar nas modalidades “bolsista” e “voluntário”. O fato de participar deste tipo de projeto não significa que o estudante perceba bolsa. De acordo com normatização institucional o bolsista de iniciação científica ou extensionista não pode cumular bolsas nem manter vínculo empregatício de nenhuma natureza.

estudantes que estavam trabalhando participam ou participaram deste tipo de projeto, 15,6% do total de estudantes que participam ou participaram de atividades desta natureza; apenas 6% participam ou participaram de atividades de extensão universitária, perfazendo um percentual de 11,3% do total de extensionistas; 27% participam ou participaram de grupos de estudo¹⁰². A frequência à monitoria também é significativamente menor entre os estudantes trabalhadores, enquanto aproximadamente 52% dos estudantes que não trabalham frequentam este tipo de atividade, apenas 24% dos trabalhadores o fazem. O mesmo foi registrado em relação à participação em eventos na universidade: jovens trabalhadores (57%) frequentam menos estes espaços que os jovens não inseridos no mercado de trabalho (73,8%). O estudo de Zago (2006, p. 235) evidencia que “o tempo investido no trabalho como forma de sobrevivência impõe, em vários casos, limites acadêmicos”, o que revela outra “faceta da desigualdade”, com implicações que extrapolam o cotidiano universitário, atingindo as possibilidades de socialização intra e extra-muros da universidade.

Conforme vimos ao longo deste capítulo, nossos jovens entrevistados reúnem condições mais ou menos favorecedoras de uma vivência diferenciada de universidade. Dentre os fatores que concorrem para este diferencial está a possibilidade de se dedicarem exclusivamente à atividade acadêmica – o que não significa que o façam em condições ideais –, tendo em vista sua não inserção no mercado de trabalho, a inclusão no Programa de Assistência Estudantil da UFVJM, além de apoios financeiros externos/familiares.

4.4.1 O uso do tempo

No que diz respeito ao uso do tempo, todos os jovens entrevistados mencionaram uma priorização do tempo para os estudos. Luiz, Aline e Gilson estudantes do BCeT, Engenharia Civil e Odontologia, respectivamente, fazem referência a um grande número de matérias em curso, o que demanda uma dedicação maior às disciplinas. Dados do questionário aplicado corroboram este maior investimento de tempo para os estudos, dentre os estudantes do BCeT. Enquanto 43,2% destes afirmaram dedicar acima de seis horas semanais aos estudos, dentre os estudantes da FACSAB apenas 16,6% se encontravam na mesma situação. Cerca de ¼ dos estudantes do BCeT afirmaram dedicar acima de 8 horas semanais aos estudos. O cruzamento de dados relativos ao tempo de estudo e o aproveitamento das disciplinas, no caso dos

¹⁰² Em relação aos estudantes que nunca trabalharam, 27% afirmaram participarem ou terem participado de projetos de iniciação científica, 84,3% do total; 23,6% em projetos de extensão, 88,6% do total; 44,2% participam ou participaram de grupos de estudos, 76,5% do total.

estudantes matriculados no BCeT apresentou índices inversamente proporcionais, ou seja, quanto mais horas dedicadas aos estudos, maior o aproveitamento, o contrário também é verdadeiro: o maior índice de reprovação nas disciplinas encontra-se entre aqueles que dedicam menor tempo para os estudos. Na FACSAB não foi possível estabelecer esta relação.

João (23 anos), ao se referir sobre esta dimensão da condição estudantil, mencionou que seu tempo é variável: “eu preciso um tempo a mais para estudar, então eu vou. Não tenho essa questão, não necessariamente, ah, tem que ser tantas horas por dia para tal coisa. Vai depender de cada dia, cada momento”. O jovem apresenta, ainda, um leque variado de atividades para as quais dedica seu tempo. O estudante afirmou que permanece na universidade das 14h às 23h, e neste período, distribui seu tempo entre as atividades de ensino, pesquisa, extensão, movimento estudantil, questões afetas à vida universitária, dentre outras. Durante as manhãs e aos finais de semana organiza algumas pendências e executa afazeres domésticos na República Saltense.

Dentre todos os entrevistados, Kim Xavier (22 anos) foi a única estudante que incluiu o lazer, sem que tenha sido estimulada por nós a fazê-lo, no seu relato sobre o uso do tempo: “*Eu sempre priorizo meus estudos. Tenho horário para treinar, tenho horário para estudar, tenho horário também de lazer, que a gente cria... mas eu sempre priorizo o horário de estudar*” (Kim Xavier, 22 anos).

Luiz avaliou criticamente a questão do tempo, afirmando que a “cobrança surreal”¹⁰³ em relação às atividades acadêmicas não permitem ao estudante vivenciar outras experiências, fator que interferiu nas suas expectativas de sair um profissional bem formado, nos aspectos que denomina “conteúdo e experiência”.

[a universidade pública] te dá uma base de conhecimento boa, mas, a forma de cobrança disso é meio surreal, entendeu? Eles te bitolam, isso é horrível.

Pesquisadora - E quando você fala que “a cobrança é surreal”, o que você quer dizer com isto?

É o fato de eles te darem um trilhão de matéria para você estudar e ter aula de manhã e de tarde e não ter tempo para você respirar direito.

103 Questionado sobre o que seria a “cobrança surreal”, o estudante nos deu a seguinte resposta: “É o fato de eles te darem um trilhão de matéria para você estudar e ter aula de manhã e de tarde e não ter tempo para você respirar direito” (LUIZ).

Pesquisadora - E essa ideia de uma cobrança que te bitola, que você falou também, como que é isto?

É você não ter liberdade para fazer o que você quer. Tipo assim, eu tenho o final de semana, mas no meu final de semana eu não posso fazer o que eu quero. Eu tenho um trilhão de coisas para fazer. Esse final de semana, por exemplo, eu queria ir para casa, mas não posso ir para casa... estou com muita coisa para fazer. (Luiz, 21 anos)

No depoimento de Luiz fica explícita a relação existente entre a condição estudantil e a condição juvenil, que nem sempre se dá isenta de tensões, posto que as exigências próprias da formação universitária tendem a se sobreporem à dinâmica que permeia a vida cotidiana fora dos muros da universidade.

Erlich (1999 apud GOMEZ, 2002) afirma que o tempo para o estudo se encontra intrinsecamente ligado a outros tempos, tais como o tempo de lazer e trabalho, que também tem muita importância no que tange à condição estudantil. No que diz respeito aos estudantes que estavam trabalhando, aproximadamente 51% afirmaram dedicar até duas horas semanais aos estudos, exceto o horário que estão em sala de aula; 24% afirmaram que dedicam acima de 6 horas semanais aos estudos; já, dentre os que nunca trabalharam nem procuraram trabalho, 41,3% afirmaram dedicar este mesmo tempo aos estudos. Acrescente-se à análise o tempo dispendido pelos estudantes que moram em municípios circunvizinhos, no traslado até a universidade. Dentre os jovens estudantes do campus cerca de 13,5% percorrem diariamente de 60km a 300km, considerando os trajetos de ida e volta da universidade, sendo que metade destes estudantes percorrem acima de 100km todos os dias¹⁰⁴. Além disso, destaca o mesmo autor, a distribuição do tempo estudantil não é a mesma todos os dias, nem para todos os estudantes (ERLICH, 1999 apud GOMEZ, 2002).

4.4.2 Relação com os estudos e experimentação universitária

No que diz respeito à relação com os estudos, durante as entrevistas, propositalmente, não elaboramos nenhuma pergunta específica sobre esta questão. Utilizamos esta estratégia como recurso metodológico a fim de apreendermos o lugar que os estudos ocupam nas

¹⁰⁴ FREITAS (2008, p. 348) elege os ônibus que realizam o transporte escolar de estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA como “campo empírico”. Para esta socióloga “os transportes universitários, dependendo da duração do percurso, tornam-se espaços onde tomam lugar o lazer, o debate, os estudos, as amizades, os namoros e o uso de drogas lícitas e ilícitas”. Nos limites da pesquisa realizada para subsidiar a realização desta tese, não foi possível acompanharmos os estudantes nos transportes coletivos, a fim de apreendermos o modo como se dão as práticas e sociabilidades dos jovens universitários da UFVJM nestes espaços. A este respeito, fica o indicativo para pesquisas posteriores.

vivências universitárias. Desta forma, perguntamos aos estudantes, apenas: “como vivencia a universidade?” Nos parágrafos que seguem, a abordagem desta questão será feita por meio da valorização dos relatos individuais, sem compromisso com a análise particularizada, reproduzindo com fidelidade os depoimentos dos entrevistados, que, em alguns casos podem se tornar extensos, todavia, imprescindíveis para a compreensão da condição estudantil destes jovens universitários.

4.4.2.1 As aventuras de João por uma contabilidade mais humana

João, como sabemos, é estudante do Curso de Ciências Contábeis. À época da entrevista, encontrava-se em vias de concluir o sétimo período do curso. Suas vivências na universidade foram marcadas, dentre outras coisas, por sua condição de estudante parcial, no início do curso, situação que se alterou a partir do terceiro período; por sua participação no I Grupo Universitário de Teatro da UFVJM, o “Bicho Calango”; por sua inserção em projeto de iniciação científica; por sua atuação e militância no movimento estudantil, incluindo o período que esteve na presidência do Centro Acadêmico de Ciências Contábeis; e por sua participação em diferentes espaços colegiados na universidade.

João (23 anos) fez amigos na universidade, sobre os quais relatou “é uma das coisas que me faz bem, a questão dos amigos da universidade, os colegas, isso é uma coisa que me agrada dentro da universidade. Às vezes eu vou para estar lá com eles. Para mim isso é boa convivência”. João costuma frequentar a universidade diariamente das 14h às 23h. O estudante faz referência à universidade como “um lugar onde você pode falar, você pode opinar, se vão te ouvir já é outra coisa, mas é um espaço para debate, para discussão, a meu ver, um dos ambientes muito politizados”. Durante a entrevista, João fez menção às vivências mais gerais na universidade, mas também falou sobre uma situação particular de “restrição” de tais vivências.

Ao falar sobre este acontecimento, o jovem encheu os olhos de lágrimas e relatou que enfrentou problemas no decorrer do sétimo período do curso, quando, segundo ele, submeteu a um evento internacional, um artigo científico fruto de seu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, sem ter comunicado seu orientador. Este fato desencadeou uma série de procedimentos administrativos que culminaram, dentre outras medidas, na suspensão do recurso proveniente do PROAPE, que subsidiaria sua viagem à Colômbia para a apresentação do referido trabalho no “Congresso Latinoamericano de Estudantes de la Disciplina Contable/Congreso Nacional de Estudiantes de Contaduría Pública de Colombia ‘Construyendo tejido social por una profesión

contable humana, digna y soberana””, que aconteceu na Colômbia, no mês de março de 2013. Conforme relato de João¹⁰⁵,

[...] eu encaminhei o trabalho para a Colômbia, não comuniquei o professor, o ex-orientador, estávamos em férias e tal, o trabalho foi selecionado para exposição, não para publicação. Posteriormente, eu fui conversar com o professor e ele não gostou e pediu, falou “a partir de agora eu não sou mais seu orientador, eu vou entrar em contato com a procuradoria geral da união”. Perguntou se eu coloquei, pelo menos, o nome dele. Eu falei: “coloquei”. Mas ele perguntou num tom assim: “você não colocou o meu nome...”. Eu falei: “eu coloquei, porque você era o meu orientador”. Ele falou: “Você não deveria. Sem minha autorização isso cabe processo” e pediu a retirada do nome dele. Ele falou: “vou entrar em contato com a procuradoria geral da união e você assume as consequências”. Simplesmente levantou, eu fiquei na sala e ele saiu, depois eu saí também. Ele falou que iria enviar um comunicado oficial para o colegiado de curso, comunicando o desligamento dele.

[...], eu estava sem orientador, tinha um trabalho para apresentar na Colômbia. Solicitei o PROAPE – Programa de Apoio à Participação em Eventos – pedi a outro professor que assinasse, expliquei a situação, falei que iria retirar o nome, ele falou: “se você retirar o nome, tudo bem”. Assim eu fiz, encaminhei um email para a Colômbia pedindo a retirada do nome dele, falei que eu tinha enviado o trabalho sem ter comunicado o professor e por este motivo ele solicitou a retirada do nome dele. O professor também encaminhou email para a Colômbia pedindo a retirada do nome dele. Solicitei o recurso do PROAPE, foi aprovado [...] dois dias após a divulgação do PROAPE eu recebi um ofício, em casa, comunicando que o recurso havia sido suspenso, porque o meu trabalho se encontra suspeito de irregularidades. Não satisfeito, recebo um ofício do colegiado do curso me comunicando o desligamento do professor por motivos por ele alegados, solicitando cópia física e digital do meu trabalho. Eu estava com esses dois ofícios, aí o que eu fiz? Eu peguei meu trabalho, cópia física e digital do jeito que eles solicitaram, protocolei na coordenação, pedi um parecer e encaminhei, também, um ofício solicitando cópia da ata da reunião que ocorreu, essa reunião que eles solicitaram cópia do meu trabalho, não me falaram o porquê, nem pra que e as informações eram superficiais. Solicitei cópia ao PROAPE, também, do relato que chegou lá. A coordenação do curso não me respondeu essa questão do ofício, das cópias das atas da reuniões e o PROAPE me encaminhou pelo correio o relato que tinha chegado lá no PROAPE. Com base nesse relato eu tive conhecimento da situação, porque a coordenação do curso foi omissa. Enfim, esse relato fala que eu usei o trabalho, que eu desrespeitei os trâmites legais da universidade para enviar o trabalho, que eu estou usando o nome da universidade em desrespeito à instituição e que o resumo eu mandei sem autorização e coisa e tal. [...]como ninguém me convoca para dar nenhum posicionamento, eu mesmo encaminhei um relato. [...]Falei que não tive a intenção de denegrir a imagem do professor, mas que eu já tinha pedido a retirada do nome dele e que não vejo que em momento algum eu estou desrespeitando o nome da instituição, até porque eu me identifico como estudante, eu sou estudante da

¹⁰⁵ Optamos por publicar na íntegra o depoimento do estudante acerca deste assunto, a fim de evitarmos simplificações e não correremos o risco de darmos mais valor a um aspecto do que a outro.

universidade e pedi agilidade na apuração dos fatos, o congresso estava próximo, estava na semana e o recurso suspenso. Não sei o que aconteceu, não sei o que está acontecendo internamente, as informações são superficiais e, quando são superficiais eu solicito mais informações e não me são dadas. Eu sei que o último ofício que eu recebi, eles já tinham encaminhado email para a Colômbia, pedindo a desconsideração do trabalho. [...] Não satisfeitos, eles [Coordenação de curso] me encaminharam um ofício, dia 18, eu teria que viajar dia 20, dizendo: “você tem 72h para retirar o seu trabalho da Colômbia”. Eu não retirei o trabalho, ignorei o ofício, porque, num primeiro momento, não foi me dado o direito do contraditório, se eles estão querendo resolver as coisas administrativamente, com base em todas as resoluções e normas burocráticas, então vamos ser burocráticos também. Então, não foi me dado o direito do contraditório, que é o direito garantido pela Constituição Federal, independentemente se você está errado, você tem o direito ao seu posicionamento. [...] Fui para a Colômbia com apoio, outro tipo de apoio. Até então, para eles, eu não iria para a Colômbia. Ignorei o ofício, não respondi o ofício e daí envolve outras conjunturas também, teoricamente uma ameaça de processo administrativo, essas questões que você vê... com relação à retirada do nome, o pessoal da Colômbia havia respondido o email também: “professor tal, atendendo sua solicitação, seu nome não se encontra vinculado a nenhum tipo de publicação, exposição no congresso, não se encontra vinculado a nada. Reiteramos os esforços dos alunos latino-americanos para participar deste importante evento, isso pode estabelecer um elo entre as universidades, possibilita o intercâmbio, isso é uma coisa boa, tal e tal”. [...] **fui para a Colômbia**, apresentei, participei do evento, independentemente de todos os problemas, **foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida e agora o que me espera? Eu não sei**, mas coisas boas não são. [...] Essas coisas fizeram eu me afastar da universidade, de não suportar, às vezes, olhar para a cara de professores, não ter aquele contato, quando você vê professores agindo dessa forma assim com a gente enquanto aluno [...]. Eles tentam falar que foi um erro, que você tem que pagar dessa e dessa forma, se possível, de outras formas burocráticas também. [...] Como eu falei, eu quero entender o porquê das coisas. Se você falar é isso, isso e isso, se eu entender, não tem porque eu continuar... mas enquanto eu tiver argumentos, enquanto eu tiver posicionamentos, eu vou estar em frente. (João, 23 anos).

João avalia seu curso confrontando a formação curricular com outras vivências em diferentes espaços de formação, o movimento estudantil, a convivência com estudantes de outros cursos, seminários, eventos intra e extra-muros da UFVJM. Acerca dessas vivências, o jovem estudante enfatiza: *“isso contribuiu bem mais para a minha formação dentro da universidade, do que necessariamente dentro da sala de aula. Isso, para mim, não tem preço”*. Dentre as contribuições citadas por João, a construção de um olhar diferente para a Contabilidade:

[...] aqui é uma contabilidade voltada, principalmente, para as grandes empresas, por exemplo. A própria característica do curso de Ciências Contábeis aqui na UFVJM deveria ser diferente. Aqui em Teófilo Otoni a gente tem as micro-empresas, as pequenas empresas cooperativas, as associações, tem muitas, no Vale do Jequitinhonha e Mucuri. A gente não vê

na universidade uma contabilidade voltada para essa área, só contabilidade para o mercado financeiro, coisas que não condizem com a nossa realidade, que condizem com a realidade de São Paulo, das capitais. É uma crítica que eu faço, poderia ser mudado, a conjuntura de contabilidade enquanto Brasil já é conservadora, só a questão de você seguir normas, resoluções, de você não ser um contador crítico, de pensar, opinar, você tem que fazer isso, isso e isso, imposto de renda, esse e esse é o procedimento... um mero funcionário do governo, o governo já tem tudo ali, você só vai preencher, tal e tal, com prazos estabelecidos, coisas assim muito burocráticas.

João defende uma outra Contabilidade possível, e relata que encontrou respaldo para o seu posicionamento junto a outros jovens estudantes, na Colômbia. “*Eu achava assim, nossa, só eu que penso dessa forma? Eu fui para um congresso na Colômbia onde todos pensam assim, que há uma contabilidade mais digna, mais humana, mais soberana. Então, aqui você não tem isso... lá eu pude encontrar isso*”.

O estudante destaca, ainda, outras transformações ocorridas com o seu ingresso na universidade, como as que lhe possibilitaram compreender processos que permearam sua vida cotidiana e de seus familiares, como a inserção de seu pai no MST, a adesão de sua mãe ao Movimento dos Atingidos por Barragem – MAB, processos diretamente vinculados à construção de sua própria identidade, segundo o jovem.

[...] não conhecia a minha própria identidade. Mas por que eu não conhecia a minha própria identidade? Estava ali, presente, minha mãe faz parte, meu pai fazia parte, mas estava tão superficial para mim, por que? Então esse processo de transformação, de poder ver as coisas com mais clareza, coisas que a princípio são superficiais, não tem como você pensar, você pensa que aquilo ali não tem uma brecha para você pensar, aquele círculo ali está fechado. Mas quando você saiu desse círculo e você aumenta ele, descobre o que tem de trás deste círculo, então isso para mim foi questão de transformação, de entender, de fato, como tudo era antes e agora entender de uma forma crítica. Não só crítica, mas também de querer contribuir, querer ajudar. Eu posso contribuir, eu posso ajudar, [...] nós podemos ir mais além, hoje eu vejo.

João avalia que ser jovem na universidade “*foi uma coisa fantástica*” e avalia que, ser jovem em uma universidade recém-construída “*também contribui de forma efetiva para o processo de formação*”. De acordo com o estudante, imerso no cotidiano institucional às vezes não se dá a importância devida a este processo, e destaca:

[...] no futuro a gente vai olhar para trás e enxergar. Eu contribuí para aquilo ali, era dessa e dessa forma, não tinha asfalto, era lama, era aquilo, era poeira, não tinha água. Então, são as dificuldades da gente, mas a gente está entrando para a história dessa universidade. A universidade está entrando para a história e a gente está fazendo parte dela, parte desse processo de construção.

O jovem tece uma análise sobre a universidade brasileira em geral, e pondera, com base em suas experiências em encontros em outras universidades, que os problemas enfrentados no Campus do Mucuri não são exclusivos da UFVJM, *“os prédios, a biblioteca em outras universidades, está a mesma coisa e, às vezes, até pior. Algumas melhores, outras piores”*. Neste contexto, João destaca o papel da juventude no processo de construção da universidade pública brasileira *“enquanto jovem, a gente está mobilizando e a gente vê que a luta também é geral, nesse processo de construção”*. *“Participei de muitas coisas na universidade, hoje eu posso falar, de fato, que eu vivenciei a universidade como um todo”*.

Sobre o significado da universidade na sua vida, João afirma: *“a universidade significa muito em minha vida, pois foi através dela que agreguei o conhecimento que tenho hoje, foi através dela que adquiri o senso crítico, foi através dela me reconheci como agente transformador da minha própria realidade”*.

4.4.2.2 Dos bancos da universidade ao tatame: experiências universitárias de Kim Xavier

Kim (22 anos), conforme vimos no Capítulo III, cursava graduação em Serviço Social. À época da entrevista, encontrava-se em vias de defender seu TCC. De poucas palavras, das vivências e experimentações da universidade, a jovem estudante mencionou sua participação em projeto de iniciação científica e projeto de extensão, além da militância estudantil, a cujo movimento aderiu nas fases iniciais do curso: *“Foi um período que, na greve dos discentes de serviço social eu participei muito ativamente das reivindicações, das manifestações nas ruas”*.

Sobre a sua inserção na iniciação científica, Kim relatou que pesquisou sobre *“os campos de atuação do assistente social”*. Concomitantemente, participava do curso de capacitação para os assistentes sociais da região, que foi oferecido por meio de um projeto de extensão. Na avaliação da estudante, esta experiência contribuiu significativamente para a sua formação, em suas palavras, *“porque por meio da pesquisa a gente estuda mais, acho que vai mais a fundo em um determinado assunto. A partir desse projeto, também, eu comecei a escolher qual seria meu tema do trabalho final de curso”*.

Kim revelou que durante sua graduação tentou absorver *“o máximo de conhecimento e coisas boas que a universidade pode oferecer”*. A estudante destaca que o ingresso na universidade possibilitou, além da aquisição de conhecimentos, o estabelecimento de relações de amizade, a participação em eventos internos e externos, a socialização em festas, entre outros. Para Kim, ser jovem universitária *“tem coisas boas e tem coisas ruins”* e cabe a cada um a decisão do que quer para si.

É um universo totalmente diferente. Você passa a ver o mundo de outra forma. Você passa a conhecer realmente o que é cada manifestação, dá para entender um pouco. Eu vejo a vida hoje de uma forma literalmente diferente de como eu via a cinco anos atrás. Muitas transformações boas, outras ruins, coisas boas também aconteceram na minha vida por meio da universidade. Então, é uma experiência ótima.

Dentre as coisas boas de estar na universidade, Kim destaca a sua participação na extensão universitária que lhe abriu as portas de um novo mundo: o das artes marciais. Segundo a jovem, que atualmente é faixa preta em Taekwondo, sua aproximação efetiva com esta arte se deu um ano após o ingresso no curso de Serviço Social.

Eu comecei a praticar artes marciais por meio de um projeto da universidade, que o coordenador é o mestre Franco, ele era técnico-administrativo e começou com este projeto. Eu assistia muito filme de luta e ficava muito vidrada nos golpes, eu gostava muito. Na minha cidade, eu nunca tive a oportunidade de fazer, até porque lá não tem nenhum tipo de atividades marciais. Quando ele começou com esse projeto eu comecei a fazer, e me apaixonei muito pela arte marcial em si e pela filosofia e aí continuei. Logo depois de uns cinco meses ele mandou esse projeto e foi aprovado pela universidade e aí ele precisava de um bolsista. Eu fiquei como bolsista por um ano, eu pesquisava, interagia com os praticantes e também resolvia questões de reuniões, pesquisas de campo.

Segundo Kim (22 anos), sua experiência neste projeto foi enriquecedora, pois “*oferece um leque de possibilidades que você achava que nem poderia alcançar*”. A estudante relatou que realizou muitas viagens por meio do projeto, para participação em campeonatos, em cujas experiências conheceu outros competidores, fez amizades, além de ter exercitado o “*ganhar e perder*”, que fazem parte do processo de aprendizagem.

Kim também fez amigos na universidade, alguns oriundos da sua cidade de origem, que, todavia, conheceu no Campus; outros, conheceu no projeto de artes marciais, com os quais procura manter contato, visando não perder a amizade.

Sobre “as coisas ruins” de ser jovem universitário, Kim faz a seguinte ponderação:

[...] eu acho que eles [muitos universitários] veem a forma de diversão na vida com uso de bebidas ou uso de algumas drogas. Nesses encontros que eu fui eu já presenciei muito. Teve amigos meus que chegaram a me oferecer mas eu recusei, porque para mim eu via que aquilo não iria me fazer bem, devido a tantos exemplos nos jornais, em novelas, que a gente vê o que acontece com os universitários... mas, eu respeito a opinião e a escolha de cada um, só que eu não quis experimentar e não quis fazer parte desse mundo que eles fazem e que veem que é melhor para eles e também se sentem felizes com isso.

Durante sua graduação, articulava sua condição juvenil à condição de atleta, sem perder de vista sua condição estudantil. Kim relatou que antes de começar a viajar para

participação em campeonatos, viajou para um evento acadêmico na Universidade Estadual Paulista – UNESP Marília - SP, além do Encontro Regional dos Estudantes de Serviço Social em Montes Claros – MG e no Fórum Social Mundial local, em Salvador - BA. A jovem também mencionou sua participação nas semanas acadêmicas do curso e em diversas palestras, *“eu procuro aproveitar o máximo quando é chamado um palestrante de fora ou até mesmo da universidade, para enriquecer minha formação quanto acadêmica também”*.

A fase final de sua graduação foi marcada pela greve unificada e, em virtude da elaboração do seu TCC, de preparação para concurso público e para o exame a que iria se submeter no esporte – de obtenção da faixa preta –, a jovem relatou ter participado superficialmente deste processo. *“Não fui muito à universidade, nem participava muito das reuniões [...] Então, como são exigidos muitos conhecimentos, muitas coisas, eu quase não participei deste movimento nacional que teve, por conta dessas questões aí”*.

Kim (22 anos) afirmou estar satisfeita com seu curso de graduação, conquanto, ressaltou que *“tem momentos que, devido às contradições da profissão, o aluno pode ficar frustrado, querer mudar e tal”*. Questionada sobre a que contradições se referia, a estudante remeteu a questões relativas à articulação formação e inserção profissional, que emergem como ponto de preocupação:

[...] mesmo que a gente conheça a realidade e o que seria certo, muitas vezes, se formos empregados por instituições estatais a gente vai ter que trabalhar de acordo com o que eles querem. Senão, você pode correr o risco de ser mandado embora ou coisa assim. Sabemos que a gente tem que sobreviver, satisfazer as nossas necessidades básicas, então, para isso, a gente tem que ter algum tipo de trabalho.

Kim concluiu seu curso de graduação no mês de abril de 2013 e, atualmente, está atuando como professora de artes marciais em uma academia em Teófilo Otoni, ao mesmo tempo que se prepara para a seletiva das Olimpíadas de 2016 e para concurso público, por meio do qual pretende ingressar no serviço público.

4.4.2.3 Sem tempo e sem dinheiro: as vivências universitárias de Luiz

Luiz (21 anos), à época da entrevista, estava prestes a concluir o Bacharelado em Ciência e Tecnologia¹⁰⁶. Em seis semestres (período regular de integralização do curso) na universidade, Luiz participou de atividades diversas, como um estágio no GEPAF, com

¹⁰⁶ Como vimos no Capítulo II, este curso tem duração de 06 semestres e habilita o estudante ao ingresso em uma das seis engenharias: Civil, Hídrica e de Produção (ofertadas no Campus do Mucuri) e, Mecânica, de Alimentos e Química (ofertadas no Campus de Diamantina).

realização de pesquisa na zona rural; como voluntário no Projeto Cine Mucuri; como iniciação científica em projeto de análise do rio (realizando atividades no laboratório) e em projeto de análise biológica das águas em comunidades quilombolas; como membro fundador do Núcleo de Estudos em Tecnologias Sociais – NETS, dentre outras.

Seu cotidiano na universidade foi marcado por uma intensa atividade acadêmica: “tem dia que eu tenho aula de manhã, tem dia que eu tenho de manhã e tarde e tem dia que tenho de manhã até de noite, até 22h. Neste caso, não dá para você fazer nada, só assistir aula”. Além das atividades em sala de aula, Luiz afirma que sempre que possível, participa de atividades promovidas na universidade, por outros cursos e avalia que conseguiu participar do ensino, da pesquisa e da extensão: “Eu acho que eu consegui”. Dentre as diversas atividades das quais participa, Luiz ressaltou a importância da iniciação científica para a sua permanência na universidade.

Eu gosto muito do que eu consigo fazer na iniciação científica. Eu tenho uma particularidade com minha iniciação científica, porque eu adoro extensão e, como, trabalhar com comunidade quilombola e detectar que há ocorrência de a água deles não estar boa, e aí? Aí fica aquela pergunta vaga, você vai fazer o que com isso? Para eles, para a gente... aí, tipo assim, conseguir fazer a iniciação científica, fazer a pesquisa e conseguir voltar na comunidade, trabalhar isso com ela, eu acho isso extremamente interessante.

O jovem, que se preparava para o ingresso na engenharia, fez uma análise do curso em andamento destacando que não consegue visualizar o profissional bacharel em ciência e tecnologia. Assim como a maior parte dos seus colegas de curso¹⁰⁷, Luiz ingressou no BCeT visando cursar uma engenharia. Na sua avaliação, o BCeT é um curso bom, porém, com deficiências, dentre as quais destaca o fato de não ter estágio, ter uma carga horária muito grande e ter muita matéria que, a seu ver, não serão utilizadas após a graduação.

Luiz também chama atenção para o compromisso que, na sua opinião, a universidade pública deveria ter com a região na qual está inserida. Para o jovem estudante, a universidade deveria primar por uma formação profissional crítica, que contribua com o desenvolvimento regional, proporcionar “*no mínimo, uma visão crítica sobre a realidade que está inserido. [...] tem que ter pelo menos essa discussão para que a pessoa consiga ter essa distinção: eu quero isso ou não*”. O estudante aponta esta questão como uma das deficiências do curso, e, considerando que se trata de um curso preparatório para as engenharias, pondera:

107 Conforme nota de rodapé nº 20.

O curso de engenharia, [...] é um curso de desenvolvimento, entendeu? O objetivo do profissional da engenharia é desenvolver, aí você passa pelo pressuposto: aonde eu estou inserido, aonde a universidade está inserida? Ela está criando profissionais para o desenvolvimento para ir para São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte?

Pesquisadora - O que na sua opinião seria formar profissionais para o desenvolvimento dessa região? O que precisaria para isso?

Eu acho que, principalmente, uma discussão dentro do curso, entendeu? E isso ser mais bem tratado. Porque tem matérias de humanas dentro do curso, mas isso não é bem tratado. Eu acho que isso deve ser mais bem refinado, porque quando não é, nem o aluno, nem o próprio professor dá importância para a matéria. Fica aquela coisa sem sentido nenhum.

Pesquisadora - E essa abordagem seria efetivamente na área de humanas?

Não. Eu acho que os professores de exatas... eu acho que é uma deficiência dos professores de exatas, porque eles são formados para fazer conta, entendeu? Parecem uma calculadora! [...] Eles parecem, a maioria, não estou falando de todos, mas a maioria parece uma calculadorazinha. Não te contribui. Te contribui assim, para me ajudar a fazer a conta, só. O que aquela conta vai me ajudar?

Pesquisadora - Na sua opinião, deveria ser além disso?

Sem dúvida alguma. Se um professor de cálculo, aconteceu alguma coisa, “o gente, hoje não vamos falar sobre cálculo, não. Vamos tentar pensar sobre isso...”, entendeu? Não sei se é bem isso... mas eu acho que tem que conseguir ir além da matéria. Cálculo por cálculo? Eu estou num curso interdisciplinar, onde o objetivo seria fazer essa integração entre os conhecimentos. Aí eu chego na sala de aula e a única coisa que eu consigo falar é sobre conta, eu não consigo *linkar* isso com nada. É só responsabilidade do aluno fazer isso, conseguir, realmente, fazer o curso interdisciplinar?

Luiz relatou que durante sua graduação deu maior prioridade à universidade que à vida pessoal. E, neste contexto, segundo o jovem, “*a universidade te consome, te deixa seco, ela deixa. Você acaba deixando um pouco a sua vida de lado*”. Para o jovem estudante, esta condição poderia ser abrandada com a oportunidade de vivenciarem experiências para além da sala de aula, que possibilitem formação do ponto de vista profissional e também pessoal.

É fundamental! Senão, comparado à sala de aula, é até mais importante. Eu acho que ser pessoa e ser um profissional são duas coisas que tem que andar junto. Se eu estou aqui e só assisto aula, eu não consigo me contribuir com mais nada, eu me perco no sentido da minha vida, como ser humano, não como profissional, mas como ser humano.

Para Luiz, principalmente na área de exatas, a sala de aula não dá conta desse aspecto. O jovem estudante também faz referência à estrutura deficitária da universidade, especialmente no que diz respeito à oferta de espaços de convivência.

Você não tem um lugar para sentar aqui nessa faculdade. Você quer sentar, aqui fora você vai morrer, porque esse sol... não tem uma sombra. A não ser que você fique... tipo assim, a única forma é na hora do almoço lá embaixo. Pelo menos o meu curso, que é de manhã. Só. O resto, é sala de aula e ir embora, porque ninguém aguenta ficar aqui, não.

Luiz compara as condições dos estudantes da UFVJM à de estudantes de outras universidades, que, a seu ver, possibilitam uma inserção mais profunda do jovem em relação a outras situações possíveis de serem experimentadas na universidade “*Lá eles tem um show no pátio, eles tem até estrutura física para isso... aqui você não tem. Aqui é vir assistir aula e morreu... por que você vai ficar num campus que não te oferece nada?*”

Luiz concluiu o BCeT e atualmente cursa graduação em Engenharia Química, no Campus de Diamantina. O jovem estudante que, afirmou, durante a entrevista, “[...] eu tinha noção que eu ia ter que sair de casa, e isso era uma necessidade para me conhecer e conhecer o mundo”, participou da seleção do Programa Ciência Sem Fronteiras e, no mês de julho de 2013, foi contemplado com uma bolsa de estudos na Irlanda, aonde realizará parte dos seus estudos.

Para Luiz, a universidade é muito importante na sua vida: “é por ela que você começa a traçar um bocado de caminhos que você pode seguir. [...] por meio da universidade eu consigo pensar no meu amanhã, depois de eu formado”.

4.4.2.4 Será que vai dar certo? Vivências de Aline na UFVJM

Aline (23 anos) ingressou na UFVJM na primeira turma do BCeT, com o objetivo de cursar Engenharia Civil. Conseqüentemente, a jovem Bacharel em Ciência e Tecnologia também fez parte da primeira turma do Curso de Engenharia Civil da universidade. Durante sua primeira graduação – o BCeT, a jovem estudante participou de diversas atividades acadêmicas, dentre as quais, iniciação científica, grupo do CREA Jr¹⁰⁸, eventos científicos. Sobre suas vivências na universidade, a estudante afirmou: “*em tudo eu vivencio a universidade, porque*

¹⁰⁸ O CREA Jr. é um canal de interlocução dos estudantes de Engenharia e Agronomia de Minas Gerais com o CREA – Minas. “O CREA - Minas Jr. promove discussões, debates, palestras, seminários, visitas técnicas e projetos sociais sobre temas relacionados com as diversas profissões tecnológicas”. (disponível em: www.crea-mg.org.br).

eu passo muito tempo aqui”. A jovem relata que vivenciar esta condição em uma universidade recém-criada é um desafio, especialmente no que diz respeito à estrutura, que, segundo a estudante, não subsidia o curso de forma apropriada.

[...] como a gente foi a primeira turma, tivemos muitas dificuldades, estamos tendo até hoje. Nossa, é complicado, porque a gente não tem laboratórios, agora está faltando professores para a parte final do curso. A gente fica com expectativa meio que... será que vai dar certo?

Em relação a sua experiência no projeto de iniciação científica, Aline desenvolvia análise microbiológica da água do Rio Todos os Santos (rio que corta o município de Teófilo Otoni). *“A gente colhia amostras no rio, nos pontos pré-escolhidos, trazia as amostras para o laboratório e submetia a alguns métodos dentro do laboratório para quantificar a quantidade microbiológica que tinha naquela água, os agentes patogênicos”*. De todos os entrevistados, é a única que relata sua participação na iniciação científica de forma mecânica, a fim de atender uma das exigências do curso de graduação, o que repercute na sua análise sobre os impactos desse processo na sua formação:

Não teve muito impacto na formação do Bacharelado porque eu sempre estive muito ligada à parte de civil. Eu entrei na IC mesmo para fazer o TCC, para eliminar o TCC do Bacharelado. Como não tinha muitos professores para orientar nas áreas que a gente queria, eu acabei indo para esse de microbiologia. (Aline, 22 anos)

Sobre o cotidiano na condição de jovem universitária, Aline afirma que *“a universidade requer uma dedicação bem maior”*. De acordo com a estudante, *“no início é mais complicado porque a gente tem que abdicar de sair, de conviver mais com os amigos... a gente convive mais com os colegas da universidade, mesmo”*. Matriculada em oito disciplinas, a jovem estudante revela que dedica seu tempo exclusivamente para a vida acadêmica. *“Geralmente meus dois períodos, de manhã e à tarde, só na terça que eu tenho a tarde livre, então eu uso para fazer trabalhos quando eu estou em casa, estudar para provas que tem bastante [...]”*.

A dedicação de Aline aos estudos interfere no uso que faz do tempo livre. Antes, na própria disponibilidade de tempo. A jovem que afirmou que gosta de ocupar seu tempo livre viajando para a casa de seus pais, revela que geralmente vai para casa umas ou duas vezes no mês *“depende da quantidade de provas que eu tiver... se eu tiver muito apertada de provas ou trabalhos, aí eu fico”*.

Aline afirma ter feito amigos na universidade. Para a jovem, a convivência permite a criação de laços afetivos fortes. *“A gente passa muito tempo juntos, faz trabalhos juntos, viaja juntos... então, isso acaba criando laços de amizade”*. Considerando o tempo que passa na universidade, no geral, as atividades que desenvolve com estes amigos dizem respeito às vivências acadêmicas. Aliado ao “tempo corrido na universidade”, na opinião de Aline, a UFVJM não oferece espaços para a sociabilidade juvenil: *“à noite aqui eu sei de alguns grupos que se reúnem tipo para fazer orações, essas coisas... mas são poucos núcleos que se dispõem a fazer essas coisas aqui na universidade. Como não tem um espaço físico, eu acho que dificulta”*.

À época da entrevista, Aline revelou que se encontrava no período de elaboração do TCC e realização do estágio em engenharia civil, o que limitava seu tempo para outras atividades como IC ou extensão universitária: *“a gente não tem muito tempo para isso”*.

Para Aline, a importância da universidade para a sua vida é lhe “garantir um emprego melhor futuramente”.

4.4.2.5 Uma coisa é entrar as 19h e sair as 22h, outra é entrar 07h e sair 17h: as experimentações universitárias de Gilson

Gilson (28 anos) iniciou sua trajetória acadêmica na UFVJM, no Campus do Mucuri, cursando Serviço Social. O jovem estudante cursou a graduação em Serviço Social até o terceiro período, quando foi aprovado para ingresso no Curso de Odontologia, no Campus de Diamantina.

Suas vivências no Campus do Mucuri foram perpassadas por experiências junto ao grupo de teatro universitário Bicho Calango, na condição de monitor da disciplina de Filosofia, iniciação científica junto ao NEAB, engajamento no movimento estudantil e no DCE. Em Diamantina, Gilson afirma que vive “por conta da universidade, já que o curso é integral”, também colabora com uma pesquisa de Mestrado sobre tabagismo, participa da Liga de Neurociências e é membro da Comissão de Política, do DCE.

Em relação ao ME, Gilson mencionou ter participado ativamente das organizações estudantis tanto no Campus do Mucuri como em Diamantina, contribuindo com ideias, participando dos debates, socializando arquivos e textos, dentre outros. *“Participar me fez compreender o poder que os jovens tem, de mobilização, de formação crítica, de alertar a sociedade sobre temas como corrupção, garantia de direitos, alienação”*. Contudo, o jovem

relata que no período em que esteve no ME em Teófilo Otoni teve muitos atritos com os membros do DCE:

Muitos da liderança daí se utilizam do argumento de que os demais são pouco engajados, não escrevem artigos, justamente para poder manipular a seleção das bolsas, formar chapas eletivas só com amiguinhos, fraudar auxílios como PROAPE, monopolizar os espaços. Então, a maior parte dos atritos era por conta disso. Já houve época em que 01 aluno só era CONSU, CONSEPE, CA, DCE, e por aí vai. Batiam tanto na tecla de formação mas esta só era feita quando interessava e para quem interessava.

No que diz respeito à dinâmica do curso de Odontologia, Gilson destaca que é bem diferente da vivenciada no Campus do Mucuri, “uma coisa é entrar as 19h e sair as 22h. Outra é entrar 07h e sair 17h, pra poder correr para monitorias e ainda ter que estudar em casa, fazer trabalhos, pesquisas e seminários”. Além disso, conforme Gilson, a dinâmica da cidade também interfere no modo como os jovens experimentam a condição estudantil.

“Teó” tem poucas opções de lazer... Mas considero uma cidade tranquila, em geral... O fato de serem menos cursos possibilita uma interação maior com os colegas de outras áreas. Eu corri atrás também... Participei de projetos em BH, na UFMG, em Vitória, no Espírito Santo.

[...] Apesar de ser bem menor que Teó, Diamantina oferece mais opções de lazer. As pessoas aqui são muito receptivas. [...] Os jovens da Universidade aqui, em sua maioria, quando se pensa em atuação estudantil, só pensam em Trotão e Esporte. Tem uma consciência crítica da sociedade, da faculdade, bem menos apurada que em Teó.

Acerca da formação, Gilson enfatiza diferenças quando compara a abordagem realizada nos dois campi, em relação às disciplinas de Antropologia e Sociologia: “*aqui [em Diamantina] deixam muito a desejar em comparação com ‘Teó’. Professores tentam criar inter-relações da matéria com a área de saúde e acabam sendo superficiais demais*”.

Para Gilson, “o conhecimento adquirido na academia abre o campo de visão”. Embora seu tempo de formação no Campus do Mucuri tenha sido bastante curto, o jovem afirma: “Sobretudo com o Serviço Social, consegui enxergar muita coisa pra além da aparência questões políticas, sociais, econômicas, filosóficas”. Na avaliação do estudante isto interfere no modo como se constitui jovem. Nas suas palavras, “[...] a partir disso seu modo de agir, de encarar a realidade também muda”.

Ter consciência de seus direitos, saber que agir em conjunto facilita as coisas, saber a quem recorrer, como cobrar as coisas, identificar quais são os interesses por trás de discursos retóricos que tanto se vê na política, na mídia...

Pesquisadora - E isto é privilégio de jovens universitários?

Não sei se a palavra privilégio, mas acredito que essa consciência crítica mais observada, sim, nos jovens universitários, sobretudo das Instituições Públicas.

Quando questionado sobre sua satisfação com o novo curso, Gilson afirmou não ter condições de avaliar com propriedade, posto que ainda se encontrava no início da graduação. O estudante afirmou que procurou saber sobre a estrutura do curso, o corpo docente, o instrumental, maquinários. Em que pese especificidades do curso, o jovem Gilson enfatizou: “*Senti diferença mesmo no clima da cidade e na turma*”. Segundo o estudante,

[...] Ao contrário da realidade dos meus colegas do campus Mucuri, a maioria é composta de jovens, de classe média, brancos, que não trabalham.

Pesquisadora - E como era a realidade dos seus colegas no Campus do Mucuri? O que você observou desta realidade?

Pessoas com mais idade, que tem seus empregos, mais humildes, menos competitivas (academicamente falando), de várias etnias, classes sociais diversas. Aqui a maioria da minha turma não chega a 20 anos.

Pesquisadora - E isso faz alguma diferença?

Faz, porque dificulta a convivência. A alta competitividade torna muitos alunos daqui bastante egoístas. Alguns gostam de aparecer demais, não se ajudam mutuamente, agem por interesses. Mas, obviamente, tem pessoas muito legais, solidárias.

O jovem ressalta, ainda que “*ter em mente essa responsabilidade social pela qual a Universidade foi inserida aqui faz muita diferença. Muitos vieram simplesmente atrás do diploma e só estão à espera de voltar para SP, BH*”.

No que tange às relações estabelecidas com os colegas, o jovem estudante afirmou que tanto em Teófilo Otoni como em Diamantina estabeleceu boas relações, além de procurar auxiliar os colegas em relação aos estudos. Em Diamantina procura, ainda, “*despertar maior participação dos colegas nos espaços que a ‘facul’ oferece*”, embora, na sua avaliação a UFVJM não ofereça espaços para socialização dos jovens. Em relação ao Campus do Mucuri, conforme Gilson,

[...] o DCE não possui prédio próprio em Teófilo Otoni, até onde sei não tem equipamentos suficientes, não tem bancos, nem praças, ainda é pouco

arborizado. Aqui em Diamantina a mesma coisa: prédio com poucos recursos, até tem uma pequena pracinha de alimentação no campus 2, mas muito distante, poucas áreas cobertas durante o percurso dos campi, em época de chuva aluno sofre.

Para Gilson, estas questões interferem na vida acadêmica e na vida juvenil, posto que as áreas de interação dos estudantes “*se resumem à sala de aula ou amontoados nas cantinas*”. O jovem estudante ressalta a importância da continuidade das atividades dos grupos de teatro, de cinema, do intervalo cultural, experiências que vivenciou na universidade durante sua permanência no Campus do Mucuri. Gilson enfatiza que por meio desses projetos pode “*assistir filmes bem selecionados, com conexões ao conteúdo de sala de aula; o teatro proporcionou melhora na articulação verbal, corporal*”, além de ter contribuído para que conhecesse pessoas novas. Embora Gilson permaneça na universidade “*praticamente o dia inteiro*”, desconhece experiências com grupo de teatro no Campus de Diamantina e, conquanto saiba da existência de um projeto de cinema, nunca participou das sessões.

O estudante revelou que dada a sua condição estudantil sobra pouco tempo para ser jovem: “Foi uma opção de vida que eu fiz. Já sabia que seria assim. Além do que, já curti muito quando era um pouco mais jovem”. Questionado sobre o que mudara, Gilson respondeu: “As prioridades mudaram. Abandonei duas faculdades por ter optado trabalhar. Ganhava muito bem naquela época. Agora meu foco é nos estudos, completamente”.

Para Gilson, a universidade é o meio pelo qual poderá “adquirir uma profissão, um ganha-pão, acima de tudo. Mas é também a época de fazer grandes descobertas, grandes amizades, que serão levadas para a vida toda. **Um ambiente através do qual adquiro elementos capazes de contribuir com a sociedade**”.

4.4.2.6 O trem mais bom da vida é ser jovem universitário: experiências de Liberdade Livre na universidade

Liberdade Livre (30 anos) iniciou sua trajetória no ensino superior em uma faculdade privada da região. Em 2009, ingressou no curso de Serviço Social da UFVJM. Na universidade, a jovem experimentou vivências perpassadas pela atuação junto ao movimento estudantil, iniciação científica, extensão universitária, coletivo de mulheres “Cumadre (*sic*) Maria”, Marcha Mundial de Mulheres e outros movimentos sociais.

A trajetória universitária da jovem estudante tem uma relação orgânica com o movimento estudantil:

Eu vi na UFVJM aquilo que me faltava na DOCTUM, que era a ação política. Eu vi o movimento estudantil, o que me encantou na universidade federal foi o movimento estudantil, foi ver os estudantes organizados, foi ver o BlackPower de Carina e ela, linda, assumindo aquilo... foi isso que me encantou, a possibilidade de mudar a realidade. Porque, da maneira que se falava na federal, a maneira que se propunha, era que a revolução era possível, transformar a realidade era possível. Na DOCTUM não era isso, não tinha isso, na DOCTUM a gente ia atender o usuário, blá-blá-blá... mas que projeto de sociedade a gente estava construindo? Não tinha projeto de sociedade, não tinha novo projeto de sociedade, não tinha travessia nenhuma.

Para a jovem estudante, as relações estabelecidas entre os estudantes na universidade, com a universidade, com a região de origem, especialmente o Vale do Jequitinhonha, constituíram importantes elementos de motivação para seu ingresso na universidade pública. *“Foi o que acontecia ali dentro, o que estava acontecendo ali dentro que me cativava”.*

Eu lembro que a primeira vez que eu desci do Vale que eu vi aquela seca eu falei para Élcio assim: “Élcio, existe seca mesmo! Igual na televisão!”. Aí eu lembro que no dia que eu fui na federal, os meninos cantavam: “Vale que vale cantar, Vale que vale viver, Vale do Jequitinhonha, Vale eu amo você”... e eu falava assim: “nossa velho, esse povo gosta daquela terra? Daquele lugar que é tão...”. Depois daquilo eu fui para o Jequitinhonha e comecei a ver encantamento naquela sequidão. Então, não foi a estrutura da universidade, não foram os professores o que mexeu comigo, foram aqueles estudantes, a maneira que aqueles estudantes estavam vivendo aquele momento. Eu ficava muito doida, muito preocupada porque os meninos tinham 18, 19, 20 anos e eu já era uma macaca velha, tinha uma idade assim... no entanto, eu queria viver aquilo que eu não tive oportunidade de viver quando eu tinha 18, 19 anos. A universidade me proporcionou isso. Não a universidade me proporcionou isso, aquele conjunto de estudantes me proporcionou isso.

Logo que ingressou na UFVJM, Liberdade Livre participou ativamente do movimento estudantil. Entretanto, atualmente se dedica mais às atividades de extensão universitária, que, para ela, *“não deixa de ter o cunho da militância”*. Para esta jovem, a participação em projetos de extensão e iniciação científica só foi possível a partir do quinto período do curso, quando se desligou do trabalho e passou a se dedicar exclusivamente às atividades na universidade. Na época da entrevista, a estudante era bolsista de um projeto de pesquisa com interface na extensão. *“As atividades de extensão, foram servindo para ir me lapidando enquanto cantante, enquanto mulher, enquanto estudante, pesquisadora”.*

Foi neste “processo de lapidação” que Liberdade Livre participou da construção do Coletivo de Mulheres “Cumadre (*sic*) Maria”, sobre o qual realizamos breve abordagem no item 4.2.1.1. A sistematização das ações deste Coletivo contribuiu para a submissão de um trabalho acadêmico para um Colóquio Internacional na Universidade Nova de Lisboa, em

Portugal, cujo tema era “Ação pública e problemas sociais em cidades intermediárias”. A jovem estudante avaliou que esta experiência internacional lhe proporcionou uma “sensação de plenitude”. Remetendo à sua história de vida, a jovem relatou parte dessa experiência:

[...] quando eu cheguei em Lisboa, foi uma sensação de estar voltando, não num navio negreiro, mas num transatlântico. Passou muita coisa pela minha cabeça, sobretudo eu não pensei em mim naquele momento, mas eu pensei na história e um orgulho danado de estar ali, ser negra e estar entrando naquele país, pisando aquele solo. No dia que eu apresentei meu trabalho, eu estava cercada de mestres, doutores, nenhum graduando, pós-doutores... e todos elogiando muito o trabalho, parabenizando pela iniciativa e eu me senti como se... uma sensação plena, de que tinha valido a pena muitas coisas que eu tinha passado. Sobretudo, eu estava muito orgulhosa de mim, por não estar ali numa condição de ir trabalhar em Lisboa, mas eu estava ali para discutir de igual para igual o que são as relações sociais, as relações de gênero, essa questão da etnia e tal. Eu fiquei num estado de gozo, sabe?

No dia que eu fui tirar o passaporte eu chorei porque eu lembrei do dia que a filha da minha madrinha falou que eu ia ficar a vida inteira lavando privada dos outros. [...] Eu fui tirar o passaporte porque eu fui apresentar um trabalho acadêmico na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal. Era meu primeiro documento internacional. Eu chorei porque eu lembrei disso, lembrei de toda a minha trajetória, lembrei dos meus pais, lembrei da minha mãe, de tudo o que a minha mãe viveu por mim. [...] **A universidade me fez ter um contato com a minha história, aquele conjunto de pessoas me fez ter um contato com a minha história, a valorizar a Taquara, a valorizar o Vale do Mucuri, a valorizar o Jequitinhonha, valorizar a história do meu pai e da minha mãe e a querer ficar aqui.**

Neste Colóquio, a jovem também teve a oportunidade de mostrar seu trabalho artístico – o espetáculo “Eu canto minha história”, que brotou de algumas experiências artístico-culturais na UFVJM,

A música popular entrou [na minha vida] depois do contato com o Vale do Jequitinhonha, depois de alguns processos dentro da universidade, que foram trazendo também memórias emotivas de outros períodos que eu vivi na vida. Eu nunca tinha tomado conta de que eu tinha nascido num quilombo urbano, que é a “margem da linha”. Isso veio de um processo de reconstrução da minha história e das músicas que eu ouvia quando criança, das brincadeiras de roda que eu fazia, de brincar na poeira, de tomar banho no correquinho, de São Paulo, o período que eu morei em São Paulo, na minha infância... essa música popular veio daí, mas sobretudo desse processo da relação da universidade com os Vales, dessa junção, assim.

A jovem avalia que sua inserção no Curso de Serviço Social lhe deu base para cantar suas “raízes”, “eu não cantaria o que eu canto hoje se não fosse o serviço social, a base que o

serviço social me deu. Eu não cantaria as minhas raízes hoje”. A jovem relatou, ainda, que hoje seu cantar “é uma forma de luta, uma forma de militância”.

Liberdade Livre avalia que este encontro com sua história foi viabilizado durante suas vivências na UFVJM, contrastando ao ensino “técnico-operacional, muito técnico, o ensino era muito mecanizado” vivenciado na faculdade privada, a jovem enfatizou a relação com os estudantes, as discussões e debates sobre o acesso da população dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha à UFVJM, a preocupação de inserção nos Vales por meio da pesquisa e da extensão (expressa por alguns professores), ressaltando:

na universidade privada não tem essa dimensão da extensão e da pesquisa. Eu acho que foi isso que despertou mais. Lógico que a minha vivência fora da universidade ajudou, contribuiu bastante, mas isso, dentro da universidade foi fundamental. Eu acho que uma das coisas muito importantes foi esse contato com os estudantes do Jequitinhonha, esse processo mesmo “Vale que vale cantar, Vale que vale viver”, é escutar isso profundamente, era isso que os estudantes, quando cantavam, tinham esse amor, a saudade da terra que tinham... acho que foi isso que foi aflorando aquilo que eu já tinha. Eu lembro que uma vez eu fui em Vitória e a pessoa me perguntou assim: e aí Andréia? Eu falei assim, hoje eu entendo o que eu procurava. Hoje, se tem um lugar onde o Cristo mora, se ele mora em algum lugar, esse lugar é no Jequitinhonha e no Mucuri. Não é aquele Cristo, como diz Josino, Josino falou esses dias numa palestra, da terra de pobre viver, mas é a vida do povo que é muito diferenciada. O falar do povo, é muito diferenciado de outros lugares e eu encontrei isso aqui.

Em relação à satisfação com curso de Serviço Social, Liberdade Livre pondera: “*Não é uma satisfação, é uma vivência. Eu dou aquilo que eu posso dar e eu recebo dele aquilo que ele pode me dar*”. A jovem afirmou que não quer exercer a profissão de assistente social, mas avalia: “*estou aproveitando o máximo daquilo que eu consigo para fazer*”. Liberdade Livre afirmou que não gosta de estar em sala de aula, “*Eu gosto de viver os corredores, viver as pessoas, sentir isso nas pessoas*”, declara a jovem. “*Eu vivencio a universidade como um processo que às vezes eu não quero que acabe. Eu vivencio de corpo e alma. [...] a universidade hoje é uma etapa boa que eu estou vivendo*”.

A jovem estudante, que no início da sua trajetória na UFVJM teve receio das relações que estabeleceria com os colegas, dada a sua diferença de idade, relatou que fez muitos amigos na universidade, “*Amigos para a vida toda*”. Para Liberdade Livre, a UFVJM trouxe em seus primórdios a possibilidade de identificação com o outro, fator que, a seu ver, contribuiu para o estabelecimento dessas relações de amizade.

Não é fácil você ser mulher, negra e pobre no Brasil. A UFVJM traz consigo, pelo menos nos primeiros anos, antes da chegada do ENEM, essa questão da regionalidade, de você encontrar, se encontrar muito nas pessoas que estavam ali... tipo: “ah, meu pai era alcoólatra”, “ah, o meu também era...”, “eu passei por isso”..., “eu também passei”... as amizades eram amizades de cumplicidade de histórias, então eu fiz amigos que eu vou levar para a vida toda.

Liberdade Livre avalia que ser jovem numa universidade recém-criada é desafiador. A jovem analisa esta experiência dialeticamente, contrastando limites e possibilidades nas vivências na UFVJM, enfatizando o pioneirismo da juventude na construção desta universidade:

Tem o lado que você está todo envolto numa precarização total, desde falta de água até comida cara, mas também tem o outro lado que é o lado de você ser pioneiro em várias questões, por exemplo, o surgimento de um coletivo de mulheres. De você ser lembrado para sempre, na história da universidade como um dos primeiros jovens que fizeram movimento estudantil e fizeram greve de movimento estudantil dentro da universidade. Existem essas questões que são questões ligadas à questão estrutural, mas existem também questões que são ligadas a concepções de valores, de luta, de organização dentro da universidade. Isso para mim é dialético, não é oito ou oitenta, tudo é ruim. Eu não acredito que tudo seja ruim.

Sobre viver a juventude na universidade, a jovem afirmou: “Eu já fui para a universidade praticamente no fim da minha juventude, então, eu acho que é o trem mais bom da vida é ser jovem universitário. Tudo é permitido”. Instigada a falar a respeito, Liberdade Livre remeteu à convivência em grupo, “sintonia de projetos, reflexão de vida, beber pode, chegar em casa tarde pode, eu não estou sendo romântica”. Para a jovem, viver a juventude associada à sua condição estudantil na universidade foi “radicalmente” diferente das suas vivências anteriores, “mudou a concepção do olhar para a vida”.

[...] a minha história, não existia a história. Não existia a minha história. Existia o presente, o que eu vivia ali, pronto e acabou. Com a universidade, não é isso. Eu sou um sujeito histórico, eu sou um sujeito que tenho passado e meu passado faz parte daquilo que eu sou hoje. Eu acho que, para a minha vida, a universidade veio num processo de me trazer mais empoderamento, mais conhecimento, sobretudo empoderamento daquilo que eram os meus direitos, da luta, daquilo que eu poderia ser se eu me organizasse, se eu lutasse, eu acho que é isso. O curso e aquilo que eu vivi dentro da universidade me trouxe isso, esse empoderamento para enfrentar as contradições da vida.

Acerca do significado da universidade para a sua vida, Liberdade Livre sintetizou com a seguinte afirmação: “*É um lugar aonde eu vou me fazendo gente*”.

4.5 O que fazem os jovens para além dos muros da universidade?

Em que pese a centralidade da condição estudantil expressa nos relatos dos entrevistados, não podemos esquecer que falamos de estudantes em plena juventude, portanto, vivenciam a sua condição juvenil indissociada da sua condição estudantil. Por mais que dediquem boa parte da sua juventude à formação universitária, elaboram formas e meios de viver a juventude para além dos muros da universidade.

No que diz respeito às coisas que mais gostam de fazer no tempo livre, entre os jovens pesquisados respondentes ao questionário, de um rol de vinte e seis atividades de lazer e entretenimento, as mais citadas foram: encontrar amigos (58,2%), namorar (57,2%), assistir TV (52,5%), viajar (41,5%), ouvir música (41,1%). Entre os entrevistados, “sair com os amigos” foi citado por quatro dos seis estudantes. Ir à bares, lanchonetes e casa de amigos também é comum a parte deles.

Luiz (24 anos) fez referência a atividades de cunho mais íntimo, como ouvir música e assistir filmes em casa. O jovem destaca a ausência de equipamentos culturais no município: *“Aqui não tem cinema...então não tem como ir para o cinema. Toda vez que aqui tem um showzinho que presta, eu vou”*. O que é um show que presta? Perguntamos. Luiz responde: *“Um show com música boa. É complicado ter um showzinho com música boa. A música, tipo assim, com música que eu gosto [...] MPB, samba, dependendo do samba”*. Assim como Luiz, cerca de 33% dos demais estudantes pesquisados afirmaram que vão a shows de música popular com frequência razoável.

João também faz referência aos poucos espaços de sociabilidade juvenil no município, o que contribui para a criação de espaços alternativos de lazer e entretenimento junto aos amigos, o que reitera os dados obtidos com a aplicação dos questionários, conforme apresentado anteriormente:

Como em Teófilo Otoni não tem tantos espaços para a gente estar indo, estar vivenciando, a gente vai a barzinhos, pizzarias, nesses espaços. Às vezes, no tempo livre, vou à casa de algum colega, também, passar uma tarde, assistimos um filme, coisa assim, porque a cidade não oferece muita coisa, então fica restrito o que fazer. Então, nos organizamos assim, aos fins de semana, vamos fazer algo, alguma resenha, coisas assim. (João, 23 anos).

Liberdade Livre (30 anos) assinalou que gosta de “beijar na boca”. A jovem estudante foi a única entrevistada a fazer referência a este tipo de uso do tempo livre. Cantar também é uma das coisas com as quais Liberdade Livre gosta de passar o tempo, desde a adolescência,

período no qual também cultivava o gosto pela leitura. Atualmente, está se profissionalizando como cantora de música popular. Aline destaca que no tempo livre gosta de ir para a roça, ficar com seus pais. Gilson (28 anos) assinala o uso das redes sociais como uma das formas de ocupar o tempo livre.

Para estes jovens, a reduzida oferta de atividades e equipamentos de lazer e entretenimento nas suas cidades de origem, assim como na cidade do Campus, aliada à sua condição econômica e ao tempo consumido para realização das atividades acadêmicas constituem fatores que explicam a vivência da sua condição juvenil e de determinadas parcelas de jovens em Teófilo Otoni, diferente de outras, conforme explicita Luiz no seu relato:

[...] tudo o que eu ganho, praticamente é só pra mim gastar com as minhas despesas, então sobra muito pouco pra mim conseguir comprar alguma coisa pra mim ou gastar com alguma coisa que eu goste de fazer. Entendeu? Ir numa boate, sair para beber, sair por sair, então, todo final de semana fica meio perdido nas oportunidades que você tem. (Luiz, 21 anos)

Assim como vários fatores concorrem para a qualidade da experimentação da vida estudantil, conforme assinalamos no início deste capítulo, experimentar a juventude pode variar em função das possibilidades que os jovens tem de explorar sua juventude, morando ou não com os pais, residindo ou não na cidade de origem, trabalhando e estudando ou só estudado, tendo ou não recursos à disposição (financeiros, estruturais, culturais, de lazer, emocionais, afetivos) de qualidade e em quantidade necessária.

4.6 Presente vivido e futuro pensado: o que dizem os jovens da UFVJM?

No Capítulo III desta tese abordamos a condição juvenil nos Vales do Mucuri e Jequitinhonha. A abordagem se pautou no relato das vivências daqueles jovens antes do ingresso na universidade. Todavia, tais vivências foram reelaboradas a partir do olhar de jovens cuja referência e juventude se constrói cotidianamente, pautada no presente – que é perpassado pela sua condição estudantil universitária – visando o futuro.

Este processo reflexivo, de reelaboração das vivências juvenis, contribui para a compreensão da juventude “como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um” (DAYRELL, 2003). Conforme afirma este autor, a juventude assume uma importância em si mesma (DAYRELL, 2003) e o cotidiano se firma como espaço válido de formação. Cotidiano que é síntese das relações

passado – presente – futuro. “Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona” (DAYRELL, 2003, p. 42).

No que diz respeito aos estudantes pesquisados, os jovens construíram determinados modos de ser que corroboram a tese de que em contextos como o dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha a condição estudantil tende a delinear a condição juvenil.

Como vimos ao longo desta tese, este contexto de limites e possibilidades contribuiu para o reconhecimento dos jovens da sua constituição enquanto sujeito situado social e historicamente, que age no e sobre o mundo (CHARLOT, 2000) transformando-o, bem como transformando a si próprio.

No que diz respeito aos projetos de futuro dos jovens estudantes, cinco, dentre os seis pesquisados afirmaram que tem projetos. A este respeito, o depoimento de Liberdade Livre (30 anos) chama atenção pela forma como a estudante se refere ao seu projeto de futuro, revelando falta de clareza quanto aos processos de implementação do futuro pensado:

Tenho projeto. Nesse momento eu estou muito parecendo uma adolescente, de ter muita ideia, mas pouca clareza de como vai ser. Muita coisa passa pela minha cabeça, fazer o mestrado, estudar canto, fazer uma viagem pela América Latina depois que terminar o curso, acho que, sei lá, fazer um turnê com o Pereira da Viola... (risos). (Liberdade Livre, 30 anos)

Os demais jovens falam de projetos mais ou menos delineados. João (23 anos) e Liberdade Livre (30 anos) remetem ao prolongamento da escolarização. O jovem estudante revela preocupação decorrente da proximidade do término da graduação, permeada por incertezas:

Agora já tem aquela questão de já começar a preocupar, né. Já está terminando, e agora, o que a gente faz? O cerco já está se fechando, eu penso assim, pensar a gente pensa, mas o que eu vou fazer, só quando chegar lá, [...] eu vou falar o que eu penso, mas não sei o que vai se concretizar. Talvez eu pense numa segunda graduação, que, para mim seria administração pública voltada para políticas públicas ou, então, também, um curso de gestão pública e desenvolvimento econômico e social ou, talvez, um mestrado de imediato. [...] Talvez fazer uma segunda graduação focado no que eu quero fazer no mestrado e depois a gente desenvolve no mestrado. Tem essas possibilidades, e, a terceira, também, nunca digo nunca, mas talvez por questão de necessidade ter que enfrentar o mercado de trabalho. Talvez eu não consiga essa inserção, porque não é assim: eu quero o mestrado eu já estou no mestrado. Talvez haja essa dificuldade para a minha inserção, entendeu? Então, talvez eu enfrente o mercado de trabalho ou talvez nem o mercado de trabalho, talvez eu seja um estudante desempregado, por aí, entendeu. **Hoje eu sou o que? Hoje eu sou um estudante. E amanhã? Talvez eu seja um desempregado, mas desempregado não é perspectiva futura.** Então são

essas três. A inserção no trabalho talvez seria algo paliativo até a inserção no mestrado ou na segunda graduação. (João, 23 anos)

Dados do questionário aplicado aos estudantes revelam uma tendência dos jovens estudantes a terem mais dúvidas do que certeza, quando pensam no futuro: cerca de 78% dos pesquisados concordam com esta afirmativa. Aproximadamente 52% dos jovens concordaram com a afirmação de que “as experiências interessantes no presente são mais importantes que me preocupar com o futuro”, o que corrobora a afirmação de Machado Pais (2006) de que observa-se uma forte orientação dos jovens em relação ao presente, já que “o futuro fracassa em oferecer possibilidades de concretização das aspirações que em relação a ele se desenham”.

Gilson (28 anos), cuja graduação encontra-se no início, revela projetos a curto prazo referentes à conseguir uma bolsa de estudos para auxiliar na manutenção do curso, além de inserir-se no “Programa Ciência sem Fronteiras”. Após sua formatura, pretende montar seu próprio consultório ou ingressar na carreira pública na área de odontologia.

Kim (22 anos) também planeja ingressar no serviço público, além de dedicar-se à carreira de atleta, com os olhos voltados para as Olimpíadas de 2016. A jovem revela que desde o ingresso na graduação, alterou seus projetos de futuro, em torno da carreira de atleta:

Antes eu pensava em fazer um mestrado, uma pós-graduação, porque eu vejo isso muito importante na continuidade da formação, mas eu ainda penso em tentar muito futuramente. No momento, se eu fosse tentar algo assim eu teria que abandonar minha carreira de atleta e eu não quero abandonar por agora. Então, por isso, eu tenho planos para me estabilizar de alguma forma por meio de concurso público e continuar na carreira de atleta. (KIM, 22 anos)

Luiz (21 anos) é o único jovem que faz referência, livremente, a um projeto que contemple o âmbito afetivo: “Terminou minha graduação, quero constituir família, fazer o mestrado, o doutorado e, quando eu tiver cansado, quero voltar para a universidade. [...]cansado da minha vida no mercado, entendeu? Que é bem diferente”.

Aline afirma que não tem projetos, mas tem “sonhos”. A este respeito, a jovem declarou: “Eu até tenho alguns sonhos, mas projetos concretos eu não tenho. Eu pretendo continuar, me especializar na área que eu quero, engenharia civil e, meus planos, a curto prazo, é só entrar no mercado de trabalho mesmo”.

De um modo geral, os jovens pesquisados olham para o futuro vislumbrando mais possibilidades que riscos. Para Aline, o atual “crescimento linear” do Brasil contribui para o desenvolvimento da área que está estudando, portanto, vislumbra mais possibilidades. “*Eu acho que só tem a crescer, pelo menos nos próximos anos*”. Na contramão das preocupações de João,

a futura engenheira afirma: “oportunidades na minha área, então é só querer, ir atrás, que eu acho que consegue” (Aline, 23 anos).

Luiz (21 anos) e Kim (22 anos) falam da coexistência de riscos e possibilidades. Para Luiz, “pensar no futuro é arriscar e correr atrás das possibilidades”. Para Kim (22 anos), que vê mais possibilidades, pondera: “para que a gente possa conseguir o que a gente almeja, tem os riscos que devemos correr”.

[...] eu acho que as pessoas devem ter muita determinação e acreditarem em si mesmas. Muitas vezes não tentamos pelo medo de não dar certo ou de errar, então, isso acaba privando você de muitas coisas boas e possibilidades que você teria na sua vida. Isso foi algo que eu aprendi [com a filosofia das artes marciais], que me leva a acreditar que a minha força de vontade, a minha determinação, por eu acreditar em mim mesma, que eu sou capaz e isso é que dá força para você tentar e correr o risco de não permanecer sempre retraído e com medo de não ter conseguido seus objetivos. (Kim, 22 anos).

Gilson (28 anos) de todos os entrevistados é o único que faz referência ao futuro da sociedade e destaca: “Quanto aos caminhos da sociedade, penso mais nos riscos sobretudo a sociedade brasileira. No mundo, as iminências de guerras a todo instante, a fome e a miséria se alastrando, é tenso”.

Os demais jovens, pesquisados por meio do questionário, foram instigados a refletir sobre os próximos 05 anos (2011 a 2016) e apontar suas expectativas. O percentual de respostas pode ser conferido na tabela a seguir:

Tabela 7 - Expectativas em relação aos próximos cinco anos

Expectativas/ Aspectos	Vai melhorar (%)	Vai piorar (%)	Vai ficar como está (%)	Não sabe (%)
Vida pessoal	92,6	-	1,3	4,3
Mundo	36,1	30,1	12,0	20,1
Brasil	52,8	12,4	16,1	17,1
Minas Gerais	53,2	10,7	15,1	18,7
Jequitinhonha e Mucuri	58,9	10,0	15,4	14,0
Teófilo Otoni	53,8	11,0	19,7	13,7
UFVJM	78,9	2,3	7,4	9,4

Fonte: Pesquisa Condição Estudantil e Juvenil de Jovens Universitários da UFMG, Campus do Mucuri, 2011.

De um modo geral os jovens estudantes da UFMG se mostraram relativamente otimistas em relação ao futuro, especialmente no que diz respeito à vida pessoal e aos aspectos de maior proximidade com a sua realidade, como a universidade e os Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Os jovens matriculados nos cursos da FACSAB se mostram menos otimistas em relação aos matriculados nos cursos do ICET no que diz respeito às expectativas de melhora do

Brasil (46,9% e 58,1% respectivamente), de Minas Gerais (46,9% e 58,7%), dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (51% e 65,8%, sendo que na alternativa “vai piorar” registrou-se, entre os estudantes da FACSAB, o dobro do percentual registrado dentre os estudantes do ICET – 14% e 6,5%, respectivamente), de Teófilo Otoni (42,7% e 63,9%, com o dobro do percentual registrado no ICET sobre a alternativa “vai piorar”, 15,4% e 7,1% respectivamente) e, da UFVJM, sobre a qual são mais otimistas, entretanto, apresentando índices significativamente menores (71,3%) que os estudantes do ICET (71,3% e 85,8%). Os índices relativos à falta de conhecimento sobre o que irá acontecer nos próximos cinco anos também são significativos e podem nos dar pistas sobre jovens que constroem suas trajetórias sem conseguir vislumbrar um futuro, sob o risco de arrastarem-se num presente deficitário de esperanças (MACHADO PAIS, 2012, p. 68).

A relação estabelecida pelos jovens estudantes entre o passado e o presente vivido repercute em um futuro pensado a partir da ampliação do seu horizonte de possibilidades por meio da escolarização superior. Ao desejo de transformar sua própria realidade soma-se o desejo de transformação da realidade dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, evidenciado nos relatos de alguns dos jovens entrevistados, assim como nos resultados do questionário, com ênfase nas questões referentes às expectativas em relação ao futuro próximo.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

“Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. [...]o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.
(João Guimarães Rosa)

O trajeto percorrido na tentativa de conhecer a condição juvenil e estudantil dos jovens universitários da UFVJM, oriundos dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, e a relação estabelecida entre o presente vivido e o futuro pensado foi permeado por riscos e possibilidades.

Riscos, decorrentes da própria natureza do fenômeno - investigado dentro de seu contexto real -, cujas fronteiras do vivido (o empírico) e do refletido (o tratamento do empírico) não são claramente percebidas e, por vezes, impedem o exercício da reflexão que interroga o que parece evidente.

Possibilidades, no que diz respeito a ter trazido à tona, ainda que com limitações, uma reflexão sobre a trajetória e o cotidiano vivido por estes jovens universitários oriundos das classes populares dos Vales dos Mucuri e do Jequitinhonha. Nesta tese, buscamos falar de jovens pouco conhecidos das pesquisas nacionais, historicamente ocultados por meio de pesquisas que elegem como modelo cultural de juventude um jovem eminentemente urbano, morador dos grandes centros (mesmo que em suas periferias), com acesso a equipamentos e bens culturais e informacionais, mais ou menos delimitados por sua condição social e econômica.

Nos Vales do Mucuri e do Jequitinhonha, os jovens experimentam sua condição juvenil em contextos majoritariamente rurais, de pequenos municípios, com acesso limitado a bens culturais e recursos informacionais, cujas trajetórias e cotidiano trazem a marca de serem jovens nascidos e crescidos nos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, regiões onde coexistem a riqueza da cultura popular, expressa pela preservação dos batuques, Folias de Reis, Boi Janeiro, as festas do Rosário, do artesanato que dá vida ao barro, das namoradeiras, do canto das lavadeiras, poetas, pintores e rezadeiras; e a miséria, resultante das desigualdades expressas mais além que nos indicadores sociais, na linha da vida do povo dos Vales.

A aproximação a esta parcela de jovens universitários dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha possibilitou que encontrássemos algumas respostas para perguntas elaboradas no início desta “travessia”. Durante este percurso, na tentativa de desvendar as múltiplas

mediações que constituem a sociabilidade juvenil no processo de produção e reprodução da vida social – sociais, políticas, históricas, culturais, foi possível apreendermos alguns elementos da realidade vivenciada por aqueles jovens, na complexa e imbricada relação da sua condição juvenil e estudantil, o que nos permitiu desenhar algumas respostas às questões que nos propomos no início desta travessia.

Afinal, qual a condição juvenil e estudantil dos jovens universitários da UFVJM, oriundos dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha?

Os dados da pesquisa nos levam a constatar que o público universitário da UFVJM é eminentemente juvenil. Em sua maioria mulheres, sem filhos, pardos e pretos com significativa maior representatividade numérica que a média nacional, oriundos, sobretudo dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha. No geral, são jovens que viveram com suas famílias durante a maior parte de sua vida e constituem a primeira geração de universitários da família, sendo que aproximadamente 1/3 deles são os primeiros membros da família a cursarem o ensino superior. São jovens cujo lugar social – as camadas populares –, delinea os limites e possibilidades com os quais constroem a sua condição juvenil e estudantil.

Oriundos em sua maioria de escolas públicas, a qualidade do ensino básico ao qual foram submetidos revela uma face perversa das desigualdades de escolarização e acesso ao saber, expressas pela precariedade da estrutura física e do funcionamento das escolas, pela falta de professores, pela qualidade dos recursos sociais, culturais, educacionais e informacionais de que dispõem os jovens.

Aliado a isto, nos Vales do Mucuri e do Jequitinhonha, esta condição é perpassada pela inserção precoce no mercado de trabalho, em condições precárias, com baixa ou nenhuma remuneração, do que decorrem, dentre outros, a evasão escolar, a distorção idade-série, a redução dos anos de estudo. A sobreposição trabalho/escola, no caso dos entrevistados, não implicou, necessariamente no abandono da escola, exceto na situação de Liberdade Livre - o que retardou sua inserção no ensino superior -, mas reiterou a precarização do ensino a que estavam expostos.

Neste contexto de ausência de um Estado forte - provedor de políticas públicas -, organizações não-governamentais e entidades assistenciais desempenham a função de oferecer suportes na individuação dos sujeitos, assim como nas suas trajetórias escolares, como foi o caso de João, suas irmãs e muitos outros jovens. Estes suportes oferecidos pelo terceiro setor

abarcam parcela significativa de crianças, jovens e seus familiares em regiões como a dos Vales do Mucuri e do Jequitinhonha, com reconhecida contribuição no que diz respeito à oferta de serviços sociais e educacionais. Todavia, não podemos fechar os olhos para o fato de que a desresponsabilização do Estado pelo provimento das políticas públicas implica em perdas de direitos universais por serviços públicos de qualidade, como nos adverte Montañó. Esta situação não diz respeito somente às políticas públicas de educação, mas envolve também um conjunto de outras políticas públicas necessárias à efetivação dos direitos fundamentais e, consoante ao objeto de nossa pesquisa, especialmente políticas públicas culturais, de esporte, lazer e de informação.

Nos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, a escassez de equipamentos, públicos ou não, implicam condições desiguais de acesso à informação, ao lazer e à cultura, fundamentais à sociabilidade juvenil. Conquanto isto, os jovens elaboram formas e meios de viver a juventude, mais ou menos delimitadas pela qualidade e quantidade de recursos simbólicos e/ou materiais a que tem acesso. Da inexistência de cinema, por exemplo, nasce a oportunidade de assistirem filmes em casa, com o grupo de amigos; o shopping center, “lugar comum” a muitos jovens dos grandes centros, dá lugar aos encontros com amigos, em suas casas, nas praças, nos bares, lanchonetes; a boate com todo o seu aparato de luzes e música eletrônica, abre espaço para as resenhas e festas nas repúblicas estudantis; da escassez de oportunidade de frequentarem galerias de arte, grandes exposições, assistirem espetáculos musicais e teatrais nacionais, nascem novos artistas, formas singulares de expressão da arte e da cultura local, novos grupos, dentre outros, que consubstanciam diferentes modos de ser e estar no mundo.

Acerca das relações que os jovens pesquisados estabelecem com o saber, os depoimentos evidenciaram que é em prol de uma vida melhor que os jovens se mobilizam, independentemente da existência de uma estratégia familiar de escolarização. Todavia, a abordagem da trajetória de Gilson contribuiu para reforçar a tese de que, no caso de jovens oriundos das camadas populares, geralmente as adaptações se sobrepõem às escolhas. Conquanto isto, a perspectiva de ampliação do horizonte de possibilidades, da melhoria das condições sociais e econômicas atuais, constituiu eixo norteador de suas trajetórias de escolarização, em torno da qual traçaram estratégias e mobilizaram recursos visando sua inserção no ensino superior.

A ausência de referências sobre a universidade pública - quando da preparação para o ingresso no ensino superior -, não implicou redução das expectativas de ingresso como única forma de acesso a este nível de ensino. Os fatores que permeiam o “rito de passagem”, marcado,

muitas vezes pelo sacrifício da juventude em prol do projeto de escolarização dão um sabor diferente aos sentidos que os jovens atribuem à universidade. O ensino superior adquire uma relevância como um espaço e tempo nos quais estes jovens constroem outras experiências, fruto da articulação da sua condição de estudante à condição juvenil. Os jovens estudantes mostram que a universidade é um espaço de “descobertas”, de “agregar conhecimentos”, “adquirir senso crítico”, “adquirir elementos capazes de contribuir com a sociedade”, “traçar caminhos”, “fazer amizades”, “fazer-se gente” e, construir trajetórias em busca da “garantia de um emprego melhor”.

Como vimos ao longo desta tese, a UFVJM – particularmente o Campus do Mucuri, tem contribuído para a ampliação do acesso ao ensino superior de jovens oriundos dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha. Todavia, seu raio de abrangência está delimitado, majoritariamente, pelos municípios limítrofes às cidades dos Campi, sobretudo, pelas desigualdades sociais e de escolarização a que estão expostos.

A existência de um programa institucional de assistência estudantil é fundamental para a permanência de estudantes oriundos das classes populares na universidade. Sendo assim, há que se avançar no sentido de ofertar equipamentos como restaurante universitário, moradia estudantil, esporte e lazer, áreas de convivência, transporte universitário e um conjunto articulado de ações voltadas para a alimentação, saúde, orientação pedagógica, manutenção financeira, fortalecimento e difusão da cultura regional que viabilizem aos jovens estudantes usufruírem da universidade sob a perspectiva da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão.

As condições de permanência no ensino superior tem relação direta com as possibilidades que os estudantes tem de organizar o tempo de que dispõem, bem como com a qualidade da experimentação da vida no campus e fora dele. O uso do tempo também pode sofrer variações em virtude da natureza dos cursos e da relação que os jovens estabelecem com a universidade. Para os estudantes dos cursos diurnos/integrais, estar na universidade o dia inteiro pode não significar o aproveitamento daquele tempo/espaço em todas as suas possibilidades, posto que boa parte de suas experiências estão restritas à sala de aula.

Este estudo contribuiu, ainda, para evidenciar que em regiões como a dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha – nas quais coexistem o coronelismo e a política do favor – a formação política crítico-reflexiva e a presença de um movimento estudantil organizado, atuante e articulado a outros movimentos sociais, constituem condição *sine qua non* de resistência e luta

pela construção de um projeto de educação contra-hegemônico, de efetiva democratização e popularização do acesso e permanência no ensino superior.

A pesquisa também confirmou a tese de que a condição estudantil universitária tende a delinear a condição juvenil, subordinando a experiência e identidade juvenil dos jovens universitários à sua experiência e modos de vida como estudantes, embora este processo não ocorra de forma homogênea. Neste contexto, experimentar a juventude pode variar em função das possibilidades que os jovens tem de explorar a juventude, a depender da quantidade e qualidade de recursos estruturais, materiais, culturais, afetivos, etc., de que dispõem.

E, qual a relação do presente vivido e o futuro pensado?

Para os jovens estudantes da UFVJM/Campus do Mucuri o presente vivido está inextrincavelmente relacionado com o futuro pensado. É deste porto avaliam reflexivamente seu passado, visualizam seu horizonte de oportunidades e se posicionam frente às situações da vida. Isto é evidenciado, dentre outras coisas, nos sentidos que atribuem à universidade, como por exemplo, na fala do jovem que afirma que a universidade é um lugar onde é possível “traçar caminhos”; como quando os jovens abrem mão de alguns de seus desejos (viajar para casa, sair com amigos, ir a festas) em prol das tarefas da escolarização. O anseio por um futuro melhor é um dos pontos de convergência dos jovens da nossa pesquisa, todavia, para alguns deles, a incerteza do futuro a ser vivido - não o futuro pensado -, os faz querer permanecer no presente, como um tempo bom que não querem que acabe.

Nossa proposição de que em um contexto social específico das cidades dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, a criação de uma universidade pública traz impactos importantes nas experiências e trajetórias de jovens da região, ampliando seu horizonte de possibilidades, se confirma. E, corrobora o enunciado de que as condições limitadas de estudo, a pouca convivência com os objetos intelectuais e artísticos da cultura hegemônica e as condições de manutenção no ensino superior repercutem nas práticas e vivências acadêmicas. No caso da UFVJM, especialmente no que diz respeito à emergência daqueles jovens como sujeitos históricos, criativos e reflexivos, autores de sua própria história.

Por fim, *conhecer a condição juvenil e estudantil dos jovens universitários da UFVJM e como estes jovens articulam o presente vivido ao futuro pensado*, nos desafia, na condição docente, a refletir sobre o nosso próprio presente e futuro e o presente e futuro da universidade, e: a lutar pela construção e consolidação da UFVJM como universidade pública, gratuita e de

qualidade; a conhecer mais profundamente os Vales, os cidadãos dos Vales, os jovens estudantes, os jovens aspirantes ao ensino superior, a fim de sabermos se a universidade está preparada para recebe-los e quais as possibilidades de atendimento às suas demandas, considerando sua trajetória escolar, sua condição juvenil, sua condição estudantil, suas projeções de futuro; a reinventar a universidade, a aprender a aprender, a aprender a ensinar, a aprender o erudito e o popular. Nos desafia porque somos uma universidade jovem, constituída de jovens professores, jovens pesquisadores, jovens estudantes, com um velho problema nas mãos: a desigualdade social e a precarização do ensino. Nos desafia a refletir sobre que universidade queremos; a reconhecer o jovem que existe no estudante, a observá-lo, escuta-lo, contribuindo para a ampliação do seu horizonte de possibilidades; a pensarmos ou (re)pensarmos os processos educacionais na UFVJM, a fim de atingirmos igualmente os estudantes que são os primeiros universitários da família e aqueles oriundos de famílias com trajetórias de escolarização ampliada; a despertarmos o interesse pela busca incessante de conhecimentos, pela participação em projetos de iniciação científica, projetos de extensão, monitoria, atividades diversas culturais, científicas, acadêmicas; a rompermos as fronteiras que demarcam os limites territoriais da universidade; à transformação e reinvenção da universidade, urgentemente, a fim de que ela possa servir a um projeto alternativo de sociedade.

*“[...] de porta afora eu vejo quase tudo
Vejo Vale atrás das montanhas,
Vejo gente a procura da terra infinita
Vejo o amor a uma arte inconfundível,
Pois de porta afora quase tudo pode passar
Só não passa moço maldoso
Que nossa cultura contigo quer levar”
(De Porta Afora – Regiane Farias)*

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ABRAMO, Helena Wendel. Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO; Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOWAY, Miriam, et all. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para as políticas públicas. Brasília: BID, 2002

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. In: Conferência Anual TED Global. Oxford: 2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg> .

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. Cad. CRH, Salvador , v. 20, n. 49, Apr. 2007.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J ; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Thomson, 2ed.

ALVES, Iulo Almeida; ALVES, Tainá Almeida. O perigo da história única: diálogos com Chimamanda Adichie. In: I Ciclo de Eventos Linguísticos, Literários e Culturais. UESB, 2011. (anais)

AMUC. O Vale do Mucuri. In: Histórico do Vale do Mucuri. Teófilo Otoni: 2011. Disponível em: http://www.amuc.org.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=34443.

ACHTSCHIN, M . Os “desclassificados” do Mucuri: tensões e conflitos em Santa Clara e Colônia do Urucu no século XIX. In: ACHTSCHIN, M. et al. As gerais distantes das Minas: fragmentos da história do Vale do Mucuri. Teófilo Otoni: Frota, 2009.

ATLAS BRASIL. Atlas do desenvolvimento humano no Brasil. PNUD/FJP/IPEA: 2013. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/home/> .

ATLAS do desenvolvimento humano. PNUD, 2000.

AUGUSTO, Helder dos Anjos; SILVESTRE, Luiz Henrique. Mudanças nas regiões históricas de perdas populacionais: o caso das mesorregiões norte, Jequitinhonha e Mucuri, MG. XIII Seminário Sobre A Economia Mineira: Economia, História, Demografia e Políticas Públicas. Diamantina, 26 a 29 de agosto de 2008. ATLAS do desenvolvimento humano. PNUD, 2000

BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, FCC, v 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&pid=0100-1574&lng=pt&nrm=iso>

BENINCÁ, Dirceu. Uma universidade em Movimento. In: BENINCÁ, Dirceu (org). Universidade e suas fronteiras. São Paulo: Outras expressões, 2011

BOURDIEU, P; PASSERÓN, J. C. Los estudiantes y la cultura. Labor : Barcelona, 1969.

BRANCO, Pedro Paulo M. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO; Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

BRANDÃO, Zaia. O processo de seletividade social e o vestibular. In: HORTA, Cecília E. R. Seminários Vestibular Hoje: Coletânea de textos. Brasília: Ministério da Educação, 1987.

BRASIL. Decreto 7.234/2010. Brasília, DF: 2010.

BRASIL, MEC. Programa de Apoio a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais: REUNI – Mapa de distribuição das universidades federais. Brasília, 2010. Disponível em: http://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=29

BRASIL. Emenda Constitucional N° 14, de 13/09/96.

BRASIL. IBGE. Censo 2010.

BRASIL. IBGE. Censo 2000.

BRASIL. IBGE. Ensino – matrículas, docentes e rede escolar, 2008.

BRASIL. Lei 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 20/12/1996.

BRASIL. MEC. Censo da Educação Superior 2008. Disponível em: www.inep.gov.br/superior/censosuperior/.

BRASIL. MEC/INEP/DEED. Censo Escolar 2010. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em: 08/06/2010.

BRASIL. MEC. Plano Nacional de Educação . PNE / Ministério da Educação. Brasília : Inep, 2001.

BRASIL. MEC. Programa de Apoio a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais: REUNI 2008 - Relatório de Primeiro Ano. Brasília: 2009. Disponível em: http://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=25&Itemid=28

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO; Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

BRITTO, L. P; et all. Conhecimento e formação nas IES periféricas: perfil do novo aluno da educação superior. In: Revista Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 13, n. 3, p. 777-791, nov. 2008.

CANGUÇU, Miguel Alves. Mucuri: Válido Mundo. In: BRASIL, Tau. Nas trilhas do Mucuri. Belo Horizonte: DigitalMaster, 2012 (CDO)

CARRANO, Paulo. Jovens Universitários. In: Juventude e Escolarização (1980-1998). Coord: Marília Sposito. Brasília: MEC/INEP/Comped, 2002.

CARRANO, Paulo. Jovens universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: SPÓSITO, Marília. Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 1 / Marília Pontes Sposito, coordenação. Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009.

CASTELLS, M. La Galáxia Internet. Reflexiones sobre internet, empresa y sociedad. Barcelona: 2001.

COFECON. Mapa da distribuição espacial da renda no Brasil. 3ed. 2011. Disponível em: http://www.cofecon.org.br/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1252

COULON, Alain. A condição de estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: Edufba, 2008.

CHARLOT, Bernard. Os jovens e o saber: perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COULON, Alain. A condição de estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

CUNHA, A. G. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1999.

DAYRELL, Juarez T. Exposição Oral. Grupo de Estudos do Observatório da Juventude. Belo Horizonte: setembro, 2010.

DAYRELL, Juarez T. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

DAYRELL, Juarez T. Juventude, produção cultural e participação política. In: LIMA, Rafaela (org). Mídias comunitárias, juventude e cidadania. Belo Horizonte: Autêntica/Associação Imagem Comunitária, 2006.

DAYRELL, Juarez T. Por uma pedagogia da juventude. *Onda Jovem*, São Paulo, n. 1, p. 34-47, 2005.

DAYRELL, Juarez T. O jovem como sujeito social. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2003, n.24, pp. 40-52. ISSN 1413-2478. doi: 10.1590/S1413-24782003000300004.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e pesquisa*. São Paulo, v.28, nº1, p.117-136, jan/jun. 2002.

DE MARI, Cezar Luiz; GRADE, Marlene. Universidade: conhecimento e cidadania. In: IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul. Florianópolis, 2009.

DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2011.

- DOMINGUES, José M. Sociologia e Modernidade: para entender a sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.
- DUBET, François. Dimensions et figures de l'expérience étudiante dans l'université de masse. In: Revue française de sociologie. 1994, 35-4. Monde étudiant et monde scolaire. pp. 511-532.
- DUBET, F. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. In: Revista Contemporaneidade e Educação, ano 3, vol.3, 1998, p.27-33.
- ELIAS, Norbert. Mozart, sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- FALEIROS, Vicente de Paula: Juventude: trabalho, escola e desigualdade. Revista Educação e Realidade, v.33n. 2,p.63-82,jul/dez.2008
- FARIAS, Regiane. De porta afora. In: Antologia Poética do Vale do Jequitinhonha. Belo Horizonte: Instituto Vale Mais, 2011.
- FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era. São Paulo: Dominus Editora, 1965.
- FORACCHI, Marialice. In: Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje. BRITTO, S. de (org). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968,
- FORACCHI, Marialice. A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira, 1972.
- FORACCHI, Marialice. O estudante e a transformação da sociedade brasileira. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1968.
- FRAGOSO, Suely et al. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2012
- FRANCO, Maria A. C. O Acesso à Universidade: uma questão política e um problema metodológico. In: HORTA, Cecília E. R. Seminários Vestibular Hoje: Coletânea de textos. Brasília: Ministério da Educação, 1987
- FREITAS, Isaurora. O transporte universitário e a constituição da identidade estudantil. In: VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008. Disponível em: www.aps.pt/vicongresso/pdfs/348.pdf.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Pesquisa por amostra de domicílio. Belo Horizonte: 2011.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/IMRS. Índice Mineiro de Responsabilidade Social. Belo Horizonte: 2012.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/IMRS. Índice Mineiro de Responsabilidade Social. Belo Horizonte: 2011.
- GAVIRIA, Luz Gabriela Arango. Experiencia juvenil y condición estudiantil. In: ISLAS, José Antonio Pérez; ZOZAYA, María Herlinda Suárez. Jóvenes universitários em latinoamerica, hoy. México: Porruá, 2008.

GAVIRIA, Luz Gabriela Arango. Jóvenes en la Universidad: género, clase y identidad profesional. Bogotá: Siglo Del Hombre Editores; Universidad Nacional de Colombia, 2006.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010.

GÓMEZ, Carlota Guzman. Reflexiones en torno a la condición estudiantil en los noventa : los aportes de la sociología francesa. Perfiles Educativos, año/vol XXIV, numero 97-98. Universidad Nacional Autónoma de Mexico. México, DF, México, 2002.

GROPPO, Luís Antônio. Juventude: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes. Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO; Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

HALAVAIS, Alexander. Prefácio (2010). In: FRAGOSO, Suely et al. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

HASENBAL, Carlos; VALLE e SILVA, Nelson. Estrutura social, mobilidade e raça. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

HENRIQUES, Marcio S. Visões do Vale em movimento. In: SOUZA; João Valdir; HENRIQUES, Marcio S. (org). Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2010.

IANNI, Octavio. O jovem radical. In: BRITTO, S. de. Sociologia da juventude I — Da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 225-242.

INEP. Educação Superior Brasileira: 1991-2004. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006, 28v.

ISLAS, P; ZOZAYA, M. Introducción: de traslapes y diversidades. In: ISLAS, P; ZOZAYA, M. Jóvenes universitarios en latinoamerica, hoy. México: Porrúa, 2008.

ISLAS, P. 2008. Juventud: un concepto en disputa. In: ISLAS, P. et al.(coords.). Teorías sobre la juventud.Las miradas de los clásicos. México: Porrúa, 2008.

México, UNAM/Miguel Ángel Porrúa.

LAHIRE, Bernard. Retratos Sociológicos: disposição e variações individuais. São Paulo: Artmed, 2004.

LASSANCE, Antonio. Brasil: jovens de norte a sul. In: ABRAMO; Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

LEÃO, Geraldo. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola. In: DAYRELL et all. Juventudes contemporâneas um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2011.

LECARDI, Carmen. *Por um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo*. In: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, São Paulo, novembro 2005.

LEÓN, Óscar Dávila; SOTO, Felipe Ghiardo. Jóvenes universitários chilenos: de la homogeneidad a la diversidad. In: ISLAS, José Antonio Pérez; ZOZAYA, María Herlinda Suárez. Jóvenes universitários em latinoamerica, hoy. México: Porruá, 2008.

LOPES, Marcos Antunes. Movimento estudantil no Campus do Mucuri: Análise de conjuntura, limites e possibilidades. Teófilo Otoni, 2011.

LUCKESI, Cipriano et al. Fazer universidade: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 1996.

LÜDKE, MENGA; ANDRÉ, MARLI E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUKÁCS, G. Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MACHADO PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda. Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MACHADO PAIS, José. Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro. 2ª edição. Lisboa: AMBAR, 2005.

MACHADO PAIS, José. A esperança em gerações de futuro sombrio. In: Estudos Avançados, 26 (75), 2012

MAFRA, Leila De Alvarenga. O Ensino Médio Noturno E A Sociedade Brasileira. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS - Brasília (DF) : v.75 n.179/180/181 (jan./dez. 1994) p.89-117.

MATOS, Ralfo; GARCIA, Ricardo Alexandrino. A população do Vale do Jequitinhonha. In: SOUZA, João Valdir Alves; HENRIQUES, Marcio Simeone (orgs) Vale do Jequitinhonha: Formação histórica, populações e movimentos. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2010.

MARGULIS, Mario e URRESTI Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, Mario (editor), La juventud es más que una palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARTINELLI, Maria Lucia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social. In: Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social. Seminário sobre metodologias Qualitativas de Pesquisa. São Paulo, 1994.

MELLUCI, Alberto. Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 17, n. 3, Mar. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: HUCITEC, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (ORG.); DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. Pesquisa Social: Teoria, Método, e Criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fala galera: juventude, violência e cidadania no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MIRANDA, Silvanir M de. Infância, trabalho e direitos no Vale do Mucuri – MG. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História Social. São Paulo: 2006 (tese de doutorado).

MONTAÑO, Carlos. Terceiro Setor e Questão Social: crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Cortez, 2005.

NEVES, Clarissa et all. Educação Superior no Brasil: acesso, equidade e as políticas de inclusão social. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, no. 17, jan a jun, 2007, p. 124-157.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda. Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

OLIVEIRA, João F.; CATANI, Afranio Mendes. A reconfiguração do campo universitário no Brasil: conceitos, atores, estratégias e ações. In: OLIVEIRA, João F. (org). O campo universitário no Brasil: políticas, ações e processos de reconfiguração. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

OLIVEIRA, Teófilo C. de. Missão cristã no Mucuri: desocupação de terras e disciplina para o novo trabalhador mineiro. In: ACHTSCHIN, M. et al. As gerais distantes das Minas: fragmentos da história do Vale do Mucuri. Teófilo Otoni: Frota, 2009.

PERALVA, Angelina. O Jovem como modelo Cultural. ANPED: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5-6, 1997. Número Especial

PEREIRA, Bergman de Paula. De escravas a empregadas domésticas: a dimensão social e o 'lugar das mulheres negras no pós-abolição. XXVI Simpósio Nacional de História: ANPUH 50 anos. São Paulo:2011. Disponível em:
http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602_ARQUIVO_ArtigoANPUH-Bergman.pdf.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães et al . Agricultura familiar e programas de desenvolvimento rural no Alto Jequitinhonha. Rev. Econ. Sociol. Rural, Brasília , v. 45, n. 4, Dec. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032007000400012&lng=en&nrm=iso>

RICHARDSON, Pesquisa Social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2011.

SETTON, M. G. J. A divisão interna do campo universitário: uma tentativa de classificação. Revista brasileira de Estudos pedagógicos. Brasília, v. 80, n. 196, p. 451-471, set./dez. 1999

SILVA, Jailson de Souza e. Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres à universidade. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.

SILVA, Vanessa Juliana. A menina que conversou com o sol e a lua. Teófilo Otoni, 2012. (peça de teatro)

SILVA, Vanessa Juliana. BENTO, Bruno Dias. Grupo Universitário de Teatro Popular Bicho Calango. Teófilo Otoni, 2008.

SILVA JR., Astrogildo F.; NETTO, Mário Borges. Por uma educação do campo: percursos históricos e possibilidades. In: Entrelaçando. Revista eletrônica de Culturas e Educação. Caderno Temático: Cultura e Educação do Campo. Nº 3, p.45-60, Nov 2011.

SOUSA, Janice T.; DURAND, Olga. Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. Perspectiva. Florianópolis, v.20, nº Especial, p. 163-181, jul./dez.2002

SOUZA, João Valdir A. Mineração e pecuária na definição do quadro sociocultural da região do Termo de Minas Novas. IN: SOUZA; João Valdir A; HENRIQUES, Marcio S. (org). Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2010.

SPÓSITO, Marília. Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 2 / Marília Pontes Sposito, coordenação. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. Espaços Públicos e Tempos Juvenis - introdução. In: SPOSITO, Marília Pontes (coordenadora), Espaços Públicos e Tempos Juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO; Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVAO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. Perspectiva, Florianópolis, v. 22, n. 02, dez. 2004 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-54732004000200005&lng=pt&nrm=iso>.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em Educação: In: Juventude e contemporaneidade. Revista brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, n 5/6, 1997.

TEIXEIRA, I. A. e PÀDUA, K. C. *Virtualidades e alcances da entrevista narrativa*. 2006

THIOLLENT, Michel. Reflexões sobre a condição estudantil. In: MACHADO, Otávio Luiz. Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância. Recife – PE: Projeto A engenharia nacional e os estudantes, a memória estudantil levada a sério, 2007.

UFVJM 2013. UFMJM em números. 2013. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/numeros/>

UFVJM/CONSU. Ata da 71ª Sessão do CONSU da UFMJM. Diamantina: 2011.

UFVJM/REITORIA. Relatório de Gestão 2007-2011. Diamantina: 2012. Disponível em: www.ufvjm.edu.br.

UFVJM, PROGRAD. Relatório de Ocupação de Vagas do ano de 2011. Diamantina: 2012. Disponível em: www.ufvjm.edu.br.

URRESTI, Marcelo. Adolescentes, jóvenes y socialización: entre resistencias, tensiones y emergencias. In: DAYRELL et all. Juventudes contemporâneas um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2011.

URRESTI, Marcelo. La sociabilidad entre las brechas: un balance sobre los adolescentes argentinos de la actualidad. In: TABER, Beatriz (coord). Proponer y dialogar 2: Temas jóvenes para la reflexión y el debate. Buenos Aires: Unicef, 2002.

VELHO, Gilberto. Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração.4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VERONO. Jequitivale (música).

VIA CAMPESINA. Agitação e propaganda no processo de transformação social. Coletivos de Comunicação, Cultura e Juventude da Via Campesina. São Paulo: La Via Campesina, junho de 2007.

VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias populares: algumas condições de possibilidade. Goiania: Ed. Da UCG, 2007.

YAZBEK, Maria Carmelita. Os caminhos para a pesquisa no serviço social. In: Revista Temporalis, ano V, n 9 – janeiro a junho de 2005.

YIN, Robert. Estudo de Caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percurso de estudantes universitários de camadas populares. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.

ZAGO, Nadir. Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais. In: PAIXÃO, Lea P; ZAGO, Nadir. Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento
e Inclusão social

Pesquisadora: Vanessa Juliana da Silva
Orientador: Prof. Dr. Juarez T. Dayrell
Registro CEP/UFMG: CAAE 0117.0.203.000-11

Pesquisa: Condição estudantil e juvenil dos jovens universitários da UFVJM – Campus do Mucuri

Entrevista não-estruturada/guiada. O roteiro serve de guia para a entrevista. O entrevistado deve sentir-se à vontade para desenvolver sobre as questões, com a menor interferência possível do entrevistador. Ficar atento à narrativa do entrevistado, a fim de não perder os meandros da fala. Estimular o entrevistado a desenvolver sobre questões que tenham relação com o tema, que apareçam nas suas falas e que não estejam elencadas no roteiro. Cuidar para não induzir as respostas. As observações entre parênteses servem para orientar, caso necessário. Ao final da entrevista, agradecer o entrevistado e perguntar se desejam manter sua identidade em sigilo. No caso afirmativo, solicitar que sugiram um nome.

Roteiro de entrevista

- Quem é você?
(Nome, idade, origem, trajetória escolar, inserção no mercado de trabalho, residência atual ...)
- Poderia falar sobre sua família (pais/irmãos)?
(O que fazem, escolaridade, onde moram...)
- Como era sua vida antes de ingressar a universidade?
(Aonde morava, relação com os estudos, aonde estudava, relação com grupo de amigos, como costumava ocupar o tempo livre, o que gostava de fazer, quais eram seus planos...)
- Como ficou sabendo da UFVJM?
- Como via a universidade pública antes de ingressar? O que pensava sobre isto?
- O que esperava da universidade pública antes do ingresso?
- Depois que ingressou, qual a sensação de estar numa universidade pública?
- O que fez para conseguir ingressar à UFVJM?
- O que motivou sua escolha pelo curso?
- Está satisfeito com seu curso?
- Participa ou já participou de atividades que ocorrem na universidade?
(E fora dela - outros espaços acadêmicos)

- Participa ou já participou de projetos de iniciação científica e/ou extensão?
(Como vivencia(ou) esta experiência)
- Como vivencia a universidade?
- O que faz para se manter na universidade?
- Como é ser jovem numa região como esta?
(o que fazem os jovens)
- Como é ser jovem universitário?
(o que fazem os jovens universitários)
- Como é ser jovem universitário em uma universidade recém-criada?
- Como é sua relação com os colegas?
- Na sua opinião, a UFVJM oferece espaços para sociabilidade dos estudantes? Fale a respeito.
- Como é seu trânsito nos diversos espaços da UFVJM? Quais espaços gosta de frequentar, quais não gosta, quais não frequenta?
- Como você organiza seu tempo?
- O que gosta de fazer no tempo livre?
- Na sua opinião, a cidade onde você mora oferece espaços para sociabilidade dos jovens? Fale a respeito.
- Você tem planos/projetos para o futuro?
- Quais?
- Quando você pensa no futuro, vê mais riscos ou possibilidades? Fale a respeito
- Qual o significado/sentido da UFVJM para a sua vida?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO



Pesquisa: Condição Estudantil e Juvenil dos universitários da UFVJM – Campus do Mucuri

Prezad@ Estudante,

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer a condição estudantil e juvenil dos universitários da UFVJM, em suas múltiplas dimensões. Sua participação é muito importante para o êxito da mesma, bem como a veracidade das respostas. Cada questionário receberá uma numeração, que constituirá sua única identificação, resguardando o anonimato do respondente. As informações coletadas são codificadas em números e serão lançadas em software específico para análise das mesmas. O resultado da pesquisa será devolvido para a comunidade acadêmica ao término da análise.

Número do Questionário: _____

Data de Aplicação: ____/____/____.

Hora de início: ____:____.

1. Curso:

1. Administração. 4. Ciências Econômicas.
 2. Bacharelado em Ciência e Tecnologia. 5. Matemática.
 3. Ciências Contábeis. 6. Serviço Social.

Ano de ingresso: _____

Semestre de ingresso:

1. Primeiro. 2. Segundo.

2. Período do curso:

1. Terceiro. 5. Sétimo.
 2. Quarto. 6. Oitavo.
 3. Quinto. 7. Nono.
 4. Sexto. 8. Décimo.

3. Turno do curso:

1. Diurno. 2. Noturno.

4. Idade (anos): _____

5. Sexo:

1. Feminino. 2. Masculino.

6. Orientação sexual:

1. Bissexual. 4. Transexual.
 2. Heterossexual. 5. Outra _____
 3. Homossexual.

7. Qual sua cidade de origem (onde nasceu)?

8. Sua cidade de origem fica no Vale do Mucuri ou Jequitinhonha?

1. Sim, no Vale do Mucuri. 4. Não, em outro estado.
 2. Sim, no Vale do Jequitinhonha. 5. Não, em outro país.
 3. Não, em outra região de MG.

9. A cidade da qual você veio quando ingressou à UFVJM fica no Vale do Mucuri ou Jequitinhonha?

1. Sim, Teófilo Otoni. 4. Não, em outra região de MG.
 2. Sim, no Vale do Mucuri. 5. Não, em outro estado.
 3. Sim, no Vale do Jequitinhonha. 6. Não, em outro país.

10. Estado Civil [se não for casado ou em união estável, responda esta questão e pule para a questão 12]:

1. Solteiro/a 4. Divorciado/separado
 2. Casado/a 5. Viúvo
 3. União estável. 6. Outro.

11. Nível de instrução de seu/sua cônjuge (se houver):

1. Não alfabetizada.
 2. Lê e escreve, mas nunca foi à escola.
 3. Fundamental incompleto.
 4. Fundamental completo.
 5. Médio incompleto.

6. Médio completo.
 7. Superior incompleto.
 8. Superior completo.
 9. Pós-graduação.

12. Você tem filhos?

1. Sim 2. Não [pule para a questão 14]

13. Quantos filhos você tem?

1. Um. 3. Três ou mais.
 2. Dois.

14. De acordo com as categorias do IBGE, sua cor/raça é:

1. Amarela. 4. Parda.
 2. Branca. 5. Preta.
 3. Indígena.

15. Você tem alguma deficiência?

1. Não [pule para a questão 18]. 2. Sim, física.
 3. Sim, visual. 4. Sim, auditiva.
 5. Sim, mental. 6. Sim, outra.

16. Você necessita de algum equipamento/condição específica de acessibilidade para uso na Universidade?

1. Sim. 2. Não.

17. Na sua percepção, a UFVJM disponibiliza tais equipamentos?

1. Sim. 2. Não.
 3. Não se aplica.

18. Quantos irmãos você tem?

1. Nenhum. 2. Um.
 3. Dois. 4. Três ou mais.

19. Com quem você mora?

1. Sozinho.
 2. Com os pais.
 3. Com outros familiares.
 4. Cônjuge/Companheiro.
 5. República/amigos.

20. Assinale a alternativa que melhor descreve sua situação atual:

1. Meus gastos são totalmente financiados pela família.
 2. Meus gastos são parcialmente financiados pela família.
 3. Sou o único responsável pelo meu sustento.
 4. Contribuo com o sustento da família.
 5. Sou o principal responsável pelo sustento da família.

21. Assinale a alternativa que melhor descreve sua inserção no mercado de trabalho:

1. Nunca trabalhei nem procurei trabalho [pule para a questão 26].
 2. Nunca trabalhei e estou procurando trabalho [pule para a questão 26].
 3. Já trabalhei e estou desempregado [pule para a questão 26].
 4. Já trabalhei e no momento apenas estudo [pule para a questão 26].
 5. Nunca trabalhei para privilegiar os estudos [pule para a questão 26].
 6. Estou trabalhando.



22. Qual a sua ocupação atual (em que você trabalha)?

23. No seu trabalho você é:

1. Assalariado na cidade, com carteira assinada.
 2. Assalariado/a na cidade, sem carteira assinada.
 3. Assalariado/a no campo.
 4. Auxiliar de família sem remuneração fixa.
 5. Conta própria regular (paga ISS).
 6. Conta própria temporário na cidade (bico/free lancer).
 7. Funcionário/a público/a.
 8. Profissional liberal (com formação universitária).
 9. Trabalha em agricultura familiar.

24. Qual sua carga horária aproximada de trabalho?

1. Até 20 horas semanais.
 2. Mais de 20, menos de 40 horas semanais.
 3. Tempo integral, 40 horas ou mais.
 4. Eventualmente.

25. Sua ocupação atual tem algum vínculo com a graduação em curso?

1. Sim 2. Não

26. Qual a sua renda pessoal mensal?

1. Não possui renda.
 2. Até 1 Salário Mínimo (SM) – R\$ 545,00.
 3. Mais de 1 a 2 SM.
 4. Mais de 2 a 3 SM.
 5. Mais de 3 a 4 SM.
 6. Mais de 4 a 5 SM.
 7. Mais de 5 a 10 SM.
 8. Acima de 10 SM.

27. Quantos dos itens abaixo há no lugar onde você mora? (Assinale com X a célula correspondente)

ITENS	QUANTIDADE				
	A	B	C	D	Não Sabe
1. Banheiro	00	01	02	03 ou mais	88
2. TV em cores	00	01	02	03 ou mais	88
3. Videocassete/DVD	00	01	02	03 ou mais	88
4. Rádio	00	01	02	03 ou mais	88
5. Geladeira	00	01	02	03 ou mais	88
6. Freezer ou Duplex	00	01	02	03 ou mais	88
7. Máquina de lavar (não tanquinho)	00	01	02	03 ou mais	88
8. Automóvel	00	01	02	03 ou mais	88
9. Computador	00	01	02	03 ou mais	88
10. Telefone fixo	00	01	02	03 ou mais	88
11. Telefone Celular	00	01	02	03 ou mais	88
12. Internet banda larga	00	01	02	03 ou mais	88
13. Empregada mensalista	00	01	02	03 ou mais	88

28. Durante a maior parte da sua vida você conviveu com:

1. Mãe e pai. 5. Pai e madrasta.
 2. Apenas com a mãe [não responda as questões 32 a 34]. 6. Pais ou mães homossexuais.
 3. Apenas com o pai [pule para a questão 32]. 7. Outros (não inclui pai e mãe).
 4. Mãe e padrasto.

29. Nível de instrução de sua mãe ou principal provedora (avó, madrasta, outra):

1. Não alfabetizada.
 2. Lê e escreve, mas nunca foi à escola.
 3. Fundamental incompleto.
 4. Fundamental completo.
 5. Médio incompleto.
 6. Médio completo.
 7. Superior incompleto.

8. Superior completo.
 9. Pós-graduação.

30. Qual a situação ocupacional de sua mãe ou principal provedora (avó, madrasta, outra)?

1. Empresária.
 2. Autônoma ou profissional liberal.
 3. Assalariada na iniciativa privada.
 4. Servidora pública.
 5. Vive de rendimentos ou investimentos.
 6. Aposentada ou pensionista.
 7. Do lar, no momento não exerce atividade remunerada, nem recebe pensão e/ou aposentadoria.
 8. Agricultora familiar.
 9. Não sei.
 10. Outra.

31. Qual a ocupação/profissão de sua mãe ou principal provedora (avó, madrasta, outra) - em que trabalha?

R:

32. Nível de instrução de seu pai ou principal provedor (avó, padrasto, outro):

1. Não alfabetizado.
 2. Lê e escreve, mas nunca foi à escola.
 3. Fundamental incompleto.
 4. Fundamental completo.
 5. Médio incompleto.
 6. Médio completo.
 7. Superior incompleto.
 8. Superior completo.
 9. Pós-graduação.

33. Qual a situação ocupacional de seu pai ou principal provedor (avó, padrasto, outro)?

- Não se aplica.
 1. Empresário.
 2. Autônomo ou profissional liberal.
 3. Assalariado na iniciativa privada.
 4. Servidor público.
 5. Vive de rendimentos ou investimentos.
 6. Aposentado ou pensionista.
 7. Do lar, no momento não exerce atividade remunerada, nem recebe pensão e/ou aposentadoria.
 8. Agricultor familiar.
 9. Não sei.
 10. Outra.

34. Qual a ocupação/profissão de seu pai ou principal provedor (avó, padrasto, outro) - em que trabalha?

R:

35. Você cursou o Ensino Médio:

1. Todo em Escola Pública.
 2. Maior parte em Escola Pública.
 3. Todo em Escola Particular com bolsa.
 4. Todo em Escola Particular sem bolsa.
 5. Maior parte em Escola Particular com bolsa.
 6. Maior parte em Escola Particular sem bolsa.
 7. Escolas Comunitárias/Cooperativas.
 8. Outra.

36. Ano de conclusão do Ensino Médio: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Programa de Pós Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

37. Tipo de curso que concluiu no Ensino Médio:

1. Regular, sem ênfase em qualquer área (científico).
 2. Profissionalizante na área agrícola.
 3. Profissionalizante na área de comércio ou serviços.
 4. Profissionalizante na área de saúde.
 5. Profissionalizante na área de magistério.
 6. Profissionalizante na área industrial.
 7. Supletivo.

38. Turno em que cursou o Ensino Médio:

1. Todo diurno. 3. Maior parte diurno.
 2. Todo noturno. 4. Maior parte noturno.

39. Qual o seu conhecimento de Língua Inglesa?

Habilidades	Bom	Razoável	Nulo
Leitura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Escrita	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Compreensão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

40. Qual o seu conhecimento de Língua Espanhola?

Habilidades	Bom	Razoável	Nulo
Leitura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Escrita	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Compreensão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

41. Quantas vezes você prestou vestibular/ENEM antes da aprovação na UFVJM?

1. Única vez na UFVJM. 2. Uma vez.
 3. Duas vezes. 4. Três vezes ou mais.

42. Você é o primeiro universitário da família? (considerar escolaridade de pais e irmãos)

1. Sim. 2. Não.

43. Assinale abaixo as principais motivações para seu ingresso na UFVJM (pode assinalar mais de uma opção):

1. É a única onde fui aprovado no vestibular/ENEM.
 2. É a única no estado que oferece o curso pretendido.
 3. Pela qualidade do curso pretendido.
 4. É a que oferece o curso pretendido em horário adequado às minhas necessidades.
 5. A relação candidato/vaga facilita a classificação.
 6. É de fácil acesso (proximidade de casa, prática locomoção, etc.).
 7. Por ser pública e gratuita, satisfazendo as condições sócio-econômicas da família.
 8. Pelo apoio ao estudante (sistema de bolsas de estudo).
 9. Pela excelência no ensino, pesquisa e extensão.
 10. Gostaria de estudar em outra universidade, estou tentando via seleção ou transferência.
 11. Outros _____

44. Ao ingressar à universidade, o que esperava obter num curso superior? (pode assinalar mais de uma opção)

1. Aumento de conhecimento e cultura geral.
 2. Formação teórica voltada para pesquisa.
 3. Melhoria da situação profissional atual.
 4. Formação profissional voltada para futuro emprego.
 5. Nada.
 6. Outros.

45. Qual a principal motivação para a escolha do seu curso?

1. Menor relação candidato/vaga.
 2. Escolha condicionada pela oferta limitada de cursos.
 3. Prestígio econômico.
 4. Reconhecimento social.
 5. Influência da família e/ou amigos.
 6. Influência de professores.
 7. Mais adequado às minhas aptidões.

46. Você cursa a graduação que gostaria?

1. Sim [pule para a questão 48]. 2. Não.

47. Considerando os cursos presenciais ofertados na UFVJM, qual você gostaria de cursar independentemente de localização por campus?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1. Administração | <input type="checkbox"/> 17. Eng. Química |
| <input type="checkbox"/> 2. Agronomia | <input type="checkbox"/> 18. Farmácia |
| <input type="checkbox"/> 3. Bacharelado em Ciência e Tecnologia | <input type="checkbox"/> 19. Fisioterapia |
| <input type="checkbox"/> 4. Bacharelado em Humanidades | <input type="checkbox"/> 20. Licenciatura em Geografia |
| <input type="checkbox"/> 5. Bacharelado em Turismo | <input type="checkbox"/> 21. Licenciatura História |
| <input type="checkbox"/> 6. Ciências Biológicas | <input type="checkbox"/> 22. Licenciatura Letras/inglês |
| <input type="checkbox"/> 7. Ciências Contábeis | <input type="checkbox"/> 23. Licenciatura Letras/espanhol |
| <input type="checkbox"/> 8. Ciências Econômicas | <input type="checkbox"/> 24. Licenciatura Matemática |
| <input type="checkbox"/> 9. Educação Física | <input type="checkbox"/> 25. Licenciatura Pedagogia |
| <input type="checkbox"/> 10. Enfermagem | <input type="checkbox"/> 26. Odontologia |
| <input type="checkbox"/> 11. Engenharia de alimentos | <input type="checkbox"/> 27. Nutrição |
| <input type="checkbox"/> 12. Engenharia Civil | <input type="checkbox"/> 28. Química |
| <input type="checkbox"/> 13. Engenharia Florestal | <input type="checkbox"/> 29. Serviço Social |
| <input type="checkbox"/> 14. Engenharia Hídrica | <input type="checkbox"/> 30. Sistemas de Informação |
| <input type="checkbox"/> 15. Engenharia Mecânica | <input type="checkbox"/> 31. Zootecnia |
| <input type="checkbox"/> 16. Eng. Produção | |

48. Qual o principal motivo de você não cursar a graduação que gostaria?

1. Alto índice candidato/vaga.
 2. Não disponível no campus mais próximo.
 3. Alto custo de manutenção do curso (livros, equipamentos...)
 4. Grau de dificuldade do curso.
 5. Imposição familiar (família impõe curso específico independentemente da sua vontade).
 6. Outro _____

49. Como você avalia seu curso?

1. Excelente. 2. Bom.
 3. Regular. 4. Ruim.
 5. Fraco. 6. Não sei.

50. Como você avalia o nível de exigência do seu curso?

1. Exige de mim na medida certa.
 2. Deveria exigir muito mais de mim.
 3. Deveria exigir um pouco mais de mim.
 4. Deveria exigir um pouco menos de mim.
 5. Deveria exigir muito menos de mim.

51. Você participa ou participou de projeto de pesquisa (iniciação científica) durante a graduação?

1. Sim. 2. Não.

52. Você participa ou participou de projeto de extensão durante a graduação?

1. Sim. 2. Não.

53. Você participa ou participou de Grupos de Estudos na universidade durante a graduação?

1. Sim. 2. Não.

54. Você recebe ou recebeu bolsa do Programa de Assistência Estudantil durante a graduação?

1. Sim. 2. Não.

55. Qual o principal meio de transporte você utiliza para chegar à Universidade?

1. A pé. 5. Veículo próprio (carro).
 2. De bicicleta. 6. Veículo próprio (moto).
 3. De carona. 7. Transporte escolar municipal.
 4. Transporte Coletivo. 8. Veículo locado.

Levantamento da condição estudantil e juvenil dos jovens universitários da UFVJM.

Pesquisadora: Doutoranda Vanessa Juliana da Silva

Orientação: Prof. Dr. Iuarez Tarcísio Davrell



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

56. Qual o principal meio de transporte você utiliza para voltar da Universidade para casa ou local de trabalho?

1. A pé. 5. Veículo próprio (carro).
 2. De bicicleta. 6. Veículo próprio (moto).
 3. De carona. 7. Transporte escolar municipal.
 4. Transporte Coletivo. 8. Veículo locado.

57. Qual o percurso diário aproximado para chegar (somente ida) à universidade?

1. Até 10km. 2. Mais de 10km até 30km.
 3. Mais de 30km até 50km. 4. Mais de 50km até 80km.
 5. Mais de 80km até 100km. 6. Mais de 100km até 150km.
 7. Mais de 150km até 200km. 8. Acima de 200km.

58. Quantas vezes por semana você utiliza a biblioteca da UFVJM?

1. Nenhuma. 2. Uma.
 3. Duas. 4. Três.
 5. Quatro. 6. Cinco ou mais.

59. Quantas vezes por semana você utiliza o laboratório de informática da UFVJM?

1. Nenhuma. 2. Uma.
 3. Duas. 4. Três.
 5. Quatro. 6. Cinco ou mais.

60. Você freqüente monitoria?

1. Sim. 2. Não.
 3. Não se aplica, o curso não oferece.

61. Você freqüente tutoria?

1. Sim. 2. Não.
 3. Não se aplica, o curso não oferece.

62. Quantas horas semanais você dedica aos estudos (exceto o horário de aula)?

1. Nenhuma. 2. Uma a duas.
 3. Três a cinco. 4. Seis a oito.
 5. Mais de oito.

63. Você cursou todos os períodos do curso regularmente?

1. Sim, com aproveitamento da(s) disciplina(s). [pule para a questão 65]
 2. Não, reprovei em disciplina(s). [pule para a questão 65]
 3. Não, tranquei matrícula parcialmente.
 4. Não, tranquei matrícula total.

64. Caso você tenha solicitado trancamento total de matrícula, qual a motivação? (pode assinalar mais de uma alternativa)

1. Por questões financeiras.
 2. Por questões relacionadas ao trabalho.
 3. Por questões de saúde.
 4. Por licença-maternidade.
 5. Por dificuldades acadêmicas.
 6. Outros motivos.

65. De acordo com suas vivências na universidade, sua graduação é "muito", "mais ou menos", "pouco" ou "nada importante" para os seguintes aspectos da sua vida (assinale com um X)?

	Muito	Mais ou menos	Pouco	Nada
1. Futuro profissional.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Entender a realidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Para coisas que faz no cotidiano.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Para fazer amigos/as.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Para conseguir trabalho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Mobilidade social (ascensão social)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

66. Na sua opinião, a UFVJM se interessa "muito", "mais ou menos", "pouco" ou "nada" pelos aspectos abaixo:

	Muito	Mais ou menos	Pouco	Nada
1. Questões da atualidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Questões dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Problemas dos estudantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Entende os estudantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Projetos dos estudantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

67. Você participa de eventos acadêmico-científicos na UFVJM?

1. Sim. 2. Não. [pule para a questão 93]

68. Quantas vezes por semestre você participa de eventos acadêmico-científicos na UFVJM?

1. Uma vez. 3. Três ou mais.
 2. Duas vezes.

69. Você participa de eventos acadêmico-científicos fora da UFVJM?

1. Sim. 2. Não. [pule para a questão 95]

70. Quantas vezes por semestre você participa de eventos acadêmico-científicos fora da UFVJM?

1. Uma vez. 3. Três ou mais.
 2. Duas vezes.

71. Você participa/participou do movimento estudantil organizado (DCE, CAs)?

1. Sim. 2. Não.

72. Quanto aos espaços e freqüência de participação, você:

	Sempre	De vez em quando	Nunca
Participa de reuniões do Colegiado de Curso na UFVJM	[]	[]	[]
Participa de reuniões de Congregação na UFVJM	[]	[]	[]
Participa de reuniões do Centro acadêmico na UFVJM	[]	[]	[]
Participa de reuniões do DCE na UFVJM	[]	[]	[]
Participa de assembléias de estudantes	[]	[]	[]
Participa de manifestações do Movimento Estudantil	[]	[]	[]

73. Dos fatores abaixo, quais você considera mais importantes para a sua formação acadêmica?

1. Apoio da família. 8. Incentivo e apoio dos professores.
 2. Apoio de amigos e conhecidos. 9. Dedicção aos estudos
 3. Apoio de entidades assistenciais. 10. Participação em projetos na UFVJM.
 4. Participar de grupos de jovens organizados. 11. Perfil do curso.
 5. Políticas de governo 12. Condições favoráveis de estudos.
 6. Esforço pessoal. 13. Outros _____
 7. Capacidade de fazer coisas novas.

74. Você tem acesso à internet?

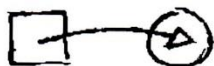
1. Sim. 2. Não.

75. Quantos dias na semana utiliza internet?

1. Nenhum. 5. Quatro.
 2. Um. 6. Cinco.
 3. Dois. 7. Seis.
 4. Três. 8. Todos os dias.



76. Onde você utiliza internet? (pode marcar mais de uma opção).
 1. Em casa. 4. Em *Lan houses*.
 2. No trabalho. 5. Em casa de amigos.
 3. Na UFVJM.
77. Quantos dias na semana você utiliza suportes de multimídia (jogos eletrônicos, pen drives, exceto internet)?
 1. Nenhum. 5. Quatro.
 2. Um. 6. Cinco.
 3. Dois. 7. Seis.
 4. Três. 8. Todos os dias.
78. Que meio(s) de comunicação você mais utiliza para se manter atualizado acerca dos acontecimentos na contemporaneidade? (pode assinalar mais de uma opção)
 1. Jornal escrito. 4. Rádio.
 2. Revistas. 5. Internet.
 3. TV. 6. Outros: _____
79. Excetuando os livros acadêmicos, quantos livros você costuma ler anualmente?
 1. Nenhum. 4. Três.
 2. Um. 5. Quatro.
 3. Dois. 6. Cinco ou mais.
80. Com qual frequência você vai ao teatro?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
81. Com qual frequência você vai ao cinema?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
82. Com qual frequência você visita amigos?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
83. Com qual frequência você pratica passeios ao ar livre?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
84. Com qual frequência você vai a bares?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
85. Com qual frequência você vai a eventos esportivos?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
86. Com qual frequência você vai a clubes?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
87. Com qual frequência você vai a exposições de arte?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
88. Com qual frequência você vai a bibliotecas (exceto da UFVJM)?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
89. Com qual frequência você vai a museus?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
90. Com qual frequência você vai a concertos?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
91. Com qual frequência você vai a shows de música popular?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
92. Com qual frequência você vai a espetáculos de dança?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
93. Com qual frequência você vai a espetáculos de rua?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
94. Com qual frequência você vai a festas populares?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
95. Qual a sua religião?
 1. Católica. 5. Candomblé ou umbanda.
 2. Evangélica não pentecostal. 6. Acredita em Deus, mas não tem religião.
 3. Evangélica pentecostal. 7. Ateu/atéia/agnóstico/a.
 4. Espírita Kardecista. 8. Outra.
96. Com qual frequência vai a missas ou cerimônias religiosas?
 1. Nunca. 3. Frequência razoável.
 2. Raramente. 4. Muito frequentemente.
97. Da listagem abaixo, quais são as três coisas que você mais gosta de fazer no seu tempo livre, mesmo que só faça de vez em quando?
 1. Assistir futebol em estádio. 14. Ir ao cinema.
 2. Assistir TV. 15. Ir ao circo.
 3. Encontrar amigos 16. Ir ao teatro.
 4. Ir a bares com amigos. 17. Ir dançar/baile.
 5. Ir a festa em casa de amigos. 18. Jogar bola/futebol.
 6. Ir à lanchonete. 19. Malhar (academia).
 7. Ir à missa/igreja/culto. 20. Namorar.
 8. Ir a parques de diversão. 21. Ouvir música.
 9. Ir à presa/rio/cachoeira/praias. 22. Passar o dia em clubes.
 10. Ir a show de axé e outras músicas do gênero. 23. Passear em praça ou parque
 11. Ir a show de MPB. 24. Praticar esportes.
 12. Ir a show de rock, pop, funk. 25. Sala de jogos eletrônicos. (lan house).
 13. Ir a show de música (outros gêneros) 26. Viajar.
98. Dos fatores abaixo, quais você considera mais importantes para a vida como jovem?
 1. Apoio da família. 5. Políticas de governo
 2. Apoio de amigos e conhecidos. 6. Esforço pessoal.
 3. Apoio de entidades assistenciais. 7. Capacidade de fazer coisas novas.
 4. Participar de grupos de jovens organizados.
99. Como você se sente como jovem: você diria que tem mais coisas boas ou mais coisas ruins em ser jovem?
 1. Tem mais coisas boas. 3. Ambas.
 2. Tem mais coisas ruins. 4. Não sabe.
100. Da listagem abaixo, quais são as três melhores coisas de ser jovem?
 1. Aproveitar a vida/viver com alegria. 8. Apoio da família.
 2. As amizades. 9. Lutar pelos objetivos.
 3. Atividades de lazer/entretenimento 10. Independência financeira
 4. Estudar/adquirir conhecimentos. 11. Saúde/disposição física/vigor.
 5. Não ter preocupações/responsabilidades. 12. Religião.
 6. Poder trabalhar. 13. Não tem nada de bom.
 7. Ter liberdade.



101. Dos problemas listados abaixo, quais são os três que mais lhe preocupam atualmente?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1. Drogas. | <input type="checkbox"/> 9. Administração política no Brasil. |
| <input type="checkbox"/> 2. Educação. | <input type="checkbox"/> 10. Assuntos pessoais. |
| <input type="checkbox"/> 3. Emprego/profissional. | <input type="checkbox"/> 11. Moradia. |
| <input type="checkbox"/> 4. Família. | <input type="checkbox"/> 12. Meio ambiente. |
| <input type="checkbox"/> 5. Fome/miséria. | <input type="checkbox"/> 13. Relacionamento íntimos/amizades. |
| <input type="checkbox"/> 6. Saúde. | <input type="checkbox"/> 14. Crise econômica/financeira. |
| <input type="checkbox"/> 7. Segurança/violência. | <input type="checkbox"/> 15. Nenhum. |
| <input type="checkbox"/> 8. Questões sociais. | |

102. Dos assuntos listados abaixo, quais são os três em que você tem maior interesse pessoal?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> 1. Artes (música, teatro, dança...). | <input type="checkbox"/> 12. Futuro profissional. |
| <input type="checkbox"/> 2. Cidadania e direitos humanos. | <input type="checkbox"/> 13. Globalização. |
| <input type="checkbox"/> 3. Corpo e saúde. | <input type="checkbox"/> 14. Moda. |
| <input type="checkbox"/> 4. Desigualdade e pobreza. | <input type="checkbox"/> 15. Política. |
| <input type="checkbox"/> 5. Drogas. | <input type="checkbox"/> 16. Religião. |
| <input type="checkbox"/> 6. Economia. | <input type="checkbox"/> 17. Reforma agrária. |
| <input type="checkbox"/> 7. Ecologia e meio ambiente. | <input type="checkbox"/> 18. Violência. |
| <input type="checkbox"/> 8. Educação. | <input type="checkbox"/> 19. Racismo. |
| <input type="checkbox"/> 9. Esportes. | <input type="checkbox"/> 20. Relacionamentos amorosos. |
| <input type="checkbox"/> 10. Ética e moral. | <input type="checkbox"/> 21. Sexualidade. |
| <input type="checkbox"/> 11. Filosofia e questões existenciais. | <input type="checkbox"/> 22. Nenhum. |

103. Pensando em uma sociedade ideal, assinale três dos valores abaixo que você considera mais importantes:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1. Autenticidade. | <input type="checkbox"/> 11. Prazer sexual. |
| <input type="checkbox"/> 2. Auto-realização. | <input type="checkbox"/> 12. Religiosidade. |
| <input type="checkbox"/> 3. Competência. | <input type="checkbox"/> 13. Temor a Deus. |
| <input type="checkbox"/> 4. Conforto material. | <input type="checkbox"/> 14. Liberdade política. |
| <input type="checkbox"/> 5. Dedicção ao trabalho. | <input type="checkbox"/> 15. Solidariedade. |
| <input type="checkbox"/> 6. Disciplina pessoal. | <input type="checkbox"/> 16. Obediência à autoridade. |
| <input type="checkbox"/> 7. Igualdade de oportunidade. | <input type="checkbox"/> 17. Respeito ao meio ambiente. |
| <input type="checkbox"/> 8. Respeito às diferenças. | <input type="checkbox"/> 18. Respeito às tradições. |
| <input type="checkbox"/> 9. Liberdade individual. | <input type="checkbox"/> 19. Outros _____ |
| <input type="checkbox"/> 10. Justiça social. | <input type="checkbox"/> 20. Nenhum. |

104. Você é a favor ou contra as ideias abaixo, totalmente ou em parte?

Ideias	A favor		Contra	
	Total	Parcial	Total	Parcial
1. Legalização da pena de morte.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Legalização da união entre pessoas do mesmo sexo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Descriminalização do aborto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Legalização da maconha.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Superioridade da raça branca sobre as outras.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

105. Alguma vez você sentiu-se humilhado(a), desrespeitado(a) ou discriminado(a)?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> 1. Sim, uma vez. | <input type="checkbox"/> 3. Sim, muitas vezes. |
| <input type="checkbox"/> 2. Sim, algumas vezes. | <input type="checkbox"/> 4. Nunca. |

106. Atualmente, você diria que está muito satisfeito(a), mais ou menos, pouco ou nada satisfeito(a) com:

	Muito	Mais ou menos	Pouco	Nada
A casa em que você mora.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A cidade que você mora.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A educação escolar que você recebeu.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A maneira como você passa o tempo livre.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A sua família.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A universidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As possibilidades de trabalho que você tem hoje.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Muito	Mais ou menos	Pouco	Nada
Com relação ao amor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O bairro em que você mora.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Seu curso de graduação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Seus professores(as).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sua aparência física.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sua capacidade de tomar decisões.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sua saúde física.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sua sexualidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Suas amizades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

107. Grau de concordância/discordância com as afirmações abaixo:

Afirmações	Concorda		Discorda	
	Total	Parcial	Total	Parcial
1. Quando penso no futuro tenho mais dúvidas do que certezas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Quando penso no futuro vejo mais riscos que possibilidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Experiências interessantes no presente são mais importantes que me preocupar com o futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Para se sair bem, é melhor se arriscar do que ser cuidadoso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não adianta fazer projetos porque o que acontece depende mais de sorte que de esforço.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

108. Em relação aos próximos cinco anos, nas suas expectativas:

	Vai melhorar	Vai piorar	Vai ficar como está	Não sabe
A vida pessoal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O mundo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O Brasil.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Minas Gerais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O Jequitinhonha e Mucuri.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Teófilo Otoni.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A UFVJM.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**ANEXO 01 - INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS CURSOS OFERTADOS NO
CAMPUS DO MUCURI/2013**

Informações sobre os cursos ofertados no Campus do Mucuri, compiladas *ipsis litteris* do sítio da UFVJM, da página da Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD¹⁰⁹.

Bacharelado em Administração

Implantação: 2006/2

Autorização: Portaria Nº 120 de 22/02/2007

Turno: Noturno

Vagas semestrais: 30

Forma de acesso: processo seletivo

Tempo de integralização: mínimo 04 (quatro) anos; máximo 06 (seis) anos;

Carga horária total: 3.000 horas

Perfil do egresso: “profissional com a compreensão crítica das questões científicas, técnicas, sociais e econômicas da produção e de seu gerenciamento, observados os níveis graduais do processo de tomada de decisão, de novas informações, apresentando flexibilidade intelectual e adaptabilidade contextualizada no trato de situações diversas presentes ou emergentes nos vários segmentos do campo de atuação do administrador”.

Mercado de trabalho: “empresas de todos os portes (micro, pequenas, médias e grandes), em todos os ramos (industrial, comercial e de serviços) e em qualquer setor (público, privado e não-governamental - ONGs), atuando nos mais diversos cargos administrativos ou gerenciais. O administrador também poderá ser dono de seu próprio negócio, trabalhar como consultor autônomo, perito ou auditor em áreas específicas ou se voltar para o ramo acadêmico e de pesquisa”.

O Núcleo de Estudos e Pesquisa em Gestão e Desenvolvimento Regional – NEGED está vinculado ao Curso de Administração da UFVJM.

Bacharelado em Ciências Contábeis

Implantação: 2006/2

Autorização: Portaria Nº 120 de 22/02/2007

Turno: Noturno

Vagas semestrais: 30

Forma de acesso: processo seletivo

Tempo de integralização: mínimo 04 (quatro) anos; máximo 06 (seis) anos;

¹⁰⁹ Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/cursos/>

Carga horária total: 3.005 horas

Perfil do egresso: profissional habilitado para “gerenciar a contabilidade de entidades, tomar decisões adequadas e oportunas para garantir a continuidade de instituição, prestar contas da gestão para os clientes internos e para a sociedade”.

Mercado de trabalho: “O profissional de Contabilidade, além de atuar como proprietário do seu negócio, pode desenvolver suas atividades junto a empresas públicas ou privadas, como: Analista de Investimentos; Analista de Sistemas de Informações Contábeis; Auditoria; Consultorias e Assessorias; Controladoria; Controle Gerencial; Finanças; Gestor de Custos; Perícia; Professor; Proprietários e Servidor Público”.

Os seguintes grupos de estudo estão vinculados ao Curso de Ciências Contábeis:

- Núcleo de Estudos em Contabilidade, Finanças e Gestão Pública Contemporânea (NEFIP);
- Grupo de Estudos Transdisciplinares em Métodos Quantitativos (GETMQ).

Bacharelado em Ciências Econômicas

Implantação: 2006/2

Autorização: Portaria Nº 120 de 22/02/2007

Turno: Noturno

Vagas semestrais: 30

Forma de acesso: processo seletivo

Tempo de integralização: mínimo 05 (cinco) anos; máximo 07 (sete) anos;

Carga horária total: 3.000 horas

Perfil do egresso: “sólida formação geral e com domínio histórico-político-técnico dos estudos relacionados com a sua formação, peculiares ao curso, aplicado à realidade brasileira e ao contexto mundial”.

Mercado de trabalho: “além das funções tradicionais nos setores privados (como empresas, bancos), na administração pública, funções no significativo campo de atividades em assessorias e em instituições de pesquisa, como também nos movimentos sociais. O profissional pode, ainda, seguir carreira acadêmica, como professor e pesquisador”

Os seguintes grupos de pesquisa encontram-se vinculados ao Curso de Ciências Econômicas:

- Núcleo de Pesquisas Econômicas (NUPE);

- Grupo de Pesquisa em Ciência Política;
- Grupo de Estudos Transdisciplinares em Métodos Quantitativos (GETMQ);
- Grupo de Estudos em História do Pensamento Econômico (GEHPE);
- Grupo de Estudos de Crítica à Economia Política (GECEP).

Licenciatura em Matemática

Implantação: 2006/2

Autorização: Portaria Nº 120 de 22/02/2007

Turno: Noturno

Vagas semestrais: 30

Forma de acesso: processo seletivo

Tempo de integralização: mínimo 04 (quatro) anos e meio; máximo 06 (seis) anos e meio;

Carga horária total: 3.000 horas

Perfil do egresso: “sólida formação geral e com domínio técnico-científico dos estudos relacionados com a formação específica, peculiar ao curso, além do domínio da questão pedagógica. O egresso deve desenvolver o pensamento crítico para compreender a realidade e nela intervir positivamente, utilizando práticas educativas que observem a diversidade social, cultural e intelectual dos alunos, e contribuam para a justificação e aprimoramento do papel social da escola, assim como para formação e consolidação da cidadania”.

Mercado de trabalho: “O profissional pode trabalhar com análise, seleção e produção de materiais didáticos; trabalhar em equipes multidisciplinares; estabelecer relações entre a Matemática e outras áreas do conhecimento; analisar criticamente propostas curriculares de Matemática para a educação básica; desenvolver estratégias de ensino que favoreçam a criatividade, a autonomia e a flexibilidade do pensamento matemático e realizar estudos de pós-graduação”.

Os seguintes projetos/grupos estão vinculados ao curso de Licenciatura em Matemática:

- Parque da Ciência;
- Semana nacional de Ciência e Tecnologia;
- Grupo de Pesquisa em Física Computacional (GPFC).

Bacharelado em Serviço Social

Implantação: 2006/2

Autorização: Portaria Nº 120 de 22/02/2007

Turno: Noturno

Vagas semestrais: 30

Forma de acesso: processo seletivo

Tempo de integralização: mínimo 04 (quatro) anos e meio; máximo 06 (seis) anos e meio;

Carga horária total: 3.050 horas

Perfil do egresso: “profissional com formação intelectual e cultural, generalista, crítica, atuante nas expressões da questão social, formulando e implementando propostas de intervenção para o seu enfrentamento. Deve estar apto ao exercício pleno da cidadania, com inserção criativa e propositiva na dinâmica das relações sociais e no mercado de trabalho, consciente da provisoriedade do conhecimento e empenhado em sua formação continuada”.

Mercado de trabalho: Empresas públicas e privadas, organismos comunitários e organizações não governamentais (ONGs).

Os seguintes grupos de estudos estão vinculados ao Curso de Serviço Social:

- Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Envelhecimento (NEPE);
- Grupo de Estudo e Pesquisa do Pensamento Latino-Americano (GEPLA);
- NEPAM – Núcleo de Extensão e Pesquisa Agrário e Movimentos Sociais;
- Laboratório Experimental de Educação, Cultura e Arte (EDUCARTE).

Bacharelado em Ciência e Tecnologia

Implantação: 2009/1

Autorização: Resolução CONSU, Nº 29 de 07/11/2008

Turno: Diurno

Vagas semestrais: 120

Forma de acesso: via ENEM ou SASI para ingresso no curso de BCeT; transferência, reopção e obtenção de novo título.

Tempo de integralização: mínimo 03 (três) anos; máximo 04 (quatro) anos e meio;

Carga horária total: 2.400 horas

Perfil do egresso: profissional com “sólida base de conhecimentos e o desenvolvimento de competências cognitivas necessárias ao enfrentamento dos novos desafios do mundo atual, à inserção social e ao exercício da cidadania”.

Mercado de trabalho: “Empresas privadas e instituições do setor público (gerenciamento, pesquisa e serviços aplicados à área de Ciência e Tecnologia); Atividades de pesquisa em Ciência e Tecnologia; Estudos na própria UFVJM, optando por um dos cursos de engenharia propostos; Estudos em outras Instituições de Ensino Superior; Implantação do seu próprio negócio na área de Ciência e Tecnologia”.

Engenharia Civil

Implantação: 2012/1

Autorização: Portaria MEC Nº 318, de 02/08/2011.

Turno: Diurno

Vagas semestrais: 40

Forma de acesso: via ENEM ou SASI para ingresso no curso de BCeT; transferência, reopção e obtenção de novo título.

Tempo de integralização: mínimo de 05 (cinco) anos; máximo de 07 (sete) anos e meio;

Carga horária total: 3.960 horas (incluídas 2.400 horas do ciclo básico cursado no BCeT).

Perfil do egresso: “inclinação para se aprofundar em matemática e lidar com as ciências, e criatividade para encontrar soluções novas e funcionais”.

Mercado de trabalho: “O mercado de trabalho para os engenheiros civis vem crescendo no país, graças à forte expansão da construção civil e de obras de infraestrutura. O Engenheiro Civil possui um amplo e variado campo de atuação podendo exercer ainda a chefia de equipes de trabalho, supervisionar prazos, custos, padrões de qualidade e de segurança. Ele pode ainda dedicar-se à administração de recursos prediais, ao gerenciamento da infraestrutura e ocupação de um edifício”.

Engenharia Hídrica

Implantação: 2012/1

Autorização: Portaria MEC Nº 322 de 02/08/2011

Turno: Diurno

Vagas semestrais: 40

Forma de acesso: via ENEM ou SASI para ingresso no curso de BCeT; transferência, reopção e obtenção de novo título.

Tempo de integralização: mínimo de 05 (cinco) anos; máximo de 07 (sete) anos e meio;

Carga horária total: 3.960 horas (incluídas 2.400 horas do ciclo básico cursado no BCeT).

Perfil do egresso: profissional “dinâmico, inovador, já que vai atuar num ramo em que é necessário desenvolver projetos de implantação, manutenção e recuperação de políticas de uso e controle da qualidade da água”.

Mercado de trabalho: “O mercado de trabalho do Engenheiro Hídrico está em expansão no Brasil, graças à conscientização, cada vez maior, da condição de melhoria do meio ambiente. A procura pelo profissional é grande no setor público que requer profissionais graduados nessa área, principalmente para atender a exploração de petróleo e o setor de energia elétrica. No setor privado, a demanda cresce principalmente no ramo de consultorias ambientais e empresas de engenharia para a construção de barragens e reformas de usinas hidrelétricas, entre outras obras relacionadas”.

Engenharia de Produção

Implantação: 2012/1

Autorização: Portaria Nº 318 de 02/08/2011

Turno: Diurno

Vagas semestrais: 40

Forma de acesso: via ENEM ou SASI para ingresso no curso de BCeT; transferência, reopção e obtenção de novo título.

Tempo de integralização: mínimo 05 (cinco) anos; máximo 07 (sete) anos e meio;

Carga horária total: 3.825 horas (incluídas 2.400 horas do ciclo básico cursado no BCeT).

Perfil do egresso: “profissional que atua em diversos ramos e se tornou peça fundamental em indústrias e empresas de quase todos os setores da organização”.

Mercado de trabalho: “A globalização e o crescimento da demanda interna têm levado a indústria brasileira a se tornar cada vez mais competitiva, o que leva a aumentar a demanda por Engenheiros de Produção. Este profissional é requisitado por empresas e indústrias de diversos setores para atuação na área de ciências exatas, setor de logística, que inclui a distribuição dos produtos e o suprimento de compras. No setor de serviços estão em evidência a indústria financeira, o mercado acionário e o de transporte, com destaque para as concessionárias que

administram rodovias. Devido à amplitude de atuação, o Engenheiro de Produção tem chances de colocação em todo o país”.

Os seguintes grupos de estudo estão vinculados ao Instituto de Ciência, Engenharia e Tecnologia:

- Grupo de Estudos em Populações;
- Grupo de Estudos em Software Livre no Ensino.